

Anaiza Vergolino e Silva

O TAMBOR DAS FLORES

UNICAMP

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

O TAMBOR DAS FLORES :

Uma análise da Federação Espírita Umbandista e dos
Cultos Afro-Brasileiros do Pará (1965-1975)

Anaíza Vergolino e Silva

Dissertação de Mestrado apresentada
no Programa de Pós-Graduação em An-
tropologia Social da Universidade
Estadual de Campinas.

UNICAMP

1976

Indolelê Seu Cauiza

Indolelê ele é de sangue real

Minha mãe é filha

Eu sou neta da Jurema

Indolelê Seu Cauiza

Indolelê Cauizau

Eu sou Yacira da Jurema, Juremã

(Euclides/Cabocla Yacira)

Para YACYRA, que em vida teve nome de cabocla, (+) e morreu sem saber que isto ajudaria na profissionalizaçãõ de sua filha.

Í N D I C E

	Pág.
EXPLICAÇÃO PRÉVIA	I
NOTA	II
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - "NHIGRINHAGENS"	8
A pesquisa - vivência	8
A cidade vê os terreiros	25
Os terreiros vêem a si mesmos	36
Significado das "nhigrinhagens"	38
CAPÍTULO II - A CARREIRA DO "PAI-DE-SANTO"	42
Trajetória ideal	42
Duas trajetórias reais	60
Primeira competência:-espiritual	71
Segunda competência:- material	78
CAPÍTULO III- FEDERAÇÃO:- CAMPO DE CONFLITOS	89
A legalidade compulsória	89
A legalidade oficiosa	95
A supremacia do burocrata	105
Disputando o poder:"pai-de-santo" X bu rocrata	118
Laços de amizade como base de poder ...	131
CAPÍTULO IV - "TAMBOR DAS FLORES"-RITUAL DE MEDIAÇÃO.	147
Organização da festa	148
A situação social	157
Análise	191
CONCLUSÕES	202
BIBLIOGRAFIA	209
GLOSSÁRIO	212
ANEXOS	220

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Neste trabalho adotamos as seguintes convenções:

- (1) Os nomes dos espíritos são escritos com letra inicial maiúscula, e são grifados;

Os nomes das pessoas quando possuídas por espíritos, são escritos da seguinte forma: inicialmente o nome da pessoa em letra maiúscula, separado por um traço oblíquo do nome do espírito em maiúscula, e grifado. Ex.: Benê / Mariana. Esta convenção se refere ao espírito Mariana na "cabeça" do médium Benê; e ela foi adotada pelo fato de que, qualquer um espírito pode se incorporar em mais de uma pessoa. A convenção permitirá assim, a fácil identificação tanto do médium, quanto do espírito que o mesmo apresenta.

Este ponto é muito importante pela razão de que neste trabalho se enfatiza a criatividade das pessoas em relação ao sistema religioso.

- (2) Os nomes das pessoas são fictícios;

- (3) Todas as vezes em que aparecer um termo, seguido do sinal (+), isto significa que o mesmo se encontra definido no Glossário.

- (4) As citações de textos em ingles, aqui apresentadas em português, são de minha autoria.

N O T A

Este trabalho surgiu como resultado dos seminários do Curso de Mestrado em Antropologia Social, que frequentei na Universidade Estadual de Campinas, durante os anos de 1972 e 1973. Devo dizer, no entanto, que minha motivação pelo assunto surgiu muitos anos antes (1965), durante as aulas de Etnologia e Etnografia do Brasil, ministradas pelo professor Napoleão Figueiredo, na Universidade Federal do Pará. A partir daquela ocasião foi que, de uma certa forma, comecei a coleta de meus dados e a análise do material pesquisado. Assim foi que pude publicar dois trabalhos (1) que, muito embora tivessem tido uma abordagem inversa da que agora faço, foram o ponto de partida deste estudo; foi em função deles que pude recolocar os problemas que procuro responder a seguir.

Quero agradecer à Universidade Federal do Pará, que me concedeu o afastamento e bolsa de estudo para que eu pudesse realizar naqueles dois anos, o trabalho de campo sem encargos didáticos.

Agradeço a todos os meus colegas e professores do Conjunto de Antropologia da UNICAMP, que durante os seminários fizeram críticas e observações ao meu trabalho. Em particular, agradeço às colegas e amigas Ana Maria Canesqui e Maria Suely Kofes de Almeida, pela boa vontade que tiveram em ler e discutir comigo alguns capítulos do referido trabalho.

Meus sinceros agradecimentos também as seguintes pessoas:

- Walter Bandeira, que me ajudou a fazer a descrição etnográfica dos passos da dança dos médiuns;
- Elsa Vergolino de La-Rocque e Celso Jackson Costa, que muito me auxiliaram na transcrição e tabulação do material de campo;
- Maria Helena de Amorim Folha, (UFPA.) pela execução gráfica que ilustra o trabalho;
- Tereza Lobato, (Biblioteca Central-UFPA.) pela revisão bibliográfica;
- Prof. Everardo Duarte Nunes (UNICAMP), pelas sugestões bibliográficas.

(1) Figueiredo, e Vergolino e Silva (1966) e Vergolino e Silva (1971). Nesses ensaios procurava-se encontrar as origens dos cultos fitolátricos ainda encontrados nos terreiros (+) de Belém, assim como uma visualização ampla da procedência dos escravos africanos introduzidos na Amazônia.

Desejo particularmente agradecer a todas as casas de culto que frequentei e à Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará na pessoa de Antonio Gomes da Cruz, pela atenção que me dispensaram. Quero que este trabalho seja minha homenagem à Federação, no seu 10º Aniversário de fundação.

Finalmente, quero fazer dois agradecimentos especiais. O primeiro a Arthur Napoleão Figueiredo, meu primeiro professor de Antropologia, em cujas aulas eu fui motivada para estudar o assunto que escolhi. A ele eu devo além do despertar de minha vocação, minha formação básica, minha profissionalização, como também um apoio constante em toda a minha carreira. O segundo, a Peter Henry Fry, orientador e amigo, que acreditando em mim, investiu em minha pessoa, e se dispôs a me ajudar na reorganização dos dados e a me reconduzir na pesquisa, tornando concreto este estudo. Considero, portanto, que este trabalho é tanto deles quanto meu.

I N T R O D U Ç Ã O

Defino esta dissertação como um exercício analítico, pela forma com que tratei o material de campo. Penso que a de finição ficará bem clara à proporção que for sendo feita a lei tura do que se segue, bem como da própria dissertação.

O trabalho fala de uma experiência religiosa popular e não católica - o "Batuque" (1) - em uma cidade turisticamen te definida como católica; onde, por ocasião do "Círio de Naza ré" (2), milhares de fiéis vão às ruas numa demonstração públi ca das classes unidas pela fê (Roteiro Turístico da Prefeitura Municipal de Belém, 1971). O foco de análise é a FEDERAÇÃO ES PÍRITA UMBANDISTA E DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS DO PARÁ, e so bre isso pode-se perguntar: por que a FEDERAÇÃO UMBANDISTA ?

Respondendo, eu diria: - em primeiro lugar por uma questão prática de estudar o não conhecido. Por exemplo, no Anuário Estatístico do Brasil, ano de 1972, não se encontra ne nhum registro da existencia do culto "Umbanda" no Estado do Pa rã. A décima sexta monografia da série - Estatística do Culto Espírita - Ramo Umbandista, igualmente não traz nenhum regis tro sobre o culto. Os dados da citada monografia referem - se ao ano de 1969, e o critério para se comprovar a existencia de um determinado culto em um determinado estado, é relativo à presença de templos organizados e registrados em Cartórios de Registro Civil de Pessoas Jurídicas por Estado da Federação. Quanto ao seu próprio critério a citada Estatística traz uma ressalva nos seguintes termos:- "... as convenções indicam: o traço (-) a inexistencia do fenomeno e os tres pontos (...) o desconhecimento do dado, não implicando todavia, a afirmativa de que existiu a ocorrencia. "Mas, sobre o Estado do Pará te mos o registro:- "... no Estado do Pará não existe templo espí

(1) Neste trabalho, chamo ao Batuque "religião não Estado", sen tido em que ela se diferencia do Catolicismo, por ser "es sencialmente uma instituição popular não hierarquizada", (Fry & Howe, 1975: 75-9) e portanto organizada de "baixo para cima" e não de "cima para baixo".

(2) Maior acontecimento religioso da capital paraense, realiza do no 29 domingo de Outubro de cada ano. O acompanhamento da procissão do Círio, é feito por autoridades civis, mili tares e religiosas (Governador, Prefeito, Comandantes Mili tares, Arcebispo etc.) e uma imensa e heterogenea massa so cial humana - os "romeiros" - procedentes sobretudo das ci dades do interior, a maioria vindo para pagar promessas por graças alcançadas.

rita-Ramo Umbandista". Desse modo, apesar das ressalvas, um consulente da monografia pode aferir a inexistência do fenômeno no Estado em questão.

O Recenseamento ano 1970, do Censo Demográfico Geral do Estado do Pará faz constar que das 633.374 pessoas cadastradas, uma parte se declarou como "católicos romanos e evangélicos", outra se declarou como sendo "sem religião", enquanto que uma terceira parte simplesmente não declinou a religião que professava. Por outro lado, o mesmo Censo registra, entre as pessoas cadastradas, a existência de "espíritas" e "outras religiões" (sic) sem, no entanto, explicitar as referidas categorias. Isto significa dizer que, em se tratando do assunto - Umbanda no Estado do Pará - não contamos com dados oficiais que retratem uma realidade precisa.

O fenômeno no entanto existe em Belém, e sua relevância é comprovada pelas evidências indiretas como sejam: as notícias depreciativas das colunas religiosas e policiais da Imprensa escrita e falada; pelo número de casas especializadas na venda de artigos de Umbanda, que aumenta a cada dia na cidade; pela posição de uma ala conservadora da Igreja (padres Barnabitas) que diante da expansão do culto para as paróquias do interior do Estado, adotam uma posição de protesto, lançando "catecismos de alerta" ao grande público(3).

As evidências diretas nós as encontramos na constatação de uma FEDERAÇÃO, que tem sido divulgada na cidade, através da própria Imprensa falada e escrita.

Mas, a principal razão que me leva a considerar a FEDERAÇÃO UMBANDISTA como objeto de estudo, é a sua existência em relação a um quadro de referência teórico antropológico. Em termos numéricos e comparativamente falando, eu diria que não existem, para o Norte, estudos de cultos de possessão. Consequentemente, o fenômeno em Belém foi sempre tratado debaixo das generalizações apressadas de trabalhos tais como foram os trabalhos de Ramos (1951), Bastide (1971) ou Carneiro (1959). E em toda a literatura especializada apenas uma notável exceção deve ser feita. Refiro-me ao trabalho dos Leacocks (1972), que realizaram um estudo minucioso sobre o Batuque de Belém, pesquisando no campo durante sete meses, (período 1962 - 1963), portanto um ano antes da Federação existir (ela foi fundada em 1964). Mesmo assim, voltando ao campo após dois anos (1965), os Leacocks fizeram um registro sobre a

(3) Caso do opusculo - A DEGENERANTE RELIGIÃO DA UMBANDA - de autoria do Pe. Miguel Giambelle (vide Cap. I; na parte "A cidade vê os terreiros").

mesma: "quando nós visitamos a cidade em 1965, a Federação era mais uma sociedade de ajuda mútua do que um corpo eclesiástico" (...). Os fundadores da Federação pareciam ter a intenção de que a organização fizesse alguma tentativa para reduzir as dissenções dentro do Batuque. Criara-se um Conselho Ritual, composto de vários líderes proeminentes e médiuns independentes, cujo encargo era o de resolver conflitos e produzir alguma padronização no ritual..."

E sobre ela predisseram: "Durante o tempo em que estivemos em Belém, em 1965 o Conselho estava considerando um caso de posse simultânea, mas, com a pouca disposição com que o Conselho fazia seu trabalho não era de se prever bons resultados (o grifo é meu) para a resolução de conflitos similares no futuro. Cogitava-se também em dar testes rituais aos líderes antes de dar-lhes licenças de funcionamento; mas nenhum teste tinha sido dado até então, e, em vista da amarga discordância sobre detalhes do ritual, parece pouco provável que acontecesse algum daqueles". (Leacock, 1972:245.6)

O prognóstico dos Leacocks era decorrência de suas observações a respeito da grande competição e conflito (por renda e prestígio) intra e inter-terreiros; embora, eles mesmos admitissem a concomitante existência de uma camaradagem e solidariedade entre os membros do culto. Tal simultaneidade foi interpretada por eles em termos de "ambivalência dos relacionamentos interpessoais" nos seguintes termos:

"Médiuns estimam-se uns aos outros, ou pelo menos alguns o fazem, mesmo se eles competem por prestígio. Frequentemente os médiuns são dedicados ao seu "pai", mas ao mesmo tempo eles se queixam de sua falta de interesse pelos "filhos" e temem sua exploração. Alguns "pais" honestamente querem ajudar seus seguidores atingirem sucesso com o sobrenatural, mas o "pai" fica numa posição sumamente difícil, tentando controlar seus seguidores, frequentemente rebeldes, sem contar com sanções reais a sua disposição, e sua frustração inevitavelmente dá vazão de vez em quando" (Idem, 1972:249).

Em se tratando da homogeneidade, os Leacocks aceitam as colocações de Ribeiro (1952:118), de tal modo que suas posições igualmente concordam com Bastide que citando Ribeiro diz: "Renê Ribeiro que é, ao que eu saiba, o único africanista brasileiro a assinalar o fato e que o observa, depois de uma análise das sanções e dos controles exercidos pelas seitas sobre seus membros, escreve a respeito:

"A competição e a rivalidade, sobre serem forças de -

sintegradoras e fontes de atrito entre os membros do culto, são também elementos de integração por incentivarem sua maior participação, determinarem a opção por conduta mais regular com o objetivo de acesso a posições na escala hierárquica, e a busca de influencia e prestígio no grupo (...). Por outro lado, competição e rivalidade que existem entre os vários grupos de culto, como entre os indivíduos, mantem alerta sacerdotes e fiéis sobre as possíveis infrações às normas sancionadas e aceitas tradicionalmente e prontos a censurar a casa menos ortodoxa ou o membro mais irregular".

Essas lutas e essas rivalidades sempre se verificam em relação às normas africanas e à estrutura do candomblé. Por isso mesmo, dão vida a esse grupo em vez de destruí-lo, impedem-no de se esclerosar, permitem o funcionamento harmônico de suas partes integrantes" (Bastide, 1971: 327).

Não há dúvida de que a competição, de uma certa forma, provoca homogeneidade e integra um grupo. Gluckman (1963) por exemplo, mostrou como as "fofocas" e "escandalos", enquanto formas de controle social, agiam como um elemento de integração. Igualmente aceito que aceitação e rejeição caminham pari-passu nos relacionamentos dos médiuns conforme mostraram os Leacocks. Não obstante, seguindo suas colocações fico sem saber como age um "pai-de-santo" diante dos conflitos internos de sua casa de culto, já que ele não dispõe de "sanções reais" de controle. Pergunto então: quais seriam as suas sanções?

Por outro lado, uma situação de conflito supõe a meu ver, a existencia de normas antagonicas ao mesmo tempo que subentende o fato de que, enquanto pessoas escolhem se comportar em função de uma norma x e detrimento de outra y, outras pessoas fazem o inverso. Se assim o for, os trabalhos de Ribeiro e Bastide, conquanto falem em "conflitos", não colocam uma situação social em que o leitor possa observar aonde se articulam esses conflitos, quais as normas que foram escolhidas pelas pessoas, ou ainda o "porque" de serem aquelas, as pessoas envolvidas no conflito. E, na minha opinião, apesar da ótima percepção do problema (sobretudo Ribeiro), os Autores tomam as pessoas (quando o fazem), em bases idiossincricas, guiados por suas abordagens particulares.

Em se tratando de conflito, uma excessão de tal idiosincrasia é o recente trabalho de Yvonne Velho (1973), onde ela dá ênfase aos indivíduos, não tomados como exemplos que se encaixam em sua abordagem, porém considerados como pessoas agindo num determinado momento social. Trata-se do cisma e ex-

tinção de um terreiro, razão do conflito de dois tipos de autoridade - uma carismática ("pai-de-santo") e uma burocrática - ("presidente"). A Autora acompanha o curso dos acontecimentos, e da observação dos eventos é que abstrai os modelos que segundo a mesma, talvez possam explicar outras situações com a mesma equivalência estrutural.

Seu trabalho, bem como o dos Leacocks particularmente me interessam, pelo fato de que, diante deles, a existência da FEDERAÇÃO UMBANDISTA DO PARÁ se torna um paradoxo. Acompanho a Federação desde 1965, e vejo que, dez anos após, ela ainda existe, apesar dos prognósticos contrários. Ela possui um Conselho do Ritual que realiza "testes de seleção" para os candidatos a "pai-de-santo"; e ela funciona no mesmo clima de competição, conflito e camaradagem de que falaram Ribeiro, Bastide e os Leacocks. No entanto, seu aspecto mais contraditório é o fato dela vir sendo liderada por um burocrata - seu Tesoureiro. Este, ao mesmo tempo em que é acusado de "ditador" pelos médiuns ("pais" e "filhos-de-santo" sócios da Federação) nunca perdeu uma eleição, pois a Federação até aqui, tem sido governada apenas por seus candidatos. Temos assim, a predominância de uma autoridade "burocrática" sobre uma autoridade "carismática" numa Instituição essencialmente "carismática".

O objetivo deste estudo será portanto explicar a continuidade da Federação, e assim sendo é um trabalho limitado. Nele, alguns pontos deixam de ser tratados tais como: explicar o crescimento do Batuque; porque a maior parte de seus adeptos pertence ao sexo feminino; porque a maioria dos prosélitos é oriunda de uma chamada "classe baixa"; ou ainda, as funções que a Federação preenche para seus sócios, enquanto sociedade beneficente. Também, eu poderia, trabalhando ao nível do sistema de crenças do Batuque, ter feito um estudo das representações do grupo. Todavia, meu interesse é, me deter ao nível das relações sociais e estudar situações de competição e conflito.

Metodologicamente, eu abandonei abordagens estatísticas e técnicas de pesquisa como fossem formulários ou questionários, muito embora eu tenha utilizado o segundo como técnica complementar (Anexo 6 e 7). Todavia, achei que ambas seriam de pouca utilidade para minha análise, uma vez que eles pouco ou nada fariam sobre os processos de interação amistosos e/ou conflituosos da Federação, no qual eu estava interessada. Assim, optei pelo método da "análise situacional" (Van Velsen, 1967:129-49), e como instrumento analítico trabalhei à base do

conceito de rede de relações sociais (Mitchell et Alli, 1969) . Através daquele método eu apresentei não apenas as abstrações e inferências do meu material de campo, como também forneci o material em si mesmo. Penso que o procedimento colocará o leitor em melhor posição para avaliar minha análise, não somente nas bases da consistência do argumento, mas também pela comparação dos dados etnográficos com as inferências dele retiradas (Van Velsen, 1967:140). Para apresentar o material de campo, escolhi como situação social, um ritual coletivo da Federação: - o Tambor das Flores - , e nesse sentido eu segui Gluckman muito de perto. Deliberadamente escolhi aqueles eventos particulares, por achar que eles ilustravam muito bem, os pontos que tentava fazer, mas, eu poderia ter selecionado outros acontecimentos, ou citado ocorrências do dia-a-dia da vida da Federação. Eu descrevi os eventos como eu os registrei; e, na minha descrição eu não levei em consideração o conhecimento prévio que eu tinha da situação, em relação à estrutura da FEDERAÇÃO (Gluckman, 1940:2).

Quanto ao emprego da técnica do "social network", esta foi particularmente útil em dois momentos do trabalho: inicialmente porque, trabalhando minha própria vivência no campo à base daquela técnica, eu pude delimitar o universo da pesquisa (grupo), além de detectar as normas de comportamento específicas daquele contexto (Epstein, 1969:117-27). Aos membros do grupo, pedi que registrassem seu diário no período de uma semana (Anexo 9). Este material eu utilizei do mesmo modo com que Epstein utilizou o diário de Chanda ao estudar a organização social urbana de Ndola, isto é, não apenas como um material ilustrativo, porém, procurando dele retirar regularidades acerca das bases sociológicas do poder dos líderes da Federação . (Epstein, 1969:77-116).

Obviamente que, para se entender o significado tanto dos contactos sociais, quanto da situação social escolhida, alguns pontos da história social da Instituição e do Batuque tiveram que ser colocados. Tais pontos se constituíram nos capítulos assim formulados:

Capítulo I - trata de um relato de minha introdução e vivência no universo da pesquisa, e tem como objetivo introduzir o leitor no "milieu" social dos terreiros, e ao mesmo tempo, familiarizá-lo com os "pais-de-santo" expoentes da Federação.

Capítulo II- é uma generalização a respeito do que seria a car

reira de um "pai-de-santo" de sucesso. A construção do modelo baseia-se na análise das histórias-de-vida dos "pais-de-santo" dirigentes da Federação.

Capítulo III- traça o histórico da Federação para mostrar o processo que fez aquela Instituição chegar à sua feição atual: - um campo de conflitos que tem de um lado um poder religioso ("pais-de-santo"), e de outro, um poder burocrático (tesoureiro da Federação).

Capítulo IV- compreende a etnografia e análise da situação social, através da qual eu tento mostrar de que forma os conflitos manifestos e latentes da Federação, são visualizados e resolvidos por ocasião do Tambor das Flores.

Conclusões - nesta, eu procuro discutir o presente trabalho dentro de uma perspectiva mais ampla do campo da Antropologia.

CAPÍTULO I

"NHIGRINHAGENS" (+)

A PESQUISA - VIVÊNCIA

Meu conhecimento com o campo teve início em 1965, quando fui bolsista da Universidade Federal do Pará, estagiando junto à então Cadeira de Etnologia e Etnografia do Brasil. Introdução e vivência na pesquisa se fizeram em bases estritamente informais de apresentação pessoal. Minha intenção, naquele momento, era tão somente me entrosar no meio que futuramente pretendia estudar. Tinha a notícia de que iria me deparar com uma "gente fechada" e que, por conseguinte, seria difícil "arrancar" alguma coisa deles. Isto era o que diziam as pessoas que conheciam as casas de culto mais de perto. Mais tarde, já na fase de trabalho de campo, dei-me conta da importância de minha estratégia: apresentada como amiga, preferencialmente a uma definição de pesquisadora, tornava-se mais fácil a obtenção de dados. De modo que, considero que a ausência de um rigor científico inicial, ter sido invalidada pela autenticidade dos dados obtidos, isto é, a autenticidade foi decorrência de um relacionamento informal entre pesquisador e pesquisado.

No campo, a primeira pessoa que conheci foi João Souza, o qual se dizia umbandista. Morava modestamente instalado num dos bairros mais periféricos da saída da cidade. Este fato era interessante porque eu me lembrava que ele desempenhara no cenário político paraense, o mesmo papel que Gregório Fortunato havia desempenhado no cenário político nacional: o de "emissão parda" de um governo revolucionário. (1)

Conhecer João primeiro que outra (s) pessoa (s) não fora escolha minha: fora decisão do Professor Titular da Cadeira, que o escolhera pelo fato de existir entre ambos uma amizade de família - amizade essa que vinha desde há muitas gerações. O antigo conhecimento, por certo permitiria maior liberdade e franqueza durante a conversa. Após breve apresentação - onde fui definida como "aluna" - tive oportunidade de falar e pude expor minha pretensão. João informou-me da existência, em Belém, de uma Federação Umbandista e percebi que ele não mostrava nenhum entusiasmo sobre ela. Conversa terminada, despedimo-

(1) Governo do Interventor General Magalhães Barata, implantado no Pará, como decorrência da Revolução de 1930.

nos e fomos embora, eu e o Professor.

Ainda orientada pelo Titular da Cadeira, decidimos ir à Federação. Foi quando comecei a atentar para o papel que o Professor desempenharia durante aquela etapa da pesquisa. Visitar as casas de culto em sua companhia era sinônimo de trânsito livre. Percebi que a importância de seu papel era advinda dos símbolos que seu status social lhe conferia. Além de descender de "gente boa", ou seja, família tradicional, de expressão social e política (seu pai havia sido prefeito da cidade), ele tinha boa situação financeira, era Diretor de uma Faculdade, fumava bons cigarros, os quais oferecia aos informantes durante as visitas que fazíamos.

Isso fazia com que os informantes o considerassem "gente distinta" (educada e de instrução).

Na Federação fomos recebidos pelo Tesoureiro, Antonio Miranda - mais conhecido por Miranda ou "Mirandinha" -, que imediatamente prontificou-se a nos ajudar naquilo que desejávamos. No contacto mantido na Federação, percebi que, muito mais que linhagem, o símbolo eficaz para o bom relacionamento foi a percepção que o Tesoureiro tinha sobre o significado do desempenho das funções do "Doutor", que naquela ocasião era Professor e também Diretor de uma Faculdade. Todos os símbolos de prestígio que por certo o Tesoureiro valorizava, se cristalizavam no título de "Doutor", pois havia sempre uma ênfase no uso desse termo por ocasião de nossa apresentação aos sócios da Federação. "Doutor" era um código que garantia e definia os antecedentes de uma pessoa, e isto ficava nítido à medida que nos entrosávamos nas casas de culto. A informação social que nós transmitíamos sobre nós mesmos permitiu, de aí por diante, o estabelecimento de uma troca: "pais" e "mães-de-santo" nos davam informações, as quais retribuíamos com nossas visitas, valorizando, assim, sua posição e status religioso. Que poderia deduzir a vizinhança e a clientela, que nada entendia de pesquisas, ao saber que um "Doutor" ou "gente da Universidade", marcava hora, ou até mesmo aguardava para ser atendido por um daqueles "pais/mães-de-santo" ?

Em 1967, havendo ingressado no magistério superior, minha nova condição de Professora me levava à realização de palestras - entre outras atividades. Foi numa dessas palestras - (realizada num Clube de Serviço à Comunidade) que conheci Peixoto, Corretor de Fundos Públicos, cunhado do Professor, e amigo íntimo de João Souza. Dizia-se umbandista, mas não era filiado à Federação e naquela ocasião não frequentava nenhuma casa de

culto, muito embora já o tivesse feito há tempos atrás. Peixoto informou-me da existência de uma associação - Ordem Paraense da Umbanda Cristã - surgida de uma ala dissidente da Federação a quando da estruturação desta última. Havia sido fundada pelo comerciante José Vidigal e pelos funcionários públicos Antônio Pimentel e Euclides Santos.

Naquela ocasião tentei aproximar-me da Ordem, mas não foi possível, pois ela era muito fechada, com um regulamento à semelhança da Maçonaria. Contudo, algum tempo depois, soube que havia ocorrido uma fissão dentro da Ordem: o desligamento de Euclides, um dos seus três fundadores, que decidira montar uma casa de culto de caráter particular. Não me foi possível aproximação com Euclides. Sua casa era igualmente fechada, o ingresso às suas sessões era feito somente com convites autorizados e com acompanhamento de "pessoas por dentro". Peixoto, apesar de ser amigo tanto de Vidigal quanto de Euclides, não participava das sessões de ambos por dizer que havia divergências doutrinárias entre eles.

Minha vivência era então limitada à Federação e às casas a ela ligadas. Era também assídua frequentadora das suas festas, das quais já fazia parte da Diretoria. Havia me tornado amiga do Tesoureiro Mirandinha, e ele representava meu ponto de contacto permanente com a Federação pois desde 1965 fazia parte da Diretoria Executiva da mesma, apesar de sucessivas eleições. A festa que realizava vinha acontecendo também de forma ininterrupta desde 1966, e já estávamos em 1971. Aquela festa era uma forma pela qual eu controlava o conjunto das pessoas da Federação. Através dela, a cada ano eu aferia o grau de relações entre os associados, observando os presentes ou ausentes à festa. A festa representava também um encontro social. As pessoas cuidavam de comparecerem bem vestidas. "Caras desaparecidas", naquele dia apareciam pela Federação. Era ocasião para as fofocas serem transmitidas ou circuladas. Ou a cada fim de festa, surgiam outras tantas novas. O mais interessante era observar-se o jogo das relações entre as pessoas, fosse ao nível da organização, ou do ritual. E eu me permito aqui transcrever trecho do registro etnográfico que fiz anteriormente sobre uma dessas festas:

.....

Antes da cerimônia ter início, alguém nos chamou para tomarmos um cafezinho. Atravessamos o salão e, já no corpo da sede, paramos onde havia inúmeros "pais" e "mães-de-santo" que, por não

estarem participando do "toque" (+), batiam papo. Passamos a tomar parte na conversa, e esta girava em torno das programações do terreiro de cada um deles... Voltamos ao salão. O número de assistentes havia crescido e lotado o ambiente. Nas cadeiras de braço, melhores lugares, estavam sentados dois homens: um gordo, usando calça branca e camisa esporte vermelha. O outro, branco, baixo e magro...

No outro extremo do salão deram entrada os médiuns... Reconheci Pai Belmiro, Mãe Juliana e os "filhos" de ambos... Pai Belmiro começou a "puxada" (+)... anunciou a chamada da "linha da mata" (+)... de repente, seu corpo oscilou. Sua fisionomia contraiu-se. A respiração tornou-se ofegante. As sandálias foram jogadas longe... E reconheceram: Caboclo Sete Flexas... Mãe Juliana foi a primeira a cumprimentá-lo... as filhas, com o corpo imóvel beijavam os pés do caboclo... muitas pessoas da assistência, do Conselho do Ritual foram cumprimentá-lo...

Mas não foi essa a única posse... baixaram alguns caboclos dos quais apenas se sabia a vinda, quando as cabeças eram jogadas para trás...

... um espectador (homem) ficou possuído. Retorcendo-se todo, entrou no salão. Sua posse não teve uma ágil expressão corporal. No meio da roda contraía-se todo, mais parecendo uma odalisca em evoluções. Por um momento as médiuns vacilaram. Sentia-se que não sabiam como agir, qual "espada" (+) usar porque o "santo" (+) nada falava e a posse "não conferia". Talvez esperassem a atitude da "mãe". A "mãe" parecia ignorar o fato. Então, uma indagação percorreu a assistência. A pergunta veio da ponta do nosso banco, passou por nós, chegou ao Conselho. Nada. Terminou na preta velha que tocava cheque-cheque. Alguém lhe perguntou: "Comadre, quem é? E ela com voz bem alta: "Caboclo Frescura!" Diante disso, todas as pessoas simplesmente ignoraram o possuído, e o "santo", como veio, voltou: no anonimato.

... mas situação inversa foi constatada, onde um assistente pareceu ter status maior que o "pai" dentro do salão... Chamaram Yansã...

... O homem de camisa vermelha estava suando e seu corpo tremia em rápidas contrações. Seu pulso direito estava atado com um lenço. Parecia querer se controlar. Era visível que havia uma expectativa dos médiuns para com ele. Esta cresceu com as atenções da assistência. Nós mesmos professores, já carregávamos nossos flashes. De repente, ele ficou de pé, soltou um suspiro profundo e finalmente entrou na "gira" (+). Foi

a posse mais reverenciada que vi em toda a noite. Do corpo da sede, acorreram mais pessoas, e as mais graduadas do recinto, passaram a ser "cambonos" (+). O Tesoureiro surgiu quase correndo, já trazendo uma enorme "toalha" (+) feita de renda branca e prateada. E recomendava: "-Não é essa. É esta aqui!". Fez-se de início um toque para Babassuera, mas logo percebeu-se que, pela performance do "cavalo" (+) quem estava ali era a "Nova". Mudou-se o toque. E ela dançou. Yansã pareceu sô esperar ser cumprimentada pelos graduados. Logo sumiu para a "capela" (+); de tal forma que eu mesma quando quis cumprimentá-la, já encontrei o "cavalo" de volta...

.....

Após cinco anos desse tipo de vivência, eu já identificava os nomes mais famosos no âmbito dos terreiros de Belém. Mesmo aqueles que não pertenciam à Federação, mas que nem por isso deixavam de ser comentados.

Em 1972 eu viajava para Campinas, e mesmo que por falta de tempo não houvesse me despedido de meus amigos, a notícia circulou na Irmandade, e nossos contactos não se interromperam, pois trocávamos cartas frequentemente.

No ano seguinte eu retornava a Belém, desta vez com um plano de pesquisa a ser desenvolvido cujo objeto era a Federação. A coleta de dados necessitava de outras técnicas, além das usadas até então, tais como entrevistas e/ou observação. Isso implicava em que, doravante, eu precisaria que cada informante me atendesse debaixo de horário controlado - sobretudo considerando que eu dispunha de apenas três meses de permanência em Belém. Decidi ter um encontro oficial com a cúpula da Federação, o que fiz por ocasião de uma reunião da Diretoria Executiva e Superior Conselho do Ritual. Diante dos presidentes, Conselheiros e demais membros, fiz um retrospecto de nossa vivência, relatei minhas atividades, expus meus objetivos, sintetizados no seguinte: escrever uma tese, a qual dependeria da ajuda de todos. A promessa de ajuda foi imediata, e pelo breve discurso proferido pelo Presidente do Conselho do Ritual foi evidente que a promessa era decorrência da visão que a cúpula da Federação tinha de minha pessoa. Como citei anteriormente, minha posição de ensino e pesquisa, havia me condicionado à publicação de trabalhos, palestras, aulas ou debates sobre o assunto atividades que, uma vez divulgadas pela Imprensa, paulatinamente criaram ou reforçaram para aquelas pessoas, a idéia de que

eu era sua "defensora" aos olhos do grande público. Mas existiam outras razões que garantiam o êxito na obtenção das informações. Em primeiro lugar, entrevistas, fotografias e outros recursos mecânicos de pesquisa, significavam para aquelas pessoas, a preparação de um livro. E havia o desejo por parte dos integrantes em "sair no livro" e também "ganhar um livro". Mas "ganhar um livro", não era simples ato de cortesia ou prova de agradecimento pela ajuda. Acontece que meus primeiros trabalhos haviam sido escritos, todos eles, dentro da linha teórica do "culturalismo" e neles eu tentava identificar sobrevivências africanas nos terreiros de Belém. Aqueles trabalhos - lidos não por todos, mas por alguns membros do Superior Conselho do Ritual da Federação - fizeram com que eu fosse vista como "entendida na semente africana", expressão usada por um dos Conselheiros no referido dia de nosso encontro. Percebi então que o interesse vinha do fato de que "ganhar um livro" significava para eles a possibilidade de aprofundarem seus conhecimentos a respeito da crença; evidentemente, isto significava um aumento de seu cabedal enquanto "pai-de-santo".

Quanto à tese propriamente dita, esta foi reinterpretada como sendo "missão" (+), tendo sido também definida como "demanda" (+), se era considerada minha posição como a de pessoa que se defrontava com adversários - no caso, outra Universidade, outro Estado, e até mesmo outras pessoas. Enfim, um processo de competição, com o único objetivo, segundo me escreveu um informante: "levares aos olhos do mundo a verdade sobre nossa sofrida Umbanda".

Novamente no campo, as primeiras constatações vieram: as pessoas em cargos de chefia burocrática ou religiosa da Federação continuavam as mesmas, praticamente sem nenhum acréscimo ou mudança. O assunto palpitante do momento eram as eleições para os cargos de Presidência e Vice-Presidência da Federação, a serem realizadas no agosto seguinte. Duas candidaturas lançadas: a de dona Natalina Maia ("Mãe Natália"), senhora na casa dos seus sessenta anos, temperamento de relações públicas, conhecida pela grande "seara" (+) que possuía; e François Ferreira, babalorixã "feito" (+) no candomblé da Bahia. Ambos eram candidatos do Tesoureiro Mirandinha. A chapa contrária era formada por Alcides de Carvalho, ex-"mestre de cura" (+) maranhense, radicado no Pará há quase dez anos; e "Madame Dulcinéia", paraibana, que gozava de ótimo conceito como ocultista. Meses mais tarde eu saberia, através de carta do Tesoureiro, que seus candidatos haviam vencido as eleições. Isto significava que o mes

mo grupo que vinha dominando a Federação desde 1965, se perpetuaria até 1977.

A facilidade com que em acompanhava essas ocorrências, mesmo estando em outro Estado, evidenciava meu grau de entrosamento no campo da pesquisa. Contudo, esse entrosamento era relativo, pelo fato de que eu dominava apenas um setor do mesmo, isto é, a Federação.

A Ordem e dissidentes ainda permaneciam desconhecidos para mim. E o pior: inacessíveis, pois a primeira existia cada vez mais fechada, e a outra grande expressão em termos de dissidência que era a casa dirigida por Euclides, onde eram filiados cerca de 200 sócios, havia se mudado do Município de Belém para um dos vizinhos distritos da cidade. Eu pressentia que, estando Euclides à frente de tão grande casa, dificilmente disporia de tempo para atendimento à minha pessoa. Isto sem contar o fato de que eu poderia representar para ele nada mais do que uma impertinente intrusa curiosa. Mas a minha penetração ocorreu, e com uma facilidade que teve sua explicação apenas no fator 'sorte'. A sogra de minha irmã se "desenvolvia" (+) naquela casa, onde era uma das médiuns de prestígio. Até então eu não sabia daquele particular. Uma noite, como a mesma não tivesse companhia para ir ao "terreiro" (+), e sabendo que eu "gostava daquelas coisas", pediu-me para acompanhá-la sem suspeitar que eu me empenhava para penetrar naquela casa de culto o quanto antes. Eu a acompanhei, fui apresentada ao "pai" Euclides e oportuna foi a percepção que Euclides teve de minha pessoa. Contaram-me que o nome de sua casa, (Tenda Espírita Cabocla Yacira) homenagem à uma de suas principais entidades (Cabocla Yacira) - era justamente o nome de minha recém-falecida mãe. Isso foi o bastante para ele ver na coincidência um presságio, e imediatamente me definir como "filha enviada para cumprir uma missão". Euclides me cobria de atenções e se empenhava em que eu incorporasse com aquela entidade. (2)

Como era de se esperar, Euclides fazia um conceito muito elevado de sua casa, pois me disse certa vez: "aqui eu tenho de tudo: tenho pobres, ricos, senhoras casadas, gente desquitada, ignorantes, mas também tem muita gente boa, muito estudante da Universidade." Da Federação tinha uma imagem inversa

(2) O mesmo tipo de empenho vinha acontecendo em todas as casas de culto que eu frequentava. Isto era entendível porque o "pai-de-santo" que conseguisse fazer a professora (aquela que tinha estudo) "cair no santo" (+) evidentemente seria a quele "pai-de-santo" ("médium") de mais "força" (+)

que sintetizava no provérbio: "Quem com porcos se mete, farelos come!" Isto significava que para ele, a Federação era um local de baixa reputação pela condição dos que a dirigiam ou que a ela pertenciam. Euclides tinha horror do Tesoureiro da mesma: "nem me fala, ele é o bancarrota da Federação!". Falou-me muito mal da reputação do Presidente do Superior Conselho do Ritual daquela instituição, o "pai-de-santo" Belmiro da Silva. Contou-me que havia tido uma grande discussão com Dona Jarina, uma das principais entidades do Presidente, porque "aquela caruana" (+) na cabeça dele veio cantar música de carnaval debaixo de minha rede". E que, por essa razão, haviam rompido relações (3), mas que mesmo assim ainda estimava o Presidente porque haviam sido criados juntos, como irmãos verdadeiros.

Restava agora alcançar a Ordem - o que seria possível caso eu alcançasse Vidigal. Lancei mão da mesma estratégia anterior, isto é, da minha rede de relações sociais. Vidigal era maçom e o "doutor" (professor) também o era. Havia ainda laços de parentesco que ligavam as famílias dele e a do professor: a mãe do professor era madrinha da irmã de Vidigal, de modo que ambas as famílias se definiam como sendo "gente de casa". Graças a essas relações que descobri, consegui conhecer o suficiente sobre a Ordem. Realmente seria impossível para Euclides acomodar a estrutura e funcionamento de um terreiro dentro do sistema que regia a mesma. Entendi assim aquela sua segunda desistência. A Ordem funcionava como uma sociedade secreta e cuja doutrina seguida, era um misto de catolicismo e mais as doutrinas espírita e umbandista. Vidigal narrou as razões que o fizeram ser dissidente da Federação. O rompimento definitivo, que culminara com a formação de uma ala dissidente da qual ele fora um dos líderes, tinha sido causado pela polêmica em torno do local de instalação da sede social da Federação. Tão logo fora fundada (1964), a Federação estivera instalada num dos bairros suburbanos da cidade, de incidência proletária (bairro da Pedreira). Em 1965, fora transferida para o Centro (bairro comercial varejista fino). Isto por proposta de alguns dos cabeças

(3) Este rompimento seria relativo. Já em S. Paulo soube, através de uma carta, que no dia da Festa magna do Terreiro de Euclides (Festa de Ogum) o presidente havia dirigido grande parte do ritual, não por pedido de Euclides, mas por pedido de Nika Befará Obã Jefê (nome de Ogum "na sua Cabeça"). Ogum visita e se manifesta em Euclides apenas uma vez por ano; de modo que, ser encarregado com uma atribuição de tão grande honra como a recebida pelo Presidente, significava um alto reconhecimento do status religioso do Presidente.

de sua fundação (entre eles, Vidigal). A circunstância invocada para a mudança era a de que a localização da sede no centro; "daria mais prestígio à Federação", não só pela notoriedade em si mesma, quanto pela vizinhança que a sede iria ter: comerciantes, profissionais liberais, enfim, no dizer de Vidigal "gente de outra categoria". Decorrido algum tempo, surgia a possibilidade da Federação adquirir, por compra, uma sede própria que vinha a ser o antigo imóvel do Bairro da Pedreira. Formaram-se duas alas - os que defendiam o prestígio do Centro, em oposição aos que advogavam a propriedade no subúrbio. Em Assembléia Geral, esta última proposta fora vencedora, retornando a Federação ao subúrbio, o que gerou uma crise interna que culminara com a formação da referida ala dissidente que abandonara a Federação. Conseqüentemente, os líderes renunciaram aos cargos da cúpula diretiva religiosa e executiva que ocupavam.

Do que pude observar, Vidigal via-se como um incompreendido e declarava seus ressentimentos. Rotulava a Federação como sendo formada por "gente que não quer evoluir", apesar de, em nenhum momento, apelar para nomes pessoais. Acrescentou que já devia esperar por aquela incompreensão. Ele não tinha nada "contra gente mais humilde, mas às vezes a falta de instrução atrapalha". Dizia-se amigo de Peixoto, de quem divergia na parte doutrinária. Seu aparente silêncio quanto ao pessoal da Federação, dera-me, à primeira vista, a impressão de isolamento entre ambos. Mais tarde eu via que me enganava: Vidigal me revelou um dia que havia sido "sondado" por pessoas da Federação, para juntos, "mudarem a situação" (status quo) da mesma. Porém, naquela ocasião, ele não me citava nomes nem eu ousava perguntar-lhe algo a respeito.

Passado algum tempo, estava eu um dia entrevistando o Conselheiro Alcides, quando este começou a falar sobre a pessoa do Tesoureiro. No decorrer das queixas, disse-me: "a desgraça daquela Federação é o Miranda; o Vidigal já veio até falar comigo pra ver o que se podia fazer pra derrubar aquela curriola de lá". Pedi-me uma sugestão para o pretendido golpe, e eu habilmente só me limitei a endossar sua opinião de que não seria fácil. Pensei na possibilidade da articulação de um movimento e até mesmo na sua concretização; afinal eu vinha comprovando no decorrer da pesquisa as inúmeras insatisfações com relação à pessoa do Tesoureiro. Talvez, se Alcides conseguisse estabelecer uma aliança com os dissidentes e não registrados na Federação, haveria viabilidade da deposição daquela "ditadura" da qual se queixavam. Logo a seguir, percebi que aquela preten

são, partindo de Alcides, seria impraticável. Em primeiro lugar, a aliança de Vidigal com Alcides nada mais era que uma manobra do primeiro, para tomar conta da Instituição. Esta, embora fosse constituída por "gente que não queria evoluir", era a única Federação existente no Estado e, por essa razão, a única expressiva em termos legais, já que possuía registro de Estatutos publicado no Diário Oficial e era entidade reconhecida como sendo de utilidade pública - condição que a "Ordem", muito mais "evoluída", não lograra conseguir. Por outro lado, Alcides não conhecia Peixoto pessoalmente, mas me declarava que o tinha como "um sujeito "metido" porque quer saber mais do que todo mundo". Ele se referia às colunas que Peixoto escrevia sobre Umbanda sob o pseudônimo de "Mestre Eloah" e "Pai Jerônimo", para as edições matutinas dos jornais domingueiros. Não conseguira estabelecer laços de amizade com João Souza, apesar de haver tentado, porque João via Alcides como pessoa de classe inferior à sua e, assim sendo, limitava-se a tratá-lo apenas com cortesia e nada mais. Com Euclides a ligação parecia ainda mais difícil, pois Euclides não reconhecia em Alcides nenhum "mérito na parte do santo". Estabelecer aliança com outra importante dissidente (Mãe Clotilde), era assunto fora de cogitação. Clotilde, por motivos particulares, estava com seu terreiro sem atividades e muito desgastada perante a opinião dos médiuns-quer fossem eles da sua ou de outras casas. A tudo isso, somava-se o fato de que Alcides não gozava de boa reputação como chefe de culto, porque era desacreditado, e seu descrédito provinha do fato de ele ser visto como uma espécie de profissional carreirista. A causa tinha sido sua ligação com Marco Aurélio. Marco Aurélio era radialista, de uma das emissoras locais, quando nas eleições de 1970 se candidatou a deputado estadual sob a legenda do M.D.B. (Movimento Democrático Brasileiro). Sua candidatura fora contestada pelo Ministério Público, sob a alegação de que o senhor Marco Aurélio de Castro estava "sub-judice", pois havia, quando radialista, fomentado uma greve na classe dos motoristas e, por isso, estava sendo processado pela Justiça. Naquele processo, em primeira instância, lograra absolvição e, no dia de sua posse, o terreiro de Alcides em peso comparecia à cerimônia. As filhas-de-santo, com suas vestes coloridas dos cerimoniais e o próprio Marco Aurélio desceram a escada do Legislativo Estadual, este último envolto numa "espada" vermelha, em companhia de Alcides. Os dois, ladeados pelas "filhas", que lhes jogavam flores. A publicidade feita em torno do acontecimento (entrevistas, fotos, declarações) deixavam bem

claro que a absolvição no processo, a quantidade de votos conseguida e a posse como Deputado, haviam sido resultado dos "trabalhos" (+) realizados por Alcides.

Marco Aurélio, por sua vez, era o protótipo do demagogo. Usava microfones de sua emissora para manipular seu eleitorado, o qual ele escolhera entre os não-privilegiados socialmente, falando: empregadas domésticas, motoristas, estivadores, frequentadores de terreiros, etc.

Entre esses últimos, a manipulação se fez ao nível de ação. Assim foi que, no mês de dezembro, organizou um festival para Iemanjá nas praias de Icoaraci. Tudo cercado de muita publicidade e inovação: condução gratuita, ritual comandado por microfones, incorporações sob luz de refletores. Aconteceu que sua iniciativa surtiu efeito contrário. O ritual foi desacreditado, porque censuravam dizendo: "aonde já se viu "arriar obrigação" (+) pra Iemanjá na água doce?" (4). Os terreiros que participaram (entre eles, o de Alcides), também desacreditados até certo ponto, pela aceitação das inovações contrárias à doutrina e ritual.

O segundo assédio foi diretamente à Federação. Sabedor do grande número de seus associados, Marco Aurélio dirigiu-se àquela Instituição para lhe propor o acordo na construção do Centro Habitacional dos Umbandistas. Seria obra realizada com financiamento do Banco Nacional de Habitação, e onde a Prefeitura Municipal de Belém seria a doadora do terreno. O projeto compreenderia a construção de casas residenciais e de uma grande praça central, onde funcionaria um templo comunitário em que todas as casas de culto poderiam realizar seus rituais em dias alternados e previamente combinados. Isto queria dizer, por exemplo, que na segunda feira o tipo de culto praticado seria mina (+); na terça, umbanda; na quarta, Jurema (+) e assim por diante. Evidentemente, Marco Aurélio pensava lidar como uma religião de Estado e desconhecia que, no Batuque, inexistia uma ordem de subordinação dos poderes e patentes dos "pais-de-santo" entre si. (5). Ele se esquecia de fazer a si mesmo a seguinte

(4) Icoaraci é um distrito vizinho de Belém, situado sobre um terraço nivelado, delimitado por nítidas escarpas voltadas para as águas da baía do Guajará e do Furo do Maguari. Portanto, as praias de Icoaraci não são oceânicas e por esta razão são conhecidas como "praias de água doce".

(5) Diríamos que, no Batuque, "a estrutura carismática desconhece uma forma ou processo ordenado de nomeação ou demissão" (Weber, 1971:284). Discutimos a carreira do "pai-de-santo" no capítulo seguinte.

pergunta: com tantos "pais-de-santo" e "mães-de-santo", líderes religiosos de igual status, quem iria dirigir cada um daqueles rituais ?

Na Federação, Marco Aurélio entendera-se com Tesoureiro e este, após consultar a Diretoria e o advogado da Entidade, lhe dera como resposta um categórico "não". Depois, Mirandinha comentava comigo: "Professora, a senhora já imaginou ? ia ser porrada todo dia de festa, e eu a me virar dentro da Central(6) prá poder soltar macumbeiro!"

Marco Aurélio assediara também a casa de Euclides(Tenda Espírita Cabocla Yacira)... Euclides me contou que certo dia para sua surpresa, parara um carro à porta de seu "barracão"(+) e dele descera Marco Aurélio, conduzindo um litro de batida de maracujá nas mãos. Ao ver Euclides, Marco, "num gesto teatral se atirou aos meus pés de joelhos gritando alto: "-A bênção meu pai!" E eu me virando prá ele, na frente de todo mundo, perguntei: "-Quem é esse moço ? Foi o bastante. Ele nunca mais apareceu aqui com suas palhaçadas!"

Ser informada pelos próprios "pais-de-santo" sobre a vida diária de seus terreiros, permitia-me duas constatações. A primeira era a de que eu encontrara no universo da pesquisa utilizando-me dos meus próprios símbolos: amizade, parentesco, ritual, etc. Portanto, estava comprovado que era possível um pesquisador de "relações sociais" penetrar no campo social através das suas próprias relações sociais. A segunda constatação, era que as "nhigrinhagens" demonstravam que os "umbandistas" se dividiam em facções antagônicas, algumas das quais se achavam socialmente superiores às outras - o que era interessante, uma vez que todos, ou se diziam, ou estavam congregados sob o rótulo de "umbandistas". Dessa segunda constatação surgia a primeira - questão: "O que seria umbanda ?", ou ainda: "-Quem, dentre os "umbandistas" era visto como "inferior" ?

Uma resposta não será possível sem que certos conceitos do Batuque sejam explicados, pois muitos deles, embora sendo comuns, apresentam conotações diferentes às de outros Estados. Por exemplo, em Belém, verificamos que Umbanda significa o tipo de culto no qual se observa o fenômeno da possessão por entidades que se agrupam em "linhas". É um culto praticado com acompanhamento de palmas, sem instrumentos musicais, em locais denominados como searas, tendas (+) ou centros(+) (7). Neste

(6) Termo pelo qual a população de Belém se refere à Secretaria de Estado de Segurança Pública.

(7) A discussão mais detalhada sobre o uso desses conceitos, em Belém, é feita no Cap. III.

ponto estaria sua principal diferença em relação a um tipo de culto também existente na cidade, este porém praticado com instrumentos musicais, e em locais denominados terreiros. Pessoas que fazem parte de terreiros e que, por conseguinte, se incorporam ao som de "abatãs" (+) e demais instrumentos musicais, são conhecidas em Belém como "mineiras" (+). Por conseguinte, as mineiras se opõem às umbandistas nestes termos. Se, porém, tomarmos essas duas formas de práticas religiosas, iremos verificar que em Belém, elas se opõem somente em termos de definições ideais. Na realidade empírica, constata-se que as duas práticas se acham interligadas, pois em muitos casos, um grande número de pessoas que se dizem umbandistas, usam instrumentos musicais e possuem terreiros. Muitos mineiros praticam um culto cuja doutrina é altamente influenciada pela doutrina umbandista, além de denominarem seus terreiros de searas, tendas ou centros. Todavia, existe na cidade um grande número de pessoas que poderíamos classificar como "umbandistas puros", isto é: praticam seus cultos em searas, tendas ou centros, e sem instrumentos musicais. De modo que, a oposição em termos de prática religiosa está em função da utilização ou não de tambor e demais instrumentos musicais. Em Belém não há denominação para este culto que se utiliza desses instrumentos. Algumas referências surgem quando pessoas, tentando identificar a prática religiosa de alguém, dizem: "fulano é do Batuque". (+) Do mesmo modo, não há uma identificação para aquelas pessoas que "são do Batuque". A identificação mais comum é se dizer "fulano frequenta um terreiro". Ou, em caso de gozação, é comum dizer-se "cuidado com fulano que ele é de tambor, ele é macumbeiro". (+) Em razão dessa ausência de auto-identificação a semelhança dos Leacocks (1972:49) chamo de Batuque a esta modalidade de culto e crença (8). Quanto à conceituação das pessoas que praticam seu culto utilizando-se de instrumentos musicais, chama-las-ei de mineiras. Mas esta é uma conceituação apenas para fins de análise, pois reconheço que, como auto-denominação, é pouco usual.

Em Belém, mineiras juntamente com umbandistas, perfazem um conjunto de pessoas que têm um experimento religioso comum, isto é, a possessão. Este conjunto por sua vez não tem um termo próprio para sua auto-identificação. Em algumas ocasiões durante a pesquisa, registrei o termo Irmadade para designar esse conjunto. E nesse sentido uso o termo nesta análise, sem

(8) - Fry (1974 : mns) emprega o termo macumba, termo que não utilizo por constatar que macumba é um termo empregado com uma conotação ou depreciativa ou de gozação.

também afirmar que este seja um termo taxativamente aceito por todas as pessoas.

De forma figurada, eu diria que em Belém, metade do conjunto da Irmandade existe em torno de uma instituição - a Federação (Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará). A outra metade encontra-se dividida da seguinte forma: uma quarta parte que se desligou da Federação, e outra parte que existe, como sempre existiu, à margem de qualquer filiação associativa nacional ou local. Podemos também afirmar que a Irmandade existe em Belém, constituída de cinco grandes categorias. (Gráfico I).

A primeira delas eu chamarei de FEDERALIZADOS: são todas aquelas pessoas cujas casas de culto se acham filiadas à Federação, entidade reconhecida como sendo de utilidade pública, e que possui sede própria localizada num dos bairros suburbanos da cidade.

A segunda categoria, chamarei de DISSIDENTES. Esta categoria é formada pela Ordem Paraense de Umbanda Cristã, que conforme foi visto, originou-se de uma ala dissidente da Federação. Não é reconhecida como sendo de utilidade pública. Possui igualmente sede própria, localizada num bairro considerado como não-suburbano (Batista Campos) (9).

No começo de sua existência a Ordem congregava doze casas de culto. Entretanto, à proporção que se estruturou internamente, essas casas ficaram sem filiação alguma à ordem, restando atualmente apenas uma casa que funciona como templo - (sua sede própria), onde são realizadas as sessões de desenvolvimento e de culto da qual participam seus associados, todos partilhando da orientação doutrinária imprimida pela Ordem.

A terceira categoria se constitui das casas de culto que chamarei AUTÔNOMOS. São todas aquelas casas dissidentes, quer da Federação, quer da Ordem, mas que, atualmente, encontram-se funcionando independentes dos núcleos de origem, recebendo as seguintes identificações: "searas", "Centros", "terreij

(9) Bairro de Batista Campos: Bairro que guarda em sua fisionomia o ar de bairro estabilizado, especialmente junto à praça que lhe leva o nome e, nesta porção, suas avenidas e ruas são arborizadas e densamente sombreadas por velhas mangueiras, o mesmo acontecendo com a referida praça. Seu casario é composto essencialmente por casas térreas, quase todas no alinhamento da rua, com grande parte das mesmas possuindo jardins laterais. Ainda se encontra nesse bairro residencial, habitado por numerosas pessoas que pertencem à classe média, algumas "vilas" e "passagens" e raros são os terrenos que se encontram desocupados.

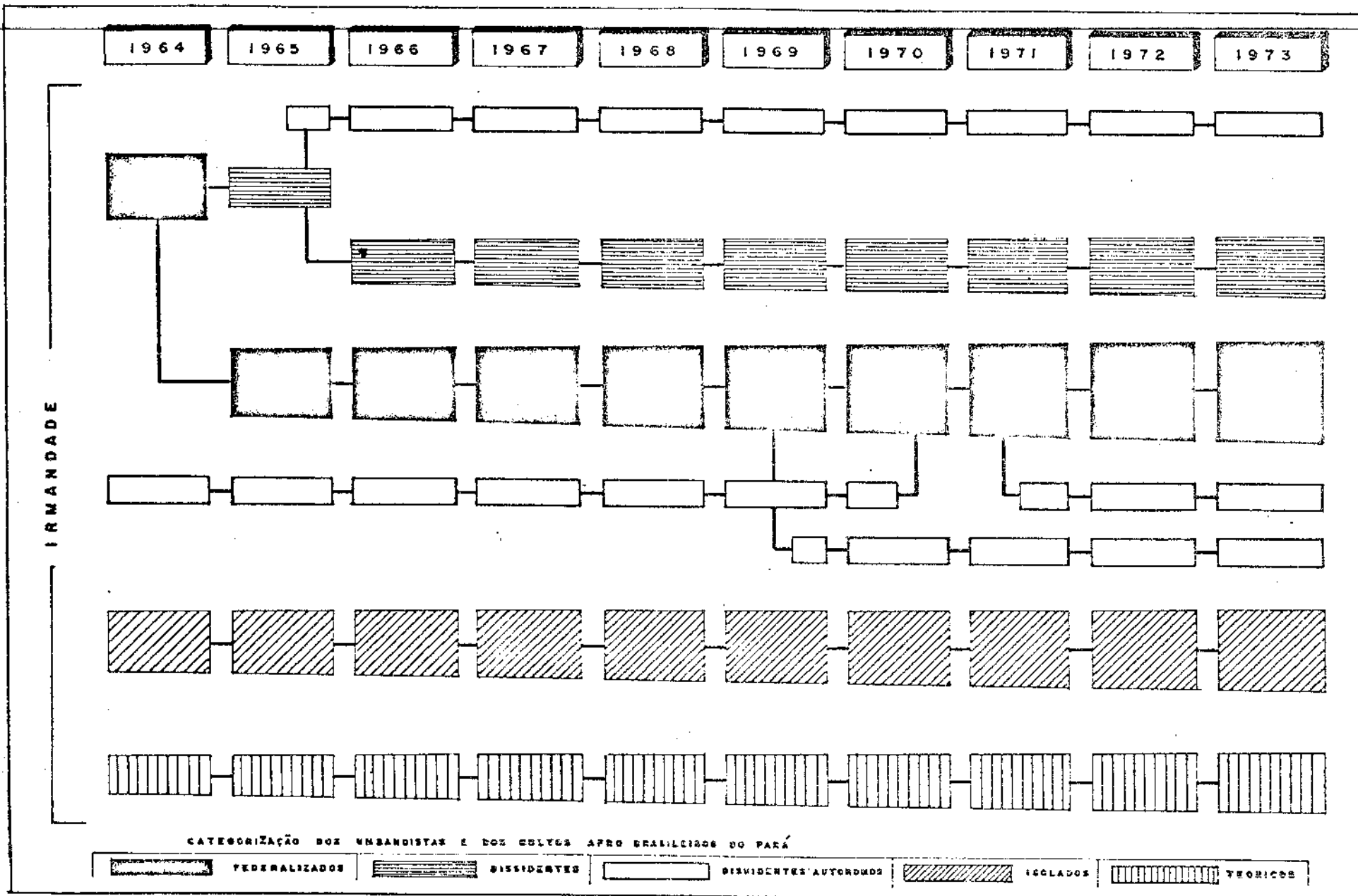


GRÁFICO I

ros" e "cabanas". (+)

Existe ainda uma quarta categoria, que funciona como sempre funcionou, à parte de qualquer grupo ou filiação associativa, e cujos cultos se auto-designam e são designados como "tendas", "searas" ou "centros", porém nunca como "terreiros". A essa categoria eu chamarei de ISOLADOS. Sobem à casa das centenas, disseminados desde os subúrbios mais distantes da cidade, aos apartamentos de edifícios do centro urbano propriamente dito. São de difícil caracterização e aferição numérica, pois enquanto algumas casas possuem médiuns filiados que por vezes ultrapassam uma centena - razão pela qual funcionam como pequenas federações (uso de fichários, pagamento de mensalidades, dias de culto, sessões obrigatórias, etc.) - outras casas chegam a se transformar em sessões privativas, das quais participam apenas elementos ligados por laços de parentesco e amizade.

Um último tipo de casa, é o que não possui nem filiados nem clientela fixa. As pessoas que procuram as mesmas, na realidade buscam o dono da casa a fim de uma consulta: sorte de cartas, búzios, passes, trabalhos, vidências, etc. Para tais casos, no entanto, a clientela em sua maioria é sempre constituída por pessoas que se vestem bem, possuem carro e têm diferentes profissões e ocupações. Via de regra, tais casas, não se apercebem da existência de associações umbandistas em Belém.

A grande diferença entre todas essas categorias reside na presença ou ausência dos "abatãs". Enquanto se constata a freqüência de "abatãs" nas casas categorizadas como FEDERALIZADAS e AUTÔNOMOS, nas demais categorias a existência de "abatãs" dificilmente ou nunca é registrada.

As duas associações ou casas autônomas e isoladas, quase sempre não mantêm relações de amizade entre si, isto é, não há freqüência e visitas recíprocas por ocasião das cerimônias das mesmas. E, no conjunto do que observei, comportam-se como rivais - enquanto tomadas como um todo. Sua rivalidade advém do fato de que todas se julgam donas da verdade doutrinária mais autêntica.

Outra categoria distinguível é constituída pelo que eu chamarei de TEÓRICOS. Esta categoria não se constitui propriamente de casas, mas preferencialmente de pessoas. Normalmente são antigos freqüentadores de uma dessas casas isoladas - que, por algum motivo, deixaram de freqüentá-las, denominando-se, eles mesmos de "livres atiradores". Geralmente são pessoas que, na comunidade, possuem um largo círculo de amizades -

e que excede sempre à sua categoria social ou círculo profissional. Pode ser que algum "livre atirador" tenha trânsito livre entre casas e instituições que sejam rivais entre si. Mas este trânsito livre funciona única e exclusivamente à base de laços de amizade. Isto porque não há concordância doutrinária entre tais categorias. Os teóricos, do mesmo modo que os demais umbandistas, julgam-se como sendo os donos da verdade, no que tange à doutrina e ritual de sua crença. Com a diferença de que, pelo fato de não possuírem casa de culto, passam a difundir seus conhecimentos indistintamente às pessoas interessadas. Seus estudos e aprofundamento sobre o assunto são divulgados de duas formas: Em alguns casos, esses conhecimentos são transmitidos num dos compartimentos de suas residências, sob forma de aula, a um reduzido número de pessoas que os procuram, sempre aos domingos. Noutro caso, tais conhecimentos são divulgados pela Imprensa, nas colunas sobre religião que circulam também nas edições de domingo.

Seria impossível apurar de forma conclusiva o grau de aceitação dessas idéias "intelectualizadas", no âmbito de todas as pessoas que em Belém se consideram umbandistas. Mas, dentro das referidas associações (suas cúpulas doutrinárias), e algumas casas autônomas e isoladas (essas últimas tomadas aleatoriamente), diríamos que, no primeiro caso, um terço das pessoas ouvidas discorda desses ensinamentos, enquanto que o restante desconhece a existência da coluna. Quanto ao segundo caso (categoria dos isolados), esses lêem, mas não se deixam alterar com o proposto, adotando uma atitude de tolerância dentro do princípio de que cada um é livre para fazer o que queira.

Resumindo, eu proporia para Belém a seguinte categorização dos umbandistas ou adeptos dos cultos afro-brasileiros: FEDERALIZADOS, DISSIDENTES, AUTÔNOMOS, ISOLADOS e TEÓRICOS. Em se tratando de instituição, eu diria que, numericamente, a Federação é a ala mais expressiva, enquanto núcleo que conseguiu aglutinar e manter o maior número de casas. Dentre essas alas em que se divide a Irmandade, verifica-se que os terreiros existem apenas entre os FEDERALIZADOS e os AUTÔNOMOS. Quando analisei a Irmandade tratei cada uma dessas facções como sendo "categorias" e uma vez que as considerei como "categorias", como rotular agora essas duas "categorias" de casas de culto, que guardam entre si a regularidade do uso do tambor em suas cerimônias? Constituirão elas uma "categoria", ou poderemos-

tratã-las como sendo "grupos" ?

Goffman fala da confusão conceitual muito comum entre "categoria" e "grupo". Diz que "categoria" é um conceito abstrato, podendo ser aplicado a qualquer conjunto - no caso, conjunto de casas com um atributo particular. Os inclusos de uma categoria podem, no entanto, referir-se a sua totalidade como sendo "grupo", "nós", "nossa gente". No entanto, aquele que esteja fora da categoria poderá se referir aos mesmos em termos de "grupo", e aqui estaria a forma pela qual vê os terreiros, pois se refere aos mesmos como "eles" (aqueles que fazem barulho), como se verá a seguir. Pode ser, no entanto, que os terreiros não ajam como "... um único grupo en el sentido estricto, ya que no posuen ni una capacidad para la acción coletiva ni una pauta estable y totalizadora de interacción mutua..!" (Goffman 1971:36/7).

Uma conceituação êmica é difícil, pois as pessoas que tocam tambor, como se viu, podem se auto-denominar "mineiras", "umbandistas" e serem denominadas dentro da própria Irmandade como "macumbeiras", o que coincide com uma ausência de ação coletiva. Assim sendo, como não encontrei um denominador comum que me permitisse a conceituação a partir de um critério êmico, tomo a sociedade seu termo de referência aos terreiros. E trato os mesmos como sendo "grupo", considerando que este grupo seja aquele que é visto numa condição de inferioridade.

As razões que me levam a essa afirmativa me fazem voltar ao relato anterior, na sequência em que o "pai-de-santo" Euclides dizia possuir um terreiro, mas fazia questão de ressaltar que seu terreiro tinha "muita gente boa, muito estudante de Universidade"; e também quando o dissidente Vidigal falava que a "falta de instrução atrapalhava" estava visível que a instrução era um dos atributos valorizados na Irmandade. Podia-se ainda perceber que as pessoas de nível sócio-econômico privilegiado pareciam ser as mais importantes; isto não somente era explicitado nas palavras das pessoas, como podia ser percebido de forma subjetiva. Vidigal, por exemplo, aspirava que a Federação fosse localizada no centro da cidade, para ter boa vizinhança, segundo ele "gente de outra categoria"; e quando a transferência da sede não ocorreu, ele não hesitou em acusar os sócios da Federação como sendo "gente que não queria evoluir". Também podia-se observar o valor da instrução e do nível sócio-econômico, quando estes atributos apareciam juntos - como no caso em que se cristalizara no "doutor". O "doutor" por certo devia ser

a "gente de outra categoria", de quem talvez valesse a pena se fazer acompanhar. Em contraposição, os sócios da Federação eram acusados como "aquela gente que não queria evoluir; e uma vez que a maioria dos terreiros estavam concentrados na Federação, os terreiros e seus freqüentadores passavam a ser aqueles sem nenhum atributo, valor ou importância. Algum terreiro, como o do "pai" Euclides, que tinha entre seus freqüentadores "gente da Universidade", havia se desligado da Federação talvez "para com porcos não se meter e farelos não comer". Pode-se, no entanto, argumentar que, mesmo os terreiros se concentrando na Federação "inferior" podia ser qualquer casa de culto que fizesse parte da Federação, uma vez que as ressalvas feitas pelas pessoas eram contra a Instituição propriamente dita, e não estritamente contra os terreiros. Todavia, quando Euclides fazia questão de ressaltar o nível intelectual de seus médiuns, ou quando Vidigal se referia à baixa condição dos sócios da Federação, isto significava dizer que, na verdade, "inferiores" não eram os terreiros em si mesmos, mas que se fazia uma correlação entre : terreiro - falta de instrução-classe baixa. Desse modo nos parecia, como nos parece, ser mais viável dizermos que os terreiros são, na verdade, os estereotipados como "inferiores" ; mas são assim considerados, porque se tem como certo que grande parte de seus freqüentadores são pessoas sem instrução e de classe social "baixa". Por outro lado, esta visão estereotipada não é privativa das facções dissidentes da Federação, pois ela é também encontrada na sociedade envolvente, como se verá a seguir.

A CIDADE VÊ OS TERREIROS

A afirmativa se comprova quando se analisa o depoimento de setores da sociedade e de pessoas tomadas isoladamente. A forma pela qual a Imprensa registra as ocorrências sobre os terreiros é sempre satirizante e se transforma nos títulos "kitsch" dos jornais locais (10). Por outro lado, essas notícias satirizantes representam uma constante nas páginas policiais, e terminam deixando bem claro o descrédito e o cunho de gozação com que os terreiros são visualizados:

"Tudo pode acontecer quando resolvem entrar em guerra

(10) Alguns dos títulos publicados nos Jornais, relativos ao Batuque: "Preso a mulher que roubava terra no cemitério - mãcumba"; "Seu Pena Verde fez mal p'rá Dona Mariana", "Dona Mariana faz operação de apendice numa "filha", etc.

dois terreiros... E disto tem conhecimento exato agora, o comissário Ronaldo Hêlio, da Delegacia Distrital da Marambaia, que viveu momentos de terrível dor de cabeça no Distrito, na manhã de ontem. É que resolveram brigar os terreiros: Tenda Iracema Ogum São Jorge e a Tenda D. Luiz Rei de França, que por incrível coincidência, ficam um ao lado do outro, num dos becos sinuosos e lamacentos da velha Marambaia.

De repente, o distrito ficou cheio de gente e todo o mundo querendo falar ao mesmo tempo, um acusando o outro, debaixo de uma chuva de palavrões pornofônicos, ameaças e derrubações de coisas íntimas, obrigando ao comissário tomar uma posição enérgica e mandar recolher todo mundo na cela.

... na hora em que todos compareceram ao Distrito, o barulho foi tanto e tanta sujeira colocada em foco, que o comissário prendeu esse time aí:... (nomes)... Todo mundo em cana até que esfriem os ânimos"... (Jornal O Liberal, edição de terça-feira, 7 de maio de 1974, Título: Briga de Terreiros, 2º caderno. Pág. 1.).

"Pelo que tinha dito no DP da Marambaia o cidadão Rosemiro Viana da Silva (passagem Sururina, 190), ele vinha vindo de um terreiro de Macumba, onde tinha ido apanhar uns dez ou doze caboclos flexeiros e, quando voltava, deparou com uns três caretas mal encarados prá chuchu, que queriam agredí-lo. O pobre do Rosemiro ainda tentou ligar uma primeira força, mas não deu jeito não senhor. Foi assaltado por caras que ele nunca viu mais gordos e dele levaram, além do relógio, um bonito cordão de ouro, valioso às pampas. Ele esteve apavoradíssimo na sede do Distrito, dizendo que tão cedo não vai apanhar caboclo, enquanto a polícia não começar a patrulhar aquela área onde ele foi agredido pelos desconhecidos, o que prova que o seu Rosemiro pode ser tudo, menos besta. O comissário Ronaldo disse que vai tomar as providências". (Jornal O Liberal, edição de 23 de maio de 1974. Título: Macumba, Página Policial.

Do mesmo modo, percebe-se através da Imprensa, a visão estereotipada que as classes dominantes possuem sobre a crença:

(11)

"Cristianismo e Umbanda são dois extremos irreconciliáveis. Um exclui o outro. Quem é cristão não pode ser umban

(11) Muitas vezes, a opinião pública trata indistintamente "os Terreiros" como sendo "Umbanda". Verifique-se por exemplo, o trecho em que o autor fala das "barulhentas batucadas" - dos "babalaôs ou feiticeiros".

dista, e quem é umbandista não pode ser cristão. Se um achar que pode ser ao mesmo tempo cristão e umbandista se coloca na pior categoria dos ignorantes: dos que acreditam que Satanás pode fazer as pazes com Deus." São palavras conclusivas do Padre Barnabita Miguel Giambelli, num trabalho de profunda pesquisa sobre a "Degenerante Religião da Umbanda", que se propõe a ser um catecismo católico sobre os erros de Umbanda. Tamanho bolso, a pesquisa do querido Pe. Giambelli foi logo passada pelas vistas do próprio "Bolso do Repórter" que o recomenda a seus 7, pois ali está uma explicação bem plausível aos que acreditam poder acomodar as coisas, achando que o Evangelho sõ deve ser cumprido em certas partes, como Gandhi, que elogiava o texto bíblico, mas escolhia as partes que aprovava. No cristianismo não há escolha: temos de ser cristãos totais.

O autor de "A Degenerante Religião da Umbanda", diz que se propôs a realizar a pesquisa, em virtude da chegada para as comunidades da Prelazia do Guamã, com sede em Bragança, de alguns adeptos umbandistas que se improvisam a babalaões ou feiticeiros e põem em sobressalto todas as famílias da localidade com suas barulhentas batucadas. Diz o Pe. Giambelli que a proximidade com Belém, faz crescer o perigo de uma infiltração maciça na zona bragantina, onde as comunidades de base de cunho cristão, realizam um trabalho evangélico sensacional e debaixo da orientação católica tendo sempre presente os ensinamentos sagrados.

Buscando material mais detalhado na publicação "A Umbanda no Brasil", de autoria do Frei Boaventura Kloppenburg (Editora Vozes), o autor de "A Degenerante Religião da Umbanda" transforma sua desprezenciosa publicação, num trabalho do mais alto valor didático para os que estão inclinados a seguir pelo caminho errado de um ritual já ultrapassado e que não se concebe num país que atinge progressos notáveis em vários setores, mas que, em termos de religiosidade, parece estar involuindo, pois retorna a ritos trazidos pelos negros africanos no início de nossa civilização. O Brasil, pátria nascida sob o Império da Cruz, não pode dar um retrocesso em termos de prática religiosa, e se entregar, como infelizmente vem ocorrendo, a práticas supersticiosas, credices selvagens.

Quando concluirmos a leitura do texto de Pe. Giambelli, recomendamos aos nossos 7 que também a ele recorram, procurando se esclarecer, enquanto é tempo, evitando enveredarem por um caminho errado para onde, infelizmente, muitos estão seguindo bus

cando encontrar algo que, dizem, ainda não encontraram. Esclarecimentos como os trazidos a lume por Pe. Giambelli, devem merecer maior atenção dos cristãos empenhados, atualmente, em dar exemplos de como se deve "Repartir o Pão". (Jornal O LIBERAL - Data: 17.02.1975.

Minha observação sobre os estereótipos também se confirmava a cada ano letivo, quando os alunos, direta ou indiretamente, me inquiriam sobre a incidência de pederastas nos terreiros; quando a pergunta partia do próprio corpo docente da Universidade, nas pessoas de alguns colegas de Departamento; ou ainda, quando em palestras e debates, nos quais muitas vezes tomei parte.

Alguns anos mais tarde, como pesquisadora, pude, de forma sistemática, comprovar a ideologia de distintos setores da sociedade de Belém, com relação ao Batuque. (Anexo 8) Tanto entre jornalistas e clero, funcionários públicos, profissionais liberais, como entre estudantes universitários e empregados domésticos, "Batuque" foi definido como "seita / "algo com caráter maléfico" / "local de pessoas bebidas ou dopadas" / "ri tos do mal" / "ritual com um pouco de bagunça" / "vulgaridade" "meio de extravasar instintos bons e maus por meio de bebida e fumo" / "folclore" / "válvula de escape para aberrações"/. "Ainda que fosse admitido ser um local freqüentado hoje em dia por pessoas de categorias distintas, tais como instrução ou - classe social, a freqüência da opinião encaminhou-se para a - char que terreiro é um local freqüentado por pessoas "Curiosas" "humildes" / "nível social mais baixo" / "classe inferior" / "sem instrução" / "de conhecimento limitado" / "proletariado e campesinato" / "fracas de espírito" / "problemáticas de condi ção e nível inferior" / "analfabetos" / "medíocres" / "baixas da sociedade" / "atrasadas" / "obcecadas" /. Houve unanimida de de opinião quanto à distribuição espacial dos terreiros na cidade. Entretanto, para todas as pessoas, O Batuque é prati cado em áreas... "suburbanas" / "perímetros afastados da cida de" / "bairros" / "zona rural" / "fora do centro" / "bairros a fastados do centro" / "bairros humildes" / "locais isolados" / "zonas pobres" / "bairros tipos favelas" / "zonas periféricas".

Na verdade, os terreiros eram ambientes tidos como - "baixos", porque serviam de "válvulas de escape para aberra ções", eram vistos como locais que concentravam pessoas cuja ídentidade social era desprezível: "veados", "paraibas" / "sabo eiras", "mulheres safadas" (adúlteras e "largadas do marido"),

"puxadores de fumo" ou ainda aqueles que "gostam de empurrar uma cana".

Desse modo, os atributos negativos imputados ao Batuque, representam apenas a negação de um conjunto outro de atributos, o qual muito embora não tenha sido especificado, constitui sua oposição positiva, de tal forma que poderíamos ter:

seita	religião
folclore	ciência
classe baixa, <u>in</u>	classe alta, <u>su</u>
ferioridade	perioridade
analfabetismo	instrução
barulho	silêncio
subúrbio	centro
aberração	normalidade

Parece claro que, na consciência das pessoas, existe um modelo estruturado daquilo que deve ser valorizado e permissível. E que, no caso em questão, o Batuque e os terreiros representam a negação desse modelo. Diante dessa constatação, é impossível se comprovar se todo adepto do Batuque possui "instintos bons" ou "maus instintos"; se frequentemente são pessoas "bebidas" ou "dopadas"; ou ainda, se o Batuque possui realmente a função de servir de "válvula de escape para aberrações". Independente do fato de não termos nenhum interesse, achamos que discutir o Batuque sob este ponto de vista é fugir ao objetivo da pesquisa; mesmo porque uma conclusão desta natureza não teria sentido pelo fato de que "desvios" e "aberrações" são também en-

contrados na sociedade envolvente (12).

Nas entrevistas realizadas entre setores diversos da sociedade, ficou também constatada uma atitude das pessoas em termos de evitar o Batuque. Na "enquete", o depoimento das pessoas sobre as sessões, à base de suas experiências pessoais, demonstrou atitudes de evitação da seguinte ordem:

... "não assisti a nenhum tipo e não pretendo assistir, porque detesto tudo isso que para mim nada mais é que um meio de conseguir realizações frustradas" (bancário); "não tive, nem mesmo por curiosidade, ocasião para assistir a nenhuma das sessões" (funcionário público federal, nível 16); "nada me chamou atenção porque nunca frequentei, nem por curiosidade, outra religião fora da minha que é a católica, e por isso não sei contar" (funcionária pública federal, nível 6); "ainda não tive oportunidade de assistir... as pessoas que se deixam envolver são sempre mal informadas... geralmente pessoas desajustadas que

(12) EM POUCAS LINHAS Como o Repórter é e sempre foi bem informado, aqui vão detalhes de um badalado acontecimento ocorrido em uma das boites da cidade, na madrugada de ontem. Trata-se da festa das "bonecas" durante a qual foi eleita, com muita catê, a esperada "Miss Universo". O júri estava constituído por dois casais de nossa sociedade, dois jornalistas, um teatrólogo, um industrial e uma atriz. Todos, naturalmente, muito compenetrados de seu papel, escolhendo a "boneca" que merecia o cetro e a coroa de "Miss Universo". As "candidatas" somavam vinte e duas, maquiladas e bem penteadas. Desfilaram inicialmente em traje típico e em seguida, com longos chiquêrrimos. O júri, naturalmente, ia ter muito trabalho em escolher a "soberana", mesmo porque torcidas organizadas se exibiam em favor "desta" ou "daquela". Quando foram escolhidas as dez "finalistas", ouviram-se gritinhos e algumas, das que não lograram classificação, foram acometidas de singulares faniquitos. Um médico, presente ao acontecimento, chegou a ser chamado a um dos camarins, porque uma derrotada estava em pranto inconsolável e ameaçava tomar veneno. Feita a escolha final, a representante de Curaçao recebeu a votação maior. O júri achou que era a que tinha o rosto mais bonito. Mas o apresentador declarou que ocorreria uma irregularidade e seria feita nova votação. Murmurava-se, nos bastidores, que a comissão organizadora só daria a coroa à "Miss Grécia". E foi o que aconteceu, com alguns protestos dos jurados. "Miss Grécia", que obtivera o quinto lugar, passou imediatamente ao primeiro. Novos gritinhos partindo das "acompanhantes" das "candidatas". "Miss Curaçao" ficou em segundo lugar e, enquanto os jurados se retiravam apressadamente, porque a decisão não foi acolhida pelo público, "Miss Grécia", muito empolgada, recebia o cetro e a coroa. Isto aconteceu em Belém, perante quase cento e cinquenta pessoas. Evolução ou regressão? Transcrito do Jornal O LIBERAL de 13.8.1974. Coluna Repórter 70. 1º caderno.

pretendem encontrar cura e vão cair em manicômio" (secretária); "nunca participei de experiências assim, minha opinião é que se alguém procura se encontrar nesses cultos, nunca se encontrará, ao contrário, se perderá, pois nós nos encontramos é em Deus, pois só Ele é a Verdade" (Estudante Universitária).

Algumas pessoas evidentemente, admitiram ou foram de opinião contrária, o que no entanto não invalidou a conclusão de que os terreiros são vistos como local de incidência de "veados", "paraibas", "saboeiras", "mulheres safadas", "viciados". De tal forma que, pertencer ao Batuque/terreiros, passa a ser símbolo de estigma em contraposição e não fazer parte dos mesmos.

Quando uma pessoa, referindo-se às sessões de Batuque diz: "não assisti e nem pretendo", "nunca frequentei", "nunca participei", "detesto tudo isso", adotando ostensivamente uma atitude de evitação, sua ação reflete, na verdade, sua preocupação e temor em ser confundida com aquelas outras, "baixas", presentes nos terreiros. Elas, as "normais", correm o risco de serem estigmatizadas e, por conseguinte, sofrerem as conseqüências das sanções que elas mesmas impõem às "anormais". Conscientemente a pessoa normal está cuidando de salvaguardar sua reputação. Mas, que outros perigos estará ela evitando? Contra o que está reagindo? Na realidade, o que significa ser, por exemplo, "mulher safada" ou homem viciado" na concepção dessas pessoas?

Goffman (1971:14/16) diz que "la sociedad establece los medios para caracterizar a las personas y em complemento de atributos que se perciben como corrientes y naturales en los miembros de cada una de esas categorias... parece cierto que los miembros de una categoria social sustentan sólidamente un modelo de opinión que, según su perceber y de otros sujetos no les es directamente aplicabel... El problema del estigma so surge aquí tan solo donde existe una expectativa difundida de que quienes pertenecen a una categoria dada deven no solo apoyar una norma particular sino también llevarla a cabo..."

No caso que examino, duas são as categorias que estão em jogo - homem e mulher. Em nossa sociedade, sabe-se que estas categorias devem responder a certas e determinadas perspectivas, de tal forma que, de um homem, espera-se que ele preencha as funções do macho, do pai, do esposo, enquanto que para a mulher as expectativas se traduzem na sua complementariedade, isto é, preencher as funções de fêmea, de mãe, de esposa, de mu

lher honrada. Mas, essas expectativas não são respondidas pela classe dos "anormais", na medida em que o comportamento do "veado", do "desocupado" e do "viciado" se opõe ao macho, pai, esposo, responsável, do mesmo modo em que o comportamento da "sabo-eira", da "mulher safada", se opõe à expectativa da mulher, enquanto fêmea, mãe, esposa, honrada e virtuosa. Isto significa dizer que essas classes de pessoas estigmatizadas não têm atributos de suas categorias de homem e mulher; não apoiam as normas que cercam esses atributos; não seguem as expectativas particulares às categorias, nem tampouco levam a cabo normas ou expectativas a elas impostas pela sociedade. Sua "anormalidade" vem, então, do não-cumprimento das funções socialmente mais valorizadas para suas existências enquanto homem e mulher. Essas pessoas tornam-se ameaça e, em consequência, perigo ao modelo de opinião sustentada pelos normais, que por certo os estigmatizam e evitam.

Disse, que durante todos esses anos, comprovei a preocupação que as pessoas tinham em constatar a incidência de pedestras e lésbicas nos terreiros. Para mim, esse tipo de indagação era, como ainda é, muito sintomática por duas razões: a primeira porque essa atitude reflete uma preocupação constante daquelas pessoas que se definem ou se consideram "normais" (não-"desviantes") para aquelas outras apontadas como "anormais" - ("desviantes")

De minha vivência em Belém, da experiência de campo e das entrevistas realizadas, sem dúvida alguma ficou claro que a percepção em relação ao Batuque pode ser sintetizada na definição de que é o mesmo uma "crença" inferior, professada por "gente baixa", enquanto que os terreiros são palco de bagunças e das "aberrações" das pessoas de "maus instintos". (por "aberrações" e "maus instintos" subentenda-se a prática de pederastia, lesbianismo, e vícios tais como o alcoolismo e uso da maconha.) Atributos dessa natureza eu tentei mostrar que na ideologia da sociedade belemense, são condições negativas de uma existência social, de tal forma que uma pessoa assim vista, possui um defeito, que a impossibilita de dispor de uma plena aceitação social. Cada um dos adeptos do Batuque, torna-se então, como definiu Goffman, um estigmatizado, e seu estigma provém de um defeito de seu caráter "que se perciben como falta de voluntad, pasiones tiránicas o antinaturales, creencias rigidas y falsas, deshonestidad. Todos ellos se infieren de conocidos informes sobre, por ejemplo, perturbaciones mentales, reclusiones, adicciones a las drogas, alcoholismo, homosexualidad, desempleo,

intentos de suicidio y condutas políticas extremistas..." (Cf. Goffman, 1970:14).

A percepção estereotipada da sociedade é enfatizada através de mecanismos de comunicação de massa, quando a Imprensa estampa uma das "brigas nos terreiros", registra fatos ocorridos nos "becos sinuosos e lamacentos" dos bairros periféricos, fala de "sujeira" e "derrubação" de coisas íntimas ("desvios" sexuais), "palavrões" ouvidos. Isto significa que os terreiros acusam a si mesmos e confirmam os estereótipos que lhes são imputados. Na verdade, se não fossem eles lugares de "gente baixa" e de "maus instintos", não existiriam em "becos sinuosos e lamacentos", nem tampouco exibiriam aquele comportamento.

A acusação que os terreiros fazem sobre si mesmos, se reforça também pela sua própria localização espacial na cidade. A pesquisa revelou que, dentro do espaço urbano, os terreiros se concentram em bairros de incidência de uma população muito pobre, prolífera, residente em "barracas" (+) ou palafitas construídas em terrenos diminutos e alagados, quando não raro sobre as margens lodosas dos igarapês (cf. Penteado, 1968: 275 segs.). Bairros cujas ruas muitas vezes são pedaços de tábuas ou restos de caixotes, improvisados como pontes individuais e coletivas - as "estivas" - que se estendem por centenas de metros de vastos capinzais e por cima das quais circulam e transitam os moradores.

Uma vez que é população pobre e/ou miserável, esta localização se torna solução para sua própria condição de pobreza e miséria; solução para a sobrevivência de pessoas que produzem pouca riqueza e conseqüentemente pouco consomem; pessoas desempregadas ou que percebem baixos salários e que, por conseguinte, sofrem falta crônica de dinheiro, de propriedades e até mesmo de alimentos. Algumas vezes, quando em trabalho de campo, ouvimos pessoas nos contarem sobre a penhora que haviam feito de um ou outro bem que por um acaso possuíam; ou ainda de empréstimos que haviam contraído com amigos mais afortunados. Outros nos pediam "contribuições" e faziam "campanhas de ajuda" para melhoria de seus terreiros; e uma vez que o terreiro fosse sempre um compartimento de sua residência, conseqüentemente havia melhoria de suas casas.

Algumas dessas pessoas criticavam o Governo e o tipo da crítica era bem sintetizada nas palavras do informante que, dando sua opinião sobre a mudança de regime advinda com a Revo

lução de 1964 dizia: "Olha, a vida do pobre não muda". Mas somente para poucos casos extremos e raros, encontramos aversão declarada ao Governo, de forma que se poderia dizer que a posição daqueles membros dos terreiros com os quais contactamos, era de indiferença ou cepticismo em relação ao Governo ou às pessoas de posição política elevada. O caso da manobra política do Deputado Estadual para com a Federação existia como um exemplo.

A Polícia não era odiada mas era temida, sobretudo pelo fato de que, recentemente, vinha agindo de comum acordo com a Federação, sobretudo no referente à fiscalização e obediência de um horário fixado para a realização das cerimônias públicas. Uma queixa de perturbação ao sossego público significava a intervenção da lei, de modo que o inimigo em potencial não era a Polícia, porém a vizinhança.

A quase totalidade dos membros do Batuque era constituída de católicos; contudo, isso não impedia que houvesse de suas partes uma aversão declarada pela Igreja. Mesmo aquelas pessoas que se diziam ser amigos de religiosos e se orgulharam um dia de suas origens católicas, agora se opunham contra as medidas da Santa Sê, declarando:

"... na hora em que, por conveniência, cassaram Ogum, Iansã como santos, apenas serviu para uma coisa: para que o povo desse vasão a esse sentimento, e hoje, a festa de Ogum e Iansã multiplicou o entusiasmo, e os terreiros superlotados pelos assistentes..."

Havia também a queixa de que a religião católica não dava a "resignação precisa para aceitar os dissabores e revezes da vida..." A Igreja local era severamente criticada pelo fato de se negar a celebrar missa por alma de um babalorixã, ou quando rezava, negava-se a "pronunciar o nome do defunto". Esse último tipo de ocorrência resultava em severas restrições às paróquias, pois suas atividades sociais passavam a ser alvo de críticas por parte dos terreiros da vizinhança porque, para esses últimos, aquelas promoções das Paróquias não passavam de simples festas profanas à semelhança de clubes de diversões. A Federação, por exemplo chamava à Igreja de seu bairro (Na. Sa. Aparecida) de "Boite Aparecida".

A posição de algumas facções da Irmandade era, no entanto, ambígua: se de um lado, os Dissidentes que tocavam tambor criticavam a Federação, por outro lado, uniam-se à Federação para, em conjunto, dizendo-se Umbandistas, declararem:

"Não adianta combater, não adianta guerrear, porque nós na Umbanda não combatemos nem guerreamos ninguém, e no entanto, nós somos torturados pelos padres, nós somos amargurados pelos kardecistas, e nós continuamos a marcha para a vitória, porque a vitória será nossa!".

Essas declarações eram provas da admissão de uma força adversa, a qual muito embora ali estivesse cristalizada na figura do padre e do kardecista, não era adversidade oriunda de um credo religioso diferente, pelo fato de aqueles umbandistas terem como amigos padres e kardecistas. Talvez fosse oriunda da percepção do papel do Catolicismo e do Espiritismo, os quais, existindo como instituição, eram aparelhos ideológicos do Estado religioso e, conseqüentemente, vistos como mantenedores de uma ordem social - a mesma que "torturava" e "amargurava" os Umbandistas.

Vivendo em áreas periféricas: - nas "baixadas" dos centros dos bairros; habitando alagados que eles mesmos satirizavam dizendo que lá o pessoal "não morava, se escondia"; circulando sobre "estivas", os "macumbeiros" representam uma classe de gente que, à semelhança dos terrenos, era igualmente periférica a uma outra classe de gente que vivia sobre terrenos enxutos, nos centros dos bairros; que circulava sobre asfalto; que habitava "bangalôs" e não "barracas".

A distribuição espacial dos terrenos na cidade era, portanto funcional sob dois prismas: primeiro, ao nível adaptativo e, segundo, ao nível ideológico. Ao nível adaptativo supria e resolvia as necessidades de habitação daquelas pessoas que, como eles, nada possuíam. Uma vez que se sabia serem vistos como eram, pela ideologia envolvente, aquela era a única forma de poderem praticar seus cultos sem importunarem, sem "fazerem barulho". Se, de fato, havia "bichas", "saboeiras", "macanhões" e "putas" nos terreiros, como a cidade afirmava, aquela era a única forma dos "anormais" existirem: nos subúrbios, na periferia, longe, e às escondidas do centro e dos "normais".

No entanto, ser visto como periférico, não significava para aquela gente, admitir a vivência e adotar atitudes periféricas. O mesmo informante que, pela sua condição de Umbandista se sentia "torturado" e "amargurado" pela ideologia envolvente, declara:

"... sou contra bater tambor todas as semanas, tamborres que amanhecem e anoitecem muitas vezes em ambientes onde a

parece a cachaça e até mesmo a maconha segundo dizem...sou dos que concordam e aplaudem as medidas vigorosas das autoridades contra terreiros, desde que venham para moralizar e colocar a Umbanda no lugar onde ela de há muito já deveria estar..."

Este tipo de posição ambígua era muito comum na Irmandade, e servia também para mostrar que "mineiros" (macumbeiros), se viam do mesmo modo que a ideologia envolvente os via e, freqüentemente, se acusavam dos mesmos estereótipos usados pela sociedade. As acusações de diversas ordens, ocorriam freqüentemente, circulavam ao nível do dia-a-dia, e eram sempre usadas e intensificadas em determinadas situações e relações sociais.

OS TERREIROS VÊM A SI MESMOS

"Eu nunca vi lugar para ter tanta nhigrinhagem como nos terreiros": queixava-se "mãe" Edithe para mim, enquanto me contava a "última conversa" surgida com seu nome: haviam - lhe "dado como homem" um dos "abatazeiros" (+) de seu terreiro.

De fato, a vivência na pesquisa me fizera constatar/um hábito muito comum nos "terreiros", que era aquele das pessoas viverem "em conversinhas". Além disso, colocara-me a par de uma série de acusações, fruto das "conversinhas" das pessoas. Falava-se, por exemplo, que o "santo" de "pai" fulano era "santo de pegação" (+). Dizia-se que a umbanda de "mãe" fulana era uma "umbanda superada". Que "mãe" beltrana não se "mancava" pois já era uma "puta velha" e ainda continuava assanhada. Que os médiuns fulano, beltrano e cicrano pertenciam ao "Clube do Bolinha" (Clube de "bichas"). Que o médium fulano de tal era uma "bicha velha aposentada", mas que ainda tinha esperança de agarrar um homem. Que Xangô na "cabeça" de "mãe" fulana era um Xangô "bossa-nova" (com inovações). Que beltrano viera do Maranhão como "mestre-de-cura" mas que no Pará "virara mineiro". Que "pai" fulano era "gilete" pois "tinha dois gostos" ("andava" com homem e com mulher). E como essas, muitas outras acusações circulavam.

Naquela trama de acusações era, no entanto, possível estabelecer-se uma tipologia das "nhigrinhagens" e, assim sendo, tínhamos como assuntos mais comentados:

1) "feitura" (+), que evidentemente tornava-se o atributo mais valorizado, seguido de 2) autenticidade dos "santos" dos médiuns; 3) maior ou menor conhecimento da crença e do ritual; e finalmente, 4) moral pessoal.

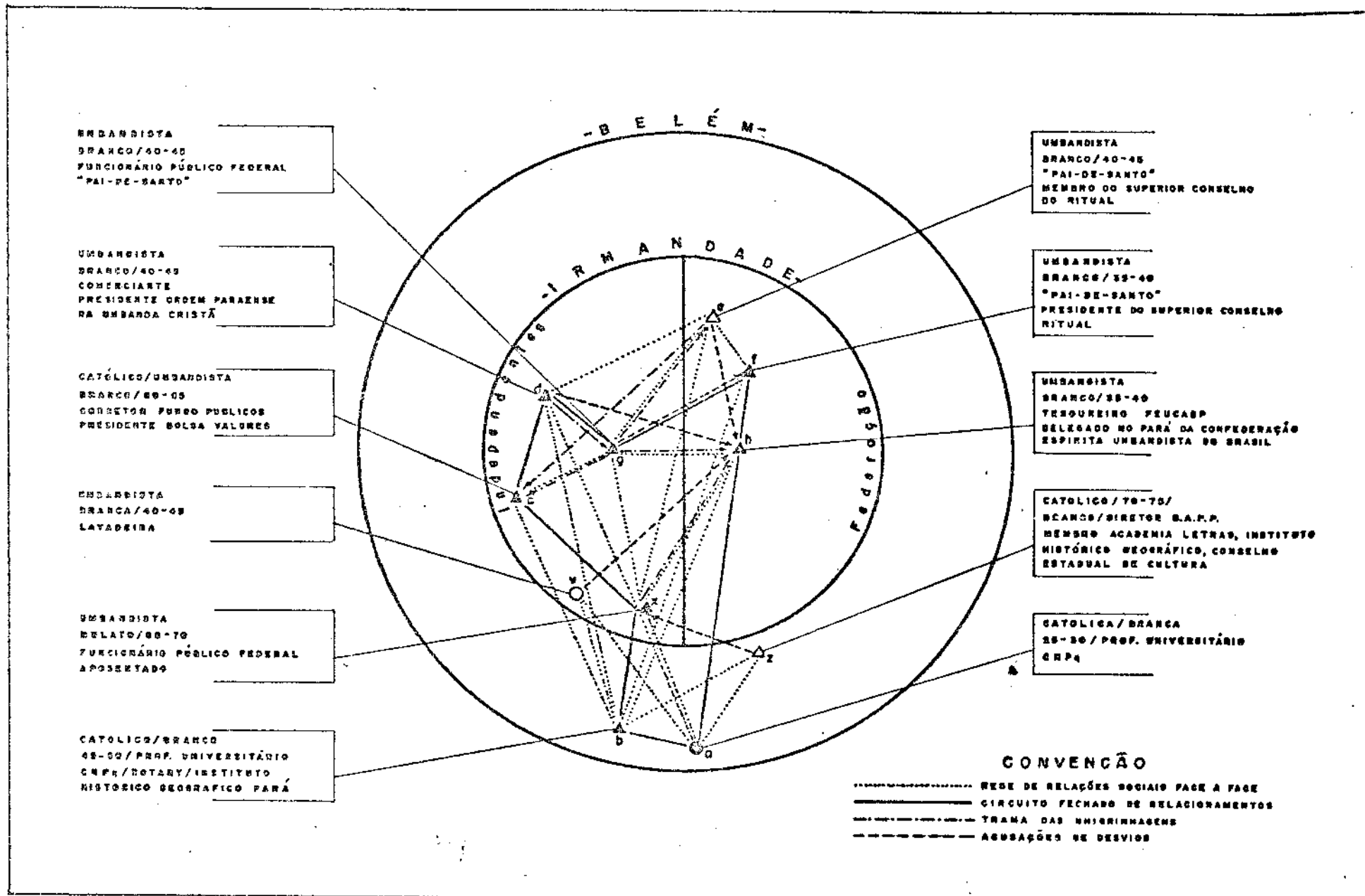


GRÁFICO II

Era interessante observar-se o fato de que as acusações seguiam uma trilha que, após delimitar um grupo de "federalizados", estendia-se para a Irmandade indo se perder na sociedade envolvente. Esta foi uma conclusão que poderia ser exemplificada com uma conversa que tive com certo Diretor do Arquivo Público do Estado, onde ele acusou notório "pai-de-santo" (Autônomo) de ser um "pederasta". O "pai-de-santo" era amigo de um Umbandista (Teórico) que era cunhado de um membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, que por sua vez era "irmão" de Maçonaria de um Dissidente da Ordem. Este Dissidente se dizia inimigo do Tesoureiro da Federação, que por sua vez era amigo do referido membro do Instituto Histórico - sociedade cultural da qual o Diretor do Arquivo Público também fazia parte.

Na medida em que a trilha ligava direta ou indiretamente as pessoas entre si, ela evidenciava a possibilidade de contactos, quer fossem eles diretos ou indiretos, entre os membros do Batuque e a sociedade envolvente. Assim, por exemplo, entre cada "pai-de-santo" e o setor Educação representado pelo Diretor do Arquivo Público havia sempre um elo de ligação, de tal modo que as pessoas pertencentes aos "terreiros" e as pessoas alheias ao Batuque estavam conectadas entre si. Por outro lado, o alcance da trilha se fazia sem nenhuma rigidez quanto ao critério de arrolamento das pessoas, pois causava categorias tais como: religião, geração, instrução, sexo, cor, status e papéis sociais, (Gráfico II).

Os limites da cadeia eram progressivos e, assim sendo, davam para cada pessoa um número igualmente progressivo de relações sociais, uma vez que essas relações podiam ser resultantes de ligações diretas (uma pessoa e seus conhecidos), ou de ligações indiretas (uma pessoa e os conhecidos de seus conhecidos). E uma vez que considerássemos todas as pessoas constantes da narrativa da vivência da pesquisa, teríamos ao final, um conjunto de relações sociais da seguinte ordem A (1, 2, 3, 4, ...), que por ser infinito, tornar-se-ia impossível de análise, se considerado na totalidade de seu universo. Se considerássemos as ligações diretas das pessoas pertencentes apenas às duas categorias objeto de análise (Federalizados e Autônomos), o conjunto de pessoas e ligações, mesmo sendo finito A (a, b, c, d, ... z), era por demais extenso para uma análise. Por esta razão, quando analisei o significado das "nhigrinha-gens" retirei do conjunto apenas dez pessoas que, muito embora tivessem sido tomadas aleatoriamente, pareceram-me representa-

tivas porque perfaziam todas as características sociais distintas encontradas na vivência de pesquisa.

SIGNIFICADO DAS "NHIGRINHAGENS"

Inicialmente tomei o conjunto A (a, b, c, d, ... z) e dele retirei dez pessoas, a saber (a, b, c, d, e, f, g, h, ... v e z) (Gráfico II).

A primeira observação é a de que a cadeia comprovava a existência dos dois tipos de contactos anteriormente mencionados. Por exemplo, a cadeia se fecha por meio de a, que conhece b que conhece x, que conhece e, que conhece d, que conhece g, que conhece f, que conhece h, que conhece a. Isto evidencia o contacto direto de um "pai de santo", pessoa x, com pessoas ligadas aos diversos setores da sociedade, tais como: clientes de serviços da comunidade (pessoas a e b) e Bolsa de Valores (pessoa c), etc. Em contraposição, o circuito não se fechará na medida em que se tenha em conta os contactos inexistentes entre z, que desconhece v, que desconhece c, que desconhece f, que desconhece z. Todavia, a falta de contactos diretos não exclui a possibilidade de contactos entre v-z e v-h, pois v, poderá alcançar z, em dois passos, bastando que utilize um de seus dois contactos diretos - no caso, as pessoas b e a. Temos assim, o fato de que, um "pai de-santo" pode não ter relações diretas com importantes setores da sociedade envolvente, mas poderá alcançar e receber favores dos mesmos à medida que tenha seus "contactos". O que significa dizer que, uma pessoa (no caso um "pai-de-santo") - "bem relacionada" obviamente lucrará os benefícios de suas "boas amizades".

A segunda observação é a de que, ao nível da Federação e da Irmandade, o alcance das "nhigrinhagens" incidiu diferentemente sobre as pessoas, pois algumas foram apenas referidas, outras foram visadas constantemente e, finalmente, algumas pessoas foram anônimas diante dos comentários dos "nhigrinhagens". A afirmativa se deduz do Gráfico II onde, em amostra, se percebe que enquanto as pessoas c, d, e, g foram apenas comentadas, as pessoas x, f foram acusadas de "desviantes", v foi anônima para as "nhigrinhagens" e, finalmente, h se mostrou a maior vítima das acusações, inclusive por v - a quem desconhece pessoalmente.

Pergunta-se o significado dessa ocorrência.

Desse significado já se ocupou Epstein, quando discutiu regularidades sociais em Ndola, Zambia. Para Epstein, nesse tipo de ocorrência as "... vítimas raramente são apanhadas ao a caso...", pois, pelo contrário, ele observou que "ser falado mesmo na ausência ainda que em termos depreciativos e ser contemplado com uma medida de importância social no set da fofoca. Não ser falado é a marca da insignificância social, da exclusão do set. Em outras palavras, fofoca denota uma certa comunidade de interesses, mesmo se os limites da comunidade somente possam ser vagamente definidos" (Epstein, 1969:113).

No contexto da Irmandade a incidência das acusações / se fez sobre um grupo de médiuns e apontou como elementos importantes, um número de aproximadamente quinze, a maioria pertencente à cúpula dirigente da Federação, e portanto os pertencentes à categoria dos Federalizados. Os demais "pais-de-santo" apontados foram alguns pertencentes à categoria dos Autônomos, categorias essas que, conforme vimos anteriormente, eram aquelas que "batiam tambor". Desse modo, através das "nhigrinhagens", o universo da pesquisa se revelou por si mesmo, numa definição emica em que as categorias e as pessoas elas mesmas se demonstraram significativas para uma análise. A cúpula dos dirigentes evidenciados como aqueles, mais expressivos passei a chamar de "quem é quem no Batuque" e considere a referida cúpula como sendo o foco central do presente trabalho. Também as "nhigrinhagens", ao mesmo tempo em que colocavam aquelas pessoas em evidência, deixavam bem claro que elas, apesar de se acusarem; estavam na verdade integradas num mesmo contexto, não somente / por uma comunidade de interesses (todos se diziam "umbandistas") como ainda pelo fato de serem acusadas elas não fariam parte da Irmandade (Epstein, 1969:113).

Em minha opinião, as "nhigrinhagens" podiam ser comparadas às "fofocas" discutidas por Gluckman em Gossip and Scandal (Gluckman, 1963) ⁽¹³⁾. As fofocas foram vistas por Gluckman como símbolo de um grupo, e seu uso era regulado pelo grupo, de tal forma que servia para demarcá-lo, ao mesmo tempo em que as acusações reforçavam os valores do grupo e is-

(13) Críticas e alternativas têm sido feitas ao trabalho de Gluckman, onde se tem discutido até que ponto as "fofocas" são de interesse do grupo ou do indivíduo. Particularmente, essas têm sido as preocupações de Paine (1967); 278/285) e de Wilson (1974:93/102) as quais embora sendo de nosso conhecimento não são citadas no decorrer do argumento, pelo fato de aceitarmos as hipóteses do próprio Gluckman.

to ajudava a perpetuá-lo. Nesse sentido, quando as "nhigrinhagens" eram feitas por pessoas não - umbandistas sobre as umbandistas e vice-versa, elas serviam para demarcar as fronteiras externas e os valores desse grupo. E, quando a acusação era feita sobre elementos pertencentes à Federação, ou aos "mineiros", automaticamente se estava demarcando as fronteiras internas do grupo. Também quando se acusava alguém de não ser "feito" ou de ser uma "bicha" ou uma "puta", a acusação, na medida em que era uma sanção sobre o "desviante" do grupo, servia ainda para reforçar seus valores.

Nesse sentido, as "nhigrinhagens" demonstram a existência de competição e rivalidade que ocorre no relacionamento dos médiuns entre si, pois elas surgem sempre em situações constantes, como um sintoma dessa competição. Temos a primeira situação de competição quando um médium, dizendo-se "feito" (+), consegue estruturar uma casa de culto, e se impor como "pai-de-santo". A segunda situação ocorre sempre que um médium federalizado galga uma posição de mando e poder ao nível de sua instituição de classe (Federação) - o que nos faz compreender melhor a razão da cúpula da Federação, especialmente o Tesoureiro (acusado de "ditador"), serem as maiores vítimas das acusações. É que a cúpula da Federação é constituída de notórios "pais-de-santo" e de pessoas investidas do poder; portanto, pessoas que possuem maior status do que o restante dos sócios da Federação, médiuns anônimos no fichário da Instituição.

A competição é também bastante clara em toda a narrativa da pesquisa. Em primeiro lugar, pela simples existência de facções dentro da Irmandade. Em segundo lugar, pelas incontáveis "nhigrinhagens" que existem dentro da mesma facção - no caso, o dos federalizados. Finalmente, pela política da "derrubação" existente entre "pais-de-santo" e já referida anteriormente, o que demonstra a interação conflitante, que é uma constante entre os terreiros. Aliás, a competição é de se esperar em religiões como o Batuque que não sendo uma Religião de Estado, não é codificada, não possui graus de hierarquia, não prevê carreira religiosa para o sacerdócio e, por assim ser, cada "sacerdote" parecer surgir e governar em função de um processo de "seleção natural" dos mais capacitados. Como consequência, o sistema ganha então sua principal característica que é aquela de ser uma religião pessoal e onde cada pessoa interpreta o sistema a seu modo. Isto traz co

mo consequência a existência de dissemelhança no sistema de crença. O caráter de "dissemelhança" do Batuque é de fácil constatação. Em primeiro lugar, pela simples observação das casas de culto, onde cada uma delas apresenta prática ritualística e interpretação doutrinária diversa das demais casas (13). Em segundo lugar, pela reação dos umbandistas de outras categorias aos umbandistas "teóricos", os quais, ou não eram lidos, ou eram apontados como "sujeitos metidos que queriam saber mais do que todo mundo". Finalmente, pela falência na padronização dos cultos, tentativa levada a efeito pelo Superior Conselho do Ritual da Federal, assunto que retomaremos no Capítulo III. - A falência por sua vez, parece ser reflexo das "dissemelhanças" do Batuque e da posição pessoal de cada "pai-de-santo", pois na medida em que cada um deles julgava-se como o dono da verdade ritualística e doutrinária, não conseguiam chegar a uma definição comum acerca da pretensão padronização.. (14)

Portanto, tendo-se como dado, o fato de que o status de "pai-de-santo" é um status adquirido e não atribuído, procuraremos traçar no capítulo seguinte o modelo da carreira de um "pai-de-santo". Embora citando apenas dois casos, as regularidades apontadas foram baseadas no material coletado entre os "pais-de-santo" que formam a cúpula da Federação. Desse modo, com o modelo traçado, pretendemos dar conta não apenas da carreira de todos aqueles líderes, mas também de outros "pais-de-santo" que fazem parte da Irmandade.

(13) A proporção que se manuseava o antigo fichário da Federação era fácil observar-se essa diversificação, não só através da constatação das mais estranhas entidades que eram cultuadas, como também os rituais praticados, que eram também os mais díspares possíveis.

(14) Vide Testes de Ritual para a modalidade "Umbanda-Mina" no anexo 3-A, especialmente na discussão final.

CAPÍTULO II

A CARREIRA DO "PAI-DE-SANTO"

TRAJETÓRIA IDEAL

A condição imprescindível para a "carreira" (1) de "pai-de-santo" é que a pessoa seja médium, isto é, seja reconhecida como pertencente a uma categoria especial de "criaturas que têm a possibilidade de servirem de intermediários nas comunicações entre o mundo visível e o mundo invisível". Na definição dos seguidores, percebe-se que mediunidade é um recurso escasso porque é "faculdade que todos têm, mas é dom que só alguns têm" (2). No Batuque são reconhecidas quatro espécies de mediunidade: intuitiva, motora, clarividente e incorporativa, sendo que a "incorporativa" é considerada a mais importante. Por sua vez, esta valorização decorre da crença na existência dos "encantados", seres sobrenaturais que são espíritos que, para entrar em contacto com o mundo natural, tomam o corpo de pessoas ("cavalos"), manifestando-se através das mesmas. Se um "médium de incorporação" é, por definição, aquele que tem o privilégio ("dom") de "dar passagem" a um desses espíritos, então "mediunidade de incorporação" é a verdade revelada, pois como bem acentuam os Leacocks (1972:170) "ela é a última prova de que os encantados realmente existem". Mediunidade não é um fenómeno hereditário, e por assim ser, uma pessoa filha de médiuns poderá ou não possuir as mesmas faculdades de seus pais. Diferentemente do que acontece no catolicismo, uma pessoa nascida e criada "dentro da crença" não necessariamente será batizada na crença e/ou abraçará, quando adulta, a religião de sua família (3). Além disso, toda a influência

-
- (1) Empregamos o conceito de "carreira" como foi entendido por Becker (1963), isto é, "a sequência de movimentos de uma posição para outra em um sistema ocupacional para qualquer indivíduo dentro daquele sistema" (1963:24)
- (2) Definição coletada numa das aulas do Curso sobre Umbanda, ministrado na Federação Umbandista do Pará.
- (3) Os Leacocks (1972:322) registram como causas dessa resistência o fato das moças se acharem feias quando "incorporadas" e por essa razão serem rejeitadas pelos rapazes ("boys don't like mediums"). Da parte dos rapazes a inibição seria causada pelo estigma "efeminado" atribuído a todo médium homem. Daí porque segundo os Leacocks existiriam dois tipos básicos de médiuns masculinos: aqueles que participam total ou parcialmente das cerimônias (Idem... 1972:106). O problema da possessão relacionada ao homossexualismo masculino, é discutido sob outro enfoque por Fry (1974) no seu artigo - "Male Homosexuality and Spirit Possession in Brazil".

que a família exerce sobre a pessoa, reside no fato de que, por esta haver nascido num meio de entendidos, muito cedo pode ser identificada como médium, em função de capacidades sobrenaturais que porventura apresente ou nela se manifeste.

Quanto à identificação de um "médium de incorporação" pelo pesquisador, este é um problema que requer algumas considerações. Neste trabalho, por exemplo, situo-me na posição de Gluckman e Devons (1964) quanto aos limites de minha realidade na pesquisa. Para mim, os dados empíricos existem a partir de sua ocorrência. A possessão, por exemplo, existe na medida de sua aceitação social. E, assim sendo, trato deste fenômeno por uma definição sociológica e nunca por uma definição médica, uma vez que não pretendo discutir a normalidade psicológica dos médiums, ou as relações psicossomáticas que possam ocorrer durante uma "incorporação". Em segundo lugar, defini possessão como a "avaliação cultural da condição de uma pessoa e significa precisamente aquilo que se diz: uma invasão do indivíduo pelo espírito" (Lewis, 1971:46). Entendo "transe" como sendo um estado controlado da possessão, e que, à semelhança desta, existe com uma conotação social. Foi este tipo de identificação e reconhecimento grupal que considereei como sendo um fato social concreto e, assim sendo, tomei como válida a palavra dos membros do culto, pois "não cabe a nós julgar quem está, ou não está realmente "possuído". Se alguém é considerado pelo seu meio como estando num estado de possessão pelo espírito então ele (ou ela) está possuído" (Lewis, 1971:46).

Do mesmo modo, durante as sessões assistidas, aceitei a definição do grupo para reconhecer quando, na realidade, um médium estava "incorporado" (+) ou "manifestado de seu guia"(+). As simulações existiam, mas rapidamente eram apontadas e divulgadas no grupo e na Irmandade, através de expressões de descrédito, onde a mais comum era se dizer do "santo" de um médium: "Dona Jarina na cabeça de fulano é santo de pegação" (4). Outra forma de se identificar à simulação, era aferida pelo comportamento entre os chefes de culto e os "santos de pegação". Quando

(4) Santo falso. Simulação de transe. Por definição dos adeptos, a manifestação do "santo de pegação" ocorre sempre que o médium está querendo "fazer bandalheira" ou está "a fim de bandalheira", com seu comparsa sexual. Então o médium, para não ser censurado pelo seu comportamento (muitas vezes indecoroso para aquele momento) "se atua" (+) e dá como desculpa sua mediunidade inconsciente.

um "pai" acreditava estar diante de um caso de "mistificação" (+), ele obrigava o "santo" a cantar sua "doutrina original"; também mandava imediatamente trazer dendê fervente para que o "aparelho" o bebesse em público, ou ordenava o preparo urgente de um braseiro para que o "santo" dançasse sobre as brasas. Podia publicamente jogar os búzios para confirmar se realmente havia algum "santo" querendo bagunçar o ambiente. Ou ainda, se o "pai-de-santo" logo à primeira vista identificava a "mistificação", ele envergonhava o médium cantando publicamente e em voz bem alta a seguinte "dota" (+):

O que é que há meu Pai ?
 Tem pecador sem santo na Guma;
 Por que será meu Pai,
 Pecador sem santo fingindo...

Os demais médiuns, que numa situação normal "salvavam" (+) os "encantados", nestes casos ignoravam totalmente os "santos" - o que vinha a ser um sinal evidente de que haviam percebido a "mistificação".

Quanto à introdução de um indivíduo na crença, dissemos anteriormente que, pessoas nascidas dentro do Batuque não necessariamente seguiriam a crença, de modo que a mediunidade de uma pessoa podia ser rejeitada pelo próprio indivíduo médium, que desta forma negava sua religião de tradição. Disto conclui-se que a introdução de uma pessoa no Batuque, ocorre muito mais por conversão do que por tradição, sem contudo afirmarmos que a tradição não exerça alguma influência em determinados casos de filiação.

No Batuque, o processo de conversão ocorre de modo semelhante à conversão descrita anteriormente por Camargo (1961:78) em relação ao Kardecismo e Umbanda, em São Paulo. Numa primeira fase, pessoas com problemas físicos, mentais ou sociais, buscam a cura nos terreiros; numa segunda fase, as curas são alcançadas e as provas da existência de um mundo sobrenatural são dadas às pessoas e a experiência termina por internalizar o fiel na crença se a conversão ocorre na idade adulta, a motivação é sempre "Illness, physical or mental (...) Marital difficulties, especially desertion and philandering spouses, are often interpreted as due to supernatural causes. ("Leacocks, 1972:121). Pode-se acrescentar que a cura em si mesma é uma condição necessária, porém não suficiente para a "internalização" do fiel na crença. Permanecer ou não como membro do Batuque depende de outros fatores, como é o caso da

simpatia e da identidade de comportamento social entre membros de um terreiro, cooperação para sobrevivência e até mesmo identidade de comportamento que exista entre o convertido e seu novo grupo de culto.

Se a filiação ocorre na infância ou na juventude, o momento decisivo da identificação de um médium se dá pela primeira vez em que o corpo de uma pessoa é dito ser tomado por espírito. Este fenômeno, ao qual já nos referimos anteriormente, é rotulado como sendo uma "manifestação" ou uma "incorporação". Existe uma gradação muito grande e uma variedade muito rica de "incorporações" e, mesmo que seja difícil estabelecer-se um modelo padrão é, possível, no entanto, estabelecer-se regularidade da carreira de um médium a partir do momento da primeira "manifestação".

As primeiras "manifestações" ocorrem geralmente na infância e se revelam quase sempre através de males físicos como tonturas e vertigens, ataques de nervos e falta de coordenação motora - sintomas esses conhecidos como "desfalecimentos". Esses males de ordem física podem ser acompanhados de acontecimentos e atos misteriosos, sejam eles fuga e retorno inexplicáveis ou provas de capacidade extra-sensorial da criança. A família, com a ajuda de pessoas entendidas, poderá identificar a mediunidade da criança e, caso seja adepta de qualquer crença de caráter mediúnico, empenhar-se-á em "desenvolver" o novo médium. Este, como já dissemos, será ou não internalizado na crença. Na maioria das vezes, há reações por parte da própria família que, geralmente sendo católica, interpreta tais fenômenos como sendo "coisas do demônio", cuidando para que sejam feitos exorcismos com água benta e incentivando a prática da confissão, a fim de afastar aquela "perturbação". Se o médium crescer sentindo aquelas "perturbações" a toda e qualquer forma de seu comportamento, que foi considerado pela sua família como "desviante" (bebedeira, homossexualismo, prisões, etc.), a justificativa será sempre sua "mediunidade mal desenvolvida". Há sempre um momento em que a família não consegue mais exercer nenhuma espécie de controle sobre aquele membro e, quando isto acontece, na maioria das vezes, ocorrem situações de conflito que determinaram com o rompimento das relações do indivíduo com seu grupo primário ("sair de casa"), e provocam a sua filiação a outro grupo secundário ("morar com amigo", "morar no terreiro"). Por sua vez o rompimento não se dá apenas para desenvolver sua mediunidade, mas também para que ele possa fu-

gir de situações familiares intoleráveis (Fry, 1974:18), sobretudo se os choques tiveram como causa um "desvio" sexual, procedimento inadmissível numa sociedade que não hesita em censurar todo e qualquer comportamento considerado por ela como "anormal" (5). Se o médium se convence de que sua "perturbação" é "mediunidade mal desenvolvida", ele, seguindo conselhos de amigos ("você tem que trabalhar", "você tem que se desenvolver"), resolve um dia ceder à "missão" que lhe foi predestinada. Começa a frequentar uma "casa", na qual dependerá do seu "pai" ou "mãe-de-santo", não só pelas instruções a respeito das "Obrigações" que terá para com seu (s) "encantado (s)", como também, em certos casos, pela sua própria sobrevivência (alimentação, moradia, etc.), (6) uma vez que ele será sempre uma pessoa que tem problemas com a família, seja esta a de origem ou a de procriação.

O "pai" ou "mãe-de-santo" poderá, por meio do jogo de búzios, de um "passe", ou de uma "vidência", identificar qual(is) o(s) "guia(s)" do novo "filho", revelando qual o seu "Senhor(a)", seu "guia-chefe" (+), quais os seus "passeadores" (+). O médium verificará que ele poderá ter como "guia(s)" espíritos das seguintes categorias: senhores (+), caboclos (+), pretos-velhos (+), mestres (+), doutrinadores (+), exus (+), ou espíritos em estado de "vodunço", "mana zagal" ou "erê", que serão confusamente dispostos em conjuntos chamados "famílias", "falanges" e "linhas" e "povo" (Anexo 1). Que alguns espíritos se locomovem de um conjunto para outro (Anexo 1-A rodapé 11). Que alguns "guias" não tem popularidade (pretos-velhos e erês), enquanto outros o são ao contrário (caboclos). Que esses caboclos tem status social baixo, enquanto que outros (senhores), tem status social elevado (Leacock, 1972:156-69). Mas o noviço logo perceberá que os caboclos são ambivalentes porque em certos cultos se comportam como senhores, fazem o bem e pregam a moral (Anexo 1-P, rodapé 5) enquanto que em outros cultos e ocasiões se comportam como espíritos desregrados, obscenos e maus. Que esses espíritos ambivalentes são perigosos porque são imprevisíveis e voluntariosos. E que a única norma

(5) Retome-se os diversos depoimentos constantes do Capítulo I "A cidade vê os terreiros".

(6) Fry, registra que "os terreiros tem uma vida diária própria a qual é misturada com o ritual - eles são compostos do pai-de-santo e um pequeno corpo de pessoas que tomam conta do terreiro, cozinhando e lavando em troca de comida, moradia e dinheiro fornecidos pelo pai-de-santo. Muito frequentemente essas pequenas comunidades contêm um número de "bichas" desempregadas ou com pouco dinheiro (Fry, 1974:18).

que respeitam, é, durante as sessões públicas não "baixarem" antes dos espíritos moralistas. Portanto, desde cedo, o médium aprenderá que num "toque" ele deverá "salvar" e "chamar" primeiramente os "senhores", e só após as 23:00 horas é que poderá e deverá fazer a "virada" (+), isto é, "salvar" e "chamar" os ambivalentes caboclos.

Uma vez identificado(s) seu(s) "guia(s)" (7), o médium irá gradativamente conhecendo os "fundamentos de seu santo", isto é, aprenderá as suas origens e a enquadrá-lo na sua respectiva "família" ou "linha". Saberá reverenciá-lo(s) em qualquer que seja a "nação" (+) em que ele(s) se apresente(m); gegê, nagô, keto ou angola. Aprenderá a manipular seus "guias" em qualquer modalidade de ritual; seja umbanda, mina, cura, quimbanda(+), e até mesmo no ritual de "mesa branca" (+). Saberá qual (is) a(s) marcação(ões) rítmica(s) da(s) "doutrina(s)" (+) de seu(s) "encantado(s)"; se "valsa" (+), "corrido" (+), "dobrado" (+), "socado" (+) ou "marcha" (+). Verificará que a mesma entidade pode "arriar" com nomes diferentes nos diversos rituais. (Anexo 1-A, 1-B, 1-M, 1-P, 1-Q). Aprenderá a cumprir os "preceitos de boca do encantado" e a fazer as "obrigações do santo" (comidas e demais ofertórios); providenciará suas "marcações" (+) e a proporção que for se familiarizando com seus guias, dominará cada vez mais as técnicas de fazer contratos e barganhas com eles.

Perante a Irmandade, o médium iniciante começa a ser visto como mais um dos "filhos" da "casa de pai fulano", sem que este tipo de identificação seja responsável por sua notoriedade, porque a notoriedade de um médium é sempre um atributo particular e pessoal. A condição de ser um "médium de incorporação" - permite ao médium a possibilidade de "dar passagem" (+) ou receber (+) vários espíritos. Acontece que, a sua performance (na quase totalidade dos casos), será sempre mais marcante quando se encontrar "incorporado" com seu "guia-chefe". Desse modo, o conhecimento e a fama de um médium se fará gradativamente, em função de um certo e determinado "guia" e este caráter pessoal da divindade, de que já falava Carneiro (1959:11) é uma constante no Batuque, onde temos casos de pessoas conhecidas como "filho de Japetequara", "Jair de Guapindaia", "Joãozinho de Mariana", "Maria da Jurema", "Sabã de Jaquarema", etc., ou mesmo de auto-identificações onde o próprio médium usa expressões indivi

(7) Cada médium, embora possuindo vários "guias", tem mais contacto com dois deles. Estes, por sua vez, são sempre opostos em termos de comportamento e personalidade.

dualistas tais como: "eu carrego Surrupira" (+).

Se a possessão se reveste de um "caráter socialmente estilizado, e é o desempenho de um papel social" (Ribeiro, 1959: 251 e segs.), a prova do conhecimento vem do fato de que "indivíduos devem comportar-se de forma apropriada a fim de provar que eles estão possuídos" (Leacock, 1972:173). O aprendizado conveniente vai então ocorrer durante o "desenvolvimento", onde cada médium aprende "um papel, isto é, um grupo de comportamentos associados com uma posição particular num sistema social (...) também um número de sub-papéis... que se relacionam com encantados ou categorias de encantados" (Leacock, 1972:173/4).

Inicialmente, o médium aprenderá a se "controlar", isto é, aprenderá a não se incorporar subitamente e em locais impróprios: residência, casas de frequência pública, ou até mesmo nas ruas, a fim de não ser visto como um desequilibrado mental. Sua incorporação ocorrerá sempre enquadrada numa sequência ritual. Seu comportamento, quando "possuído", deixará de ser descontrolado e violento como nos casos dos "santos brutos" (+) e passará a fazer parte de uma "posse" padrão. Seja qual for a entidade, haverá estertores, contrações musculares que tomam os ombros e, em seguida, o corpo. O pescoço ficará sempre relaxado, solto, rodando pendido com o corpo (com exceção à fase de tranquilidade que segue a tomada do "santo") O corpo certamente penderá, ora para um lado, ora para outro, mas estas convulsões, no decorrer do "desenvolvimento", mudarão gradativamente de violentos estertores iniciais, para calmas descargas motoras marcadas por uma subdivisão musical do toque dos tambores. A chegada do "santo" não mais jogará o médium ao chão; ao contrário, o "santo" puxará o corpo do "aparelho" para traz, para diante, para os lados, e embora aparentemente perdendo o equilíbrio, o "cavalo" será capaz de se equilibrar numa única perna - que irá tremer e dar pequenos saltos - pendendo completamente numa direção. Apenas o tronco se deslocará acentuadamente, e daí começará a descrever um círculo (mais amplo à altura da cabeça). É o momento em que outra perna irá amparar e receber o peso do corpo, principiando outro giro, quer nos calcanhars, quer dentro da linha normal. O tronco quase sempre penderá para o lado em que se deslocou a perna. Os ombros ficarão para a frente, em relação ao colo que se afasta. Os rodopios repousarão agora na transferência do peso do corpo de uma perna para outra. As mãos poderão estar em cruz, espalmadas sobre o peito; para traz, semi-fechadas; ape-

nas uma sobre o colo ou costas e o dorso da outra na testa - isto conforme for o "santo".

Do mesmo modo que na "posse", na "baia" (+) o médium aprenderá um passo básico padronizado que será sempre orientado para a frente, estando os pés paralelos e se deslocando sem que sejam tirados do chão. As pontas irão à frente, arrastadas pelo chão, dobradas na articulação dos artelhos. Depois que um primeiro meio passo for dado, ou seja, que uma perna (sempre ligeiramente curvada) se desloque paralela e adiante da outra, esta esperará que o dançarino retorne à posição básica; os pés, um ao lado do outro. São então a outra perna poderá se deslocar completando o passo.

Os seus braços deverão estar sempre dobrados e pouco tensos; a articulação do ombro sempre relaxada, de tal forma que os braços não tenham um movimento próprio. Ainda que eles sejam a parte do corpo que comanda a divisão rítmica do passo, eles balançarão sempre dobrados à altura dos cotovelos, ao sabor do tronco. Quando forem à frente, as mãos quase se tocarão, mas em seguida se afastarão seguindo uma linha que se distanciará do tronco, no sentido de dentro para fora, isto é, para os lados. Assim, quando os braços do noviço forem à frente, seus cotovelos deverão estar quase à frente do corpo, ao passo que, atrás se mostrarão bem afastados dele.

Este movimento pendular do passo básico corresponde à seguinte divisão: a cada vez que os pés se juntam, as mãos se tocam à frente do corpo. A cada passo, enquanto uma perna se desloca, os braços vão atrás e voltam, justo a tempo de um pé ficar junto ao outro e as mãos se tocarem outra vez. Neste passo básico, poucas permissões para inovar serão concedidas ao noviço. A mais frequente será permitir que suas mãos, neste momento, possam ir em concha.

Pernas e mãos são as partes do corpo mais responsáveis pela marcação rítmica da dança; e, por esta razão, são as partes do corpo que merecem mais atenção durante o aprendizado da "baia". As mãos deverão estar sempre descontraídas, quase fechadas. Mesmo que o médium esteja "incorporado", dificilmente elas assumirão outra posição. Em alguns casos elas penderão dobradas nos pulsos, ligeiramente em concha. Quanto às pernas, estas quase não se movimentarão: cumprirão apenas os deslocamentos dos diversos passos, e nunca estarão completamente retesadas. Mesmo estando o dançarino parado, elas deverão ficar ligeiramente "en plie", dobradas na articulação dos joelhos. Co-

mo as passadas da "baia" são curtas, elas avançarão ou recuarão nessa posição.

O noviço observará que, na "incorporação", existem concessões para certos médiuns que não sejam noviços como ele, mas que todo médium, veterano ou iniciante, no momento da "incorporação" manterá seu tronco formando um ângulo aberto para a frente, cujo vértice será a altura da articulação pubiana. Observará também, que o tronco se deslocará e balançará ligeiramente à medida que cada passo se efetue; e que o ângulo pernas-tronco, se fechará um pouco mais, a cada vez que os pés se juntem, e o tronco retome a posição menos inclinada do deslocar da perna. Todavia, ele observará que quanto maior for o "desenvolvimento", maior será o controle e a padronização do médium. E se ele for um bom observador, ele verá que é muito difícil se apontar o momento da passagem do estado "puro" para o momento da "manifestação" dos demais médiuns.

Como se pode perceber, o processo de aprendizado de um médium é feito através de todo um comportamento e técnicas aprendidas, dominadas e acumuladas durante anos de participação de uma pessoa como membro ativo de uma casa de culto. Porém, dependendo da sagacidade do médium, muito de seu aprendizado virá de sua perspicácia em observar e copiar técnicas de outras casas com as quais porventura ele entre em contacto. Um médium que, em função de seu "desenvolvimento", tenha conseguido reunir condições satisfatórias, e que a essas condições some um tipo de personalidade de liderança e mente criativa, passará imediatamente a ser identificado como um médium de força". a expressão significa que ele possui, entre outras condições, sobretudo aquela de induzir outros médiuns mais novos do que ele, a entrar ou sair do estado de transe. E esta condição lhe vem da confiança que ele tem em si mesmo em dominar técnicas importantes da doutrina e ritual que professa. Finalmente, do fato de ser ele reconhecido pelo grupo como "médium de força", e da aceitação de sua performance com o seu "encantado", é que começa a se fazer a sua notoriedade.

Se o médium aspira a, um dia, possuir sua própria casa de culto (aspiração muito encontrada), a condição ideal é que ele seja "feito". "Ser feito" ou "ter feitura" significa a passagem de uma pessoa através de diversas etapas de uma iniciação ritual. A importância da "feitura" reside no fato de que, por definição, somente pessoas "feitas" é que poderão, um dia, iniciar e "desenvolver" outras. Uma vez que a pessoa aspire a ser "pai" ou "mãe" (líder), deve ter em mente que um líder não

existe sem seguidores, e a condição para se ter seguidores é "ter feitura".

A "feitura" é sempre um processo gradativo que começa com as "lavagens de cabeça" (+) ou "confirmação/afirmação - do anjo de guarda" e termina com a "raspagem"(+). No momento em que um médium tiver a certeza de "carregar um santo", ele procurará determinado "pai" ou "mãe" que "confirme" ou "sente o santo na cabeça"(+). Após uma primeira etapa da iniciação, isto é, a "lavagem da cabeça com os amacis"(+), seguem-se sucessivamente os "boris"(+)- que são "feituuras" mais elaboradas e dispendiosas. Uma "feitura" completa implica necessidade de muito tempo (um ano no mínimo) e dinheiro (Cr\$ 1.000,00 a mais) por parte do iniciante. Geralmente, essas despesas estão acima de suas posses e, neste caso, elas podem ser financiadas pelo seu "pai" ou "mãe-de-santo". Uma vez que isto aconteça, o médium pagará sua dívida com trabalhos realizados - em condição de servidão no terreiro (8). Para alguns médiuns, talvez aqueles sem maiores ambições ou condições, a "feitura" é muitas vezes substituída por "arreadas de obrigações", isto é, em lugar do médium se oferecer ao "santo", oferece a este, em troca, bebidas, comidas, sacrifícios propiciatórios à entidade. A escolha da "feitura" é sempre uma decisão do "pai/mãe" do terreiro que o médium já frequenta. O "pai" "faz a cabeça" de um "filho" conforme ele acha que deva ser, mas na maioria das vezes ele dirá que teve uma "intuição", ou uma vidência acerca do "preceito do santo" podendo mesmo dizer que consultou os "santos" através dos búzios para confirmar seu "preceito". Uma vez que o "pai" tenha a certeza do "preceito do santo" a ele compete "assentar" o "santo" no "filho". Normalmente o "guia" é sempre um "senhor", um "caboclo", ou um "preto-velho" mas pode haver a possibilidade de um "caboclo", por exemplo, decidir "vir como criança", o que é sempre revelado - pelo "pai", em segredo, a seu "filho".

(8) Esta é uma situação que não é muito frequente em Belém, por que dentre todos os "pais-de-santo" com os quais trabalhei, encontrei apenas um deles que tinha sido "feito" nesta condição, mas sua "feitura" fora realizada fora do Estado, e no ritual do Candomblé. As demais "feituuras", quando realizadas fora do Pará, tinham e têm sido custeadas por amigos e clientes do médium. As "feituuras" realizadas na cidade são pagas com as economias do médium, as economias de sua família (se esta é de acordo), recebendo ainda ajuda de amigos e devotos do "guia" na "cabeça" daquele médium. Também há o sistema de cooperação interna: os "irmãos - de santo" se reúnem e cada um deles contribui com uma parte do material necessário (lençóis, bilhas, taças, bebidas, alguidares, animais, etc).

Essas interpretações do "pai-de-santo" serão aceitas porque cada "filho-de-santo" acredita que os encantados, à semelhança dos homens, têm personalidades distintas entre si, e que muitos deles são caprichosos e voluntariosos, que manifestam suas vontades aos homens através de seus "preceitos".(+)

"Preceitos dos Santos" são sempre normas relativas à doutrina ou ao ritual, que são dadas pelos encantados aos mêdiuns, sob a forma de ordens a serem obedecidas e cumpridas. O cumprimento dessas ordens recebe o nome de "obrigações" (+)

O Preceito é mais freqüente por ocasião da "feitura" do mêdiun, e sua forma mais comum é aquela em que o encantado se faz conhecer integralmente pelo seu novo "filho". Assim sendo, o encantado revela ao mêdiun quem verdadeiramente ele é, em que "linhas" ele irá "trabalhar", e todas as alternativas - de sua "manifestação" (+); além disso, revelará ao mêdiun através de seu "pai" de que forma ele deseja vir na "cabeça" daquele "filho" dali por diante. A esta revelação chama-se "preceito do santo" e esta deverá ser cumprida e mantida em segredo pelo mêdiun durante toda a sua vida. A única alternativa em que o mêdiun poderá revelar algum detalhe sobre o "preceito de seu santo" ocorrerá se, numa incorporação pública do mêdiun com seu encantado, alguém duvidar da presença daquele encantado na guma (+). Aí então, o santo deverá cantar sua doutrina original (+) para comprovar que ele realmente é quem diz ser.

Assim sendo, quando muitas vezes um mêdiun faz inovações na doutrina e no ritual, ele pode perfeitamente justificar a inovação através do "preceito que o santo lhe deu" (9), e a justificativa quase sempre é aceita porque se acredita que os encantados jamais devem ser contrariados em suas vontades, e sendo seres muitas vezes violentos e vingativos, os mêdiuns temem seus castigos. Desse modo, eles nunca discutem os "preceitos de um santo" a fim de não irritá-los. Surge então uma série de dissemelhanças como consequência do relacionamento -

(9) Uma outra forma de se inovar, das mais usadas pelos "pais" e "mães-de-santo" é submeter uma inovação ao julgamento de seu "santo". Na casa de "mãe" Edithe registrei uma série de doutrinas (+) diferentes e que eram particulares de sua casa. Ela me explicou que, durante as noites, ela com punha novas "doutrinas" para seus "encantados" e que pela manhã ela "jogava para o santo" para "ver se o santo aceitava". Geralmente dizia ela: "o santo gosta e aceita", e assim sendo, sua casa de culto era diferente das demais nesse particular.

peçoal de cada mēdiu com seu(s) "guia(s)". A título de exemplo, citaremos o caso observado com a entidade Seu Tupinambã e seu relacionamento com três mēdiuns por ocasião da "feitura" dos mesmos. No primeiro caso, o "filho" 1, teve co "preceito" "recebê-lo" (+) como sendo Tupinambã na Linha de Ogum, quer dizer, o mēdiu tinha que tratã-lo como um vodunço. No segundo caso, o "preceito" atribuído ao "filho" 2, foi recebê-lo como Josê Tupinambã, portanto um senhor; e, finalmente, no último caso, o "filho" de número 3, teve como preceito, recebê-lo na "linha de Oxossi", isto é, como um caboclo. Desse modo, tínhamos três classificações para o mesmo espírito, e todas três perfeitamente cabíveis dentro do sistema. Portanto, a personalidade dos espíritos, em última instância, é a causa das dissimelhanças doutrinárias, ou seja, de diferentes caracterizações e classificações para um mesmo espírito, e estas, à primeira vista, poderão ser tantas quantas forem as "cabeças" dos mēdiuns seu "cavalos". Assim sendo, os "preceitos" são a causa das "marcas registradas" (10) dos mēdiuns que por sua vez são aceitas porque foram "preceitos dos santos". Teríamos então, o "preceito" gerando "pessoalimos" e, conseqüentemente, dissimelhanças; estas, por sua vez, conservando-se em razão dos "preceitos". (11)

É possível que o "preceito" acusa "guerra de santo" pela disputa do mēdiu noviço. Neste caso, a autoridade do "pai-de-santo" será ímpar porque ele poderá decidir "afastar" um "guia" e "assentar" outro (normalmente cada mēdiu tem sempre dois). A autoridade do "pai" é ímpar, ainda pelo fato de que ele pode trocar um "guia" por achar que aquele determinado "santo" não fica bem para aquele "filho". (12)

(10) "marcas registradas" têm aqui o mesmo sentido do "caráter pessoal da divindade" de que falou Carneiro (1959:11), quando apontou as quatro características básicas dos cultos de possessão do Brasil.

(11) Arriscando um paralelo, poderíamos dizer que, pela "inovação eclética constante", o Batuque seria semelhante a Umbanda (cada pessoa teria seu "preceito"), enquanto que no Pentecostalismo, devido ao "ritual fixo e pouco elaborado", o "preceito" seria único para todas as pessoas (Fry & Howe, 1975:78). Possivelmente o Catolicismo seria o meio-termo, uma vez que existe uma "Santíssima Trindade" que é única, mas existem igualmente "santos de devoção" dos fiéis.

(12) Caso que sucedeu com Pedro, "filho-de-santo" de Euclides. Pedro "carregava" Oxum e Cabocla Jupira. Por direito ele deveria "ser feito" para Oxum. Mas, depois de muito pensar, Euclides decidiu "afastar" Oxum e "assentar" a Cabocla Jupira com Pedro, alegando o seguinte: "ele ia ficar muito desmunhecado com Oxum, por isso eu decidi botar a Cabocla Jupira nele, porque pelo menos ela é uma cabocla guerreira, e assim ele não desmunheca tanto!"

A "feitura" termina com a "festa de apresentação", onde é finalmente revelada para a Irmandade a performance de determinado "guia" em determinado "médium". O "filho", daí por diante, terá de ser o "santo" que lhe foi "assentado", quer dizer: ele não poderá mudar a performance do "santo" que lhe foi "assentado".

Poderíamos concluir dizendo que "feitura" é o termo abrangente de um processo de etapas sucessivas de iniciações. Todavia, quando alguém fala enfaticamente: "eu sou feito", isto significa que esta pessoa foi "raspada e cortada" o que significa a forma mais valorizada da "feitura".

O valor da "feitura" não está, porém, em si mesma. Seu valor depende de uma ratificação pela Irmandade que estabelece os critérios de peso, entre os quais os mais relevantes são: 1) o status religioso daquele que confere o grau a alguém; 2) o centro que confere aquele grau. É muito comum "filhos" se orgulharem de seus "pais-de-santo" porque muito de seu valor advém do valor de seus "pais". Os Estados da Bahia, Rio de Janeiro e, sobretudo, o Maranhão, com determinados "pais" afamados, são centros de formação dos mais respeitados. Por isso, alguém poder dizer: "sou filho de santo de fulano, que foi feito no Maranhão, na casa de Beltrano". Isto equivale ao grau de doutoramento em uma carreira universitária. E no caso em que ele consiga dizer: "fui feito em tal lugar, na casa de fulano, o mesmo que fez pai Beltrano e pai Cicrano", isto significa que ele alcançou a livre docência em sua carreira. (13) E, uma vez que ele foi um eleito divino (teve o "dom" da mediunidade), e adquiriu competência ("desenvolvimento" e "feitura"), ele é, por definição, um "pai-de-santo".

Sucedem que não adianta o médium ter essas condições ideais, se estas não forem reconhecidas, em primeiro lugar, num contexto micro (sua casa de culto), onde ele dará provas de sua condição de "eleito divino" e também de sua competência mágico-religiosa, pois em todas as casas de culto há sem-

(13) Acontece que certo "pai-de-santo" de fama viajou para a Bahia a fim de "se fazer santo". Lá permaneceu durante dois anos na "roça do candomblé". Ao regressar a Belém se disse "feito" com um "pai-de-santo" famoso, dizendo que havia gasto Cr\$ 20.000,00 na sua "feitura", para tanto trazendo um rico guarda-roupa do "santo". A Irmandade acreditou no preço da "feitura", admirou e aplaudiu o bom gosto do Guarda-roupa do "santo", mas quanto à "feitura" propriamente dita, esta não foi reconhecida porque acusou-se o dito "pai" de haver "comprado o santo", expressão que significa forçar o aparecimento de um "dom" que a pessoa não possui, ainda que esta pessoa possua mediunidade.

pre um grande número de pessoas com as mais diversas ordens de problemas, buscando o "pai-de-santo" para solucioná-los. "Quebrantos" (+), "vida atrapalhada", desemprego ou má sorte no emprego, abandono do lar, além de doenças incuráveis, são sempre tipos de problemas que buscam soluções nos "terreiros", nas "searas", nas "tendas". As "curas" nunca são cobradas, mas um "pai" não pode se negar diante dos pedidos aflitos de pessoas que o procuram, e dele esperam a caridade, a compreensão e a ajuda. Ele sabe que sua "missão" é "dar de graça o que de graça recebeu". Que esta é a finalidade de sua existência, e que a negação da caridade é a negação de sua condição de "eleito divino".

O cumprimento de sua "missão" será, portanto, a principal atividade de um "pai-de-santo". As demais ocupações que porventura tenha, terão que ser periféricas a ela, de modo que é sempre muito difícil encontrar-se um "pai-de-santo" de sucesso que seja um assalariado. A atividade de uma casa-de-culto, na medida em que exige tempo integral, (14) chega inclusive a alterar a vida particular e doméstica do médium. Muitos médiuns jovens, rapazes contavam que tiveram que "sair de casa" para poderem "cumprir sua missão". Algumas "mães", em seus depoimentos, narravam que haviam abandonado os maridos porque seus deveres de esposa "atrapalhavam e não davam certo com a vida do santo"; que haviam tentado, mas tornara-se impossível conciliar as duas funções porque, conforme diziam: "o mundo de le (do marido) era diferente do meu". (15) E que, portanto, haviam preferido lutar sozinhas pela vida afora, criando seus filhos, contanto apenas com a proteção de seus "guias", dos quais diziam: "graças a Deus nunca falharam". Algumas mulheres contavam que, quando "filhas", custeavam os gastos de seus

(14) A atividade de uma casa de culto é incessante. Da pauta semanal de cada uma delas constam sempre "toques" e / ou sessões de umbanda, de "cura" e até mesmo de "mesa". A cada dia da semana corresponde uma atividade específica, de tal modo que cada "pai-de-santo" se vê envolvido com o cumprimento de "obrigações" dentro ou fora da sua casa - (ruas, igarapês ou praias), com o planejamento de "toques" com jogo de búzios, cartas, vidências, responsos, etc., tudo isto para o atendimento de sua clientela. Todavia, entre todas essas atividades existe uma que é a mais penosa: a cura.

(15) Caso de "Madame Dulcinéia", cartomante e vidente famosa no seu Estado de origem (Paraíba). O marido de Dulcinéia era "comerciante forte", muito católico, e bem relacionado com o Arcebispo, a quem prometera fazer sua mulher "largar um dia daquela vida". O exemplo mostra a possibilidade da mulher utilizar esses cultos "periféricos" no contexto das relações marido x mulher (Lewis, 1971:63/99).

"santos" e de sua prole, "debruçadas em tinas" (lavando roupa), cozinhando, costurando ou bordando. Os homens haviam trabalhado em toda sorte de biscates; e aqueles que possuíam profissão ou ofício (marceneiro, pedreiro) haviam deixado seus empregos a fim de "viverem p'ro santo". A maioria vivia sô, sem maridos, mulheres ou filhos. "Pais" e "mães" eram sempre desempregados, e o dinheiro que arrecadavam de suas atividades (jogo de cartas, búzios etc.) além de ser irrisório - (Cr\$ 10,00) a jogada, era também incerto, porque dependia da sorte de aparecerem ou não os consulentes. O pagamento das "curas" normalmente se destinava à entidade, e constava sobretudo de "vestimentas p'ro santo". Quando o pagamento era feito em dinheiro, o "pai" não podia lançar mão do mesmo para beneficiar sua esposa. Isto porque, é de praxe no Batuque, com provar-se para o doador a forma de utilização de seu dinheiro, isto é, mostrar que o dinheiro foi investido com o "santo". E, se na casa "entrava muito dinheiro" o "pai" não podia usá-lo em proveito próprio porque sabia de antemão que, se assim procedesse, sua atitude resultaria no seu descrédito, porque ele seria imediatamente apontado como um "proveitador" de sua mediunidade. (16)

Portanto, é numa casa de culto que realmente se faz a carreira de um "pai-de-santo": é nela que ele demonstra sua condição de "eleito divino" ("dando de graça o que de graça recebeu") e patenteia a sua competência na prática mágica (eficácia de suas "curas"). A importância desse contexto micro vem do fato de que, é o seu bom desempenho à frente de uma casa de culto, que o faz existir como "pai-de-santo" para o contexto macro, ou seja, para a Irmandade. Por sua vez, uma casa de culto - seja ela um terreiro, seara, tenda ou cabana - necessita de um espaço mínimo para a realização das cerimônias, isto é, de um barracão, salão(+) ou varanda(+). Necessita também de alfaias e, no caso de um terreiro, serão necessários instrumentos musicais para a realização dos "toques", mesmo que este seja um tambor de sala(+). Do ponto de vista da organização interna da casa, faz-se necessária a existência de um corpo hierárquico que auxilie o "pai-de-santo" na direção e na rotina diária das "obrigações" e dos "trabalhos" :

- (16) Deve-se estabelecer uma diferença entre pagamento de "trabalhos de cura" (doenças) e pagamentos de "trabalhos de sorte" (cartomancia, quiromancia, vidência). Este último tipo, quando se destina à obtenção de êxito amoroso, sucesso pessoal, etc., é remunerado, e seu preço dependerá do contrato entre as partes; podendo o pagamento ser feito sob o sistema de prestação (crediário), que por sua vez não deverá exceder o prazo de seis meses.

"mãe-pequena", "filhos", "abatazeiros" (+), "ogans", etc. para ajudá-lo no atendimento dos clientes, e em rituais especiais, como por exemplo: "tambor de peia"(+), de "misericórdia" (+) ou mesmo um "tambor de choro" (+) ou de "alegria" (+). Também é necessária a existência de um público externo e interno, isto é, a "bela assistência" (+), que comparecendo à casa, prestigie as suas atividades. E, uma vez que o "pai-de-santo" dificilmente é um assalariado, ele precisará, sobretudo, de clientes e de seus "filhos" que serão os financiadores de sua profissão.

Em síntese, diríamos que cada "pai-de-santo" é dependente de uma casa de culto e esta, para existir, depende de filhos, clientes, amigos e também de bela assistência. Estes juntos, reconhecerão o "dom" que o "pai-de-santo" diz possuir, irão validar sua competência, serão a garantia de sua sobrevivência material e, finalmente, lhe darão notoriedade e prestígio, na medida em que, cooperando e comparecendo às suas promoções (seus "toques") farão das mesmas, um sucesso. Isto significa dizer que o status de "pai-de-santo" não é atribuído a um médium, simplesmente porque este recebe da "graça divina" o "dom da mediunidade", mas sim, porque ele foi assim acreditado pelo grupo - razão pela qual ele fala e é ouvido pelo mesmo grupo, no contexto de sua casa de culto. (17)

Sucede que, para o grupo, esta medida de valor é definida por critérios ambíguos. Quando se analisou as "nhigri-nhagens", ou quando se pergunta a alguém do Batuque o que é preciso para um médium ser um "pai-de-santo", tem-se como resposta: "é ele ser feito". Mas quando se compara critérios ideais e realidades concretas observadas, comprova-se que a definição ideal é inconsistente.

A afirmativa procede das observações entre os "pais-de-santo" da Federação (dirigentes e demais sócios). Na dire -

(17) A afirmativa procede de Worsley que mostrou que o apelo carismático, se depende de atributos e características de personalidade, ou sobre o desempenho de certos atos, ou ambos, para que isto se torne as bases de uma ação social coletiva, necessita de ser percebida, investida com significado e executada por outras significantes pessoas, ou seja, aquelas que respondem ao apelo carismático. O mero reconhecimento de que X dispõe de qualidades incomuns é, em si mesmo, um processo social complexo, vinculando a avaliação de X por outros, de acordo como algumas medidas de valor: tais qualidades devem ser registradas e avaliadas positivamente sob as duas formas - cognitiva e emocional (Worsley, 1968:xii).

ção daquela Instituição há dez anos que atuam doze "pais-de-santo", dos quais a maioria não têm os requisitos necessários, nem para ser chamado de "pai", nem para ocupar os cargos que ocupam. Apenas um deles possui "feitura"; cinco têm apenas "assentamento de anjo de guarda" (grau preliminar); e alguns, como o Presidente do Superior Conselho do Ritual, nunca possuíram sequer um "pai-de-santo" porque nunca frequentaram uma "escola de desenvolvimento". Dentre os 301 sócios coletivos (portanto, "pais" e "mães-de-santo" que possuem casas de culto), existem alguns que possuem "desenvolvimento", e outros que se sabe possuem "feitura" mas que, nem por isso, ocupam ou já ocuparam uma posição / de destaque dentro da Federação. Isto significa dizer que nem todo médium "feito" é aceito, como também que muito médium aceito não é "feito". O Presidente do Superior Conselho Ritual (que há oito anos consecutivos ocupa esse cargo) não é "feito", e no entanto goza de grande prestígio, fama e acatamento no consenso, quer da Federação, quer da Irmandade. Para outros casos, "pais-de-santo" "feitos" fora do Estado do Pará, não conseguiam nem que seus "guias" fossem aceitos pelo consenso da Federação ou da Irmandade - o que demonstrava taxativamente que o sucesso de um "pai" não dependia de atributos ideais - no caso, a "feitura" - muito embora a mesma fosse sempre vista como um critério básico e de peso. Havia, portanto, a necessidade de se redefinir o consenso. Desse modo, quando procurei traçar um modelo que desse conta de explicar o que faz o sucesso de um "pai-de-santo", tomei a "feitura" como ponto de referência. Do grupo dirigente da Federação, retirei dois casos que me pareceram representativos, por serem os extremos dessa condição, ou seja: um "pai-de-santo" de "feitura" completa, e outro sem nenhum tipo de "iniciação" - ambos, porém, possuindo igual status ao nível da cúpula da Federação. Levantei a biografia desses dois "pais-de-santo", na tentativa de encontrar regularidades nas / suas carreiras e que pudessem ser generalizáveis aos demais elementos.

O modelo traçado a partir de biografias apresenta, porém, limitações decorrentes das próprias restrições da técnica de pesquisa utilizada - no caso, a história-de-vida. A principal dessas limitações é que a biografia é sempre uma construção retrospectiva e, por assim ser, ela se torna um mito no qual o informante seleciona episódios ou eventos que lhe parecem significativos em sua experiência vivida. Neste sentido, existiria sempre um fato vivido que ocorre para além do episódio vivido relatado num depoimento. Na verdade, o depoimento

dos entrevistados prestava conta da identidade social de cada um deles, de acordo com uma auto percepção valorativa, enquanto que, em contraposição, havia um outro tipo de relato moralmente negativo, surgido de alguém que afirmava haver conhecido o passado vergonhoso daquelas pessoas. Deste modo, cada biografia que me era apresentada se mostrava "... en marcado contraste com la multiplicidad de yoes que se descubren en el individuo cuando se lo observa desde la perspectiva del rol social, donde si maneja adecuadamente la segregacion de la audiencia y del rol - puede sustentar con bastante habilidad yoes diferentes, y, hasta cierto punto, pretender que ya no es mas algo que ha sido" (Goffman, 1970:80).

Nos depoimentos dos entrevistados encontrava-se períodos em branco que, provavelmente, seriam parte desse seu "passado sombrio". Havia, por exemplo, de parte do informante, relutância em explicitar o que fizera no período imediato ao rompimento com sua família, ou porque a família não gostava de algumas de suas amizades, ou ainda, o que a "vida no santo" significava para sua família além de "coisas do demônio". Sobre essas etapas da vida de cada um dos informantes, por questões de bom senso, não fazíamos perguntas diretas pois, se de fato elas representavam o "passado sombrio e vergonhoso" de cada pessoa, uma pergunta direta teria dupla consequência: ou a confissão dos fatos, ou a mentira hábil (Goffman, 1970:81). Também podia suceder que os fatos tivessem sido omitidos por serem, na realidade, irrelevantes para a pessoa; ou que o encobrimento seria sempre uma barreira, surgida do condicionamento social do pesquisador: "mulher - professora - classe superior" - portanto um elemento limitado na sua identificação com o entrevistado. Deixávamos então, que cada informante falasse livremente sobre seu vivido.

Nesse particular, a vivência na pesquisa (confiança) ajudava muito, pois fornecia, não só a "confissão" de um passado estranho das pessoas (condição de interesse secundário) como também fornecia a identificação social daqueles informantes, tal qual era percebida por eles, e pelas demais pessoas que o cercavam. Isto significava dizer que, no caso da ambiguidade das informações, a técnica de pesquisa utilizada transformou-se num instrumento válido, pois representou o meio termo entre a visão que o informante queria ter de si mesmo, e a visão estereotipada ou não, que o consenso da Irmandade tinha a respeito dele.

Levando em conta essas considerações, os dois casos escolhidos nos pareceram representativos. O caso 1 refere-se ao Vice-Presidente da Federação e um dos Conselheiros do Superior Conselho do Ritual. É médium de "feitura" completa no "candomblé" da Bahia, e é "pai-de-santo" afamado na Federação, na Irmandade e na cidade, já tendo sido inclusive alvo de reportagens jornalísticas locais e nacionais. O caso 2 diz respeito ao Presidente do Superior Conselho do Ritual da Federação. É um médium que, muito embora não tendo "feitura", nem qualquer espécie de "iniciação", possui terreiro renomado na Federação, e é respeitado no "santo", não somente naquela Instituição como na Irmandade, porque é dos poucos "pais-de-santo" que consegue dirigir os rituais coletivos, quer da Federação, quer dos terreiros dissidentes da mesma (18) - apesar do alto grau de competição e das dissemelhanças existentes no Batuque.

DUAS TRAJETÓRIAS REAIS

Caso 1 - Chama-se François Ferreira. Por ser preto, muito alto e magro, e mais conhecido pelo apelido de "Prego" (macaco-prego). É solteiro, tem 48 anos e é paraense de Belém. Mora em "barraca de palha", numa das inúmeras "passagens" (+) do bairro proletário da Pedreira. Sempre "viveu pro santo", o que o faz defasar no contexto de sua família, pelo fato de que seus familiares são pessoas bastante conhecidas e relacionadas, em função de seus dotes intelectuais e desportistas. Seu pai, por exemplo, era jornalista e também ocupou o cargo de Solicitador do Estado. Um de seus irmãos foi jornalista e escritor, e o outro foi desportista-campeão de Olimpíadas da cidade de Belém e do Norte do País.

François, ao mesmo tempo em que se valoriza por ser "filho legítimo", demonstra a consciência de sua condição de "ovelha negra" da família: "me eduquei porque meu pai era um preto de prestígio e era Solicitador. Tenho meus irmãos, minhas irmãs, todos formados: o único que não se diplomou fui eu porque meu diploma é esse. Eu cursava o 2º ano ginásial

(18) Constate-se a afirmativa na situação social do Tambor-das Flores, e nas notas de rodapé do Capítulo I.

quando me apareceram essas coisas... minha mãe e meu irmão eram contra isso, mas vendo meu sacrifício, que eu estava sofrendo muito, bebia muito quando Seu Exu chegava... o jeito que teve foi me deixarem". François, vendo-se "perturbado", sem ajuda da família, procurou a "mãe-de-santo" M.A., que se recusou a ajudá-lo, dizendo que não podia "dar jeito" nele.

Por volta da década dos 50, François conhece os integrantes do 19º B.C. da Bahia, que estava de passagem por Belém. Fez amizade com aqueles militares e recebeu convite para ir à Bahia "porque eles gostaram de ver meu modo de dançar". Viajou para aquele Estado, mas confessa que lá não teve apoio de seus amigos militares. Na Bahia foi que conheceu muita gente "do santo": Luidinho da Formiga, pessoa com quem morou e que muito "lhe prestigiou", conheceu a "mãe-de-santo" Iza, os "pais-de-santo" Manoel Cândido de Souza e Manoel Rufino, com quem "fez o santo". Fez seu santo no dia 14 de dezembro de 1952 no Terreiro do Berú (nome do terreiro do Manoel). Nesse terreiro foi onde "eu deitei, raspei, pintei e catulei (+) e tenho um irmão de dentro da lei de São Salvador que prova! François foi "feito" pra Oxumaré, santo seis meses do ano fêmea, seis meses do ano macho, mas diz que houve guerra de santo na disputa do filho.: "um dia eu estava na roça do "pai-de-santo", então eu vi "meu-pai-de-santo" conversando com minha "mãe", que foi minha "mãe-pequena": - Iza, como é que nós vamos fazer com esse homem? Três santos grandes". Ela disse assim: "-Olha Rufino, vamos fazer uma coisa: joga Olê Ogum Edê, bota Oxum pra Oxumaré que é o que ele senta porque é grande, bota Oxum como a genitora dele. E foi assim que fiz... eu raspei Oxumaré e sentei Oxum como a genitora e Olê Ogum Edê ficou parte. "A guerra de santo todavia não lhe deu nenhum problema. Sobre sua "feitura", relembra que sofreu "o que o diabo enjeitou no inferno por causa desse santo, porque eu não tinha dinheiro, não tinha nada e meu "pai-de-santo" exigia coisas absurdas. Eu lavei roupa, dava banho nas filhas dele. cozinhava, fazia tudo por causa do santo que eu tinha feito. E eu passei três anos na roça do candomblé pra pegar o santo que eu tinha feito de graça. Já "feito", um dia seu "pai-de-santo" o chamou e disse: "-Meu filho, você já está homem feito no santo, agora vá procurar sua vida". François, que não tinha para onde ir, acabou indo morar com uma irmã-de-santo que vendia pato no Forte de São Pedro. Depois andou pela casa de outra irmã-de-santo, até que "me dei com um rapaz amigo que tinha casa no Rio de Janeiro e que me disse: "-Olha, Goreense, por que tu não vais em-

bora para o Rio ? Aqui na Bahia não está dando mais prá ti". O amigo lhe deu passagem e ele seguiu para o Rio de Janeiro, onde permaneceu um bom tempo lá, "fazendo" duas "filhas-de-santo". Conta que na Bahia e no Rio de Janeiro dançou nos maiores candomblés, e lá se deu com "muita gente boa": Tancredi Nunes, Atila Nunes, Tancredi Oliveira, José Ribeiro, pessoas que ele considera "grandes no candomblé" e com quem ele "combatia". Outra grande amizade sua foi José Ribeiro, repórter da revista "O CRUZEIRO". Naquele tempo, José Ribeiro fazia viagens para a África, e numa daquelas viagens levou François, "onde eu vi Nanã Buruquê, eu vi Oxumarê, eu vi Dan, Oxum, Xangô; tudo isso eu vi. Vi sim!" Na volta da África eu concedi muitas entrevistas, e até saí naquele livro do Pierre Verger!". Após regressar, permaneceu no Rio e "aí eu vim a Belém. Passei seis meses aqui, aí eu voltei para o Rio. Foi nessa minha ida para o Rio que não prestou mais para mim. Perdi minhas jóias todas na Caixa Econômica. Perdi tudo. Não sei se o santo estava aborrecido. Não sei o que foi". Resolveu voltar para Belém, coisa que fez com a passagem dada pela senhora I.C., que ele conhecera da primeira vez que estivera em Belém, já "feito", porque "ela gostou muito de mim, porque tinha um problema na vida dela e quem resolveu foi Seu Juremeira na minha cabeça. Foi quando ela tocou um tambor na casa do finado M. C. (ainda eu tenho a roupa guardada que ela me deu em agradecimento: toda bordada de veludo vermelho). E quando eu voltei nesta segunda vez foi então que ela me chamou para eu abrir aquele terreiro dela na Marquês de Herval". "E quem botou tudo lá fui eu. Tudo, desde as armas até as zanas em tudo, na cumieira".

Conheci François nessa época em que acabava de estruturar o Abassã Afro-Brasileiro Noxi D'Otã, no qual ele era babalorixã, enquanto que Clotilde, a proprietária, era "yalorixã" do mesmo. Um dia, François teve uma desavença com uma "filha-de-santo" e nessa desavença Clotilde tomou partido da "filha" e desprestigiou François. O conflito resultou em relações de assuntos particulares das pessoas envolvidas na briga. Houve denúncias e registros de queixas na Polícia contra François, que foi preso e que passou um dia e uma noite no xadrez da cidade". Não posso negar, todo mundo sabe disso, o jornal rasgou... eu me aborreci, e quando saí da prisão às três horas da tarde viajei para Manaus. François, que sempre tivera desejo de possuir sua própria casa de culto, ao voltar de Manaus decidiu: "vou ter vergonha na minha cara e vou abrir minha casa de candomblé. Foi então que eu abri minha casa lá na Vila São Gabriel na Duque de Caxias".

Por ocasião da pesquisa, François estava recém-mudado e não havia terminado de "levantar seu barracão". Mas, embora seu "terreiro" não estivesse "tocando", François não estava parado, pois ele continuava suas atividades de jogo de búzio e de cartas, enquanto que cada um de seus "filhos" estava em suas respectivas casas, esperando a reabertura do "barracão" de seu "pai" e o reinício das atividades cotidianas de seu "terreiro". Dos seus clientes de búzio e de carta ele angariava um dinheiro insuficiente para seu sustento, mas esperava juntar uma importância para reinaugurar seu terreiro. Contou que recebia muita ajuda dos clientes e, naquela ocasião, disse: "amanhã mesmo vai estar aqui o dinheiro para eu ver o material da roupa que o santo vai usar na inauguração. Eu tenho uma filha-de-santo que é casada com um rapaz que conseguiu uma graça aqui na minha casa. Então ele veio a mim e disse que vai dar a roupa do santo, que vai gastar tudo, vai patrocinar a festa. E ele já está gastando tudo. Mas eu já soube que andaram cortando, dizendo que é feitiço para Exu, porque a festa é para Jurupari, caboclo com parte de índio, mas que agora está com Exu. Mas eu não ligo - que cortem, porque eu não me comparo, não tenho medo, não tenho receio de me confrontar com nenhum deles".

CASO 2:

Seu nome é Belmiro da Silva, mais conhecido por "pai Belmiro". É solteiro, tem 44 anos, paraense de Belém. Mora em "barraca de palha", numa das passagens de um dos bairros mais pobres de Belém: o bairro do Guamã. Conta que nasceu no ano da Revolução de 30 "numa casinha muito humilde que tinha um caminho que "varava lá pra Estação, e por onde os soldados passavam por dentro da casa para fugir para Bragança". Seu pai era "estudante para aviador, não era casado com minha mãe e foi-se embora". A mãe ficou criando a ele e a uma irmã com "lavagens de roupa, com muito sacrifício". Nesse tempo, morava também na mesma casa, uma tia de Belmiro; mas esta convivência junta não dera certo. A mãe e os dois filhos mudaram-se então para um "quartinho". A mãe continuava "lavando roupa pra fora" e sustentando a si e a seus filhos. Quando Belmiro estava com 12 anos, foi trabalhar na Prefeitura, como "menino do reco-reco" para ajudar a mãe e irmã, que nesse tempo já havia se tornado lavadeira junto com a mãe. Já rapaz, Belmiro se empregou em "casa de família" como cozinheiro. Depois, ainda na mesma profissão, empregou-se em pensão de meretrício. Nesse tempo "fui pe-

gando o negócio da mocidade, fui morar na casa de um amigo; eu dizia para mamãe que eu dormia no emprego, mas era mentira, eu morava na casa de um amigo". Depois de certo tempo, Belmiro começou a sentir-se "perturbado", deu para beber, e bebia quase todos os dias. Um dia, conta que foi convidado para um aniversário. Saiu do emprego e foi direto para a festa. Levava consigo o dinheiro da feira do dia seguinte (naquele tempo, trezentos cruzeiros). "Era uma festa de rapaz solteiro, e nós pegamos dois litros de cachaça, botamos numa panela com meio quilo de açúcar, e quem mais bebeu dessa cachaça fui eu. Depois eu perdi os sentidos e só acordei lá pelas cinco da tarde. Os rapazes me contaram que eu me batia muito, me jogava no chão - parece maluco. Quando eu acordei, dizem que foi quando eu me atuei (mais eu não acredito porque eu estava com muita cachaça na cabeça). Mas o fato é que, quando eu recobrei os sentidos eu fiquei bom, prá mim eu não tinha tomado nada! Eu me despedi e fui embora, mas no caminho tornou a me dar vontade de beber, aí eu entrei no bar e bebi o dinheiro todinho das compras do mercado. Tomei o dinheiro todinho em cerveja! E depois fui a pé para casa... Depois, os meninos que estavam no aniversário disseram que eu tinha Dona Mariana, e que ela tinha dito uma porção de coisas para mim não fazer mais. Mas aí eu disse a eles: "ora, vocês vão atrás disso, eu estava era com a cabeça cheia de cachaça!" Passados uns dois meses, Belmiro foi a um pic-nic num igarapé, onde voltou a beber muito. Nesse pic-nic "eu peguei uma "pira" (sarna) que eu trabalhava sabe Deus como... tomei muitos remédios, remédios frescos, injeções, tudo que minha patroa dava lá na pensão, mas nada de ficar bem. Quando fez quinze dias que eu tinha ido lá no igarapé, eu amanchei bom, bom, bom! Eu fiquei duvidando e tornei a ir noutro pic-nic, aí eu adoeci novamente do mesmo jeito mas passei só oito dias doente... Eu tinha nesse tempo uma patroa que me devia um dinheiro e não queria me pagar, então eu disse que se era alguma coisa de caboclo, que fizesse a patroa me pagar que eu então cumpriria as obrigações que ela tinha mandado. Com dois dias a patroa me pagou, então eu comprei uma "espada" para Dona Mariana... aí eu deixei todas as coisas que ela mandou que eu deixasse e eu fiquei trabalhando cumprindo com minha obrigação".

Depois desses acontecimentos, Belmiro conta que morou com outro rapaz amigo, que "carregava santo". A "mãe-de-santo" deste rapaz havia "malinado com ele, e por esta razão o rapaz havia abandonado a direção de sua casa de culto. Como

havia um "pessoal" que "se tratava" lá, o rapaz achou que Belmiro devia continuar atendendo àquelas pessoas, o que Belmiro fez. Nesse ínterim, a casa foi pedida pela senhoria e Belmiro resolve então retornar à casa de sua mãe, e lá continuar atendendo à sua clientela, que a essas alturas aumentava, pois ele "já estava ficando conhecido de pessoas mais elevadas. Uma senhora achou que eu devia nessas alturas sair daquele emprego de pensão, porque não ficava bem para mim... eu sai do emprego... comecei a fazer uma sessãozinha. Dona Mariana sempre fazendo uns remédios, passando um banho, eu fazendo conforme ela mandava, que é que estou aqui até agora".

Belmiro não tem nenhuma espécie de "desenvolvimento", nem tampouco frequentou nenhuma casa de culto na categoria de - médium. Diz que tudo que faz é "por intuição dos guias", porque sua mediunidade é do tipo "inconsciente". Mesmo a "abertura" de sua casa foi feita com o auxílio dos "guias": "muita gente queria vir abrir a minha casa e eu achava que não devia, porque o pessoal de fora não me conhecia, não sabia que eu tinha isso. Então eu achava que eles vinham para me humilhar, dizer que eu não era de nada e já ia abrir casa e tudo, então eu pedi aos meus guias que me orientassem... tanto que eu comecei a minha casa com o toque de Averequete, não abria com Embarabô; Dona Jarina foi que me ensinou, fez várias sessões ensinando prãs meninas como era que se cantava e tudo, que era prã gente abrir a casa".

"Quanto às minhas filhas, elas começaram a se tratar - uma por causa de uma coisa, outra por causa de outra, problema de marido, problema de doença - nas sessões que eu fazia nas segundas e sextas que começavam de tarde, entravam pela noite e, às vezes, iam pelas duas, três horas da madrugada, e eu já não tinha sossego. Esse pessoal morava por aqui e já andavam se tratando com A, B, C, e não ficavam bom e começaram a procurar aqui. Foi correndo um boato que tinha um pajê por aqui, o pessoal começou a vir e nesse ínterim pegavam santo e iam se acostumando e ficando. Tinha gente que vinha para cá com problema de doença, desenganado de médico; aí, Dona Jarina trabalhava, ou nesse tempo era até mais Dona Jarina, que ajeitava, e com isso o pessoal ia seguindo".

Belmiro não sendo "feito", não "faz" as suas "filhas": suas "filhas" são "feitas" pela "mão-do-guia" na sua "cabeça". Aliás, ele diz que "filha feita" tem apenas duas, as demais tem apenas "banhos de cabeça" "prã elas se desenvolverem bem".

Belmiro é um "profissional", pois diz "viver apenas pro santo" e afirma que "cumpre sua missão" na medida em que "procura viver sempre para fazer o bem", o que comprova pelas atividades que realiza semanalmente (19).

Às sete horas de uma quarta-feira, Belmiro levanta, toma banho, toma café e vai à casa de uma senhora que mora próximo à sua casa. A senhora está aflita com o problema de seu marido fora de casa. Ela pede ajuda para o "pai Belmiro", porque ela não quer ser abandonada pelo marido; ela tem filhos para criar. Na volta da casa da cliente, Belmiro encontra uma outra senhora, dona de uma seara em outro bairro. Ele conversa rapidamente com ela, e se interessa em saber sobre sua saúde, sobre sua operação recente. Em casa, à tarde, Belmiro atende a uma terceira senhora que viera de um município vizinho para lhe pedir que jogasse búzios para ela.

Na quinta-feira, ele acordou mais cedo ainda. Às 6:30 hs. ele fiscaliza o preparo do "afurã" (+) e demais "obrigações" que estão sendo feitas para saudar Santa Maria. Às 8:00 hs., ele atende a uma senhora que fora acertar com ele um "trabalho". Às 10:30 hs., atende a um rapaz que lhe pede um jogo de búzios. À tarde ele tem sessão de "cura". E, nesta tarde, ele toma um "suador" das 15:00 às 16:00 hs. São duas meninas, uma de oito, outra de dez anos, que foram levadas à sua presença, vítimas de "espíritos obsessores". Os espíritos estavam rebeldes, os "trabalhos" foram cansativos e, segundo ele, foram um "pau-de-arara" (+) terrível. Belmiro fica muito cansado nos dias de cura. Nesta tarde, por exemplo, depois do "pau-de-arara" ele ainda teve que iniciar as "obrigações" de praxe. Uma das meninas "sombreou-se" (+) já quase no fim da sessão e, por esta razão, a mesma estendeu-se até às 22:00 hs. Belmiro, já "puro", confessava-se cansado, mas esperou até o fim da "incorporação" da menina.

Na sexta-feira, logo pela manhã bem cedo, o pai das meninas procurava Belmiro para falar sobre a situação das crianças, e também para pedir remédios para suas filhas. Belmiro atendeu-o, acalmou-o, e lhe deu os remédios; à tarde, ele atendeu a um universitário que tinha um trabalho de pesquisa para realizar e precisava de ajuda (informações).

(19) Trabalhei basicamente com Belmiro, pois o terreiro de - François estava em recesso por motivos de construção. Todavia, em função das observações feitas, constatamos que esse tipo de atividade é comum a outros terreiros com os quais convivemos.

No sãbado, Belmiro cumpriu com seus deveres institucionais. Foi ã sede da Federaçã, porque teve de presidir ã reuniã do Conselho do Ritual, do qual ẽ Presidente; no final da reuniã Belmiro foi prestigiar o coquetel de encerramento do curso e entrega dos diplomas ãs alunas que terminaram o "curso sobre Ritual Jurema", ministrado por "Mãe Brĩgida, uma das Conselheiras do Ritual da Federaçã. Apõs o coquetel, Belmiro, o Tesoureiro da Federaçã, a "mãe-de-santo" Brĩgida, sua "filha de-santo" Fãtima e o "pai-de-santo" François, foram todos juntos ao aniversãrio de um "filho-de-santo" de François, de lã voltando somente ãs 4:00 horas da manhã.

No domingo, Tõia Jarina estava fazendo aniversãrio na "Coroa de um filho-de-santo" da casa de Belmiro. O rapaz completava 28 anos de idade, e ela completava quinze anos "em cima dele". Belmiro estava decidido a fazer uma pequena "obrigaçã" para ela. Decidira "tocar" somente para a data "nã passar despercebida". A festa tinha sido planejada para ser pequena, mas acabou sendo bastante concorrida, pois estiveram presentes outros "pais-de-santo", mĩdiuns de outros terreiros, o "pessoal da Federaçã" (amigos), muita gente da vizinhança. A festa acabou atraindo um bom nũmero de pessoas e o barracão ficou lotado. Havia cerveja, pastẽis e salada feitos pelas "irmãs-de-santo" do rapaz, que se haviam reunido e resolvido preparar, conforme disseram, "uma bobagem". E assim a festa perdurou atẽ ãs 2:00 hs. da madrugada.

Na segunda-feira, Belmiro nã teve clientes.

Na terça-feira, novamente os clientes nã apareceram. Mas talvez tivessem aparecido, e Belmiro nã os tivesse atendido. ẽ que ele passara o dia apurando uma "fofoca" que havia surgido no dia anterior. O "pai-de-santo" de nome Olavo, que ẽ muito seu amigo, sempre que viaja, deixa algumas de suas "filhas (as que precisam de constante assistẽncia espiritual) na casa de Belmiro. Durante a ũltima ausẽncia de Olavo, a sua "filha" que ficara na casa de Belmiro oferecera a roupa que Dona Mariana, na "cabeça" de Belmiro, deveria usar no dia de sua festa. Algumas "filhas" de Belmiro, e outras de Olavo, ficaram humilhadas por nã poderem fazer o mesmo, e se mostravam de "cara virada", nã sã com a "filha" de Olavo que fizera o presente, mas com todas as demais pessoas suas amigas. Uma dessas pessoas, o senhor Guido, amigo e benfeitor do terreiro de Olavo, "comprou a briga" da "filha", discutiu com vãrias pessoas, e terminou por ofender o terreiro de Belmiro, nas pessoas das "filhas-de-santo" daquela casa. Belmiro, ao saber

dos insultos, mandou chamar Olavo e lhe disse que, enquanto o senhor Guido estivesse como amigo de seu terreiro, ele, Belmiro, não "pisaria lá".

Tomadas em conjunto, as histórias de vida de François e Belmiro nos mostram os dois como "pais-de-santo" cujos atributos, quer pessoais, quer "no santo", são opostos. Um se diz de boa origem e, apesar de descender de preto, "se educou porque o pai era um preto de prestígio, pois era Solicitador do Estado". O outro é branco, e mesmo que tivesse sido filho de um "estudante para aviador", ele era filho de mãe solteira, lavadeira, e diz que se criou "com muito sacrifício".

Em relação à "vida no santo", François tem "desenvolvimento" completo, ou seja, a burocratização exigida para se envaidecer ao dizer: "deitei, raspei, pinte e catulei meu santo"... o problema é esse, eu sou um homem realizado no santo..." Belmiro, ao contrário, não possui nenhuma condição em termos de carreira religiosa, e ele mesmo não esconde suas limitações quando declara: "... ninguém lavou minha cabeça nem me fez no santo" (20).

Não obstante, essas diferenças individuais, de valores religiosos e profanos, se diluem diante do julgamento da sociedade envolvente. Tanto Belmiro quanto François são "mineiros", portanto para a sociedade eles são apenas "macumbeiros". Sendo homens que optaram pela "vida no santo" e que ne

(20) A possibilidade de médiuns alcançarem o status de pai-de-santo mesmo não tendo "feitura", deve-se ao surgimento dos chamados "candomblés do caboclo". Landes (1967:290) registra que "os cultos caboclos relaxaram grandemente as restrições que cercam as mães" que "sustentam o direito de funcionar sem haver prestado serviços anteriormente e muitas vezes sem terem sido "feitas"; e que "o seu afastamento mais radical da tradição nagô é que os homens podem tornar-se chefes de culto caboclo". Carneiro (1959:17) também comenta esse candomblé e diz "a iniciação pode... deixar de verificar-se de todo (candomblés de caboclo, Bahia) ou a inicianda se desenvolve ao mesmo tempo que participa com as mais antigas das cerimônias religiosas (macumbas); a vestimenta pode ser sacerdotal (o crente, possuído pela divindade, se paramenta com as vestes sagradas desta, como na Bahia), ou sem qualquer destas coisas (Belém e Manaus). Assim sendo, são perfeitamente cabíveis as duas modalidades de carreira, o que não exclui as "derrubações" (pais-de-santos, "feitos" depreciam os "sem feitura"). Todavia, mesmo isto ocorrendo, eu considero ambas as carreiras como válidas, sem achar que os "candomblés de caboclo" "relaxaram" de um "modelo original" nagô.

garam valores e padrões sociais, eles não passam de "bichas" e "desocupados" aos olhos da cidade. E, para ambos, a sociedade tem apenas uma resposta: negar a eles toda e qualquer oportunidade de participação nas esferas do poder; pois sem profissão reconhecida, conseqüentemente não possuem renda, nem gozam dos privilégios daqueles que possuem um status social alto.

Em contraposição, a Irmandade trata Belmiro e François como iguais. Aceita-os como pessoas importantes, pois acata o status religioso de ambos. Reconhece que, tanto Belmiro quanto François, possuem "dom" e que são médiuns que realmente carregam "santo", pois, Belmiro é notório com Dona Mariana, Dona Jarina, Seu Rompe Mato, Tóia Zezinho, Seu Pequeno, Exu Embarabô; enquanto que François é reconhecido com Oxumarê, Tranca-Rua, Seu Juremeira e Seu Boiadeiro. O reconhecimento é comprovado na medida em que ambos, com ou sem a condição "feitura", estruturaram suas casas de culto, galgaram posições de mando dentro de sua Instituição (Federação), e se fizeram notórios dentre a maior parte das facções dissidentes da Irmandade. O que significa dizer que a condição "feitura" não é tão relevante como idealmente afirmam os médiuns. Portanto, diante dessa constatação, pensamos que o sucesso de um "pai-de-santo" tem início quando ele começa por responder às expectativas de um grupo que, em determinado momento, o procura por reconhecer nele uma condição de "e leito divino".

No caso de François e Belmiro, vimos que a vida de ambos foi marcada por três momentos: 1) a "queda no santo" ou o chamamento divino; 2) o "desenvolvimento" ou a resposta ao chamado; 3) o "viver pro santo" ou cumprimento da missão. Essas três etapas fizeram parte de um processo que não admitiu recusas, de tal forma que, entre o primeiro e o segundo momentos, quando eles relutaram, foram castigados com aflições das mais diversas ordens (doenças orgânicas, "sofrimentos", "perturbações", etc.). A resposta ao chamado, se por um lado resolveu essas aflições pessoais, criou, por outro lado, problemas de uma nova ordem, tais como: a "saída de casa", o rompimento com a família, a abdicação por uma possível vivência conjugal, e até mesmo o abandono do emprego, pois a "vida no santo" exigiu deles como se viu, dedicação total e vida solitária, não tendo importância os meios pelos quais estas condições foram conseguidas.

Por outro lado, a "vida no santo" se transformou para eles num mundo de valores que foi oposto e que, muitas vezes, rompeu com os valores da "vida na terra". Este rompimento, além de colocá-los à margem do mundo dos homens, ainda fez com que eles terminassem sendo estigmatizados e estereotipados pela sociedade por sua condição de "mineiros". Isto porque a sociedade tinha uma percepção diferente, quer da sua carreira, quer do seu papel de "pai-de-santo", para ela, os desmaios que anunciam o chamamento divino significa que os médiums são doidos (21). O fato de uma pessoa ter um tipo de atividade profissional que não seja emprego fixo assalariado, e que ganha a vida jogando cartas e búzios significa, conforme se viu no Capítulo I, uma "vida de vadiagem" levada por uns "boas-vida" que vivem de enganar os outros. O comportamento desregrado, que é para o médium uma forma de castigo pela sua indecisão diante do chamamento divino, para a sociedade não passa de "vagabundagem". A abdicação que o médium faz de sua vida conjugal como solução que não atrapalha o "cumprimento de sua missão", é para a sociedade uma consequência esperada, uma vez que todo "macumbeiro" é sempre tido como uma "bicha", um "gilete" ou uma "saboeira". François e Belmiro, no entanto, em determinado momento não hesitaram e se decidiram por uma separação inevitável deste mundo e, abdicando dele, passaram a viver o seu domínio carismático como oposto de toda economia ordenada, governando em virtude da missão divina encerrada em seu dom (Weber, 1969:284/286). E assim o fizeram para cumprirem sua "missão" de "curar", de consolar e de ajudar os necessitados.

Portanto, se um "pai" satisfazia às expectativas das pessoas, ele automaticamente fazia um investimento social de onde obtinha sempre um pagamento. O primeiro sinal de pagamento era a formação de um grupo de pessoas em torno de si, que passava a sustentá-lo. Mas, uma vez formado o grupo, o seu sucesso iria depender de sua habilidade em controlar e manter o grupo unido para que, em consequência, dele lhe viesse um apoio cada vez mais efetivo. Em outras palavras: o seu sucesso dependeria de sua habilidade em saber controlar o as-

(21) Caso que aconteceu com Jair, militar que servia na Aeronáutica, que, por haver se "incorporado" no quartel, recebeu baixa com atestado de insanidade mental. Atualmente é "pai-de-santo" dos mais renomados de Belém.

pecto espiritual e material de sua profissão. Isto é o que procuramos mostrar, utilizando ainda os exemplos de François e de Belmiro.

PRIMEIRA COMPETÊNCIA: - ESPIRITUAL

A expressão "competência: - espiritual" significa o domínio da prática mágica e o conhecimento das regras do sistema que o "pai-de-santo" deve ter, além de poder usar o próprio sistema a seu favor. O exemplo sai das atividades de Belmiro, através das manipulações que ele fez no sistema. Em primeiro lugar, Belmiro é bastante sagaz quando, na prática, estrutura as "encantarias", não da forma simplista pela qual as "encantarias" são definidas (Gráfico III). Porém, ele redefine o espaço sagrado (Gráfico IV) recolocando os espíritos que passam a existir delimitados de um lado, pelas fronteiras do domínio 1, definido como o Céu: a distância; o mundo de Deus, dos Santos; o domínio do Bem, da moralidade e o reino de Oxalá; e, de outro lado, pelas fronteiras do domínio 2, que é próximo: é o domínio dos Homens - é a terra - lugar do mal, da Imoralidade, do reino onde dominam os "espíritos trevosos". Apesar de admitir as correlações Bem - Distância e Mal - Proximidade, ele redefina a estrutura ideal na medida em que faz com que certas categorias permaneçam distantes: senhores, manas zacais, etc., mas explicando que: "Oxalá não desce, mas envia seus emissários para fazerem o Bem". Nesse sentido, ele faz existir e circular entre os dois domínios, os mestres que são espíritos do Bem, a um nível bem próximo dos Homens. Isto permite que os clientes mantenham contactos diretos e freqüentes com as forças do Bem, durante os "trabalhos de cura", realizados semanalmente em sua casa de culto (22). Do mesmo modo, ele faz existir contactos freqüentes entre "filhos-de-santo" e entidades ambivalentes (zaboclos e exus). Portanto, a redefinição da

(22) Cada "pai-de-santo" ajusta também as "encantarias" de acordo com a sua "marca registrada". François, por exemplo realiza "curas" sob a forma de "descargas" e substitui os mestres por exus. Outros "pais-de-santo", principalmente os umbandistas, "trabalham" na "cura" com os pretos-velhos e erês. Outros, ainda, se dão à prática de rituais mistos: "trabalham" na "cura" com caboclos e exus, além de realizarem ainda uma "sessão de mesa", onde "baixam" os "doutrinadores". Como o número de "pais" que faz a "arreada" de erês, pretos-velhos e "doutrinadores" semanalmente é menor, quando traçamos o Quadro IV, representamos essas "forças do Bem" um pouco mais distantes dos homens que as demais.

UNIVERSO SOBRENATURAL

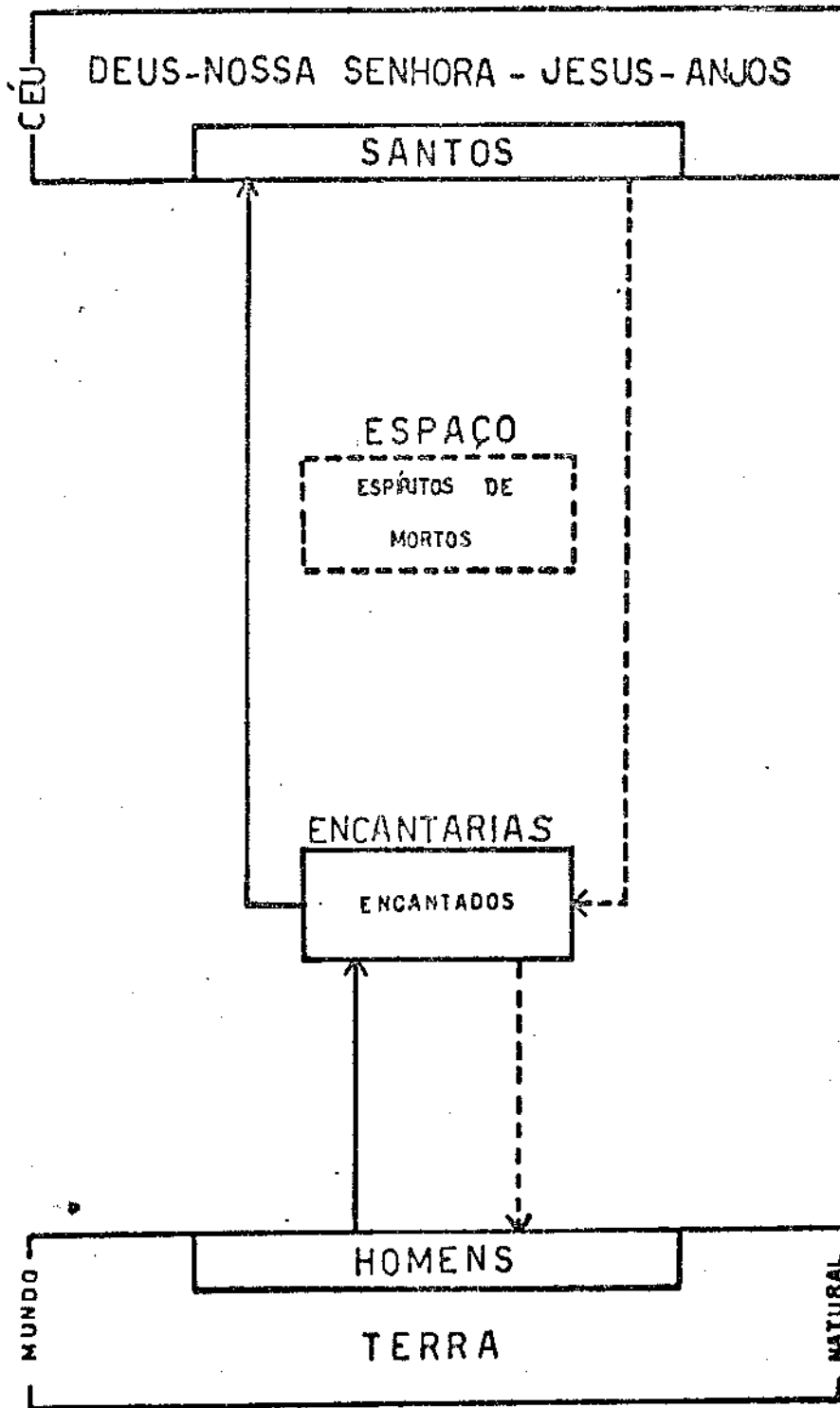
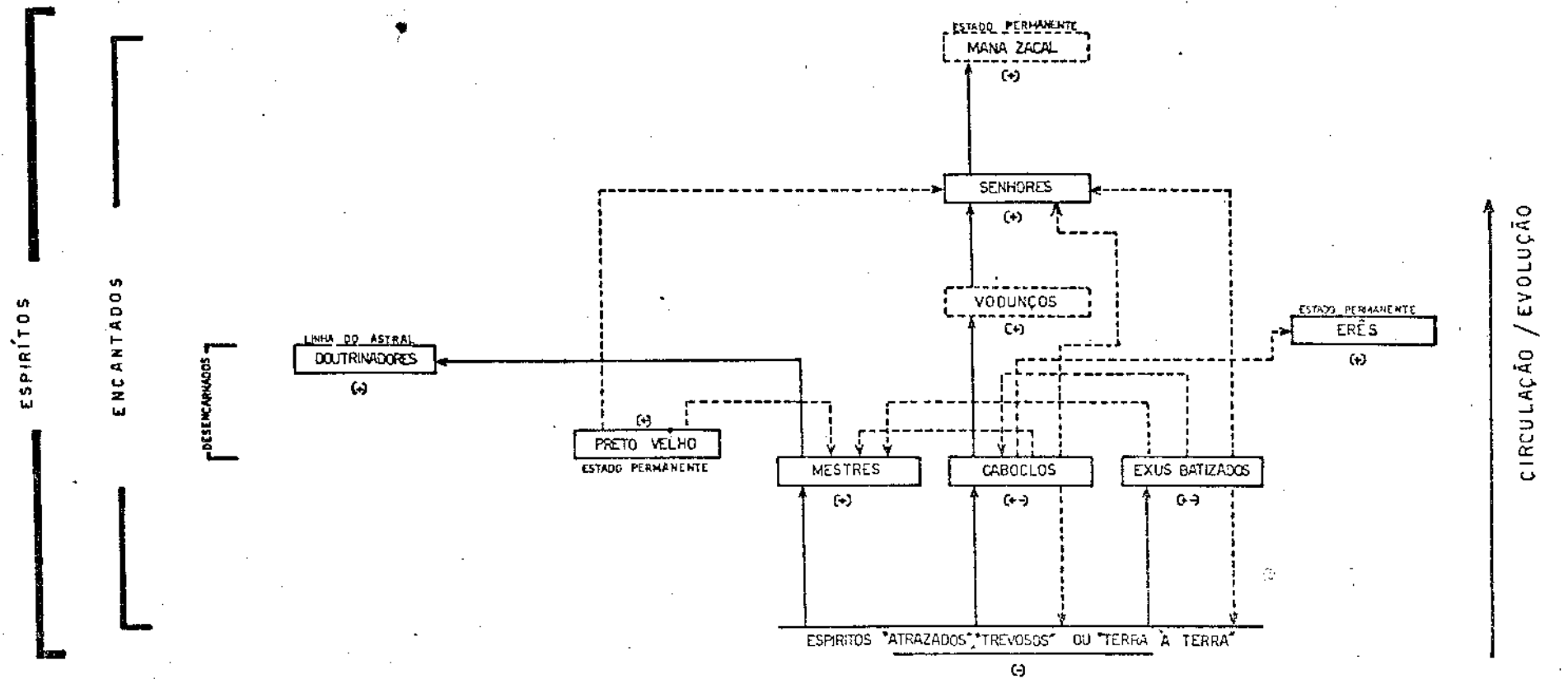


GRÁFICO III

DOMÍNIO 1 : DISTÂNCIA - CÉU - SANTOS - BEM - MORALIDADE - OXALÁ



DOMÍNIO 2 : PROXIMIDADE - TERRA - HOMENS - MAL - IMORALIDADE - "ESPIRITOS TREVOSOS"

estrutura dos "encantados" nos parece ser funcional para Belmiro, na medida em que, por meio dela, ele alcança três objetivos, que são: 1) legitimar seu poder na "parte-do-santo", 2) manter o controle interno de sua casa de culto, e 3) reforçar seu poder no "santo".

Explicitando o mecanismo do primeiro objetivo, temos que começar por admitir como realidade o fato de que a maior parte de médiuns e clientes de Belmiro, como dos outros "pais-de-santo", são pessoas convertidas, que pertencem ou pertenceram ao catolicismo. Da admissão podemos intuir que essas pessoas fatalmente acreditam que vivem num mundo de pecado, que já nasceram pecadoras, e que continuam pecando, sentindo-se, por conseguinte, à margem da "graça divina". Portanto, elas vivem impregnadas de um complexo de culpa e visualizam os "espíritos perfeitíssimos" (Deus, Anjos, Santos) como distantes, porque com eles nunca conectaram. Finalmente, elas esperam um dia se encontrar com os "espíritos perfeitíssimos", mas na trágica situação do "juízo final". Em contraposição, através de sua prática mágica, Belmiro dá ao grupo uma mensagem contrária, ou seja, uma mensagem de fé, esperança e compreensão, na medida em que explica que "Oxalá não "baixa", mas manda seus "emissários" do Bem - os Mestres -, que naquele momento estão ali a fácil alcance de todos.

A esta realidade acrescenta-se o fato de que o grupo não encara seu mundo como possuindo um caráter exclusivamente técnico, pois o grupo acredita que nele existem também elementos de ordem sobrenatural (Matta, 1973:73), no caso em questão, os espíritos. E, uma vez que se admite essa existência, quer me parecer que a partir desta admissão que se começa a fazer a legitimação do poder dos "pais-de-santo". No exemplo das duas meninas vítimas de "espíritos obsessores", Belmiro foi talvez o único profissional capaz de domar e controlar as forças sobrenaturais malignas que afligiam e prejudicavam as meninas pacientes. Também ele foi aquele profissional competente porque ele curou. Com isso, ele demonstrou aos leigos (clientes), competência na sua profissão, na medida em que demonstrou saber manipular as forças do Bem, pois conseguiu dominar as forças do Mal em favor das criaturas necessitadas. Para os entendidos (demais médiuns) ele provou que realmente conhecia o sistema, na medida em que, numa "sessão de cura", fez a "chamada" dos mestres, ou seja, daquelas entidades que, de acordo com as regras fixas do Batuque, eram as

que realmente deveriam ser as "chamadas" naquele tipo de "trabalho".

A esta competência que o legitima, anexa uma outra que enfatiza seu "poder no Santo", isto é: seu conhecimento da "lei do Santo" e sua faculdade de ser um "mêdiu[m] de incorporação". Ainda no caso das meninas, vítimas de espíritos obsessores, quando Belmiro retirou o espírito obsessor da criança, na verdade ele praticou o Bem, através da expulsão das forças do Mal que a afligiam. Mas automaticamente, ele libertou uma força maléfica, um espírito que (liberto) poderia ou não vir a "perturbar" outra criatura. Disto se conclui que o "pai-de-santo" é o agente que, se por um lado, alivia e cura uma pessoa X, por outro lado ele é o agente que, mesmo de forma involuntária, pode potencialmente vir a perturbar uma pessoa Y. Além disso pode, inclusive, prejudicar outras pessoas deliberadamente, uma vez que se sabe que ele é um indivíduo que goza de intimidade com as desconhecidas forças sobrenaturais.

Quando em transe, Belmiro e François tornam-se implicantes e vingativos (Belmiro / Dona Jarina); debochados (Belmiro / Seu Pequenino); maléficos e interesseiros (François / Tranca Rua) (Belmiro / Exu Embarabô); andrógino (François / Oxumaré). Dessa forma, eles usam suas "marcas registradas", que serão, ou criadas por eles e de uso situacional (Belmiro / Seu Pequenino, François / Seu Juremeira), ou farão parte de sua personalidade e de sua identidade (Jair de Guapindaia).

O uso dos "santos" como "marcas registradas", seja por Belmiro, François ou qualquer outro "pai-de-santo", lhe dá chances de poder romper com os valores da sociedade - padrões morais (Oxumaré e andrógino) - sem que eles respondam pelos seus atos. Sendo "encantados", eles ameaçam a sociedade sob outras formas pois dispondo de forças incontrolláveis, eles insistem em desafiar as

formas de sanção social de que a sociedade dispõe (23).

Também o "pai-de-santo" quando em transe, representa um perigo ao nível individual, quer esteja "puro", quer esteja "incorporado". Se "incorporado" pode "malinar" com as pessoas, uma vez que, sendo a "incorporação" um fenômeno incontrolável, o "pai-de-santo" pode se transformar num espírito vingativo ou trevoso, praticar o mal, sem poder responder pelos seus atos. Estando "puro", sabe-se que ele tem capacidade e conhecimento suficientes para fazer "demandas" ou retornar "porcarias", até mesmo para seus amigos.

Sucedo que existe uma ocorrência inversa. Mesmo um "pai-de-santo" tendo atributos negativos e sendo um elemento perigoso aos níveis coletivo e individual, sua aceitação começa no momento em que o grupo percebe que nele reside, paradoxalmente, a defesa do perigo que ele mesmo representa, pois sendo o "pai-de-santo" um profissional, ele é das poucas pessoas que sabe controlar e domar as forças sobrenaturais, que são ambíguas e que amedrontam as pessoas.

Poderíamos então concluir que, do ponto de vista dos clientes, a aceitação de um "pai-de-santo" vem de sua competência em ser o único intermediário entre as distantes forças do Bem e elas, criaturas pecadoras e sem merecimento; pois o "pai-de-santo" em transe como um "guia da luz" (um doutrinador por exemplo) representa uma forma de perdão ao fácil alcance dos pecadores.

(23) Há um ano e meio atrás, saiu num dos jornais da cidade a seguinte manchete: "Fantasma Assustam Marambaia" ("A PROVINCIA DO PARÁ", 18/01/74, pag. 7, 2º caderno). Eram pedradas sobrenaturais que atingiam as casas de um dos conjuntos da COHAB, no Bairro da Nova Marambaia. Chamou-se a Polícia; esta fez um inquérito, levantou como suspeitos alguns "macumbeiros", e tudo quanto apurou foi que as pedradas eram arremessadas em altas horas da noite por uma senhora quando "incorporada". Sendo espírito, a Polícia se achou sem condições para agir. Dois dias depois, saía uma segunda manchete no mesmo jornal: "Polícia Encerra Caso da Marambaia: Não Pode prender Espíritos" ("A PROVINCIA DO PARÁ", 20/01/74, pag. 7, 2º caderno). Dizia a nota: "... dentro desse quadro, portanto, o que se verifica na Marambaia é um fenômeno de efeitos físicos, pois dona Marilene sendo possuidora de mediunidade, proporciona ao espírito vingativo condições de arremessar pedras para a sua residência..."

Do ponto de vista dos médiuns, o "pai-de-santo" é aquela pessoa que sabe como aliviar suas "perturbações" (mediunidade mal desenvolvida) e também que lhes sabe ensinar, através do "desenvolvimento", a forma de penetrar em sua nova experiência com o sobrenatural e a lidar corretamente com os seres ambíguos que nele habitam. Assim, sua capacidade e condição constituem as determinantes primordiais da formação de um grupo em torno de si, e que o procuraria pelas razões acima citadas.

Sucedem, que uma vez estruturada uma casa de culto, no âmbito interno existem sempre "filhos" rebeldes, bem como um jogo de interesses que cria rixas, ciúmes e fofocas no grupo e que pode resultar em rotura da mesma. Assim, por exemplo, existe entre os "filhos-de-santo" o desejo de mando, de participar da cúpula dirigente de sua própria casa, ou de ser um assessor direto do "pai-de-santo". A competição interna nas casas de culto é portanto uma condição inerente e latente, embora seja sempre negada. Contudo, é muito fácil comprová-la através do comportamento dos médiuns entre si, como sucedeu no exemplo da casa de "pai" Belmiro. A "filha-de-santo" que ofereceu a roupa de Dona Mariana para Belmiro usar na sua festa, foi mal vista pelas suas "irmãs-de-santo", que ficaram de "cara virada" com a outra. E a rixa cresceu ao ponto de colocar em choque dois terreiros e dois "pais-de-santo" que se consideravam amigos. Assim sendo, um "pai-de-santo" necessita ser muito hábil para instaurar a disciplina na sua casa e, na hipótese de ocorrência de rixas entre "irmãs-de-santo", ele deve saber julgar ambos, sem ser apontado como parcial. Também deve ser enérgico, mas sem deixar de ser visto pelos "filhos" como o "pai-bondoso", pois assim fazendo, conseguirá manter a união do grupo do qual ele depende. Tudo isto ele conseguirá se, sabendo usar o sistema, colocar categorias de espíritos positivos com os quais "trabalhe", no mesmo nível de alcance dos espíritos ambivalentes que igualmente nele "arream". Assim agindo, fará com que o controle nas casas de culto seja sempre exercido ao nível místico e os castigos aos médiuns sejam sempre decisões dos "encantados". Observe-se, por exemplo, o fato de que dificilmente - para não dizermos nunca - um "pai-de-santo" estando "puro", castiga seus "filhos". Ele poderá admoestá-los e exigir o cumprimento de formas de respeito para com sua pessoa, como por exemplo exigir que os "filhos" lhe tomem a bênção, mas os castigos que os "fi

lhos" recebem são sempre dados pelos "guias" e nunca pelos "pais". Observa-se também que controlar e castigar é uma atribuição do "guia" de comportamento mais ríspido dentre aqueles com os quais o "pai-de-santo" "trabalha". Por isso, são muito sintomáticos os fatos de que todo "pai-de-santo" possui "guias" de personalidades opostas entre si e também "trabalha" com "guias" que perfazem pares opostos em termos de integridade e ambivalência, como sejam: um senhor e um caboclo; um doutrinador e um caboclo; um exubantado e um "vodunço", e assim sucessivamente. Como consequência, surge a constante de que são sempre as entidades ambivalentes que na "cabeça do pai" "exigem a frequência dos médiuns nos "trabalhos" da casa. São elas que dirigem as "obrigações" e "desenvolvimentos", que descobrem as "patifarias" dos médiuns e que, por isso, os envergonham publicamente; que nos "tambores de peia" castigam os médiuns impietosamente mas que, em outras ocasiões, brincam com os médiuns, dançam, contam piadas jocosas para os frequentadores da casa, pois assim agindo, alegam o ambiente e criam um clima de informalidade e confraternização no grupo. Eis então por que um "filho" dificilmente tem queixas de seu "pai-de-santo", mas tem medo, evita e antipatiza com certos "encantados", por que, de forma inversa, simpatiza com tal ou qual "encantado" por admirar-lhe a personalidade e gostar de conviver com ele (24).

Desse modo, os "pais-de-santo" usam os espíritos como uma forma de equilíbrio entre o castigo e o perdão, entre a ditadura e a democracia. Se por exemplo, durante um "tambor de peia", um "guia" ambivalente e "malino" estiver castigando seu filho de forma exorbitante, é quase certo que no "pai" "baixará" um outro "guia" que por certo será um doutrinador ou um vodunço e que virá para atenuar o castigo do médium. Esses espíritos que agem como forças que se equilibram, nada mais são do que uma estratégia do "pai", que sabe que deverá manter a disciplina de sua casa de culto de qualquer forma, mas sabe também que essa disciplina não poderá ser excessiva sob pena de ele perder os "filhos" de quem tanto precisa.

Finalmente, vejamos de que forma o "pai-de-santo" usará o sistema para reforçar seu "poder no santo".

(24) No "terreiro" de Belmiro, por exemplo, "uma menina não suporta Seu João da Mata porque ele briga com ela". Naquela casa elas "so gostam de Dona Mariana porque ela quando quer ralar "arreia" e vai pra dentro e manda chamar em particular".

Como se viu no Capítulo anterior, todo "pai-de-santo" está sujeito a ver seu nome circular nas "nhigrinhagens", debaixo de acusações que muitas vezes dizem respeito à sua vida particular. Todos os "pais-de-santo", à semelhança de François, quando sabem que são "cortados" dizem que "não dão confiança" porque "a vida no santo é do santo, mas a vida da pessoa é da pessoa". Todavia, eles sabem que isto é relativo, porque eles podem se expor a contrariar as expectativas do grupo, que não deseja ter um "pai" que "vacila no santo" - (+) também podem contrariar as expectativas dos "santos", que à semelhança de Dona Rosalina, podem não aceitar um "filho" ladrão "porque isso pode refletir na sua reputação" (Leacocks, 1972:75).

Sendo ele um "pai-de-santo" tão hábil quanto François, ele usará o ritual como forma de se recuperar diante do consenso e, nos "tambores de peia", durante as "peias de santo" ele se fará receber os castigos que merece e se fará expiar pelos "guias" como forma de satisfação ao grupo (25). Por outro lado, na medida em que ele sofre, mesmo possuindo um status de "pai-de-santo", vale-se desse recurso para demonstrar ao grupo que os "santos" são imparciais, justos e infalíveis. E, uma vez que no transe, ele e o "santo" são uma só pessoa, conseqüentemente, ele reforça seu poder, através da utilização do "Santo".

Portanto, é possível concluir-se que, parte da legitimação de um médium como "pai-de-santo" vem da sua competência sobre o sistema, aliada à sua condição ambígua de ser, simultaneamente, "perigo" e "proteção do perigo" - condição esta que lhe vem da sua faculdade de "médium de incorporação". Por exemplo, foi resolvendo problemas particulares das pessoas que Belmiro (Belmiro / Dona Jandira) conseguiu as "filhas-de-santo" que hoje possui. Como foi também "curando" e fazendo "demandas", "proteções" e "defesas" (François / Seu Juremeira) que este e Belmiro conseguiram uma clientela grande. Ou poderíamos dizer que foi através do "trabalho" daqueles "profissionais" que as pessoas (clientes e "filhos") conseguiram e conseguem se livrar de "espíritos obsessores" ou "alcan

(25) François é apontado como um dos "pais-de-santo" que mais "se mete na bandalheira", e também dos que mais "apanham na Aleluia". Em 1967, ele "apanhou" tanto no seu "tambor de peia" que teve uma veia arrebatada, tendo de ser levado "incorporado" e de emergência para o Pronto Socorro. Os seus "filhos" e demais médiuns interpretaram a "peia" como sendo um "alerta" de Seu Exu, que andava aborrecido com as "cachorradas" de François.

çaram graças" impossíveis. Quer dizer: em consequência da condição "proteção-perigo", inerente aos "pais-de-santo", estabeleceu-se entre estes e o grupo, formas de contrato que seriam os "trabalhos" (de "cura" ou "defesa"). Por sua vez, esses "trabalhos" trazem vantagens para as duas partes. O grupo por exemplo, tem seu lucro à proporção que se torna um aliado daquele agente do "perigo", enquanto que o "pai-de-santo" igualmente lucra porque, além de se impor como "poderoso" e se definir como "bom no santo", passa a possuir um grupo (sua casa de culto) que o aprova e o sustenta. Essas deduções vêm, assim, confirmar as afirmativas anteriores nas quais dizíamos que, na totalidade dos casos com os quais trabalhamos, os "pais" e "mães" não eram assalariados e por isso viviam das doações que seus "filhos", clientes e amigos lhes faziam, e que essas doações eram formas de pagamento, sobretudo das "curas" que o "pai" fazia de graça para sua clientela. Mas, por outro lado, dissemos que o "pai" não podia ostentar essas doações, sob pena de ser acusado de "proveitador de sua mediunidade" e por isso ficar desacreditado pelo grupo. Isto significa dizer que o sucesso do "pai-de-santo" vem, igualmente, da sua competência em termos do aspecto material de sua profissão.

SEGUNDA COMPETÊNCIA: - MATERIAL

"Competência:-material" significa a capacidade do "pai-de-santo" em conseguir apoio do grupo que o cerca, na medida em que sabe usar o mecanismo de troca social.

Vimos, por exemplo, o "pai-de-santo" Belmiro dedicar-se oito horas por dia aos seus clientes, recebendo ou não pagamento pelos seus trabalhos. E, embora se declarando "cansado do pau-de-arara" ele agia daquela maneira porque a prática da caridade "fazia parte de sua missão", pois ele devia "dar de graça o que de graça havia recebido". Aliás, a prática da "missão" era uma ação comum dos "pais-de-santo", e cada um deles, "manifestado" ou "puro", à semelhança de Belmiro e François, dava proteção espiritual, apoio moral e até mesmo ajuda material a todas aquelas pessoas que a ele

recorriam. (26)

Sucedeu que a "missão" daqueles "pais", se bem praticada, transformar-se-ia em vantagem para eles mesmos, na medida em que as pessoas que os procuravam e eram atendidas, se sentiam na obrigação de agradecer, de algum modo, aos favores e atenções recebidas. (27)

Vimos, por exemplo François / Seu Juremeira resolver um problema na vida de Clotilde e receber como pagamento uma "roupa de veludo vermelho toda bordada" e mais o "emprego" de "babalorixã". Graças aos "trabalhos" de François, o marido de uma de suas "filhas" alcançava algo impossível e, em sinal de agradecimento, a François "vestia o santo dele e gastava tudo" no patrocínio de sua festa. Belmiro / Dona Mariana atendeu à clientela de seu amigo. Belmiro ficou conhecido; adquiriu uma clientela própria constituída de "pessoas mais elevadas" e ganhou novo status social, na medida em que abandonava sua profissão de cozinheiro de pensão de meretrício e passava a conviver com "pessoas elevadas". Belmiro / Dona Jandira tratou e resolveu os problemas pessoais das clientes e ganhou "filhas-de-santo". Belmiro / Dona Jarina curou doenças incuráveis dos vizinhos e ganhou clientes e fama. Dessa forma, nas casas de François e Belmiro, assim como na totalidade dos casos com os quais trabalhei, "pais" e "mães-de-santo" não eram assalariados e apesar de tudo não eram miseráveis, pois tinham as doações que seus "filhos", clientes e amigos lhes faziam. Em todas as casas de culto essas doações ocorriam am oca-

(26) Luiza, "filha-de-santo" de Hélio, viera do Maranhão fugida de anos de sofrimentos e maus tratos "nas mãos do marido". Ameaçada de morte, sem emprego, com filhas crianças "para dar de comer", contou que ficara na casa de seu "pai", que lhe dera casa, comida, e a protegera das ameaças do marido. E lá permanecera até o dia em que conseguira se empregar e reorganizar sua vida. Fátima "filha" de Belmiro, tinha problemas seríssimos com um filho (enteado) marginal que era menor. Seu filho terminou preso e ela, o companheiro e o Juiz de Menor não viram outra solução senão mandá-lo para uma colônia correcional. Fátima contava chorando seu sofrimento e afirmava: "Deus me livre se eu não tivesse um "pai-de-santo" que me confortasse". E dizia: "meu "pai" é tudo para mim."

(27) O dever da reciprocidade ocorria mesmo entre as pessoas que eram conscientes do mecanismo da troca social que ocorria de forma subjacente (Eu mesma dava pequenos presentes aos "pais-de-santo" porque me sentia na obrigação de retribuir as horas que eles gastavam comigo, respondendo tudo quanto eu lhes perguntava).

siões regulares, que podiam ser tipificadas em três situações: 1) doações cotidianas; 2) doações em datas significativas; 3) doações em dias de festas dos "santos" da casa. Nesse sentido, cada casa de culto assemelhava-se a uma colônia de animais sociais, onde cada indivíduo carregava diariamente para o conjunto sua parcela particular de contribuições. Raros eram os dias em que o pai deixava de receber pequenos presentes, como cigarros e jornais. Se um "filho" preparava um bom petisco em sua casa, levava uma "prova" para o "pai". Se alguma construção era iniciada no terreiro, havia sempre alguém que se prontificava a doar areia, cimento, tijolos, alegando que "tinha - um resto em casa". E chegamos mesmo a constatar que os presentes iam desde simples objetos de uso doméstico (copos, xícaras para cafezinho) até a ranchos de armazém.

Em datas significativas (aniversário do "pai", Natal, Páscoa, Dia dos Pais, Dias das Mães), os presentes tornavam-se mais personalizados, e incluíam objetos de uso pessoal (confeções, artigos de "toilette", tecidos, "bijouterias"), artigos de luxo e bens superfluos ("posters" do "pai", adornos para o lar) e até eletro-domésticos de valor (rádios, eletrolas, aparelhos de T.V., geladeiras).

Havia uma diferença das doações entre si, pois as do último tipo (em dias de festa dos "santos") existiam de forma menos voluntária do que as outras duas. Em dias de festa do "santo", cada pessoa, fosse ela "filho", cliente ou amigo da casa, se sentia na obrigação de contribuir com flores de ornamentação, bebidas, comidas, toalha para o altar, fogos - tudo isso com a finalidade de garantir o sucesso da festa. Dependendo do planejamento da festa, os "filhos" e alguns clientes e amigos podiam, caso quisessem e pudessem, participar de um grupo de trabalho que funcionava num misto de equipe e putirum. Nessas festas, as doações mais espontâneas diziam respeito à "roupa do santo" (inclusive a "espada"), que quase sempre era presente de algum "filho", cliente ou amigo (28). Foi o caso da "filha-de-santo" de Olavo, que doara a roupa de Dona Mariana à "pai Belmiro", como agradecimento da assistência espiritual que dele recebera na ausência de seu "pai-de-santo".

À medida que se seguia de perto as doações existentes nos terreiros, percebia-se que elas revelavam um intenso mecanismo de trocas recíprocas entre um "pai-de-santo" e as

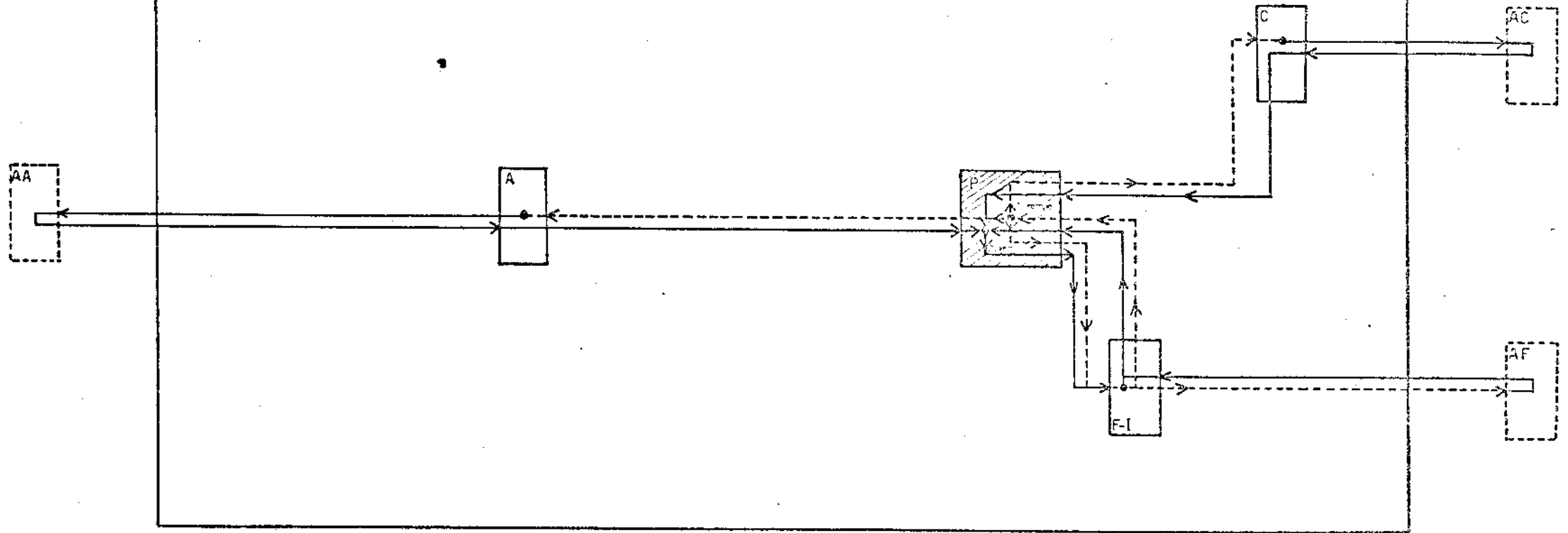
(28) Mesmo que o amigo ou "filho" estivesse fora do Estado, a doação era feita. Doracy, "filha" de Euclides, mandou do Rio de Janeiro para seu "pai" a roupa completa de Seu A - totô. Isa, cliente de João, remeteu do Rio de Janeiro a Blusa de cetim brocado e a "toalha" de renda prateada para a festa de Inhansã de João.

pessoas que freqüentavam uma casa de culto. Se, por outro lado, compreendíamos trocas recíprocas (que será o caso) como todas as formas materiais e imateriais de dar e receber, (29) - então podíamos afirmar que em toda e qualquer casa de culto a norma de reciprocidade era uma constante nas relações sociais, e surgia sempre que o princípio do "dar de graça o que de graça se recebeu" era cumprido. Se um "pai-de-santo" cumpria este princípio, ele dava início a um circuito de circulação de bens de ordens diversas, com pessoas diversas e isto lhe era vantajoso na medida em que, como dissemos anteriormente, ele tinha seu sustento garantido e seu status assegurado através dos três tipos de troca. As trocas perfaziam um circuito que começava fechado na rede interna das casas de culto e que terminava por se abrir e se estender para a sociedade envolvente (Gráfico V). Um gráfico hipotético, mas construído a partir dos casos concretos observados, nos mostra que a circulação das trocas ocorria em dois tempos. No primeiro tempo o "pai-de-santo" "puro" ou "incorporado" dava "proteção espiritual" ou "desenvolvimento" para seus "filhos-de-santo"; fazia "vibrações" (+) ou dava "conforto espiritual" para os amigos e fazia "curas" nos clientes. Como as "curas" eram sempre numerosas e cansativas, o "pai-de-santo" necessitava da ajuda dos médiuns da casa (seus "filhos"), que dessa forma davam seus préstimos mágicos ou não às pessoas através do seu "pai-de-santo". Tínhamos então para o primeiro tempo, o "pai-de-santo" como um agente difusor de dâdivas imateriais para seus "filhos", clientes e amigos, ao mesmo tempo em que era um receptor das doações também imateriais (ajuda nos "trabalhos"), as quais transmitia de imediato aos clientes. Considerando-se que havia reciprocidade nas trocas, existia sempre a possibilidade de um cliente curado gratuitamente pelo "pai", retribuir, na primeira oportunidade, aquilo que havia recebido. Geralmente essa retribuição era feita em termos de dâdivas materiais, onde muitas vezes o próprio cliente recorria a uma terceira ou quarta pessoa sua amiga. Era o caso que observamos na circulação dos remédios. Por vezes o "pai-de-santo" adoecia com "doença do corpo" e precisava de uma série de medicamentos que, sendo caros, não podia adquirir. Então o cliente - que sempre tinha entre seus parentes, amigos ou conhecidos, um médico, um propagandista ou um enfermeiro - con-

(29) No sentido do "sistema das prestações totais" (Mauss, 1950:151).

SOCIEDADE ENVOLVENTE - REDE EXTERNA

CASA DE CULTO - REDE INTERNA



A - AMIGOS
AA - AMIGO DOS AMIGOS
AC - " DOS CLIENTES
AF - " DO "FILHO"

C - CLIENTES
I - IRMÃOS DE SANTO
F - FILHOS " "
P - PAI-DE-SANTO

→ DÁDVAS MATERIAIS
---→ " ESPIRITUAIS
← PARA
← " ATRAVÉS DE

GRÁFICO V

seguia amostras dos remédios e os dava para o "pai". Algumas vezes o próprio "pai" pedia, mas era difícil um "pai" pedir para si: ele pedia muito às pessoas, mas para fazer caridade - a um "irmão necessitado" e, dessa forma, ele conseguia suprir as suas necessidades e as do seu grupo, através das manipulações que fazia na sua rede de relações sociais.

No caso dos amigos, o processo de doação-pagamentos das dādivas era idêntico. Muitas vezes assistíamos a mães aflitas com seus filhos ou maridos desregrados, irem se queixar a um "pai-de-santo". O "pai" as confortava, por vezes lhes dava um "passe", e sempre prometia fazer preces e "vibrações" por aquela pessoa desesperada. Por vezes mandava mesmo que a mãe trouxesse seu filho para "passar um tempo no terreiro". A pessoa que recebia o favor, agradecida, procurava retribuir a caridade que havia recebido - o que sempre fazia - também de forma material. E, como consequência, raros eram os dias em que o "pai-de-santo" não recebia um peixe para seu almoço, um queijo para seu café, um doce para sua sobremesa. Isto são exemplos das doações cotidianas anteriormente apontadas. Os "filhos" que recebiam a "proteção de seu pai", igualmente retribuían da forma que podiam, e ainda que essas retribuições fossem constantes (ajuda nos "trabalhos") ou fosse mais observada por ocasião das "festas dos santos", os "filhos-de-santo" constantemente também recorriam a terceiros, com o objetivo de conseguirem ajuda para seu "pai" - ou sua "casa". Muitas vezes assistimos a "filhos-de-santo", por livre decisão, correrem listas de cooperação entre amigos, clientes e "irmãos", para tentar angariar fundos para fazer reparos no seu terreiro. Em casos de doença do "pai", observamos também que seus "filhos" recorriam aos amigos, no sentido de conseguirem dinheiro para ajudar no custeio do tratamento do "pai".

Tínhamos, portanto, o "pai-de-santo" como receptor das dādivas oriundas de fontes diretas e internas: "filhos", clientes e amigos; e de outras, indiretas e externas: amigos dos "filhos", amigos dos clientes, amigos dos amigos. Esse instante hipotético de convergência era um segundo momento no circuito da circulação de bens, e no qual o "pai-de-santo" funcionava como um centralizador de bens. (30). O maior ou me-

(30) A mesma colocação foi feita por Fry em seu trabalho sobre homossexualidade masculina e a possessão por espíritos (Fry, 1974). Onde diz que o "pai-de-santo" é o centro de uma rede de redistribuição onde os serviços mágicos são trocados por dinheiro que vem do público em geral e dos filhos-de-santo, e onde o dinheiro é investido no terreiro, o qual se torna um símbolo de sucesso. Os componentes cruciais dessas trocas seriam de ordem material e mágica. (Fry, 1974:20).

nor volume das trocas, evidentemente era função do maior ou menor número das fontes de doação, e também determinava a existência de terreiros ricos e pobres.

Por isso, existiam "pais-de-santo" que apresentavam um padrão de vida mais alto, e que possuíam terreiros considerados mais "ricos", em razão da clientela que, sendo grande, fazia com que neles "entrasse mais dinheiro" e, conseqüentemente, que as instalações e o passadio fossem melhores. Mas, se a clientela era grande, e grande era o dinheiro que "entrava", os "pais" nunca podiam usufruir sozinhos daquela "riqueza" porque, além de correrem o risco de descrédito, constatamos que em todos os terreiros havia sempre um grande número de pessoas dependentes do "pai-de-santo". Comprovamos que nos terreiros "ricos" aquela maior "riqueza" era partilhada diariamente por um excedente de cinco a dez pessoas, além do número fixo de moradores da casa. O número de pessoas fixas em cada casa de culto era sempre em torno de seis, entre "pai" / "mãe", filhos de criação, irmãos de criação, "crias" da casa, que normalmente eram uma herança da casa dos pais consagüíneos do "pai"/"mãe" de santo". Algumas vezes os irmãos e filhos de criação do "pai" casavam, mas continuavam a residir no terreiro, com mulher e filhos. Estes, podiam ou não converter-se à crença mas, de uma forma ou de outra, tinham para com o "pai" um relacionamento de consagüineidade - passando inclusive a tratar o "pai-de-santo" como "pai" e "avô". Quanto aos excedentes, estes eram sempre crianças orfãs que eram "dadas" ao "pai-de-santo" para ele "acabar de criar", ou eram jovens indisciplinados que a família, sem condições de dominá-los, mandava "passar um tempo" no terreiro para que eles aprendessem um pouco de disciplina. Geralmente, sobre esses jovens, dizia-se que eles "estavam acompanhados de algum exu". Eles eram quase sempre filhos de clientes e amigos da casa, e muitas vezes seu comportamento era o que havia motivado a ida e freqüência daquele cliente ao terreiro. Chegamos a constatar em terreiros, a existência de moradores filhos de clientes de recursos (comerciantes) que eram jovens que possuíam problemas mentais, mas cujos pais, sem coragem de interná-los em asilos de alienados, aceitavam a oferta do "pai-de-santo" que se comprometia a cuidar deles, por ser muitas vezes a única pessoa que conseguia aplicar-lhe os medicamentos. Quer dizer, no hipotético segundo momento do circuito das trocas, o "pai-de-santo" podia ser considerado um homem rico e importante porque era capaz de carrear e atrair -

para sua casa bens materiais, atenção e cortesia das pessoas. Mas, no mesmo momento ele podia ser considerado um homem pobre, quando era obrigado a redistribuir com seus dependentes tudo quanto recebia.

Podemos então concluir que o "pai-de-santo" que tenha maior número de dependentes e agregados é aquele "pai-de-santo" que vive em eterna pobreza. Talvez isso não ocorresse se a riqueza para os "pais-de-santo" significasse poupança. Mas, uma vez que a riqueza do "pai-de-santo" é sua notoriedade e seu prestígio, para ele será muito mais vantajoso investir em pessoas do que em coisas. Nesse ponto, temos uma equivalência entre o mecanismo das transações dos "pais-de-santo" e o mecanismo dos "potlatch" estudados por Mauss (1950:149 segs). Quero dizer: para um "pai-de-santo", o consumo e a destruição dos bens materiais que adquire devem ser ilimitados, pois o maior prestígio será atribuído àquele "pai-de-santo" que for o mais rico por ser o mais perdulário, pois se ele tem para dar é porque ele tem condições de obter. E ele obterá mais, na medida em que dê mais. Sendo ele um não-assalariado, ele terá que, através de seus "trabalhos" e "toques" obter bens de fora, e eis porque um "pai-de-santo" como Belmiro enfrenta um "pau-de-arara" até tarde da noite. É que, aparentemente desinteressado, o atendimento que Belmiro faz é importante porque cria uma obrigatoriedade de pagamento com alguém, o qual uma vez realizado, dá condições ao "pai-de-santo" de, em primeiro lugar, sustentar o grande número de agregados do qual ele depende para a gerência e manutenção de seu terreiro. Tendo condições de sustentar seus dependentes, em segundo lugar, ele satisfaz às expectativas do grupo que cada vez mais vê seu "pai" como um indivíduo bom, generoso, e que realmente pratica a caridade, ou seja, a "missão divina" que lhe foi confiada.

Vemos então que um "pai-de-santo", para ser tão bem sucedido como Belmiro, terá que ser um agente de bens materiais e um bom gerente de utilidades materiais. Evidentemente, ele viverá de trocas, mas de sua parte as trocas terão que ser feitas sob forma de dâdivas porque isso não somente implica na obrigação da retribuição por parte de alguém que as recebeu, mas supõe dois outros momentos importantes: de um lado, a obrigação de dar; de outro, a obrigação de receber (mauss, 1950:161), e isto lhe confere um prestígio que o tor-

na importante para merecer e receber as honorarias de sua posição. As provas dos prestígios de um "pai-de-santo" de sucesso, como Belmiro, ele as tem quando é procurado por uma clientela numerosa onde se incluem "pessoas mais elevadas", quando é procurado por "doutores" (pêsquisadores) ou estudantes universitários, quando é convidado para participar de coquetês na Federação, ou mesmo quando dirige o ritual da maior festa da Tenda de Umbanda Cabocla Yacira. (31). Essas solicitações que ele a tende e retribui com respeito e cortesia sô lhe trazem vantagens, na medida em que, automaticamente, isto representa a demonstração de seu valor, ou seja: enquanto ele for convidado a dar, ele terá comprovado para si e para os outros que ele tem crédito permanente, além do prestígio que lhe dá, é igualmente importante porque significa uma forma de aliança e de comunhão entre ele e seus aliados (Federalizados), (32) entre ele e seus opositores (Dissidentes), com pessoas simétricas ao seu status social ("filhos"; clientes e amigos), e assimétricos no mesmo sentido ("pessoas mais elevadas").

Quer nos parecer então, que o significativo para um "pai-de-santo" será ele dar, progressiva e indistintamente, bens imateriais que ele "recebeu de graça". Em outra linguagem, poderíamos dizer que ele precisa, cada vez mais, ampliar seus investimentos sociais - o que ele conseguirá à proporção que acrescenta novos contactos na sua rede de relações sociais. Os dados empíricos confirmam essa proposição, pois os "pais-de-santo" de mais sucesso em Belém, são aqueles cuja rede, ao nível da sociedade local extrapolando as fronteiras da casa de culto, se dilui no âmbito da comunidade; e mais ainda: possuem contactos inter-estaduais e, por vezes, internacionais. - François, por exemplo, tem amigos na Bahia e no Rio de Janeiro graças aos quais teve a possibilidade de conhecer a África, de "sair no livro de Pierre Verger", e também de contactar "com muita gente boa". Ele e Belmiro têm clientes e amigos em Manaus, o que lhes é muito útil, não sô pela facilidade que eles tem em conseguir material para suas "curas", como também pelo que eles mesmos confessam: "quando o negócio tá ruim por aqui a gente faz uma viagem prá Manaus".

(31) Que é de propriedade de um dos Dissidentes d- Federação, que por sua vez, diz já ter rompido relações com Belmiro- (ver Capítulo I)

(32) Também pode ser mais uma proposta e trégua, uma vez que todo "pai-de-santo" é um potencial adversário de outro semelhante.

Constatamos também o fato de que, na rede dos "pais-de-santo" de sucesso - como é o caso de François e Belmiro - estão incluídas de forma direta e, na maioria das vezes, indiretamente, pessoas que detêm ao nível local, o poder político e sobretudo o econômico. São geralmente altos comerciantes, industriais, profissionais liberais, gerentes de casas bancárias, ou seja, pessoas que dominam os setores importantes da sociedade como sejam: saúde, educação, imprensa, comércio e indústria que, manipulados direta ou indiretamente, representam lucro para o "pai-de-santo". Assim sendo, poderíamos generalizar e dizer que possuir uma rede de relações sociais do tipo que eles possuem é imprescindível para que um "pai-de-santo" alcance o sucesso. François e Belmiro, por exemplo, tendo clientes em outros Estados, têm mais possibilidades de novos contactos (clientes) a cada viagem que façam e uma nova abertura em sua rede. Por sua vez, a abertura da rede significará para ele ser o credor de um número cada vez maior de devedores, como também um maior número de bens circulantes. E, na medida em que a rede, ao se abrir, cruza categorias de status e classe social, isto significa que o "pai-de-santo", através dos seus contactos e das manipulações de sua rede, consegue aliar estratos sociais distintos: por exemplo, o seu e aquele do qual faz parte um Gerente de Banco. Se, por outro lado, os representantes das camadas altas, chegam até ele de forma direta, como clientes (de "cura" ou simples consulentes de carta), este fato aumentará seu prestígio e notoriedade - não somente pelas "boas amizades" em si mesmas, mas sobretudo pelo aumento de legitimação de seu "poder no santo". Assim, quer nos parecer que o sucesso de um "pai-de-santo", independentemente de sua competência espiritual consiste, em primeiro lugar, no fato de ele saber investir sobre pessoas, ou seja, o "pai-de-santo" tem que perceber que mais positivo será dar e quase nunca pedir e, depois que der, deve saber esperar o retorno das dâdivas. Se ele consegue bem investir sobre as pessoas, ele automaticamente conseguirá transformar sua casa de culto num sistema auto-alimentável do qual, sendo ele o centro, terá que funcionar como uma central de abastecimento e redistribuição da corrente de bens circulantes.

Em resumo: não deve haver uma expectativa de parte do "pai-de-santo" quanto ao retorno daquilo que ele "dá de graça". E, se tivéssemos que estabelecer uma regra geral para o sucesso de uma casa de culto (portanto, de um "pai"), diríamos que nela a reciprocidade teria de ser bastante difusa, talvez no sentido

de "reciprocidade generalizada" de que falou Sahlins (1965:147), onde ela operaria com a finalidade de permitir um débito permanente, onde o dar e o cooperar iniciariam, sustentaria ou seriam a garantia de relações de amizade.

Pode parecer no entanto, que exista uma incoerência quando falamos em "débito permanente" e "festas dos santos" ! que, de acordo com o analisado anteriormente, podem parecer ocasiões de dar ou retorno direto daquilo que o "pai-de-santo" deu de graça. Porém, diante daquilo que observamos, diríamos que as "festas de santo" não existem como obrigatoriedade de retorno, porém representam a nosso ver, apenas um aumento na intensidade das doações.

E, uma vez que admitimos o débito permanente como o principal operador de uma casa de culto, apontaríamos suas principais conseqüências que são: em primeiro lugar, conseqüência de ordem interna, ou seja: o débito permanente ou o ato de dar e receber une o grupo na proporção em que consolida relações de amizade, na medida em que aumenta o conteúdo de sociabilidade em cada casa de culto. Em segundo lugar, ela seria um processo natural que ajudaria o "pai-de-santo" a manter a hierarquia interna que deve existir em todo terreiro, pois na medida que o "pai-de-santo" é sempre aquele que, dentro de uma casa de culto, é o que mais dá, seu ato de dar "é manifestar sua superioridade, ser mais, ser mais alto, "magister" (Mauss, 1950:269), e onde as pessoas que aceitam retribuindo menos, "subordinam-se, tornam-se clientes, e servidores, tornam-se pequenos". (Idem:270).

Observamos que esta superioridade que lhe vem de uma competência, o "pai-de-santo" muitas vezes a exhibe, pois como dizia François: "eles tentam me rebaixar porque o problema é que eu tenho pra dar... eles cortam minha vida... mas eu não liço que cortem, porque eu não me comparo, não tenho medo, não tenho receio de me confrontar com nenhum deles".

A atitude de François é característica dos "pais-de-santo" de sucesso que, conscientes de sua notoriedade, se orgulham de sua competência. Por outro lado, quando um "pai-de-santo" diz eu não me comparo, a afirmativa subentende a crítica que ele faz a algum (ns) outro(s) "pai(s)-de santo" seu(s) rival(is) que "não sabem nada". (33).

(33) Muitas vezes este tipo de crítica é feita sob forma de "indiretas" e "piadas", que são críticas feitas "pelas costas de alguém". Muitas dessas "indiretas", quando denunciadas ao acusado por alguém "leva-e-traz", se transformam em focas; ocorrem os "bate-boca", que podem até ser motivos de sérios atritos.

Este tipo de comportamento, em que se procura humilhar o rival, salienta o fato de que a carreira de um "pai-de-santo" é uma carreira igualitária; e, na medida em que todos os "pais-de-santo" são iguais, eles tem que competir não somente pelo prestígio, como também pela disputa de uma clientela e "filhos", que são os elementos que sustentam seu status. As próprias / "marcas registradas" se bem sucedidas e reconhecidas, tornam-se, a meu ver, o estabelecimento de uma reputação pessoal, que, indiretamente é um lucro, haja visto o grande número de pagamentos enviados pelos "clientes" e devotos aos "encantados". A competição será então um fator constante e importante, não apenas no processo de ascensão de cada líder, como de sua própria estabilidade profissional. O aspecto contínuo da competição é evidenciado pelo grande número de "nhigrinhagens" que circulam, como também pela própria existência das "marcas registradas" dos médiuns. Por conseguinte, levando-se em conta a grande competitividade existente entre "pais-de-santo", e o nivelamento de todos eles, de vez que sua carreira não necessita de pré-requisitos institucionais, a existência de uma Federação, (onde deverá existir cargos e funções hierárquicas), constitui-se num paradoxo, que procuraremos analisar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

A FEDERAÇÃO: CAMPO DE CONFLITOS

A LEGALIDADE COMPULSÓRIA

Até 1964, encontrava-se em Belém um grande número de casas de culto indistintamente chamadas de terreiros, searas, tendas, cabanas e batuques (+), espalhadas pela cidade e funcionando mediante licenças especiais dadas pela Polícia. Essas licenças eram obtidas através do conhecimento dos donos dessas casas de culto com pessoas de prestígio, de influência social e política, que se empenhavam junto às autoridades, no sentido de conseguirem autorizações provisórias para a realização de "toques". Na maioria das vezes, bastava um simples bilhete do Presidente do Diretório Eleitoral do Bairro ao Delegado vinculado ao partido dominante, para se obter uma licença. Outras vezes, eram pessoas conhecidas dos donos das casas de culto que, havendo alcançado benefícios através de "trabalhos" realizados naquelas casas, influenciavam na obtenção de espécies de alvarás que eram liberados pela Polícia, e funcionavam como salvo-conduto para as casas de culto.

Algumas vezes as casas de culto eram indistintamente envolvidas em noticiários escandalosos publicados nos jornais da cidade, pois era grande o número de queixas apresentadas às diversas autoridades policiais sobre o barulho, desordens, bebedeiras, escândalos passionais, pederastia e lesbianismo que os denunciantes diziam ocorrer nos batuques. Esses fatos, dada a frequência com que se apresentavam, faziam com que a opinião pública generalizasse indevida e indistintamente os escândalos a todas as casas onde se praticava o Batuque.

O governo militar que se instalou no Pará em abril de 1964, do mesmo modo que a opinião pública, viu nos batuques

um foco de desordem; e uma vez que aquele movimento militar procurava restabelecer a ordem social ameaçada, a "guerra" contra os terreiros (vistos como "anarquia") era altamente lógica dentro da ideologia do novo sistema implantado (1). Por tudo isso, a obtenção de licenças para a realização de cerimônia ("toques") tornava-se mais difícil a cada dia. Falava-se e temia-se mesmo a ameaça de que os terreiros fossem fechados. Líderes religiosos, tendo à frente os senhores Lucival Luz e Manuel Veras, teriam convencido o então Chefe de Polícia da possibilidade de fundar uma Federação, numa tentativa de manter a ordem dentro da religião. Aceitando a sugestão, o Chefe de Polícia teria convocado os donos dos principais terreiros e searas da cidade para uma reunião. Esta, realizada na 2a. Delegacia de Entorpecentes, resultou numa posição 'ultimatum', de parte da Polícia, no sentido de que fosse fundada uma sociedade de caráter civil, cuja função seria a de coibir os abusos e controlar as casas de culto. No caso de não se conseguir a criação de um poder capaz de dirimir tais escândalos e desordens, os terreiros, sem exceção alguma, seriam fechados.

Deste modo, ainda em 1964, os donos de terreiros tidos como os mais importantes da cidade (Anexo 4) foram reunidos compulsoriamente na Secretaria de Estado de Segurança Pública. Constituíram-se duas juntas: Junta Governativa e Junta Executiva. A esta última coube a tarefa de estruturação da sociedade, dentro do prazo de seis meses. Assessorada pelos seus dois Departamentos, a Junta Executiva cria, a 26 de agosto do mesmo ano, uma Federação que teve como modelo as Federações já existentes nas cidades de Recife e Rio de Janeiro. A 10 de setembro do mesmo ano a Instituição recém-fundada filiou-se à Confederação Espírita Unbandista do Brasil, com sede no Rio de Janeiro. A 15 de outubro, seus estatutos eram aprovados em Assembléia Geral, e era eleito seu primeiro Superior Conselho do Ritual, com o objetivo de padronizar os cultos praticados nos batuques. Posteriormente, a 20 de janeiro

(1) Silva (1975:26/27) mostra o sentido ideológico do golpe de 1964 quando refere: "A agitação manifestada nas greves, nas reivindicações de direitos, de salários que tumultuaram a gestão de Jango Goulart, denunciava o conflito profundo que existia entre as massas urbanas, sem estruturação definida e com lideranças populistas e a estrutura de poder que ainda controlava o Estado... É este conflito de poder que ocupa o centro da luta política e torna impraticável a execução de qualquer programa por parte dos dirigentes. A existência desse conflito fundamental ameaça, por fim, o próprio funcionamento das instituições básicas em que se apoia o poder".

de 1965 ela era reconhecida pela hoje Confederação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Brasil, passando a existir como Instituição de Utilidade Pública pela Lei 892, de 12 de agosto de 1967.

A Ata de Fundação da Federação foi apresentada no Cartório de Títulos e Documentos de Belém, a 21 de janeiro de 1966, onde foi inscrita sob o nº 67.251 no Livro A-3. Seus Estatutos foram registrados sob o nº 48.449 do Livro B-5, com o nome de FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA E DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS DO PARÁ.

Os objetivos aos quais ela se propõe estão expostos no CAPÍTULO I de seus Estatutos:

"Art. 1º - A FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA E DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS DO PARÁ, fundada a 26 de agosto do ano de mil novecentos e sessenta e quatro (1964), com a sua sede na cidade de Belém, capital do Estado do Pará e com jurisdição em todo o território do Estado, filiada à Confederação Espírita Umbandista do Brasil em 10 de setembro de 1964, sob o número 1350, tem por finalidade reunir todos os TERREIROS, CENTROS, SEARAS e CABANAS, com os seguintes objetivos: a) difundir a doutrina Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros de acordo com as leis vigentes e as autoridades constituídas; b) prestar Assistência Social aos / seus associados; c) conceder Auxílio Funeral aos seus sócios; d) prestar conforto / espiritual aos que dele necessitarem; e) promover a defesa dos interesses dos seus associados, concorrendo igualmente para que haja maior UNIÃO, HARMONIA, DISCIPLINA, ORDEM e RESPEITO nos Centros de Trabalho; f) outros benefícios constantes do Regimento Interno, a critério de sua Diretoria".

De acordo com os dispositivos dos Capítulos IV, V, VI e VII, os Poderes ou Órgãos que representam a Federação são os seguintes: a) Assembléia Geral - poder máximo da Federação, constituída pelos sócios fundadores e efetivos, possuindo uma mesa diretora dos trabalhos composta de Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º Secretários; b) Conselho Deliberativo, composto

por sete sócios fundadores e efetivos e 2 suplentes, os quais elegem entre si um Presidente e um Secretário; c) Conselho Fiscal, composto de três membros que escolhem entre si um relator; d) Superior Conselho do Ritual, composto de 13 membros, todos Babalorixãs, Yalorixãs ou Presidentes de Tendas, Searas e Cabanas Umbandistas, tendo assento no mesmo também os Presidentes da Assembléia Geral, do Conselho Deliberativo, da Diretoria Executiva e ainda o representante da Confederação Umbandista do Brasil; e) Diretoria Executiva composta de Presidente e Vice-Presidente, eleitos em Assembléia Geral, 1º e 2º Secretário Geral, Tesoureiro, Diretor de Sede, Diretor de Patrimônio, Diretor de Relações Públicas com respectivos Sub-Diretores; todos os cargos de livre nomeação do Presidente.

Para questões burocráticas, a Assembléia Geral, o Conselho Deliberativo e o Conselho Fiscal, são órgãos de deliberação em diversas escalas, enquanto que a Diretoria é Órgão de execução. As eleições para o cargo de Presidente se fazem por escrutínio secreto, e são realizadas no dia 5 de agosto de quatro em quatro anos. Os mandatos vêm sendo contados a partir do dia 26 de agosto de 1965, data em que foi fundada a Federação e em que tomou posse cada nova Diretoria eleita. Com relação à Diretoria, esta, além de suas competências administrativas gerais (cumprimento dos Estatutos, previsão orçamentária), possui competências específicas para cada cargo. Cabe ao Presidente ao lado de suas atribuições normais (convocações, representações); o direito de resolver casos considerados urgentes; neste último caso, tem como obrigação, apenas dar conhecimento de tais resoluções aos demais membros da Diretoria, na primeira reunião após o sucedido. Todavia, apenas o Presidente é quem, numa instância final, pode concretizar os mandatos financeiros (assinaturas de cheques, ordens de pagamento, etc.). O Vice-Presidente tem as mesmas atribuições do Presidente, mas atua somente em substituição àquele. Os Secretários têm apenas competência de natureza burocráticas. O Tesoureiro tem / sob sua responsabilidade, além da guarda dos valores e títulos da Federação, a arrecadação e organização da renda da Instituição. É o único membro da Diretoria que, ao lado do Presidente, concretiza mandatos financeiros. A Diretoria, de um modo geral, e mais especificamente a Tesouraria, estão em ligação direta com o Conselho Fiscal, uma vez que a competência deste último incide diretamente na fiscalização dos atos financeiros / daqueles. O Conselho Fiscal pode, inclusive, requerer reunião extraordinária ao Presidente do Conselho Deliberativo, quando

estiver seguro de que a Diretoria exorbita de seu mandato financeiro. Quanto ao Conselho Deliberativo, a ele compete a reforma do Regimento Interno da Federação.

Para questões doutrinárias, existe o Superior Conselho do Ritual, a quem compete relacionar as datas festivas oficiais da Federação (1). Esta relação, pelo art. 48 do Capítulo XIII, pode ser aumentada ou diminuída pelo respectivo Conselho. Ao Superior Conselho do Ritual compete ainda a organização, moralização, disciplina dos cultos, e o estabelecimento de normas para as casas de culto, no que diz respeito ao horário e frequência aos trabalhos noturnos - atribuições que conferem a este Órgão um poder para além do âmbito interno da Instituição.

O art. 15 do § 1º prevê reconsiderações de atos desses poderes, a saber: ao Conselho Deliberativo, quando em grau de recursos, se se tratar de ato da Diretoria; à Assembléia Geral, quando se tratar de recurso de ato ou deliberação do Conselho Deliberativo. Quanto às decisões do Superior Conselho Ritual, a competência para julgar os recursos contra seus atos, cabe somente a ele próprio.

Os Estatutos determinam que todos esses poderes deverão ser eleitos em Assembléia Geral, pois conforme o art. 17 do § 2º fica estabelecido que "A Assembléia Geral reunir-se-á ordinariamente duas vezes por ano, sendo a primeira no dia 5 de agosto, para eleição dos poderes da Federação e aprovação do relatório financeiro da mesma. A segunda reunião ocorrerá no dia 26 de agosto em caráter solene para dar posse aos poderes recém eleitos e comemoração da data magna" (fundação).

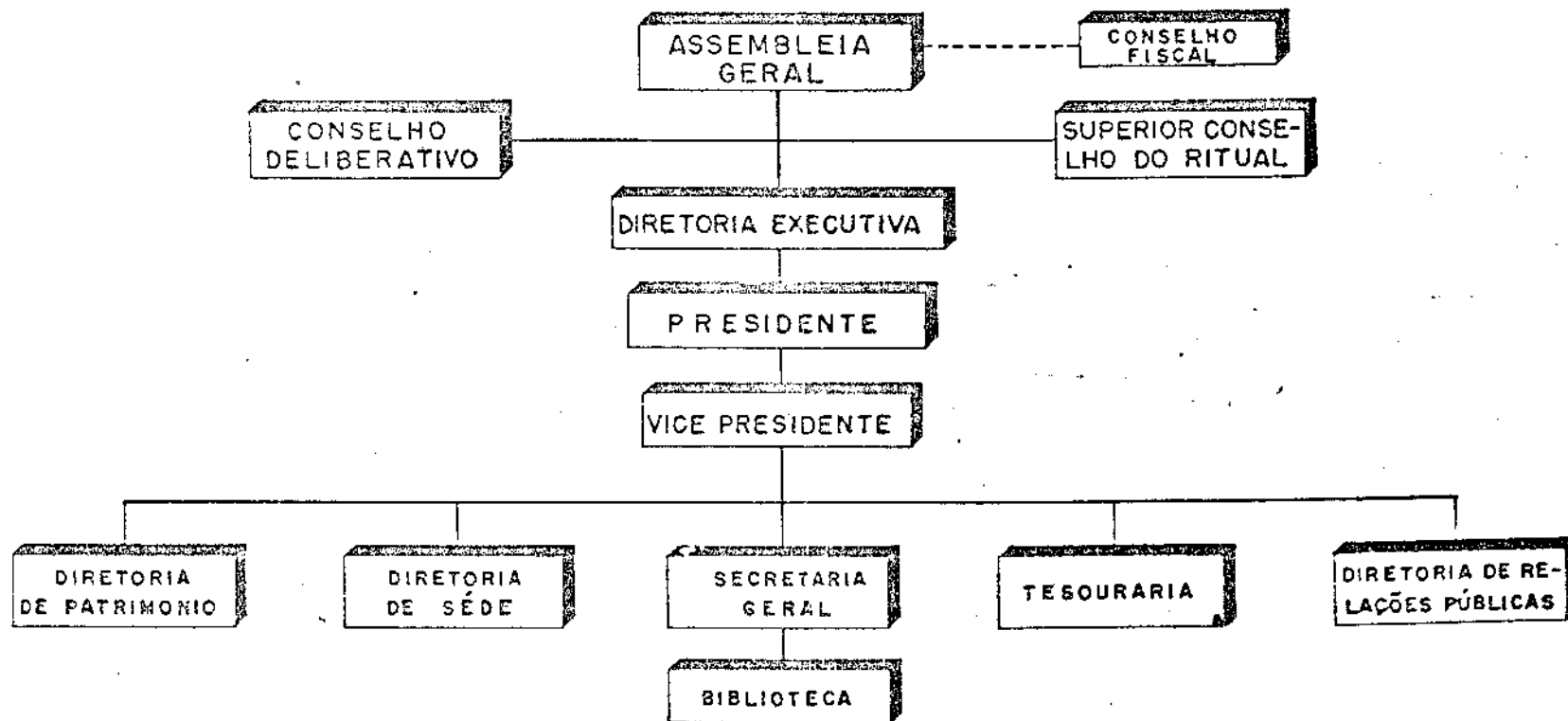
O organograma da Federação (Gráfico VI) mostra que o maior poder da Instituição é a Assembléia Geral. Esta é auxiliada por um Conselho Fiscal, que exerce uma autoridade de assessoria sobre a Assembléia, à qual estão hierarquicamente subordinados o Conselho Deliberativo, o Conselho do Ritual, a Diretoria Executiva e demais Diretorias (a de Patrimônio, Sede e Relações Públicas).

Quanto aos seus associados, o art. 5º dos Estatutos, prevê número ilimitado de sócios assim classificados: FUNDADORES, EFETIVOS, PROPRIETÁRIOS, HONORÁRIOS e BENEMÉRITOS. Funda-

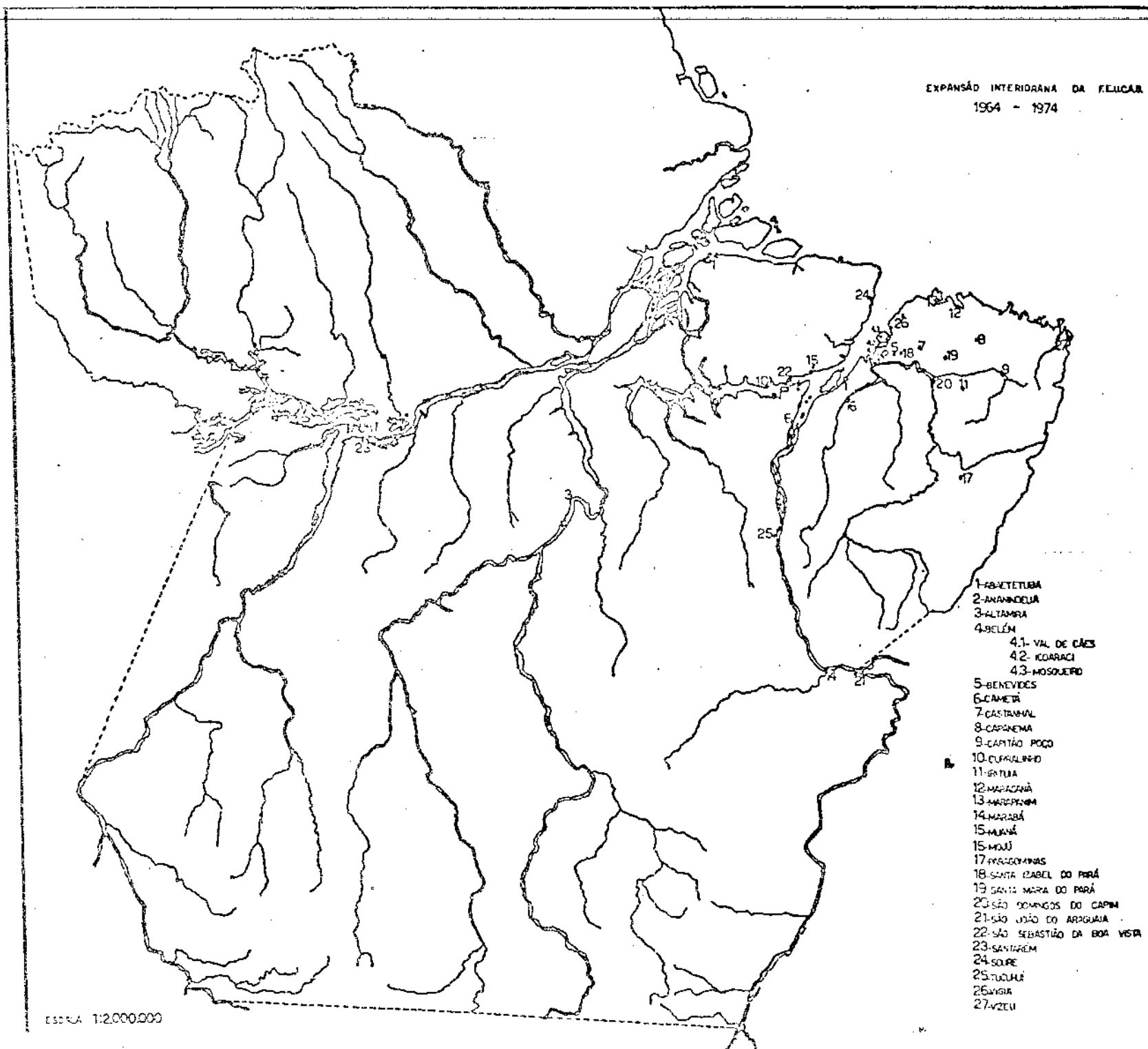
(1) Pelo parágrafo único do art. 47, Cap. XIII, estabelece como datas festivas da Federação as seguintes: OXALÁ (1º de janeiro); XANGÔ (30 de setembro); YEIANJÁ (8 de dezembro); e sessão solene no dia 26 de agosto de cada ano em comemoração ao aniversário de fundação da Federação.

FEDERAÇÃO ESPIRITA UMBANDISTA E DOS CULTOS AFRO BRASILEIROS

ORGANOGRAMA



EXPANSÃO INTERIOANA DA FELICAR
1964 - 1974



- 1-ABATETUBA
- 2-ANANDEUA
- 3-ALTAMIRA
- 4-BELÉM
 - 4.1-VAL DE CÃES
 - 4.2-ICARACI
 - 4.3-MOSQUEIRO
- 5-BENEVIDES
- 6-CAMETÁ
- 7-CASTANHAL
- 8-CAPINEMA
- 9-CAPTÃO POÇO
- 10-CURIALFREDO
- 11-ESTILIA
- 12-MARACANÁ
- 13-MARAPENHA
- 14-MARABÁ
- 15-MARABÁ
- 15-MOJÚ
- 17-MACAGUANAS
- 18-SANTA ISABEL DO PARÁ
- 19-SANTA MERA DO PARÁ
- 20-SÃO DOMINGOS DO CAPIM
- 21-SÃO JOÃO DO ARGUAIÁ
- 22-SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA
- 23-SANTARÉM
- 24-SOURÉ
- 25-TUCUATÁ
- 26-INGÁ
- 27-VZEÚ

ESCALA 1:2.000.000

dores são todos aqueles que, quando da reunião da instalação, se achavam presentes e assinaram a Ata de Fundação da Federação. Os Efetivos são aqueles que foram admitidos posteriormente a essa data. Para as categorias Honorários e Proprietários não há necessidade de filiação religiosa, uma vez que para os Honorários o requisito é o de ter prestado serviço relevante à Federação; enquanto que para os Proprietários o bastante é que tenham subscrito título patrimonial. A categoria Benemérito é privativa dos associados que espontaneamente tenham doado bens e utensílios de valor igual ou superior a Cr\$ 100,00. Os sócios Fundadores e Efetivos distribuem-se em duas categorias: os coletivos e os individuais. Os primeiros são as casas de culto com toda sua estruturação constituindo unidades, enquanto que os individuais são as pessoas em si mesmas.

As casas de culto filiadas à Federação estão obrigadas ao pagamento de mensalidade fixada anualmente, como também ao pagamento de um alvará com validade anual. A realização de "toques" obedece ao mesmo procedimento de qualquer festa de diversão, isto é, há necessidade de prévia autorização fornecida pela Polícia. A Polícia, por sua vez, autoriza a realização de "toques" mediante apresentação do Alvará de Funcionamento assinado pelo Presidente da Federação.

Os sócios da Federação gozam de direitos e têm deveres para com a Instituição. Pelo art. 10 dos Estatutos, os sócios coletivos e individuais são obrigados a pagar mensalidades de Cr\$ 15,00. Os associados em dias com as suas mensalidades gozam dos seguintes direitos: assistência espiritual (conforto); auxílio funeral, assistência social gratuita (serviço médico e jurídico); e também participação em todas as festas oficiais da Federação. Donde se conclui que a Federação existe, em primeiro lugar, como uma sede de assistência social de seus associados; em segundo, como uma avalista religiosa de / seus sócios; e em terceiro lugar, como patrocinadora dos rituais coletivos dos associados.

Em 1965, um ano após ter sido fundada, a Federação congregava 192 casas de culto, todas localizadas no perímetro urbano (da cidade) de Belém. Presentemente (1974), ela conta com 301 sócios coletivos e 1.074 individuais. Dos coletivos, 218 pertencem ao perímetro urbano, enquanto que 83 se distribuem pelos Distritos e Vilas de Icoaraci, Outeiro, Val-de-Cães e Mosqueiro, e pelos Municípios de Ananindeua, Altamira, Benevides, Cametã, Castanhal, Capanema, Capitão Poço, Curralinho,

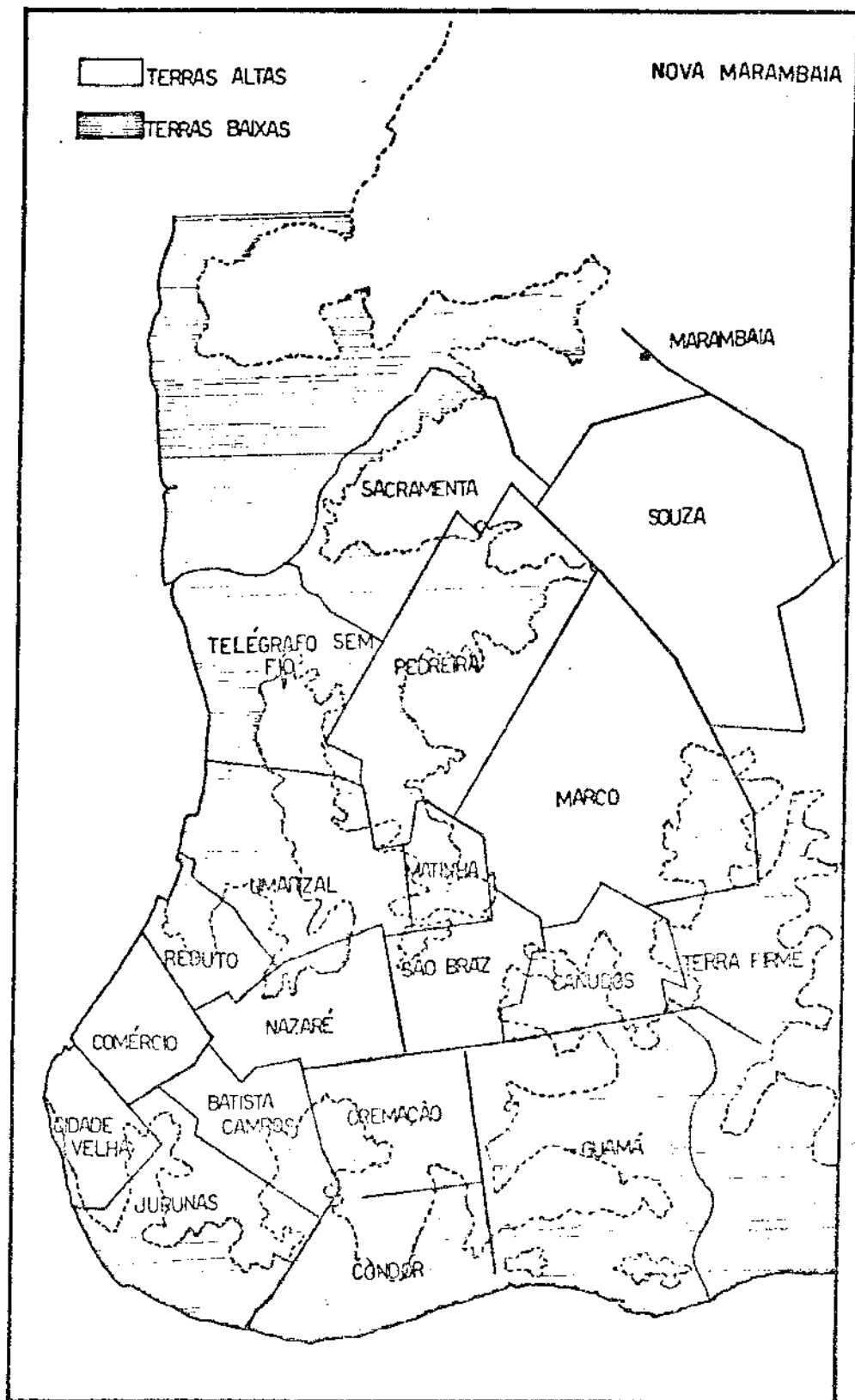
Irituia, Maracanã, Marapanim, Marabã, Muanã, Mojū, Paragominas, Santa Izabel do Parã, Santa Maria do Parã, São domingos do Capim, São João do Araguaia, Santarém, Soure, Tucuruí, Vigia e Viveu. Portanto, pode-se afirmar que o crescimento da Federação na área urbana foi inexpressivo, se comparado com sua expansão para o interior do Estado (Mapa 1).

No espaço urbano de Belém, os sócios (2) se distribuem em toda a cidade: na Área Central (bairro do Comércio) 1,4%, nos bairros periféricos ao centro comercial (Cidade Velha 1,8% e Reduto 0,4%), nos bairros da Zona Sul (Batista Campos 1,8%, Jurunas 8,3%, Cremação 6,4%, Condor 3,2%, Guamã 11%; bairros da Zona Leste (Nazaré 3,2%, São Braz 4,6%, Canudos 2,3%, Terra Firme 1,8%) e nos bairros da Zona Norte (Umarizal 3,7%, Matinha 2,3%, Telégrafo Sem Fio 5,0%, Sacramento 8,3%, Pedreira 13,8%, Marco 10,6%, Souza 2,8%, Marambaia 5,5%, Nova Marambaia 1,8%). Essa distribuição diversificada e aparentemente indistinta apresenta, no entanto, regularidades. Em primeiro lugar, a de que as casas de culto FEDERALIZADAS estão concentradas nas "baixadas" dos bairros periféricos da cidade (Pedreira 13,8%, Guamã 11%, Marco 10,6%, Sacramento e Jurunas 8,3% (Mapas 2 e 3); depois, na paisagem urbana, a incidência dos terreiros se faz nos bairros suburbanos, enquanto a incidência de searas e tendas se faz no centro da cidade, diminui a prática do Batuque e aumenta a prática umbandista (Figueiredo & Vergolino e Silva, 1966:109); além disso, se existem terreiros nos bairros centrais da cidade, estes localizam-se nas "baixadas" desses bairros.

A LEGALIDADE OFICIOSA

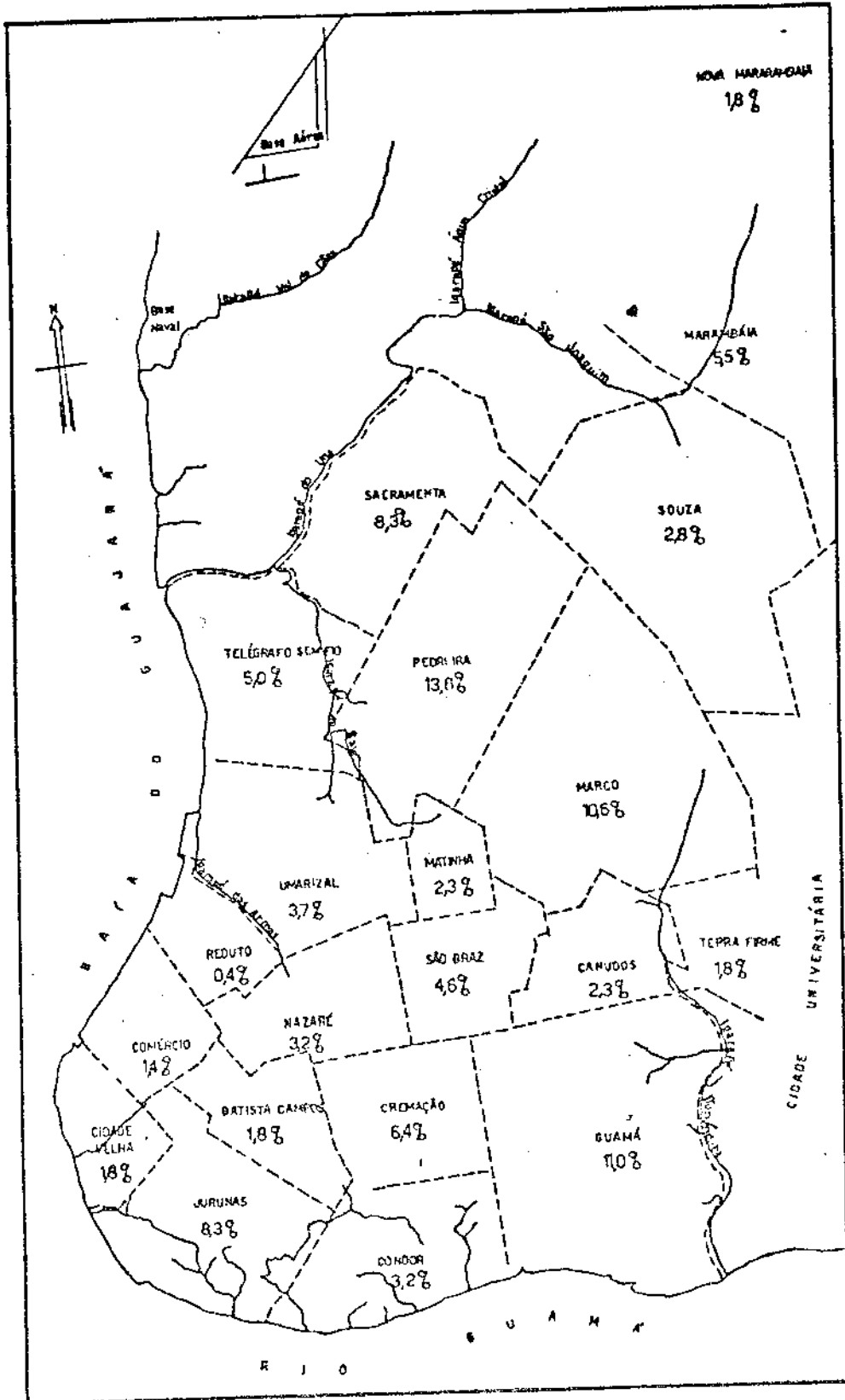
Os Estatutos estabelecem que os sócios da Federação / devem estruturar casas que pratiquem os seguintes tipos de culto: Umbanda, Nagô, Bântu-ameríndio (+) e Jurema. No atual fi-

(2) Não conseguimos dados completos sobre a característica social dos sócios, mas sabemos que na área urbana o percentual de mulheres chefes de culto (75%) é superior ao número de homens (25%). Os homens têm uma idade média de 46 anos, enquanto que as mulheres têm, em média, 47 anos. Dentre as mulheres há uma incidência de casadas (72%) sobre solteiras (28%); sendo que grande parte das casadas são apontadas como "largadas dos maridos". Dados como profissão, cor, renda, não constam do fichário da Federação. Quando indagamos a razão, obtivemos como resposta que aquilo não interessava à Federação, mesmo porque já se sabia "que as mulheres eram sempre domésticas e os homens eram 'aquilo' (veados)".



INCIDÊNCIAS DAS TERRAS BAIXAS NOS BARRIOS DE BELÉM

MAPA III



DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS CASAS DE CULTO DA FEDERAÇÃO NOS BARRIOS DE BELEM

chário da Federação não consta o tipo de culto praticado pelos associados (3), mas entrevistando-se os chefes de culto, percebe-se que nas casas pratica-se simultaneamente a mina, a cura, o nagô, o culto bântu (+) e que os umbandistas, na quase totalidade dos casos, batem pelo menos uma vez durante o mês, de tal modo que eles, umbandistas, passam a ser igualmente mineiros.

O Superior Conselho do Ritual, através de seus Conselheiros não sabe explicar o significado das modalidades de culto que são realmente praticados; não há concordância na definição dos Conselheiros, de modo que a "padronização" de que fala os Estatutos passa a ser assunto de somenos importância. Como consequência da falta de padronização, cada "pai-de-santo" ou chefe de seara ou tenda, registra e define o culto que pratica, de acordo com seu livre arbítrio, fazendo com que os cultos sejam classificados à base de conceitos pessoais e restritos a cada casa de culto - embora existam pontos em comum nessas definições. Ao lado de todas essas classificações contraditórias dos "pais-de-santo" havia ainda a minha, como pesquisadora; pois eu poderia definir os cultos previstos pelos Estatutos, à base de uma literatura africanista que chamaríamos de "clássica". Através dela conceituaríamos umbanda como culto correspondente ao 'candomblé' (Bastide, 1961:17/31); bântu-ameríndio como "candomblé de caboclo" (Bastide, 1971:246). Em função de trabalhos de pesquisa realizados mais recentemente, eu poderia falar de "nagô" e "jurema", não como tipos de culto, porém, respectivamente, como "nação de candomblé" e "mata onde mora a entidade do mesmo nome" (Velho, 1973:182/184). Ou ainda, baseada nessas mesmas / pesquisas, não ter conceitos para definir cultos como o "bântu-ameríndio". Desse modo, essas comparações teóricas, ao lado de me apontarem semelhanças - como no caso da conceituação de "umbanda" (Bastide, 1960), Carneiro (1964), Camargo (1961) e Velho (1973), me evidenciavam diferenças entre as diversas realidades etnográficas trabalhadas pelos antropólogos e sociólogos.

Do ponto de vista do Conselho do Ritual, a definição, por sua vez, era de dois tipos. Havia uma definição ideal, que

(3) No entanto, o antigo fichário fazia constar os cultos que eram: Umbanda, Nagô, Jurema, Mina-Nagô, Candomblé, Espiritismo, Ciências Ocultas, Cartomancia-Astrologia, Mina. Desse cultos dizia-se que eram praticados nos terreiros, terreiros-searas, terreiros brancos, searas, tendas, cabanas, abassãs, recantos e centros.

em muitos pontos se assemelhava às definições registradas para cultos praticados no Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Isto era explicável pelo fácil acesso que os Conselheiros tinham a uma literatura umbandista (à qual eu chamaria "sulina") que é circulante em todo o país, e é vendida em casas especializadas em artigos de umbanda, em mercados e em livrarias (4).

A segunda definição era muito particular a cada chefe de culto, quer fosse ele um membro do Conselho, quer fosse / simples associado. Cada um deles definia seu culto de acordo com a prática ritual peculiar à sua casa, de tal modo que tínhamos definições diversificadas, feitas de acordo com o livre arbítrio das pessoas. Conselheiros e associados, quando entrevistados, justificavam essa diversificação em função do próprio Batuque, pois diziam que aquilo tinha sido "o preceito que haviam recebido", e que por isso sua casa havia sido "cruzada". Também havia uma explicação em termos de desenvolvimento mediúnico, quer dizer, a pessoa se dizia "desenvolvida" nas duas modalidades de culto, porque "desde o começo o guia se manifestara das duas formas na sua cabeça". Isto fazia as pessoas declararem: "eu fui feito na mina" ou ainda, "eu sou feito de ajuntô:- umbanda omolocô", (+) e com esses rótulos se cadastravam na Federação.

Igualmente, não havia acordo em relação a outros conceitos utilizados. Terreiros, por exemplo, era um termo ambíguo, pois em certas ocasiões subentendia a casa de culto. Noutras, significava estritamente o pavilhão de cerimônias públicas, e nesse sentido era sinônimo do termo barracão. Tambor era outro termo igualmente impreciso, pois tanto significava instrumento musical, como sinônimo de festa pública. Frequentemente eu era informada: "vai ter tambor no fulano". Mas se visitava a pessoa em questão, ela ou podia confirmar: "vou bater um tambor", como podia dizer: "vou fazer um toque". De tal modo / que tínhamos tambor e toque como sinônimos de festa pública. Por outro lado, notei que "pai" ou "mãe" que fosse famoso pelos / seus toques, usava frequentemente a expressão festejar; e dizia: "os festejos de meu santo"; e era apontado pelos outros como "aquele que festeja o santo tal", ou seja, aquele que bate

(4) São brochuras editadas, entre outras, pela Editora Espiritualista Limitada (RJ); Editora Eco (RJ); Gráfica Mundo Espiritista (RJ); Edições e Publicações Brasil Editora (SP); Livraria Freitas Bastos (RJ); Editora Saber (SP); Editora RovalT (SP); ou ainda pelas Federações Espiritistas, como a Federação Espiritista do Estado de São Paulo.

um tambor para o santo tal. Dessa forma tínhamos festejar e bater como sinônimos.

Ciências ocultas, cartomancia-astrologia, eram práticas ritualísticas realizadas em searas e tendas por pessoas / que se registravam ou diziam praticar a umbanda. Muitas vezes registrei em casas de umbanda a presença de entidades que eram comum aos demais tipos de culto e vice-versa. Na realidade, diferenciações rígidas entre os cultos não existiam e ficavam resumidas na dicotomia anteriormente apontada: casas com instrumentos musicais e casas sem instrumentos musicais. A dicotomia se confirmava ao nível do discurso com a frequente utilização de expressões tais como as usadas na Federação: "vou bater para o santo tal", ou ainda "este ano não vou bater para tal santo". Desse modo, existia um descompasso entre o que era definido como legal pelos Estatutos, e o que era praticado pelos sócios da Federação. As irregularidades existiam nos próprios Órgãos fiscalizadores - como era o caso do Superior Conselho do Ritual. Naquele Poder, por exemplo, os Conselheiros não eram escolhidos em eleições, da forma como estava previsto pelos Estatutos, pois as escolhas eram feitas à base de convites, que os Diretórios eleitos faziam a "Pais (Mães)-de Santo" de seu círculo de amizade. As modalidades de culto previstas pelos Estatutos não tinham representação proporcional naquele Colegiado, formado por 70% de umbandistas que, ao mesmo tempo, eram mineiros. Um Conselho assim composto poderia ser motivo para a existência de choque entre os Conselheiros no momento em que buscassem a palavra final sobre determinado culto, do qual existisse mais de um representante, - no caso, a umbanda. Todavia, apesar dessas discrepâncias, o conjunto funcionava de tal forma, que não havia disputas por aquele tipo de privilégio. Uma vez reunido o Conselho, todos os Conselheiros opinavam e davam sugestões sobre qualquer assunto em discussão, demonstrando com isso que havia algum arranjo entre eles. Observamos que os conflitos não existiam, e apesar da existência de maior número de umbandistas, cada umbandista era reconhecido / como sendo um "especialista" num aspecto muito particular do culto. Por exemplo: alguns Conselheiros eram reconhecidos como sendo "especialistas" em "trabalhos" com determinadas "linhas", "famílias", "entidades" do mesmo tipo de culto, e algumas "especializações" chegavam a se restringir a certas e determinadas entidades, que por sua vez eram sempre as "marcas registradas" dos Conselheiros. O reconhecimento a essas capacidades individuais dos Conselheiros não surgia no Conselho.

Pelo contrário: cada Conselheiro era realmente reconhecido na Federação como sendo "bom" na sua "especialização", de modo que a posição de cúpula de cada Conselheiro era uma resultante de sua "carreira". As "especializações" conferiam "exclusividades" a cada Conselheiro e, em consequência, cada um deles / passava a gozar dos "direitos autorais" de suas "exclusividades". Por isso, o respeito aos "direitos autorais" de cada um era a única norma reconhecida e respeitada pelos Conselheiros, de modo que o Conselho do Ritual funcionava à base de uma divisão de esferas de atividades dentro da atividade maior que era a de "pai-de-santo".

A partir de 1965, dois foram os mandatos que regeram a Federação: o primeiro de 1965/1969; o segundo de 1969/1973. Na primeira gestão, foi criada a obrigatoriedade de filiação / individual de todos os médiuns pertencentes às casas de culto cadastradas na Federação, ao mesmo tempo em que se criou a Assistência Jurídica aos sócios e fixou-se a taxa de auxílio funeral. Naquele período foi adquirido por compra o prédio onde se encontra instalada a Federação, criou-se a bandeira e as armas da mesma, e obteve-se seu reconhecimento pela Confederação Umbandista do Brasil. Na segunda gestão, período de 1969/1973, aumentou-se o auxílio funeral, e adquiriu-se bens para a Instituição tais como mobília e aparelhos eletro-domésticos.

As realizações da gestão de 1969/1973, se fizeram / noutra ordem, isto é, incidiram sobretudo ao nível religioso. Nessa gestão, o Conselho do Ritual atuou fortemente, instituindo testes (à semelhança de vestibulares), para todas as pessoas com pretensões à abertura de casas de culto. Além disso, o Conselho criou cursos teóricos para dar uma competência mínima aos associados que pretendessem abrir seu "centro de trabalhos".

Por outro lado, ocorreram alterações profundas na Federação desde que ela foi estruturada. Basta que se observe o mapa de sua evolução (anexo 5) para comprovar tal afirmativa. Ainda em 1965, um ano após sua fundação, falecia um dos líderes responsáveis pela sua criação. Este, além de ser componente do 1º Conselho do Ritual, era também seu primeiro Vice-Presidente. Três Conselheiros do mesmo Conselho do Ritual - dois dos quais acumulavam cargos de 1º e 2º Secretários - tornaram-se dissidentes em razão de divergências internas, ou seja, a questão da mudança da sede social da Federação (Capítulo I).

O 1º Tesoureiro foi cassado por ter dado um desfalque, e sua tia, que era Conselheira do Superior Conselho do Ritual, renunciou ao cargo que ocupava. Falecia também uma das mais antigas "mães-de-santo" de Belém, que fazia parte do Superior Conselho do Ritual. Isto significava dizer que, no ano e meio de sua existência inicial, das quatorze pessoas que dirigiam a Federação, apenas metade chegou ao final de seus mandatos. Não houve substituições para os cargos de Conselheiros do Superior Conselho do Ritual. A única substituição que houve foi de natureza burocrática: com as renúncias dos Secretários, que eram religiosos, contratou-se um substituto leigo para a Secretaria. Este indivíduo acumulou então as funções da Secretaria Geral (1º e 2º Secretário). Mais tarde, com a cassação do Tesoureiro, este mesmo sujeito passou a ocupar-se da Tesouraria. Esta situação se manteve até agosto de 1969, quando foram realizadas novas eleições para a Presidência da Federação.

No segundo período, gestão 1965/1969, os cargos de Presidência e Vice-Presidência, foram ocupados por duas senhoras de grande projeção religiosa na Irmandade. Os demais Órgãos ou Poderes da Federação foram todos exercidos por pessoas eleitas ou escolhidas em cargos de confiança, numa situação inversa às improvisações da gestão anterior. Todavia, ainda neste período, observa-se irregularidades, como por exemplo o que ocorria no Superior Conselho do Ritual. Pelos Estatutos, este poder, que deveria ser composto de 13 membros, na realidade era composto por mais de quinze pessoas. Sua regularização somente foi alcançada com a mudança de um suplente (não permitida pelos Estatutos) para a posição de Secretária daquele Órgão, bem como com a renúncia de duas Conselheiras. Estas, abdicaram de suas funções não por irregularidades estatutárias, porém, em decorrência das pressões psicológicas, das maledicências, das "nhigrinhagens" que circulavam em torno de suas pessoas. A renúncia dessas Conselheiras deixou, por outro lado, desfalcada a Diretoria Executiva e também o Conselho Fiscal, uma vez que ambas as demissionárias acumulavam cargos de 1ª e 2ª Secretária, sendo que uma delas era também membro do Conselho / Fiscal. Ao lado dessas sucessivas desistências e renúncias / que já vinham sendo observadas desde a primeira gestão, outras alterações ocorreram neste segundo mandato. Alguns membros / que ocupavam cargos de Chefia tiveram que renunciar, ou de forma voluntária (como no caso das citadas Conselheiras), ou compulsoriamente, por problemas de ordem legal (como no caso ocor

rido com a Presidente da segunda gestão). Em viagem que fez ao Rio de Janeiro, aquela Presidente levantou na Confederação Umbandista do Brasil, um empréstimo em nome da Federação Umbandista do Pará. A verba foi liberada mas a mesma foi retirada e depositada na conta particular da Presidente. O Tesoureiro descobriu a irregularidade, denunciou-a aos Poderes competentes, de modo que a Presidente foi cassada (5) e substituída / pela Vice-Presidente, que desta forma terminaria o mandato da segunda gestão. Mas, de uma forma ou outra, do mesmo modo que na gestão anterior, a segunda gestão terminou seu mandato desfalcada da maioria de seus membros (anexo 5).

O afastamento da Presidente de seu cargo, as renúncias dos Secretários de seus postos, deixaram a Federação virtualmente acéfala quanto à Diretoria Executiva, que ficou contando apenas com uma Vice-Presidente em exercício e um Tesoureiro, uma vez que não houve substituições para os demais cargos. Sendo a Vice-Presidente muito compromissada com sua Casa de Culto, foi de certa forma difícil a conciliação de seus afazeres e horários. Assim sendo, em todo o seu mandato verificou-se um comando à distância, efetuado mais pelo Tesoureiro. Este, não tendo nenhuma função religiosa, família, ou outra espécie de ocupação, dedicava horário integral à Federação. Ele, além de exercer suas funções específicas, passou a funcionar também como Presidente, como Secretário Geral, como 1º e 2º Secretário, e mais ainda, passou a ser visto pelos sócios como a própria Diretoria Executiva, porque era a única pessoa que os associados sempre encontravam na sede social, e com quem podiam discutir seus problemas. Aliás, esta já era uma situação existente antes mesmo desta gestão. No período anterior (1965/1969), o antigo Presidente, além de ter ocupações religiosas / trabalhava em regime de dois expedientes na ENASA (Empresa de Navegação da Amazônia). Isto lhe acarretava a impossibilidade de conciliação de horários entre um emprego federal, sua família e sua casa de culto. Naquela ocasião, as renúncias dos Secretários e a cassação do antigo Tesoureiro, motivaram que todos aqueles encargos comesçassem a recair sobre a pessoa do atual Tesoureiro, que desde aquela ocasião passou a acumular cargos de confiança da Presidência. A situação irregular era portanto antiga, uma vez que os sócios até então nunca haviam sido convocados para novas eleições. E, mais ainda, eles só foram convocados para eleger o Presidente e o Vice-Presidente da Federação.

(5) A Presidente havia sido candidata lançada pelo Tesoureiro.

Os Estatutos por sua vez, eram omissos quanto à qualificação religiosa dos ocupantes dos cargos burocráticos, e exigiam apenas que os mesmos fossem sócios da Federação. Como os Estatutos eram omissos, a Diretoria através do Presidente, tinha ampla liberdade para escolher os ocupantes dos cargos, sobretudo os cargos de confiança, como sucedia com a Tesouraria. Desse modo, a Federação tinha um Tesoureiro que, apesar de ser sócio da Federação, era leigo (não era "filho" nem "pai de-santo"), e que trabalhava em regime assalariado para a Federação. Por outro lado, as cassações, as renúncias e os abandonos de cargos, haviam resultado numa improvisação de chefias / dentro da Federação, sobretudo ao nível da Diretoria Executiva. Vimos que naquele Órgão, o poder era dividido apenas entre duas pessoas: a Vice-Presidente (que chamaremos pessoa A), e o Tesoureiro (pessoa B), sendo que este, à proporção que tomava as decisões da Diretoria, rompia a hierarquia estabelecida pelos Estatutos. Por esta razão, foi difícil, senão impossível, traçarmos o estilo, ou melhor dizendo, a política de governo de cada Presidente. Mas de tudo quanto vimos observando, percebemos que, desde sua fundação, duas foram as atuações mais concretas na Federação: a do Tesoureiro, e a do Superior Conselho do Ritual. O que não significa dizer que as gestões como um todo, mesmo funcionando de forma irregular, tenham deixado de ser dinâmicas. Na verdade, a hierarquia e as atribuições do poder a quem de direito, estavam completamente irregulares; mas a inversão de chefias, as desistências, as ocupações pessoais não nos parecia ter prejudicado em nada a expansão e o crescimento da Federação, pois este se mostrava bem mais expressivo, se comparado às facções dissidentes da Federação (Gráfico I).

As irregularidades extrapolavam o nível da Diretoria Executiva. Os Estatutos, como foi visto, definiam que o poder na Federação deveria ser de duas naturezas: um poder de competência essencialmente burocrática representado por uma Assembleia Geral, que existia ao lado de um poder de competência espiritual representado pelo Superior Conselho do Ritual. Os Estatutos determinavam implicitamente que o poder espiritual deveria ser submetido ao poder burocrático, uma vez que na Federação existia uma Assembleia Geral que deveria exercer uma autoridade de linha sobre todos os Órgãos ou Poderes da Federação. Mas esta hierarquia, nitidamente prevista pelos Estatutos, existia apenas em termos ideais, pois ao nível da prática, o poder espiritual se equivalia e equiparava em termos de auto

nomia com o poder burocrático, em primeiro lugar, porque o Conselho do Ritual não vinha sendo subordinado à Assembléia Geral, como deveria ser e, em segundo lugar, porque a Assembléia Geral, que deveria eleger todos os seus representantes nos diversos colegiados, somente vinha escolhendo seu Presidente e Vice-Presidente; estes, por sua vez, eram sempre candidatos / lançados pelos grupos da situação. De modo que a Assembléia / Geral transferia todo seu poder às Diretorias Executivas que / se sucediam.

O Conselho do Ritual era composto, como se viu, de quinze membros: o Presidente (C); o Vice-Presidente (D); o Delegado da Confederação (B); os Conselheiros (A,E,F,G,H,I,J,L,M,N,O); e a Secretária do Conselho, que por ser "filha-de-santo" do Presidente e votar sempre acompanhado seu "pai", Chamaremos de (C'). A irregularidade numérica não chegava a ser visível, pois dois conselheiros (L,M) dificilmente compareciam às reuniões: o primeiro, por incompatibilidade de horários e afazeres; o segundo por desavença (6) com o Delegado da Confederação (B). Do mesmo modo os Conselheiros (I,N) estavam sempre / ausentes das reuniões, alegando os mais diversos motivos particulares. Desse modo, restavam como membros assíduos: o Presidente (C), o Vice-Presidente (D), o Representante da Confederação (B), a Secretária do Conselho (C'), e os Conselheiros (A), (E), (F), (G); (H), (J) e (O). Estas pessoas, que formavam um grupo atuante, tomavam todas as decisões quase sempre por unanimidade. Elas sempre impunham suas decisões, e tinham força política porque, sendo atuantes, representavam sempre a maioria e desta forma conseguiam aprovar as suas propostas, independentemente dos votos contrários.

Em resumo, o poder que deveria repousar na Assembléia Geral, na realidade vinha repousando, de um lado, nas Diretorias Executivas, e de outro, no Superior Conselho do Ritual. Havia portanto, uma equivalência de poderes que por direito não deveria existir. Por definição, tanto o poder burocrático / quanto o poder espiritual tinham que ser perfeitamente delimitados, devendo serem ainda exercidos por pessoas específicas / para cargos e poderes específicos. Isto não ocorria na Federação, mesmo porque, como se viu, os Estatutos não diziam se al-

(6) O referido Conselheiro é o "pai-de-santo" amigo do político Marco Aurélio e que foi citado no Capítulo I, e também o personagem da disputa relatada a seguir neste capítulo.

guns dos cargos de Chefia da Federação eram ou não facultados a todas as categorias de sócios, independente de sua qualificação religiosa. Isto vinha significar que a Federação falava simultaneamente duas linguagens. A primeira delas, uma linguagem ideal, fundamentada nos Estatutos, defendia a hierarquia, procurava "promover a defesa dos associados..." e concorria para a existência da "UNIÃO, HARMONIA, DISCIPLINA, ORDEM e RESPEITO nas casas de culto". Ela se fazia acompanhar de normas e expectativas legais que deviam ser obedecidas e cumpridas pelas pessoas investidas de poder e pelos associados em geral.

Falando a linguagem ideal da burocracia, a Federação esperava que o Presidente dirigisse e fizesse a Federação progredir, que o Tesoureiro fosse honesto e zelasse pelo patrimônio da Instituição; que o Conselho do Ritual moralizasse e padronizasse o culto. Enfim, que cada uma das pessoas investidas num cargo dentro da Federação cumprisse seu dever de acordo com os Estatutos. Essa era a linguagem oficial da Federação, que no momento em que era legal, tornava-se uma linguagem geral por ser aquela comum a todos os associados da Instituição. Ela garantia os direitos a qualquer associado, fosse qual fosse a sua categoria, de modo que qualquer sócio que se sentisse prejudicado podia reivindicar seus direitos e fundamentar sua reivindicação num regulamento. Também poderia acontecer o inverso, pois qualquer Poder da Federação, fosse ele de ordem deliberativa e executiva, podia possuir um sócio tendo por base o regulamento.

A segunda linguagem falada na Federação era a linguagem da ação prática, que negava os Estatutos e a hierarquia rígida, sendo portanto, uma linguagem OFICIOSA. Quando usada, demonstrava que as pessoas agindo por meios ilegais, na medida em que se comprovava que o regulamento não era obedecido. Vimos, por exemplo, que a inversão de chefias dentro da Diretoria Executiva, o critério de escolha, a participação dos Conselheiros no Conselho do Ritual, ou ainda, a equivalência do poder religioso frente ao poder material, existiam na Federação como uma ocorrência irregular que era aceita por todos, porque era de interesse de todos os associados. Portanto, ela também era geral.

Vimos que os sócios se cadastravam, fugindo às determinações dos Estatutos; os Conselheiros estavam em situação irregular no Conselho; o Tesoureiro ocupava cargos que não deveria ocupar; e assim sucessivamente. Mas todas as situações irregulares eram, no entanto, garantidas pela expectativa comum que existia em função da linguagem oficiosa. Os Conselheiros,

por exemplo, esperavam que suas "especializações", mesmo irregulares, fossem reconhecidas e respeitadas. A Presidente parecia esperar que os poderes coercitivos da Federação entendessem que ela era uma profissional, que não podia se desligar de sua "casa", sob pena de prejudicar sua "carreira" e sua "profissão". Do mesmo modo, os sócios pareciam esperar que o Conselho do Ritual entendesse que, como profissionais que eram, também tinham o direito de terem suas "especializações" reconhecidas, daí esperando que os cultos que praticavam, ainda que fugissem aos Estatutos, fossem aceitos pela Federação. O Tesoureiro parecia esperar que todos entendessem que sua posição era, na verdade, totalmente irregular, mas que ser assalariado da Federação, era seu modo de ganhar a vida.

Como decorrência desse caráter oficioso da Federação, e de sua conjuntura interna, tínhamos a Instituição virtualmente governada por um leigo burocrata que aparentemente sobrepujava os governantes de direito (os "pais-de-santo") e se tornara o elemento atuante da Federação, uma vez que todas as realizações daquela Instituição eram de sua iniciativa, como veremos a seguir. Inicialmente faremos um relato para mostrar de que forma ele entrou para a Federação e, a seguir, mostraremos como atuava naquela Instituição.

A SUPREMACIA DO BUROCRATA

O Tesoureiro era um homem na casa dos seus quarenta e poucos anos. Descendente de portugueses, dizia não assinar o nome de sua mãe porque herdara o nome do avô paterno, mas fazia questão de ressaltar "ser filho de matrimônio". Quando ele relatava sua infância, percebia-se nele a insistência em salientar que havia nascido de "gente boa", pois contava que, tendo ficado órfão aos 11 anos de idade, fora para a companhia dos tios paternos que o criaram (7).

Na casa de seus tios, ele teria recebido a instrução que possui (comercial incompleto), pois segundo ele dizia, "lá tirei meu curso primário no Grupo Escolar Benjamim Constant, e logo em seguida comecei a trabalhar com a idade de 16 anos; e comecei a estudar no Grêmio Literário Comercial Portugues, até o 2º ano Comercial. Logo em seguida começou a gazeta, e eu perdi

(7) Ele fazia questão de citar o nome das ruas onde havia morado e que eram ruas do Reduto, um dos bairros centrais da cidade e naquele tempo área de residência de "comerciantes fortes" (bem sucedidos).

o gosto pelos estudos e não estudei mais."

Ele conta que, em 1954 "por motivos particulares" , "se afastou de casa" e "passei um dia fora da casa de minha família, e no outro dia logo fui morar com minha irmã mais velha à passagem Boa Vista nº 1. Isto em 1954. Em 55 eu fui ao Rio de Janeiro, morei com uns tios meus na Voluntários da Pátria nº 19. Em 56, tornei a voltar ao Rio de Janeiro, morando de novo com meus tios no mesmo endereço. E desde aí para cá eu continuei morando com minha irmã. Em 1958, eu conheci um pai-de-santo, Crioulo, cujo nome é Aimorino da Conceição Pimental, e se acha instalado no Rio de Janeiro, e desde este momento eu tive com ele uma amizade sincera, sem interesse, eu procurava ajudar o terreiro, para que subisse cada vez mais. Em 1959, fim de 59 para 60 eu tive uma desavença com Crioulo. Já não morava com minha irmã, porque achei que não devia motivado à vida que eu levava, e passei a morar com um pai-de-santo chamado Manoel Veras, à Travessa da Timbô, bairro da Pedreira. Depois, Manoel vendeu sua casa e fomos morar no Curiô (8). Em 60, nós nos mudamos p'rá Pedreira, onde hoje em dia é a Federação Espírita Umbandista, mas que era o terreiro de Manoel Veras, que em 1964 mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1965, ele vendeu o terreiro para a Federação Espírita Umbandista. Desde 1960, praticamente eu moro às minhas custas e em minha casa.

O Tesoureiro se vê como um católico "desiludido" e relata: "A família de meu pai é toda católica, mas há mais de / uns 6 a 8 anos eu não frequento mais a Igreja, desde o dia ... Não, é muito. Antes disso. Eu me aborreci praticamente com a Igreja foi na morte de Colaço, aonde no sul, na Igreja dos Capuchinhos rezam missa para Babalorixã ou Babalaô. E nós fomos / criticados por jornais, e talvez pela Igreja, não sei, que S. Exa., o Arcebispo não quis dar entrevista, e depois eu soube de que eles não rezariam missa na Pedreira, como não rezaram, não pronunciaram o nome do defunto à missa do Colaço. E desde aí, eu me aborreci e não frequentei mais a Igreja. Eu entrei p'rá macumba praticamente em 58, quando eu conheci Crioulo, olhando um terreiro da Maria Aguiar. Esta mãe-de-santo hoje em dia ainda é viva, estava "tirando do cachorro e jogando em cima do crioulo". E logo em seguida chegou e qual foi a surpresa de todos que ela foi dar um acarajê e botou na boca do Crioulo. E eu não

(8) Denominação popular para um dos trechos mais pobres e periféricos do bairro do Marco. Note-se que com a morte de / seus pais, o Tesoureiro, que ficara sob o domínio dos tios, vinha residindo em um bairro central (Reduto).

sabendo quem era, me apresentaram e eu: Você que é Crioulo? A Maria Aguiar estava lhe "metendo o pau", e agora já lhe deu aca rajê. E ele: é assim mesmo, Miranda, e é minha madrinha. E ele me convidou p'rã eu ir num tambor dele, e desde ai nōs travamos amizade, foi que eu comecei a me enfronhar na macumba".

O Tesoureiro se diz "médium", classifica sua mediunidade como "intuitiva", e a explica da seguinte forma: "A minha mediunidade é intuitiva, e eu não digo que eu recebo santo todo dia nem toda hora, mas uma vez, duas, talvez umas três no ano eu recebo. Sou "cruzado" p'rã Exu. Isso se revelou comigo foi numa obrigação que Crioulo sempre fazia no Mosqueiro. Ninguém dentro do Parã festejava Yemanjá. Quem festejava era Crioulo, em Mosqueiro. E eu com Rosenildo fomos depositar obrigação no mar, onde os tambores iam tocando. E desde o momento em que o tambor saiu, eu comecei a chorar e quando chegou em certo tempo, eu não vi mais nem arriar a obrigação, nem nada. Já a canoa vi nha de volta, próximo à praia, eu dei aquele pulo, e aquilo desapareceu de cima de mim, e foi apanhar uma média, filha de Yemanjá, na praia. Essa foi a primeira vez que eu tenho conhecimento de ter se manifestado".

Apesar de médium, ele faz questão de ressaltar que não tem "cabeça feita", não tem e nem pretende ter "desenvolvimento", que nunca teve nenhuma espécie de "fortificação", explicando as razões da seguinte forma: "Eu nunca quis ser submetido a "pai-de-santo" nenhum, porque nunca a gente paga eles; e sim sō fui Cruzado p'rã Exu, mas pelo próprio Exu Tiriri na c'roa de Crioulo. Mais nada. Feitura não tenho, não quero, e acho que morro e não faço. Sō faço uma obrigação para meu senhor, para Abaluaiê; obrigação essa que eu tenho de fazer de 7 em 7 anos, mas geralmente eu faço de 5 ou 6 anos, no cemitério.

Por essa razão, o Tesoureiro acha que não tem "obrigação nenhuma com nenhuma casa de santo, com nenhuma "mãe-de-santo", nenhum "pai-de-santo". O único compromisso que diz possuir é em relação à Federação, porque segundo ele, "desde que ela foi fundada eu estava de frente. Julgo eu que ninguém aqui dentro conhece melhor a Federação do que eu. Sou subordinado à Presidência, ao Conselho Deliberativo, ao Conselho Fiscal e ao Contador. Nada aqui dentro é feito sem que eu comunique a essas pessoas e ao advogado da Entidade que também tem que estar a par do que se passa dentro dela. Quanto aos pais de santo, se eu fiscalizar terreiros e searas, conversar e discutir, eu acho que o tempo que eu vivo dentro da macumba, eu tenho cabeça

é p'rá aprender. Eu não sou caranguejo, que anda p'ra traz, e além disso eu leio um bocado de livros da Umbanda. Se os pais-de-santo não procuram se evoluir eu faço que não me evoluo e vou aprendendo, conversando com um, conversando com outro, e acho que o que eu sei eu posso botar um terreiro. Eu faria fabu_loso".

Hã dez anos que o Tesoureiro é mantido na Tesouraria da Federação pelas Diretorias que se vêm sucedendo. A última delas, eleita em agosto de 74, também o manteve no cargo, de modo que ele permanecerá ainda como "pessoa de frente" da Federação, até pelo menos, 1977. Ele explica sua entrada na Instituição da seguinte forma: "Eu era um amigo do Colaço. Eu não tomei parte na Junta Governativa da Federação. Eu só fui tomar parte motivado pela Federação não ter Secretário, 3º Secretário. Então eu fui apontado como 3º Secretário. Houve certos problemas dentro da Federação. Houve renúncia de pessoas que queriam não elevar a Federação e sim derrubá-la. E após a 1ª Diretoria, eu fui convidado a ser Tesoureiro, mas na minha frente teve dois Tesoureiros. Depois da 1ª Diretoria, eu julgo que eu fiz amizade, eu julgo que dentro da Federação, se não todos, mas a maioria gosta de mim. E os dirigentes dela, principalmente, se têm alguma coisa para falar de mim, não sei. É nesse clima que eu vivo com eles e que estou vivendo. Eu arranjei uma grande corrente e que eu não tenho vergonha de dizer, nem orgulho. O Barata governou o Pará não sei quantos anos. Ele tinha o eleitorado dele e eu tenho o meu. Eu já fiz uma Presidente aqui dentro e pretendo fazer a 2ª."

Mesmo contando com um "eleitorado", o Tesoureiro sabe que existe uma ala na Federação que não gosta dele e que, segundo ele mesmo, "cortam minha pessoa sempre que podem". Mas ele também sabe que esta mesma ala chega por vezes a fazer parte do seu "eleitorado". Quando indagado sobre as razões dessa ocorrência, ele explicou: "Porque até hoje minhas contas são certas. Quanto ao pessoal que me mete o pau, eu tenho assim um negócio que... A começar pela minha cobradora. Ela chega com recados / absurdos de certas criaturas e eu logo em seguida indo visitar essas criaturas, eu almoço, eu tomo café, e quando eu saio metem a mão no meu bolso e dizem: "é p'ro seu ônibus". Eu ganho muito presente dessa gente. Basta dizer que eu não compro camisa p'rá mim. Agora motivado a que, não sei. Eu sei que eu trato bem deles. Agora quando é hora de explodir eu também expludo. Aí nós vamos debater, discutir. E quanto ao estar dentro

dela, não sei. Eu acho que é uma "proteção" porque eu acho que 50% dos macumbeiros me protegem, eu tenho uma grande corrente por fora que eu tenho certeza de que me protege. Agora eu estou sendo atacado, eu e vários membros da Federação, a nossa Presidente, por uma corrente que não sabe nem de onde parte, mas não é essa corrente que vai nos derrubar, nem a mim nem à própria Federação, porque nós aqui lutamos pela Federação, não tratamos assunto particular de quem quer que seja. Cada um tem seus erros e a Federação não interessa. Ele cumprindo a lei do ritual dele é quanto basta. Estamos sendo atacados, mas eu acho que nós ainda vamos ganhar essa eleição. (9)

Para o Tesoureiro, "tratar bem" e "explodir", são termos que significam respectivamente, apoiar as atitudes corretas dos "pais-de-santo", e reprimir tudo quanto venha de encontro ao regulamento. Para tanto, ele se transforma em fiscal de cada uma das casas de culto; transforma-se em Conselheiro e toma parte nas reuniões do Conselho do Ritual, mesmo não tendo a parte do santo" segundo ele mesmo. Indagado se isto não era uma posição irregular, ele respondeu que não, explicando: "além d'eu ser Tesoureiro, em 1966, quando eu fui resolver um grande problema da Federação no Rio de Janeiro, o senhor Manoel Colaço Veras, o nosso representante da Federação aqui no Rio de Janeiro perante a Confederação, pediu ao General Mauro Porto, atual Presidente da Confederação, que ele queria que o General Mauro Porto me nomeasse como Delegado da Confederação representando dentro da Federação Espírita Umbandista do Estado do Pará. O General aceitou o pedido, e logo em seguida eu fui nomeado Delegado da Confederação o que, pelos Estatutos da Federação Umbandista, me dá poderes para entrar em qualquer Conselho, Seara ou Terreiro".

No entanto, diante da insistência de que a situação era irregular porque era uma atribuição de alta responsabilidade ritualística para ser desempenhada por quem não tinha / condições, o Tesoureiro respondeu profundamente irritado: "Se pensam que a culpa é minha eu acho que não seja. A culpa é da Confederação Espírita Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros, pois fui nomeado lá. O Manoel pediu ao General. Pronto, e acabou-se !

(9) As eleições a que o Tesoureiro se referia foram as realizadas em agosto de 1974, em que sua candidata venceu, por conseguinte, ficando ele mantido no mesmo cargo.

Irritado, ele procurava justificar a irregularidade/ de sua condição, explicando que sua posição era, na verdade, de subordinado, e isto ele procurava comprovar com uma de suas / promoções, o Tambor das Flores: "a festa surgiu em 1965. A Federação não tinha nada, era pobre como ainda é pobre. Talvez ela fique rica e eu já esteja embaixo da terra. Então eu e uma cobradora chamada Celina, como dentro de Belém não existia o Tambor das Flores, existia tudo de flores, menos o Tambor , resolvemos fazer o Tambor para ajudar a Federação, entre limpeza, alguma coisa que fosse preciso comparar em relação à cozinha, ao terreiro. Então a Federação, no Tambor das Flores, não gasta nenhum tostão. É por esse motivo que o Tambor das Flores é falado, porque o dinheiro que a gente recebe a gente joga tudo em despesa. Não fica nada. Eu pago tamboreiro, tudo , tudo. Então foi para isso que a gente fez o Tambor das Flores. Mas para que se fizesse um Tambor das Flores não era preciso / que eu fosse o Tesoureiro, e como todo mundo dizia que eu mandava na Federação que era eu que ia fazer. Não. Fizemos um pedido ao Conselho do Ritual, e este autorizou e todos os anos nós pedimos autorização ao Conselho, p'rá que ele faça essa / festa. No dia que o Conselho não consentir, nós suspenderemos".

Entretanto, à proporção que ele se justificava, verificávamos que os nomes indicados para compor a Diretoria da festa não sofriam a apreciação dos Conselheiros, pois eram da livre escolha do Tesoureiro, que tinha seus critérios particulares: "os meus juizes eu tenho por hábito de escolher as pessoas da minha amizade. Quando um dos juizes chega comigo e diz que não pode tomar parte, no outro ano esse juiz é cortado, pois se a festa é p'rá gente ajudar e mostrar ao povo, sem dinheiro eu não posso fazer nada. Eu não tenho, eu sou pobre, eu moro numa casa de palha. Eu moro numa casa de palha e com a ajuda de amigos. E motivado a isso eu escolho como Mordomos os donos de terreiros e searas que também eu acho que me consideram. E sobre os meus amigos de que também digo que são umbandistas é porque, se vivem enfronhados dentro disso é porque são umbandistas. Que eu tenho muitos, eu acho que tenho. Eu considero. Agora, se eles me consideram, não sei. Agora, que eu considero como meus amigos, tenho muitos que não são umbandistas, pois dentro da Federação eu tenho os sócios que não têm searas, nem terreiros, e estão dentro por minha causa. Pode acontecer o caso da pessoa não estar com o nome no Programa ajudar o Tambor de outra forma. Por exemplo: hoje eu tive uma

ajuda de Cr\$ 50,00 de um senhor hebraico, dono de uma fábrica / de artigos de umbanda e que eu não esperava. Eu domingo estive numa seara e ele mandou que eu fosse na residência dele, e eu fui para ele me dar uma ajuda, porque ele já me conhecia daqui da sede. Esse homem no início da carreira dele veio à Sede, onde eu joguei p'rã vários terreiros e searas os artigos dele e depois disso tá fazendo uns 3 anos, nós nunca mais nos encontramos, e sim domingo. Hoje em dia ele está com uma fábrica. Essas garrafas plásticas que vêm com álcool são da fábrica dele. E outros e outros artigos. Outro exemplo: O Dr. Vasconcelos ¹⁰ me prometeu mandar uma raspadeira para melhorar a rua para, pelo menos até o dia da festa, carro poder entrar aqui na porta da Sede. Eu não tenho contacto com político. A Federação não se envolve em política. ¹¹ Agora Searas e Terreiros, a Federação também não pode privar de que tenham seus amigos de política. E eu tenho uma sócia no Jurunas, chamada Alaide Miranda, cuja casa é frequentada por muita gente de política, e "gente grande". Talvez ela tenha sido um dos cabos eleitorais do Dr. Vasconcelos; foi quem me falou e disse: "Senhor Miranda, eu vou fazer todo o possível de levar o Dr. Vasconcelos à Federação". E ela trouxe. Agora ele me prometeu o seguinte: dentro das possibilidades dele, pois ele era do partido contrário, mas que até hoje o Prefeito nunca tinha negado um pedido dele. A rua precisava meter o trator, raspadeira, piçarra. Ele ia fazer o possível p'rã ver se iniciava ao menos até o dia 27, p'rã entrar carro".

(10) Atualmente, o citado político é deputado estadual e Presidente do Diretório Regional do Movimento Democrático Brasileiro (M.D.B.). Na época da entrevista ele era vereador e candidato a deputado estadual.

(11) A afirmação é relativa, pois sempre nas proximidades das eleições os candidatos aos diversos cargos eletivos procuram os terreiros e searas, não somente em busca de voto, como também em busca de "proteção". Um ex-governador do Estado e atual Deputado Federal da ARENA, quando governador, frequentava juntamente com sua família o terreiro de João Souza para receber passes e encomendar "trabalhos". A lêm disso, às vésperas das últimas eleições, procurou a Presidente da Federação e entregou-lhe a importância de dois mil e quinhentos cruzeiros (Cr\$ 2.500,00), prometendo ainda destinar à Federação, parte da verba de que dispõe como Deputado, em troca de apoio à sua candidatura. Aliás, é fato bastante comum, encontrar-se políticos (dos antigos e atuais partidos) frequentando assiduamente e protegendo/diretamente as casas de culto.

Ainda na tentativa de justificar a "ditadura" de que era acusado, ele explicava que qualquer médium podia tomar / parte no Tambor das Flores, ou mesmo dançar na Federação, desde (imediatamente ressaltava), "que seja cadastrado e respeite o ritual", o que era a mesma coisa que obrigar o sócio a respeitar um regulamento. Nos casos de dúvida, em que não se tivesse a certeza se o médium era ou não sócio da Federação, ele contava que pedia ao médium ("puro" ou "incorporado") que o mesmo mostrasse sua "carteirinha" (carteira de sócio). Perguntamos então a ele o que sucederia conosco, pesquisadores, caso ficassemos subitamente "manifestados", talvez até com um "santo bruto"; se seríamos retirados do salão por não termos "carteirinha". O Tesoureiro imediatamente nos enquadrou no regulamento dizendo: "Toda regra tem a sua exceção. Desde que o médium está manifestado do guia, ele tomaria parte no ritual até que ele se manifestasse, cante e dance. Depois que ele se retirar do salão de dança, alguém lá dentro, "pai-de-santo" ou "mãe-de-santo" conversará com seu guia, pedirá ao guia que faça aquele médium entrar para a Federação, para / que ele possa dançar dentro da Federação. Então nesse dia se conversa com o guia e logo em seguida o guia se retira de livre e espontânea vontade".

Perguntamos ao Tesoureiro porque era sempre ele / quem resolvia todos os problemas da Federação. Ele discordou, achando que nem sempre ele resolvia tudo. E explicava: "Um momentinho. Toda regra tem exceção. Caso de Polícia que eu posso resolver, eu resolvo. Mas não tem um caso aqui em que não seja do conhecimento da Presidência. Quando eu vejo que eu posso resolver e não ir ocupar a Presidência, eu mesmo resolvo. Mas quando eu não dou conta, eu jogo p'rá cima da Presidência ou procuro o advogado. Certo? Quanto ao funeral, eu acho que tá incumbido prá mim. (12) Nem a Presidente pode

(12) É interessante notar-se que nesses e noutros casos o Tesoureiro não cumpre apenas seus deveres burocráticos, pois ele mesmo se interessa em resolver o problema. Em 1974 faleceu uma velha "mãe-de-santo" que se encontrava parálitica há muitos anos e que por esta razão já não tinha casa de culto estruturada. Na madrugada em que morreu, pessoas caridosas da vizinhança foram à casa do Tesoureiro pedir ajuda; imediatamente este acorreu ao chamado, e além de providenciar ele mesmo os papéis para o enterro, providenciou ainda um "pai-de-santo" de sua amizade para fazer as cerimônias do "tambor de choro" e do "tambor de alegria", a fim de que a "mãe-de-santo" fosse enterrada de acordo com a "lei do Batuque".

dizer que não faz o enterro quando o sócio tiver direito de fazer. Se passa pela minha mão, depende de mim que sou o Tesoureiro. E quanto ao casamento, ainda não fiz nenhum. Já se fez um batizado na Federação. Que é justo que toda seara umbandista filiada na Federação deva batizar e casar dentro da Federação, que é aonde pode, e não nos terreiros sem registro".

Mas o Tesoureiro falava ao nível de linguagem legal da Federação, uma vez que, como dissemos, ele era preponderante na Instituição. Suas realizações eram a medida de sua preponderância. A primeira delas eram as festas beneficentes, isto é, "tambores" que ele promovia. Os "tambores" eram organizados de tal forma que se pagavam a si mesmos, e, embora o Tesoureiro afirmasse que "todo dinheiro entrado saía em despesa", observava-se que a Federação, apesar de não recolher dinheiro na promoção, na verdade lucrava, uma vez que todos os anos eram feitos reparos na sede social, pelo (s) juiz (es) do Barracão.¹³ O dinheiro arrecadado das mensalidades dos sócios transformava-se / então numa poupança que o Tesoureiro movimentava num jogo de investimentos, visando a novos lucros. No primeiro semestre de 1974, ele encomendara na FASA (Fósforos da Amazônia S/A), uma partida de caixas de fósforos-propaganda da Federação. Ele pagara certa importância como entrada, e o restante do pagamento ele havia combinado fazer em prestações. A partida de fósforos foi dividida em pacotes de 25 unidades cada um, pacotes esses que foram enviados para as casas de culto que tinham condição / ou de comprar um pacote ou de ficar com alguns deles para vender cada caixinha a Cr\$ 1,00 a unidade. Outros pacotes o Tesoureiro distribuiu ou vendeu diretamente a seus amigos particulares.¹⁴ O restante da partida ele conservava na sede social, on

(13) A montagem e estruturação desses "tambores" constitui o objetivo do capítulo seguinte, onde se faz a análise de um deles ("Tambor das Flores").

(14) Através de seus contactos particulares, as caixas de fósforos foram vendidas na Polícia, na Universidade, em clubes de serviço da Comunidade, no Fórum, e chegaram mesmo a ser vendidas nas casas de culto dissidentes da Federação. O "pai-de-santo" Euclides, da Tenda Cabocla Yacira, se considerava inimigo do Tesoureiro (Cap. I), mas em compensação era muito amigo do Presidente do Conselho do Ritual da Federação (Cap. I), que por sua vez era amigo íntimo do Tesoureiro (como veremos a seguir). Assim sendo, o Tesoureiro mandou a Secretária do Conselho (que era filha do Presidente), deixar em nome deste um pacote de fósforos na Tenda Yacira, "para Euclides fazer o favor de passar". Euclides "passou" os fósforos e o Tesoureiro arrecadou o dinheiro sem nenhum problema.

de revendia cada caixinha para qualquer visitante esporádico / que por lá aparecia.

Um outro sistema que ele usava para angariar fundos para a Federação eram as rifas e as campanhas. Como um fabricante de imagens lhe devia favores pessoais, o Tesoureiro conseguiu que ele lhe desse de presente o "vulto" (+) de um Preto Velho em tamanho natural. Esta imagem foi a rifa, e segundo o Tesoureiro fora uma das campanhas de maior sucesso, pois, segundo ele, as rifas eram sempre a possibilidade do sorteado obter um objeto, no mínimo a 50% abaixo de seu valor real. Na ocasião em que a pesquisa se realizava, ele se empenhava na "campanha do tijolo", que se destinava a reconstrução da sede social da Federação, que por sua vez tinha sido uma das metas estabelecidas pela Presidente, a quando de sua campanha. A promoção parecia excessivamente onerosa, pois a Tesouraria não dispunha de grande capital: todavia ela passava a ser viável, caso continuasse do modo como iniciara: a base das "virações do Tesoureiro com os amigos". A sede já existia e era dividida em dois blocos, sendo que a reforma visava primeiramente ao bloco dos fundos da sede, onde estava localizado o "barracão" de festas. Este era pequeno, e com a reforma pensava-se construir / um "barracão" mais amplo no pavimento térreo, e um salão de reuniões no andar superior. O problema era, portanto, conseguir aquilo que era mais oneroso, ou seja, o engenheiro para calcular a laje de concreto armado, e o piso para os dois compartimentos. Mas, graças às "virações" do Tesoureiro, este conseguiu como engenheiro o marido da filha do Presidente, como conseguiu também, através de sua amizade com o "doutor"¹⁵, que este, através do Rotary Club conseguisse que um dos diretores da AZPA - Azulejos do Pará, doasse para a Federação um piso da melhor e mais cara produção de sua indústria.

A atuação do Tesoureiro também se estendia ao nível do poder espiritual. A Federação vinha promovendo cursos sobre "umbanda" e, apesar do professor ser indicado pelo Conselho do Ritual, era interessante notar que o encarregado do curso não era nem o Presidente da Federação nem o Presidente do Conselho, nenhum dos Conselheiros; era novamente o Tesoureiro que funcionava num misto de coordenador e inspetor, a quem alunos e professores recorriam nas situações surgidas inesperadamente. O principal objetivo do curso era dar noções básicas

(15) O "doutor" é o mesmo referido anteriormente no Capítulo I.

sobre a doutrina e ritual da umbanda, de onde se podia concluir que, por vezes, o curso se transformava numa tentativa infrutífera, pois os alunos tentavam entender o sistema do Batuque através do sistema de crenças da umbanda. Surgiam, por conseguinte, discordâncias que teriam resultado em atritos sérios entre alunos e professor, caso não houvesse pronta intervenção do Tesoureiro, que usava de argumentos convincentes, demonstrando ser conhecedor daquilo que discutia. 16

Hã cerca de um ano, a Federação vinha realizando testes para seleccionar os candidatos que davam entrada em pedidos de Alvarãs para funcionamento de casas de culto. As casas de culto vinham novamente sendo foco de desordens, e o Conselho do Ritual, reunido, concluiu que aquilo era devido à falta de qualificação dos dirigentes, muitos deles "pais-de-santo" improvisados. Por esta razão, votou-se pela instituição de testes que seleccionassem os candidatos dentro da modalidade de culto pretendida pelo mesmo. Na qualidade de representante da Confederação, o Tesoureiro participava daqueles exames; e, mesmo fazendo o papel de um simples secretário, ele chegou uma vez a discutir com o Presidente a respeito dos critérios de julgamento dos candidatos. O Tesoureiro propunha que, se o candidato (a abrir / terreiro) fosse reprovado, poderia pedir, enquanto esperava novo exame, licença para fazer funcionar sua seara. O Presidente discordava, pois achava que "reprovado era reprovado", e se o candidato não entendia de terreiro, nada deveria entender de seara. O Presidente argumentava em tom violento, enquanto que o Tesoureiro mostrava-se subserviente e, apesar de discutir, dirigia-se sempre ao Presidente tratando-o respeitosamente de "pai" e "senhor", dizendo: "Eu estou falando por causa do nome da Federação. O que está acontecendo é que nós reprovamos aqui, e tem gente reprovada que se vira, consegue um pistolão dentro da Central, e faz até toque. E nós é que ficamos desmoralizados".

(16) Certa vez, no decorrer de uma aula, surgiu a discussão sobre a existência ou não-existência da mediunidade inconsciente. O professor achava que mediunidade inconsciente não existia, o que existia era um estado de semi-consciência / do médium. Uma aluna, renomada chefe de seara, dizia que ela era inconsciente quando manifestada de seus "guias". A discussão tornava-se a cada momento mais violenta e pessoal, quando o Tesoureiro interrompeu, dizendo, em defesa do professor: "Ele não está modificando o "trabalho" de ninguém, ele está dando apenas a rotina, a parte teórica, pra se evitar aberrações como se vê por aí; de pai-de-santo / que não sabe fazer a "virada para os caboclos", ou que "chama" caboclo misturado com "senhor" ! Mas nós não queremos contrariar trabalho de ninguém !"

E acrescentava: "mas eu não sou "pai-de-santo", por isso os senhores que entendem, é melhor decidirem", enquanto ia se retirando da sala, dizendo: "Eu já vou lá p'rá fora, pode algum candidato lá de fora ouvir esta discussão e depois sair dizendo / que aqui dentro ninguém se entende". Naquele tipo de discussão era nítido que os demais Conselheiros procuravam não tomar nenhum partido, e preferiam ficar conversando, fingindo-se alheios ao que se passava. O Presidente do Conselho, mesmo aborrecido, terminava acatando a opinião do Conselheiro, pois não chegava a formalizar sua proposta. Além disso, na hora das decisões (nunca votações formais), só existia virtualmente a sugestão do Tesoureiro, que terminava sendo aceita por todos - inclusive pelo Presidente.

Desse modo, o Tesoureiro tornava-se uma espécie de "patrão" na Federação, e, apesar disso se achava dispensável para a Instituição, pois segundo ele: "O problema foi fundar. Se amanhã eu não estiver aqui, aparece outro, apesar de eu amar a Federação como se fosse uma parte minha. Mas eu creio de que ela sempre irá p'rá frente, apesar de muita gente dizer que no dia que eu sair, a Federação morre. Mas eu não creio nisso. Depois que eu sair, outro aparecerá. E ela tem que subir. Por enquanto, eu vou ficando como Tesoureiro, porque se eu não ficar na Tesouraria eu tenho de ficar noutro cargo porque eu sou empregado dela. Eu pago todos os meus direitos. E desde o momento em que eu sou empregado, eu acho que Ela tem de me amparar. Quanto à Tesouraria, é cargo de confiança. A Presidente para quem estou trabalhando é minha amiga, mas ela poderá mudar ou não. Isso é problema dela, é cargo de confiança. Os "pares" dela, ela escolhe. Ela ou ele, quem ganhar.

Todavia, com a vitória de sua candidata, que ele definiu como sua "amiga", não houve mudança no cargo da Tesouraria, e tudo indicava que os "pares" da Presidente recém-eleita seriam aquelas pessoas que já vinham ocupando os diversos cargos na Federação, de modo que todas as situações irregulares de até então, continuariam até 1977.¹⁷ A principal delas era o fato da Federação continuar a não ser governada por nenhum "pai-de-santo", o que até certo ponto era funcional para a continuidade da

(17) A Presidente eleita era a mesma Vice-Presidente que vinha exercendo a Presidência da Federação, em substituição à Presidente anterior que havia sido cassada por questões de desfalques.

Instituição, uma vez que a competição era um dado concreto na interação entre os "pais-de-santo". O fato, por exemplo, de a Federação não ser governada por "pais-de-santo", já era um sintoma dessa competição. Assim sendo, era de se prever que, no dia em que ela fosse dirigida por um deles, haveria fatalmente um conflito interno seguido da extinção da Instituição. Isto porque, como vimos, os "pais-de-santo", enquanto chefes de culto, são essencialmente pessoalistas. Um "pai-de-santo" que fosse eleito Presidente e efetivamente governasse, por certo procuraria impingir na Federação seus pontos de vista, fosse ao nível da organização social, fosse ao nível da prática ritualística - o que obviamente seria motivo de choques entre poderes tão pessoais. Os exemplos das dissensões haviam ocorrido no passado e ainda aconteciam no presente. A Federação, por exemplo, perdera uma ala de líderes expressivos no momento em que houvera choque de decisões quanto à localização de sua sede social. Não havia, como vimos, acordo entre os membros do Conselho do Ritual, o que se percebia por ocasião dos testes / de seleção. Mesmo a padronização, que era um artigo estatutário a ser cumprido, este nunca sequer fora tentado. Em consequência, essa situação fazia da Federação uma Instituição fraca, na medida em que, potencialmente ela vivia na iminência de ser extinta. E, em nossa opinião, ela se sustentava graças ao controle que tinha sobre os Alvarás das casas de culto, uma vez que agia de comum acordo com a Polícia. Como também nos parecia que o Tesoureiro se mantinha por ser ele o articulador oficial (mesmo sendo officioso) entre a Polícia e a Federação. Sua posição de articulador lhe vinha, por um lado, de sua disponibilidade funcional (não tinha outras ocupações), como também de condições pessoais. Um outro fator era o nível médio de instrução que o Tesoureiro possuía, e que lhe dava a capacidade de saber discutir e defender os interesses de sua Instituição junto à Polícia. Por outro lado, ele tinha conhecimento não-oficial com autoridades policiais e, por assim ser, ele "quebrava os galhos" de muitos problemas surgidos entre a Polícia e as casas de culto federalizadas. Inclusive, ele era / consciente desse fato, quando rejeitara a idéia do "Centro Habitacional dos Umbandistas", argumentando: "Ia ser "porrada" todo dia e eu a me virar dentro da Central prá soltar macumbeiro". Além do mais, outros motivos garantiam a permanência do Tesoureiro na Federação, e que talvez fossem os mais importantes. Em primeiro lugar, ele não era "pai-de-santo"; portanto,

ele não competia com nenhum dos trezentos "pais-de-santo", sócios da Federação, motivo por que ele não era considerado uma ameaça ao status religioso de ninguém. Mas, por outro lado, e le era um médium, e por isso mesmo, aceitava, respeitava e reconhecia o "dom" que cada "pai-de-santo" encerrava em sua pessoa. Agindo desse modo, o Tesoureiro validava a posição de to dos os "pais-de-santo" - independente das posições hierárquicas individuais. Também o fato de ele ser a "pessoa de frente" da Federação significava que ele era o "quebra-galho" dos inúmeros problemas pessoais dos sócios, problemas esses que ele resolvia quase sempre de forma paternalista. (18) Por sua vez, esse paternalismo lhe fazia contar com um "eleitorado" que, além de acatá-lo, ainda lhe dava poder. Isto porque, eleitos os candidatos apontados pelo Tesoureiro, conseqüentemente ele se mantinha no poder, o que significava que a sua preponderância podia, de certa forma, ser explicada por suas peculiaridades pessoais, embora estas não fossem as condições suficientes, pois a nosso ver sua preponderância vinha de sua posição institucional. Com isso queremos dizer que o Tesoureiro, e portanto, a burocracia, era o elemento mediador no jogo dos inúmeros interesses pessoais da Federação. Esse pressuposto se confirmou através de uma desavença havida entre o Tesoureiro e um "pai-de-santo" Conselheiro do Superior Conselho do Ritual. Ambos disputavam o poder, que no final ficou com o Tesoureiro. Este foi o apoiado pela cúpula da Federação, ainda que, 'a priori', o "pai-de-santo" devesse ser o elemento a ser apoiado numa Instituição feita por "pais-de-santo" e que funcionava sob a "ditadura" de um leigo, burocrata, que ocupava um cargo que por direito deveria ser ocupado por um religioso.

Com o objetivo de fundamentar nossos argumentos, vejamos a seguir as bases em que ocorreu a disputa.

DISPUTANDO O PODER: - "PAI-DE-SANTO" X BUROCRATA

Muito embora a crise entre o "pai-de-santo" e o Tesoureiro ocorresse meses antes das eleições de agosto, as quei xas recíprocas já eram antigas. O "pai-de-santo" Alcides de

(18) Sócios em situação econômica difícil recorriam a ele e várias vezes assistimos ao Tesoureiro interceder junto à Di retoria no sentido de que se fizesse um pequeno empréstimo ao necessitado, o que era concedido, mesmo que não fosse legal. (Ver também o comportamento do Tesoureiro em 7 certas situações citadas anteriormente, como o falecimento e sepultamento dos associados.)

Carvalho fazia parte do Superior Conselho do Ritual, além de ser um dos membros do Conselho Deliberativo da Federação. Pelos cargos que ocupava, o Conselheiro sentia-se importante e queixava-se que o Tesoureiro não lhe dava a atenção devida, pois, conforme dizia o Conselheiro, nos dias de festas da Federação sua pessoa era sempre desprestigiada pelo Tesoureiro, que não levando em consideração os cargos que o Conselheiro ocupava, nem a autoridade que representava, o tratava mal. E dizia: "Quer ver uma coisa? Ele nunca me chama à mesa". (19) Quando se perguntava ao Tesoureiro porque o Conselheiro não "ia à mesa", ele explicava: "É porque ele tem mania de bancar o esperto na minha cabeça". E passava a explicar que o Conselheiro / se comprometia a cooperar com as promoções da Federação, seu nome figurava nas Diretorias festas, mas quando chegava o momento de recolhimento do dinheiro, o Conselheiro ia protelando a cada dia em que o cobrador ia à sua casa, e terminava por não cooperar com "coisíssima alguma", muito embora figurasse nos convites como se o tivesse feito. E que só ia comparecer à Federação no dia da festa para "receber as honras". Alegando esses motivos, o Tesoureiro não mais incluía o Conselheiro nas suas promoções, e não escondia seus motivos ao dizer "os meus juizes eu tenho por hábito escolher entre as pessoas de minha amizade. Quando um dos juizes não pode tomar parte, no outro ano esse juiz é cortado, pois se a festa é p'rá gente ajudar a Federação e mostrar ao povo, sem dinheiro eu não posso fazer nada".

As desatenções do Tesoureiro, alegadas pelo Conselheiro, foram, no entanto, a causa do primeiro desentendimento mais sério entre os dois, e que ocorreu por ocasião de um "toque" promovido pelo Tesoureiro e realizado na Federação. No

(19) Nas festas promovidas pelo Tesoureiro, ele costumava e ainda costuma servir seus convidados conforme o grau de participação desses em relação à festa. A primeira mesa, por exemplo, é chamada "mesa da Diretoria", e para ela são chamados os promotores da festa e mais alguns convidados de honra que aparecem pela Federação. A mesa é posta no salão social, é mais farta, mais bem arrumada, além de contar com pessoas que funcionam como garçons, servindo os convidados. Por conseguinte, esta é uma espécie de "mesa de 1.ª classe". Os demais "pais-de-santo" presentes à festa, são servidos no salão social, porém numa segunda mesa, menos farta, em que muitas vezes eles mesmos tem que pedir copos, pratos ou talheres, pois não há quem os sirva. Para o "grosso do povo" (como chama o Tesoureiro para os demais associados), o Tesoureiro manda preparar panelas de caruru ou vatapá, que são servidos na cozinha em doses individuais.

dia da festa, o Tesoureiro acintosamente não chamou o Conselheiro "à mesa da Diretoria" e nem lhe deu nenhuma flor-distintivo-(20) da Diretoria da festa. Isto foi o bastante para que, na ocasião em que a Diretoria se dirigia "à mesa", o Conselheiro / indignado se retirasse da festa, levando sua mulher e filha, que sem saberem do que se passava, e habituados que eram, a ir "na primeira mesa", já se dirigiam à sala da frente. O gesto do / Conselheiro imediatamente se tornou objeto de mais uma "nhigri-nhagem", onde se debochava da atitude do Coselheiro "que fazia questão de flor no peito".

O Conselheiro agora dificilmente comparecia às reuniões ou aparecia pela sede, até quando o tempo da campanha para a Presidência da Federação.

Na Federação não havia partido da oposição, e a situação era liderada pelo Tesoureiro, elemento que vinha sempre articulando os planos políticos da Instituição. O Tesoureiro, antes de seu desentendimento com o Conselheiro, havia convidado / este para ser seu candidato à Presidência, convite que o Conselheiro aceitara. Com o acontecido no dia do "toque", o Conselheiro havia desaparecido da Federação, mas isto não impediu / que o Tesoureiro, cumprindo o prometido, lançasse o nome do Conselheiro à Presidência, dando-lhe como companheira de chapa a ocultista "madame Dulcinéia", membro do Conselho do Ritual, pessoa que não tinha nenhum espírito político, pois encarava as eleições apenas como um acontecimento social. Alegando que as eleições "iriam ser sem graça, tendo apenas um nome para ser votado", o Tesoureiro lançou um segundo candidato do partido da situação, e que vinha a ser a Vice-Presidente da Federação, e que levava como companheiro de chapa o "pai-de-santo" François, também membro do Conselho do Ritual. François era uma pessoa a pagada em termos de atuação política, mas encarava as eleições com maior seriedade do que a outra candidata.

A atitude do Tesoureiro, lançando a candidatura do Conselheiro foi surpresa para os sócios, que interpretaram o seu gesto como um sinal de que na Federação tudo estava novamente regularizado. O lançamento foi surpresa também para o próprio Conselheiro, que se sentindo prestigiado, voltou a frequen-

(20) As pessoas que contribuem para a festa, no momento em que chegam à Federação, recebem uma flor que, usada na lapela, funciona como símbolo distintivo de "primeira classe".

tar a Federação, ainda que esporadicamente, e apenas em dias de reuniões políticas. Mas, por outro lado, começou a desconfiar/ de que o Tesoureiro cabalava votos para a outra candidata, ao mesmo tempo em que custava a acreditar numa "jogada" porque eram todos do partido da situação. Porém, no dia em que descobriu que aquilo realmente acontecia, houve uma tomada de posição em que o Tesoureiro se confessou do lado da Vice-Presidência, justificando que ele era sócio e tinha o direito de escolher; e além do mais, dizia ele: "enquanto eu for alguma coisa aqui dentro a Federação não vai ser governada por dirigente relapso, nem "pai-de-santo" veado ou "mãe-de-santo" saboeira". O Conselheiro se viu e sabia que era visto como "relapso" não só porque, como Presidente do Conselho Deliberativo, em toda sua gestão, o Conselho só se reunia uma vez, como também porque ele jamais comparecia às reuniões do Conselho do Ritual. A Vice-Presidente, pelo contrário, embora de idade mais avançada, com maior número de ocupações, não deixava de comparecer a nenhuma reunião, sessões solenes ou mesmo "toques" das casas associadas (para os quais era convidada em virtude de ser a Presidente da Instituição).

Mais uma vez o Conselheiro se sentiu desprestigiado e espoliado. Por essa razão, passou a encetar uma campanha surda para depor o Tesoureiro, segundo ele a "praga da ditadura da Federação". Ele tentava aliciar a cúpula da Federação no sentido de que, juntos, fizessem uma representação em Assembleia Geral, para colocar fora da Federação aquele "elemento desonesto que não era "pai-de-santo", que não tinha moral (21) e estava ali querendo ser muita coisa e tomando o lugar deles".

Não se sabe quem, dentre os elementos de cúpula da Federação, denunciou o movimento ao Tesoureiro. Sabe-se que este veio a tomar conhecimento do que se passava e, possivelmente atemorizado com as proporções do movimento (22) ou por não saber quem, dentro da cúpula da Federação, era realmente seu amigo, não hesitou em se retratar diante dos "pais-de-santo" no primeiro dia de reunião mensal da Diretoria Executiva e do Conselho do Ritual. Antes de se discutir a pauta do dia, o Tesoureiro pediu a palavra para apresentar seu pedido de demissão do

-
- (21) O Conselheiro que dizia conhecer particularidades do Tesoureiro, falava que o Tesoureiro era um "veado" que vivia em bacanais com um grupo de outros "veados", seus amigos.
- (22) O Conselheiro já contava com o apoio da OPUC (Ordem Paraense de Umbanda Cristã) através do dissidente Vidigal. (ver Cap. I).

cargo da Tesouraria. Antes, porém, de formalizar seu pedido, o Tesoureiro fez questão de explicar que ele renunciava porque estava cansado de não ver seus esforços recompensados, ele que "sempre lutava pela Federação", que procurava ter suas compras sempre certas e que nunca havia desrespeitado nenhum Presidente; mas que quanto mais ele fazia mais se reclamava; que, por último, até com sua vida particular "andavam se incomodando" como se ele fosse um "pai-de-santo" que tivesse que dar exemplo aos seus "filhos". Portanto, por tudo aquilo que ocorria, o cargo da Tesouraria estava vago, para aquele que quizesse dele tomar conta". O Tesoureiro pleiteava ficar apenas como Delegado da Confederação e ameaçava: "sô tem uma coisa: como fiscal eu vou começar a botar muitas coisas nos seus lugares". Houve um burburinho entre os presentes, mas não se conseguia distinguir o que diziam. Foi quando pediu a palavra a Vice-Presidente do Conselho do Ritual (23) para dizer: "... de forma alguma. Acho que ele não deve se importar, pois todo mundo sabe que ele é um rapaz esforçado, que se mata por esta Federação. Eu, por exemplo, sou uma pessoa que não posso largar minha casa e ficar aqui fazendo o que ele faz, e acredito que os "irmãos" também não podem". Alguns Conselheiros não se manifestaram nem contra nem a favor do Tesoureiro, mas quando o Presidente do Conselho e a Presidente da Diretoria Executiva pediram que o Tesoureiro tivesse calma e reconsiderasse seu ato, ninguém pediu a palavra para se manifestar contra, de modo que o pedido de demissão do Tesoureiro foi indeferido por unanimidade. Assim, como resultado do conflito, assistiu-se à predominância do burocrata sobre o "pai-de-santo" que, novamente desprestigiado, se ausentou ainda mais da Federação, de tal modo que o golpe não se concretizara. Pergunta-se: por que a disputa teve esse desfecho? Vejamos as várias razões.

A primeira delas era a natureza das acusações do Conselheiro, que dissera que o Tesoureiro era "intruso" e "imoral". O Tesoureiro defendia-se dizendo não ser um "intruso" como queria o Conselheiro. Ele simplesmente era um assalariado, contratado por uma Diretoria desfalcada e em situação de crise. E acrescentava que, como assalariado, ele trabalhava horas extras sem nunca reclamar o pagamento das mesmas. Com isso, ele queria demonstrar que, mesmo admitindo que ele fosse um "intruso", no final das contas ele era o explorado, pois trabalhava/

(23) A Vice-Presidente do Conselho e o Tesoureiro mantinham relações cortadas.

para os "pais-de-santo" enquanto estes cuidavam de seus interesses particulares. E acrescentava que, se um dos falecidos fundadores da Federação (M. Veras) o havia chamado para ocupar cargos na Instituição era porque a escolha era compatível com as normas estatutárias.

Quanto às acusações sobre sua moral, ele dizia que aquele era um assunto à parte de seu cargo uma vez que nunca havia desrespeitado "a sede", pois sua vida particular era sempre da porta da Federação para fora". Desta forma, os argumentos do Tesoureiro eram convincentes e sobre eles não pairava nenhuma dúvida, porque além de apresentarem provas concretas, eram argumentos legais que falavam pelos Estatutos. E os Estatutos, como vimos, silenciavam quanto à condição religiosa que o Tesoureiro e o Delegado Nacional deveriam ter, além de, em nenhum capítulo, preverem a discussão sobre a "moral" das pessoas. E mesmo esses casos não estavam incluídos entre os casos passíveis / de impedimento e cassação.

À medida em que ele, na sua argumentação, apelava para os Estatutos e conseguia através dos mesmos justificar sua posição, deixava a descoberto a posição ilegal do Conselho que funcionava de forma oficiosa, conforme vimos anteriormente. E deste modo a situação agora estava invertida, pois o Tesoureiro, mesmo na simples condição de associado, poderia cumprir as ameaças que ele havia feito à cúpula da Federação. Ameaçados pelo Tesoureiro, por funcionarem ilegalmente, o Conselho e a Diretoria não tinham condições legais para esboçar qualquer reação. Sucede que, como representantes de Órgãos de cúpula, os "pais-de-santo" poderiam, daquele momento em diante, reagir às ameaças do Tesoureiro através de formas de protesto. Sendo a maioria, os "pais-de-santo" podiam, por exemplo, romper unanimemente relações com o Tesoureiro ou manter com ele apenas relações formais. Gradativamente, podiam desgastar sua posição, na medida em que não dessem apoio às suas promoções e, colocando-o no ostracismo, podiam ir ao ponto de negar-lhe ambiente de trabalho. Boicotando o Tesoureiro, podiam inclusive forçar um pedido de demissão por parte deste elemento. Na hipótese de que isto acontecesse, livrar-se-iam das ameaças do fiscal (Delegado), ao mesmo tempo em que resolveriam o problema da Federação, pois uma vez que o Tesoureiro fosse demissionário, a Federação teria resolvido seu problema de indenização do funcionário "fulano de tal". Mas, uma vez que a cúpula da Federação em unanimidade votava a permanência do Tesoureiro e continuava a apoiar suas promoções, era evidente que aqueles "pais-de-santo" tinham

interesse em manter o Tesoureiro em suas funções. Então pergunta-se por que os "pais-de-santo" não se sentiam ameaçados com as palavras do Tesoureiro (e, pelo contrário, mantinham a situação) ?

Para responder a estas questões devemos começar considerando que, na Federação, todos os Poderes em Órgãos, cargos e associados são indistintamente regulados pelos Estatutos, pois estes, como vimos, representam a lei dentro da Federação. Também devemos nos lembrar que, na Federação, conforme demonstramos, havia apenas um elemento que falava em nome dos Estatutos e, conseqüentemente, em nome da lei. Este elemento era o Tesoureiro, que assim agindo passava a personalizar a lei. Também devemos ressaltar a constatação de que a disputa era uma condição intrínseca da carreira e da existência de cada "pai-de-santo".

Quer nos parecer então que, sendo o Tesoureiro um elemento leigo, que se propôs a existir na Federação exercendo função de natureza burocrática e não religiosa, é óbvio que ele não era ameaça porque não era um concorrente para os demais "pais-de-santo". Se, pelo contrário, os "pais-de-santo" apresentassem uma denúncia à lei no sentido de que os cargos de Tesoureiro e de Delegado da Confederação deveriam ser privativos de religiosos, isto sim, representaria uma ameaça para eles. O "pai-de-santo" que fosse escolhido para a representação nacional estaria em ligação com o sul do país, faria novos contactos e novas amizades; e uma vez que na carreira / de um "pai-de-santo" as amizades funcionam como símbolo de prestígio, as amizades dariam àquele "pai-de-santo" mais projeção e, conseqüentemente, muito mais notoriedade em relação / aos demais "pais-de-santo". Com o poder de que dispunha agora, o "pai-de-santo" nomeado Delegado Nacional no Estado poderia, inclusive, através de manipulações políticas, tirar proveitos pessoais; e, em se tratando do nível local da Instituição, poderia eleger novos "pares" - o que seria desvantajoso para aqueles atuais "pais" e "mães-de-santo" da Federação. Estes, na situação atual, gozam de fama, têm notoriedade e chegam mesmo a ser admirados como modelos por aqueles candidatos que iniciam sua carreira (Anexo 3). Quer dizer que, na hipótese dos atuais dirigentes da Federação serem relegados ao anonimato, isto fatalmente abalaria seu renome, e ter renome é condição que demonstramos ser básica para o sucesso do "pai-de-santo".

Na possibilidade de que o Tesoureiro estivesse (como ainda está), ilegal na função de Delegado Nacional, isto vem a significar que, como ele personifica a lei, na Federação é a própria lei que, "fechando os olhos" vem aceitando a situação ilegal da cúpula. Por outro lado, se o Tesoureiro é a lei, é também a própria lei que tem interesse em, "fechando os olhos", validar a posição ilegal de todos, pela razão de seus interesses particulares estarem em jogo, pois, conforme se viu, é difícil para o Tesoureiro conseguir outro emprego, por causa de sua idade.

Embora ameace, não é do interesse do Tesoureiro tentar "botar as coisas nos seus lugares", porque ele será o primeiro prejudicado. De início, perderá assento num dos Poderes máximos da Federação (Diretoria Executiva). Perdendo este cargo, deixará de ser a "pessoa de frente" da Federação, pois não terá condições de se manter como vem se mantendo, na posição intermediária entre sócios e cúpula da Federação. Deixando de ser intermediário não poderá prestar favores, e não prestando favores não terá as recompensas que ele mesmo reconhece serem vantajosas, quando afirma que indo visitar certas criaturas al moça, toma café, recebe dinheiro do transporte, e ainda "ganha muito presente daquela gente", pois nem camisa compra para ele. Percebe-se então que "pais-de-santo" e burocrata tiram vantagens da situação ilegal que é mantida na Federação, graças à existência de uma regra oficiosa que opera ao nível da cúpula e que garante uma posição de vantagens recíprocas para ambas as partes. Isto nos permite compreender por que um golpe no "ditador" da Federação era inviável. Se os Conselheiros apoiassem o golpe do "pai-de-santo" saberiam de antemão que outro / "pai-de-santo" ou mesmo outro leigo ocuparia os cargos que vinham sendo ocupados pelo Tesoureiro; e que, religiosa ou leiga, a nova pessoa poderia provocar mudanças, que por sua vez seriam desastrosas porque estariam quebrando as regras oficiosas / de um jogo que vinha sendo vantajoso para todos. Podemos assim entender o motivo da rejeição unânime do pedido de demissão do Tesoureiro. É também a razão pela qual os próprios adversários do Tesoureiro (a Vice-Presidente do Conselho), além de ser contra a demissão do Tesoureiro, fazia questão de reconhecer e enfatizar a importância que o Tesoureiro representava para a Federação.

Mas, se as regras oficiosas justificam a manutenção de status da Federação, elas não bastam para explicar a vota -

ção unânime em favor do Tesoureiro, se considerarmos que o Conselheiro era um elemento mais bem relacionado em termos de amizade com os elementos da cúpula da Federação. (24) Kapferer (1968:181/240), analisando uma situação de disputa ocorrida entre empregados de uma mina de chumbo na Rodésia sugere que "the course and nature of the dispute depended largely on the character of the relationships of the others involved in the dispute", pois "the amount of support a person achieves in a situation will be conditional on the structure and nature of his direct and indirect interpersonal relationships".

A importância da natureza dos laços de amizade de uma pessoa foram confirmadas na Federação, onde vimos que o Tesoureiro, em função de uma "amizade sincera" com certas pessoas, havia conseguido moradia, emprego, cargos importantes na Federação, e também uma "grande corrente" que vinha, até então, garantindo o sucesso de suas promoções e, conseqüentemente, sua permanência na Federação. E mais ainda: apoio unânime, em detrimento de outras pessoas que, por direito, deveriam ser apoiadas.

Tomando Kapferer como referência, tentaremos mostrar que na Federação existe uma correlação entre "apoio" e "natureza dos laços de amizade" das pessoas, pois na disputa havida naquela Instituição, o Tesoureiro surgiu como elemento preponderante porque teve o apoio das pessoas mais importantes da Federação, o que sugere que o poder de uma pessoa está relacionado com sua rede de relações sociais. Assim sendo, usando a disputa entre "pai-de-santo" e Tesoureiro como estudo de caso, tentaremos fazer essa comprovação e, uma vez que se consiga demonstrar o Tesoureiro como elemento preponderante, examinaremos que tipo de manipulação ele tem feito em sua rede e que / tem garantido, até então, a continuidade da Instituição sob o jugo de sua "ditadura" que é aceita unanimemente.

Inicialmente, procederemos à análise da natureza das interações dos disputantes. Isolaremos três propriedades das interações, a saber: o conteúdo, o grau de multiplicidade e a direção das trocas de favores existentes entre aquelas pessoas,

(24) Conforme veremos a seguir, o Conselheiro não tinha relações cortadas com nenhum dos demais Conselheiros. Pelo contrário, as relações eram estreitas, chegando inclusive a existir laços de compadrio entre ele e o Conselheiro François, candidato a Vice-Presidente da Federação. O Tesoureiro, ao inverso, era "de mal" com dois conselheiros.

pois do mesmo modo que Kapferer, acreditamos que "is that through an analysis of the exchange content in a relationship, and, particularly the degree of multiplexity and directional flow of this exchange content, some indication is given of the extent / of social investment which an individual has in those persons to whom he is directly connected relative to other persons who are linked to the same persons". (1969:215).

Chamo de conteúdo das trocas a qualidade ou natureza das transações sociais. Tomando os depoimentos coletados, agrupei tais conteúdos em cinco categorias que chamei de 1) - trocas formais; 2) - trocas informais; 3) - favores pessoais; 4) - favores no culto; 5) - companheirismo. Trocas formais significam a obrigatoriedade do cumprimento de um dever social e, na Federação, este dever é decorrente do status oficial que as pessoas desfrutam dentro da Instituição. Cita-se como exemplo a obrigação que um indivíduo investido nas funções de Presidente da Federação, tem em comparecer às Festas ("toques") das casas de culto, inaugurações de "barracões" e demais cerimônias particulares, pelo fato de ser ele o Presidente de um Órgão de classe. O mesmo pode acontecer com qualquer uma das pessoas que façam / parte da cúpula da Instituição, no nosso caso, a Federação. Ao lado desta obrigatoriedade, existe um segundo tipo de gentileza trocada que, embora ocorrendo no plano pessoal, não deixa de / ser resultante de um dever igualmente formal. Na Federação, por exemplo, cada um dos dirigentes (Conselheiro) espera ser cumprimentado por outro Conselheiro no dia de seu aniversário. Todos os Conselheiros, igualmente, esperam que um não deixe de prestigiar as "festas de santo" da casa do outro. Esta última expectativa é a mais importante; e o não cumprimento dessas gentilezas é tomado como uma "desconsideração", como um "desprezo" que é reclamado abertamente pelo "desconsiderado".⁽²⁵⁾ Na maioria das vezes, esta última expectativa é cumprida; todavia o cumprimento dessa gentileza não significa intimidade, pois as trocas de polidez dessa ordem podem ocorrer entre pessoas que na Federação se associam entre si apenas como um grupo funcional.

Trocas informais não contêm em si a noção de dever social, e independem de um princípio de educação e etiqueta. Elas são todas espontâneas, fazem-se sempre à base de simpatia e da maior ou menor afinidade que as pessoas possuem com as outras.

(25) Certo dia de reunião do Conselho do Ritual, a Conselheira- "Mãe Brígida" reclamava que ninguém aparecia na casa dela, apesar dela viver convidando todo mundo. Ela mesma achava que era porque "ela era preta e seu terreiro era pobre".

O cumprimento em datas de aniversário (citado anteriormente como exemplo) não será considerado neste caso como um dever social. Haja recepção ou não, a visita ao aniversariante será um ato íntimo em que uma pessoa comparecerá à casa de outra simplesmente dizendo "vim passar o dia contigo". E, uma vez na casa do aniversariante, gozará de liberdade bastante para se sentir com o direito de almoçar, de ter uma rede atada para "dormir a sesta", de usar o chuveiro ou mesmo abrir a geladeira e a "petisqueira para procurar o que merendar". No caso de o aniversário ser no mesmo dia do festejo do "santo" do aniversariante, e estar planejado um "toque", a visita prontamente participará do putirum do preparatório da festa, e trabalhará o quanto for necessário.

Durante a realização do "toque", o amigo visitante / poderá ajudar o dono da casa (aniversariante que estará ocupado com o ritual, funcionando como anfitrião da casa e/ou organizador da recepção. Dependendo de sua vontade, o visitante / poderá ficar para a "varrição" (+) da festa, permanecendo mais um dia comendo e dormindo às expensas do dono da casa, de modo que, a maior ou menor liberdade que uma pessoa desfruta na casa de outra passa a ser a medida da intimidade entre ambas. No caso dos Conselheiros da Federação, a maior ou menor intimidade entre eles surgia em seus próprios discursos, pela forma / com que eles se referiam uns aos outros durante as entrevistas que tivemos. Quando as trocas eram formais, um Conselheiro dizia a respeito de outro: "conheço fulano apenas da Federação"; "nosso conhecimento é somente pela parte do culto"; "nossa amizade não tem particularidades"; "fulano vem nos meus toques / mas a gente não se visita"; "não costumo ir à casa de fulano e ele até reclama porque ninguém vai lá". No caso das trocas informais em que existia intimidade entre as pessoas, estas diziam: "fulano vem na minha casa nos dias de toques, fora de toques, a qualquer hora"; "nosso conhecimento é antigo e nossa amizade é mais adiantada"; "a casa de fulano é mesmo que ser minha". Ou ainda: "somos amigos de muitos, muitos e muitos anos".

Uma consequência dos laços de amizade entre os Conselheiros é eles passarem a trocar favores pessoais, ou seja, / prestação recíproca e voluntária de serviços ou ajuda na solução de problemas domésticos. Este tipo de troca também não envolve dever e obrigatoriedade, pois é sempre um ato de motu proprio daquele que presta o obséquio. Via de regra, cada Conselheiro é um sacerdote sempre atarefado com os deveres de sua casa de culto, e que muitas vezes não dispõe de tempo para ir

a Bancos, fazer compra de material para seus "trabalhos", entregar encomendas (receituário), etc. Esses afazeres requerem então uma pessoa de confiança. No caso da Federação, pode ser um Conselheiro amigo que, na medida do possível, se oferece ou atende ao pedido daquele que necessita de seu auxílio. Existe ainda um outro tipo de ajuda que os Conselheiros da Federação / prestam uns aos outros. São os favores no culto que significam exclusivamente a prestação de serviços ritualísticos. À primeira vista, a escolha de quem prestará esses serviços implica em uma relação de amizade mais íntima entre as pessoas. Pode / ser que, em alguns casos, exista uma correspondência entre essas duas variáveis; mas, como regra geral, verifica-se que esse tipo de troca é percebido muito mais como uma obrigação da pessoa a quem o favor é solicitado, pelo fato de que, todo Conselheiro é visto como um profissional. Quando um Conselheiro diz "foi fulano (outro Conselheiro) quem sentou meu "Exu", isto significa que obrigatoriamente existia entre os dois uma amizade, mas significa que o fulano é reconhecido como um "profissional especialista" naquele aspecto particular do culto. E, pelo fato de ser ele um "especialista", seu papel equivale ao papel do médico que deve atender a um cliente, independente da maior ou menor simpatia que ele mantenha em relação ao paciente. Embora esse tipo de favor não exclua a possibilidade da existência de amizade e intimidade entre aquele que presta e aquele que recebe o favor, verifica-se que as trocas informais e os favores pessoais são os tipos de contactos que demonstram a existência de relações de amizade mais estreita entre as pessoas. Essa amizade, na maioria das vezes, ocorre entre pessoas que possuem idade e/ou sexo, e/ou posição hierárquica diversas. Assim, no caso da Federação, existem Conselheiros que são ligados entre si por / múltiplos laços de amizade, mas que, em contraposição, se consideram distantes em termos de sexo, idade e posição hierárquica. Foi por esta razão que, em função dos dados coletados, estabelecemos o companheirismo como um quinto tipo de trocas e relações, envolvendo pessoas que se consideram iguais entre si. Trocas formais e favores pessoais distinguem-se do companheirismo na medida em que, naquele primeiro tipo de relacionamento, os indivíduos geralmente desenvolvem a amizade e a intimidade na base de padrões paternalistas e fraternais: já no segundo caso, as relações são do tipo par, onde os indivíduos desenvolvem padrões de intimidade próprios - seja na prestação de favores mútuos, seja no lazer, ou até mesmo nos seus padrões de sexualidade. Nesse caso, os indivíduos tratam-se como iguais, associam-

se através de relações jocosas independente das diferenças de idade, cor, sexo, maior ou menor posição hierárquica desfrutada na Instituição. No companheirismo a interação é mais permanente, sobretudo quando reforçada pelas relações de vizinhança - como ocorre entre alguns Conselheiros da Federação. A interação sendo intensa, a lealdade, a coesão e a participação de uns nas experiências de outros vão se tornando cada vez mais / intensas. A solidariedade resulta na expectativa de obrigações recíprocas. A reciprocidade faz com que as pessoas se sintam na obrigação de repartirem tudo aquilo que possuem, desde sua subsistência básica (alimentação) até a partilha de bens supérfluos (empréstimo e uso de eletrolas, discos e televisão). As trocas entre as pessoas são contínuas e numerosas e, na Federação, as pessoas ligadas por laços de companheirismo, quando entrevistadas, declaram que "já perderam a conta / dos favores que se fizeram". Entre eles existe uma homogeneidade de pensamento e ação que faz com que um reduzido número / de Conselheiros se sinta semelhante entre si, e leva seus membros a se auto-classificarem como "amigos de badalação", "amigos de particularidades", a se considerarem como "nós", ou a se definirem como "a nossa patota". Em contraposição, constatou-se que alguns Conselheiros evitam-se entre si, mas isto / não significava rotura total das relações entre eles, pois as pessoas que se evitavam mantinham relações formais quando das reuniões do 'staff', e elas mesmas declaravam que "se davam / bem se comendo". Por esta razão chamei de "estremecidas" a esse tipo de relações que não eram totalmente rompidas. Havia, por outro lado, uma variação no número de relações de cada Conselheiro: uns, possuíam poucos laços; outros, possuíam muitos laços de amizade com seus companheiros. A maior ou menor quantidade de trocas existentes no relacionamento de cada Conselheiro com os demais, chamei de multiplicidade (Kapferer, 1969: 213). Considerei mínima a interação que continha apenas dois tipos de trocas, e chamei de múltipla àquelas interações que compreendiam três dos cinco tipos de trocas dentre as apontadas anteriormente. A exceção das trocas do tipo "formais" a "favores no culto" (que, como vimos, não mediam o grau de intimidade entre os Conselheiros), consideramos nas demais trocas as interações bi-direcionais como sendo aquelas mais importantes porque, sendo trocas de livre arbítrio, demonstravam quem aceitava quem na sua intimidade.

Uma vez feitas essas considerações, passo à análise

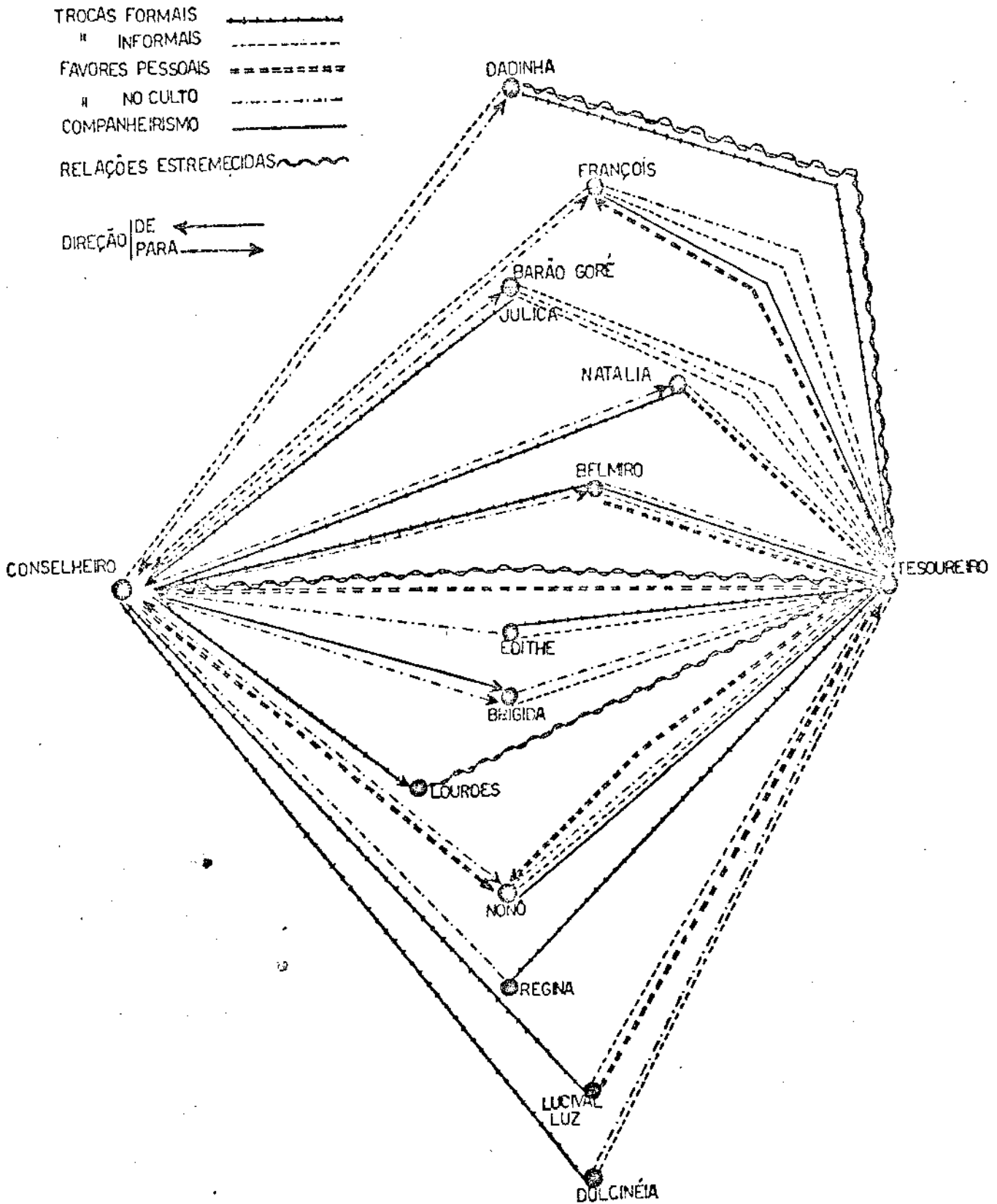
dos laços de interação direta que ligam determinado indivíduo (Ego) a outros indivíduos, bem como os laços que ligam esses indivíduos entre si (Kapferer, 1969:182). A análise será centralizada na pessoa do Conselheiro e do Tesoureiro. Muito embora a rede de relações sociais de cada um deles tenha sido sistematicamente levantada após o frustrado golpe do Conselheiro, o material aqui apresentado representa também o resultado de nossa observação e vivência junto à Federação.

LAÇOS DE AMIZADE COMO BASE DO PODER

Examinando as relações de amizade do Conselheiro e do Tesoureiro com os elementos da cúpula da Federação, a primeira observação a ser feita é a de que ambos relacionam-se com 12 pessoas, mas que a natureza e o grau desse relacionamento são distintos para os dois casos - o que se pode observar através do Gráfico IX. O Conselheiro e Dulcinéia dizem que se conhecem através da Federação e, embora se definam como "amigos", ambos dizem que são "amigos que nunca se ocuparam", ao mesmo tempo em que nenhum deles coloca alguma carga emocional quando se refere ao outro. Em contraposição, quando Dulcinéia se refere ao Tesoureiro, ela demonstra entusiasmo ao dizer que "gosta imensamente dele" e que já lhe fez inúmeros "trabalhos". Por sua vez, o Tesoureiro também diz "gostar imensamente dela"; conta que já "dormiu a sesta" e já almoçou na casa de Dulcinéia. Mas faz questão de frisar que a amizade entre ambos é "desinteressada", o que demonstra para o primeiro caso, apenas a existência de trocas formais entre o Conselheiro e Dulcinéia e sugere entre ela e o Tesoureiro a existência de troca informal com relacionamento do tipo "irmão X irmã", ao mesmo tempo que exclui entre os dois relações mais íntimas do tipo companheirismo.

O Conselheiro Lucival Luz dizem que "se dão muito bem" mas que nunca precisaram um do outro. O Conselheiro diz que respeita a "inteligência" de Luz, mas que não o respeita "na parte do santo". Por sua vez, Luz diz que se dá com o Conselheiro apenas "da parte do culto", que somente uma vez assistiu um "toque" na casa do Conselheiro, e isto quando ele era Presidente da Federação. Luz fazia questão de frisar que não gostava de visitar o Conselheiro porque, segundo ele, o Conselheiro "pedia que nem filho de pipira", e também porque não "gostava daquele jeito do Conselheiro viver falando bes -

RELAÇÕES DE AMIZADE DO CONSELHEIRO E DO TESOUREIRO COM A CÚPULA DA FEDERAÇÃO



teiras pelos jornais". Falando sobre o Tesoureiro a sua reação era diferente, pois dizia: "ele me tem como um pai e me respeita muito; ele sempre foi meu braço direito quando eu era Presidente da Federação e não tinha muito tempo para ficar na sede". O Tesoureiro confirmava a existência de uma relação paternalista entre os dois, pois declarava: "considero o seu Lucival como um pai e um amigo que eu tenho desde o começo da Federação. E eu não faço nada sem antes ouvir a orientação dele". O Tesoureiro diz frequentar a casa de Luz, onde "se sente como um filho". Conta que inúmeros domingos "ia passar o dia na casa de seu Lucival para tomar banho no igarapé (26) e fazer companhia para ele e a Senhora dele, porque os filhos deles nunca ficam em casa aos domingos". Dizia que se sentia com muita liberdade na casa de Luz, tanto que ele e sua "patota" (os Conselheiros François, Belmiro e Nonô) várias vezes já haviam "se imbitado" na casa de Luz. Todavia, em nenhum momento, o Tesoureiro mencionou o fato de que Luz lhe tivesse feito algum "trabalho", de modo que as trocas entre os dois consideramos / como sendo do tipo favores pessoais e/ou relacionamento informal. Muito embora os contactos entre Luz e o Tesoureiro fossem íntimos, eles eram paternalistas e com isso indicavam a existência de uma distância entre os dois, talvez em função da diferença de idade e do status social de cada um.

Diferente de Luz, a Conselheira Regina não tinha intimidade com nenhum dos dois disputantes. Sempre séria, ele dizia "me dou com o Miranda (Tesoureiro) apenas da Federação" e não acrescentava mais nada. Quanto ao Conselheiro, embora entre eles não houvesse até então a prestação de favores recíprocos, ela dizia que o Conselheiro já a havia ocupado para trocar idéias sobre "a parte do culto", enquanto que ela já havia precisado dele para "jogar uns búzios para ela". Assim sendo, entre Regina e o Tesoureiro existiam apenas relações e trocas formais, enquanto que entre ele e o Conselheiro as trocas eram do tipo favores no culto.

Nonô afirmava se dar muito bem com o Conselheiro, a quem dizia dever favores pessoais, pois durante uma etapa difícil de sua vida, em que ele, Nonô, atravessava uma fase financeira crítica, fora o Conselheiro quem lhe mandara "clientes". Mais tarde, numa espécie de pagamento, Nonô trabalhara muito, ajudando o Conselheiro a "levantar e assentar" o barracão dele. Em relação ao Tesoureiro, Nonô dizia que o considerava como um

(26) Lucival mora num sítio (chácaras) cortado de riachos (igarapés) e que fica localizado nos arredores da cidade.

"irmão de muitos anos", e que havia perdido a conta dos favores trocados entre os dois; que se visitavam frequentemente (O Tesoureiro ia muito à casa de Nonô), faziam passeios e passavam / férias juntos, os dois e mais François, Belmiro e outros amigos. O Tesoureiro dizia que confiava muito nos "trabalhos" de Nonô e, sempre que necessário, Nonô era um dos que faziam "proteçãozinha" para ele. Entretanto, em seu depoimento, Nonô não demonstrava preferência por nenhum dos dois. Lourdes, pelo contrário, demonstrava-se ressentida em relação ao Tesoureiro. Contava que gostava muito dele e que ele sabia que "a casa dela era mesmo / que ser dele" até o dia em que "soubera de umas coisas que o Tesoureiro havia falado dela". O Tesoureiro, por seu lado, dizia que os dois "estavam de ponta" porque Lourdes "era o tipo de pessoa que ia atrás de fuxicada", mas que ele não se considerava "de mal" com ela, e acreditava que o mesmo acontecia da parte dela, porque François lhe contara que havendo se encontrado com Lourdes, perguntará-lhe porque ela nunca mais havia aparecido na Federação. Lourdes respondera, alegando falta de tempo, mas não falara no nome do Tesoureiro. De qualquer forma, na ocasião em que esses dados foram colhidos, Lourdes demonstrava nítidas preferências pelo Conselheiro, elogiava o tratamento que dele recebia quando assistia aos "toques" em sua casa de culto. Mas afirmava que ela e o Conselheiro nunca haviam se ocupado. Assim sendo, consideramos que entre Lourdes e o Conselheiro só existiam trocas formais. Com Brígida, o Tesoureiro / dizia que "não tinha idéia da amizade dela por ele", mas que eles se davam bem. Ele dificilmente assistia aos "trabalhos" - dela, mas sabia que ela era "ótima na cura". Ele dizia que frequentava a casa de Brígida nos dias dos festejos que ela fazia para Seu João da Mata e Seu Ogum, ou nos dias do aniversário dela, quando ele ia almoçar com ela. Brígida, por sua vez, dizia que nunca ocupara ninguém da Federação, e acrescentava que se tivesse de pedir favores pessoais a alguém do Conselho, recorreria a Belmiro ou a Nonô, muito embora o Tesoureiro fosse o Tesoureiro fosse o conhecimento mais antigo que ela possuía na Federação. Por sinal, acreditava que fora o Tesoureiro quem indicara seu nome para fazer parte do Superior Conselho do Ritual. E ela explicava a razão: o Tesoureiro conhecia sua competência porque certa pessoa da família do Tesoureiro ficara boa com / seus "trabalhos" apesar de desenganada pelo médicos. Mas Brígida fazia questão de ressaltar que não tinha intimidade com ninguém da Federação, mesmo porque dificilmente as pessoas da Fede

ração iam à casa dela - a não ser o Tesoureiro e François, que eram os únicos que se lembravam do seu aniversário e todos os anos, nesse dia, almoçavam com ela. Brígida declarava respeitar muito os "trabalhos" do Conselheiro, que os dois já haviam trocado favores no culto, pois ela ajudara a mudar os "assentos" do barracão do Conselheiro quando este se mudara de residência. O Conselheiro por sua vez, jogava búzios para ela, e fora ele quem havia "sentado seu Exu" e quem, por vezes, lhe ensinava "algumas coisinhas sobre cura". Embora Brígida declarasse gostar de ambos, ela não demonstrava preferência por nenhum dos dois. Consideramos, dessa forma, que entre ela e o Conselheiro existiam trocas formais e prestações recíprocas de favores no culto, enquanto que entre ela e o Tesoureiro as trocas eram informais. Mas a prestação de favores no culto partiam dela para o Tesoureiro.

Edith e o Conselheiro diziam que "se davam muito / bem". Edith já havia precisado do Conselheiro "na parte do culto" numa vez em que ele dera a ajuda num de seus "trabalhos pesados". O Conselheiro também já havia "jogado búzios" para ela, e já havia recebido a ajuda de Edith num de seus "trabalhos pequenos". Mas apesar dessas trocas, os dois não se visitavam nem freqüentemente a casa do outro; as únicas visitas eram por ocasião de "toques". Quanto ao Tesoureiro, Edith dizia que eles se haviam conhecido através da Federação, quando de uma visita que o Tesoureiro fizera à Seara de Esther, na qualidade de Representante da Confederação de modo que Edith afirmava / que a amizade entre ambos era mais "pela parte da Federação. Isto porque, conforme ela dizia, não existiam "particularidades" naquela amizade. Edith, quando entrevistada procurava ser neutra em relação ao acontecimento entre os disputantes; todavia sabíamos que algumas vezes ela freqüentava a casa do Tesoureiro, nos dias de "varrição" do Tambor das Flores. Sabíamos também que o Tesoureiro já havia almoçado na casa dela, detalhe que nunca havia sucedido em relação ao Conselheiro.

Deste modo, consideramos que entre ela e o Conselheiro existiam apenas prestações de serviços formais, do tipo favores no culto; por outro lado, entre ela e o Tesoureiro, as / trocas tanto eram formais quanto informais. Sabíamos também que Edith havia dito que não freqüentava mais amiúde a casa do Tesoureiro porque este andava sempre acompanhado de Belmiro - (Presidente do Conselho do Ritual) com quem Edith tinha relações cortadas; mas, nos dias de aniversário do Tesoureiro, ela

mandava seus "filhos" representarem-na. Edith também dissera, em certa ocasião, que não dançava no tambor que o Tesoureiro / organizava na Federação porque ele era dirigido por Belmiro , mas que ela não deixava de prestigiar o mesmo tambor com sua presença. Isto realmente era verdade, pois todos os anos nós a encontrávamos naquele tambor. Quanto a Belmiro, este dizia que não freqüentava a casa do Conselheiro; que ele já fora lá apenas umas quatro vezes, mas que somente uma vez fora para / dançar. E acrescentava que o Conselheiro inclusive reclamava para ele, Presidente do Conselho, a ausência dos demais Conselheiros. Belmiro dizia que ia à casa do Conselheiro sempre que encontrava alguma dificuldade para "trabalhar" na "linha de cura" que era a "linha" do Conselheiro. Em contraposição, tanto ele como o Tesoureiro confirmavam haver entre eles uma amizade muito antiga, que vinha de muitos anos, antes mesmo de existir a Federação. Por esta razão, Belmiro classificava sua amizade com o Tesoureiro como sendo uma amizade "mais adiantada", e considerava o Tesoureiro como um "irmão de sangue". O Tesoureiro por seu turno, considerava Belmiro como "um amigo" e um "irmão". E acrescentava: "ele é tudo comigo", pois contava que os dois eram amigos para todas as horas, e passava a lembrar os períodos em que haviam passado por dificuldades e nos quais um havia apoiado o outro. Contava também as farras, passeios e "porres" que "havam pegado juntos". Isto porque, segundo ambos, eles eram da mesma "patota". Portanto, entre o Tesoureiro e Belmiro existiam relações informais, enquanto que entre o Conselheiro e Belmiro as trocas de favores eram do tipo formal - como consequência do cargo de Presidente do Conselho do Ritual que Belmiro ocupava na Federação.

A Presidente da Federação, dona Natalina ("mãe Natália") era muito entusiasmada pela pessoa do Tesoureiro e para denotar a grande amizade que existia entre ambos, classificava o Tesoureiro como "xerimbabo de minha casa" (27). Dizia que / gostava muito do Tesoureiro, e que na casa dela o Tesoureiro era muito querido, "pelas meninas (suas filhas-de-santo), pela minha filha, e até pelos empregados". Contava: "quando ele / vem das cobranças dele; ele sempre entra por aqui, ele presta contas do que foi fazer e depois vai lá pra cozinha atrás de uma merenda. Quando não tem ninguém lá pela cozinha ele mesmo

(27) Termo regional, "animal criado em casa; pessoa estimada; cria caseira; sinônimo: Sirimbabo". (Roque, 1968:1780).

procura o que merendar". A Presidente dizia que todos os problemas da Federação eram resolvidos pelo Tesoureiro "porque / como você vê, eu não tenho tempo para nada, a casa é sempre / assim, cheia de gente de segunda a sábado". Afirmava que , dentre todas as pessoas da Federação, tinha maior amizade com o Tesoureiro que era seu "braço direito", e também porque "esse rapaz nunca me fez uma desatenção". O Tesoureiro por sua vez, considerava a Presidente como sua mãe e dizia "ela é uma mulher fabulosa", mas fazia questão de dizer "eu considero / que eu devo mais p'rá ela do que ela p'rá mim. A Presidente dizia também que tinha toda a liberdade na casa do Tesoureiro e não deixava de comparecer às "varrições" de seus tambores , ou de ir "lhe dar um abraço no dia de seu aniversário".

Com relação ao Conselheiro, a Presidente dizia gostar muito dele, ressaltando porém que era uma amizade "menor". O Conselheiro considerava a Presidente "muitíssimo sua amiga" e contava que já havia jogado "milhares de búzios" para ela e para sua filha. E acrescentava: "toda a orientação de Rita (filha da Presidente) quem dá sou eu, através dos búzios". E, por essa razão, considerava-se muito amigo das duas. Contava que a Presidente não esquecia o aniversário dele, e mesmo que ela não pudesse comparecer "sempre a Rita comparecia para lhe dar um abraço". A Presidente também não deixava de comparecer às "festas grandes" ("toques") da casa do Conselheiro, mas, além dessas visitas, nem o Conselheiro freqüentava a casa da Presidente, nem a Presidente costumava ir à casa do Conselheiro muito amiúde. Ambos alegavam "falta de tempo" ou "muita ocupação". Desse modo, entre a Presidente e o Conselheiro terminava por existir apenas relações de cortesia e troca de favores no culto, enquanto que entre o Tesoureiro e a Presidente, conforme se via (embora as relações fossem paternalistas), as ligações entre eles eram informais, havendo a existência de inúmeros favores pessoais.

Quanto à "mãe" Juliana ("mãe Julica"), esta contava que seu conhecimento com o Conselheiro surgira em função da Federação. Dizia que havia estado apenas uma vez na casa do Conselheiro para lhe pedir um favor "na parte do culto". Entretanto, o Conselheiro havia estado na casa de Juliana apenas uma vez, durante um "toque", mas não para dançar. Julica dizia que conhecera o Tesoureiro da mesma forma que conhecera o Conselheiro, isto é, através da Federação, mas explicava que o Tesoureiro, pelo fato de "ter o gênio mais dado", era quem freqüentava sua casa, pois ia lá, "tivesse ou não tivesse" to-

que". Contava que o Conselheiro nunca a havia ocupado em nada, nem "na parte do santo"; mas que o Tesoureiro sempre lhe pedia uma "proteçãozinha".

Voluntariamente, Julica também informava que falavam muito mal do Tesoureiro (e citava à "ditadura" da Federação), mas acrescentava que ela, pessoalmente, nada tinha contra ele, e que achava que falavam mal do Tesoureiro porque ele era uma "pessoa positiva", do tipo "que o que tem p'rá dizer, diz logo de cara". Julica fazia questão de explicar que não tinha amizade íntima com nenhum dos dois que não costumava freqüentar nem a casa do Conselheiro, nem a casa do Tesoureiro, mas contava o detalhe que Seu Barão Gorê na sua "cabeça" era quem ia todos os anos à "varrição" (+) do Tambor das Flores na casa do Tesoureiro. O caso de Julica era, portanto, singular: ela não demonstrava preferências por nenhum dos disputantes, e conseguia manter contactos e trocas formais / com o Conselheiro, ao mesmo tempo em que procurava se manter equidistante do Tesoureiro, pois embora o Tesoureiro freqüentasse sua casa, ela não freqüentava a casa dele. Porém seu "guia", freqüentado apenas a casa do Tesoureiro, demonstrava preferência por este. Já François, este não negava que era mais amigo do Tesoureiro. Ele e o Conselheiro eram compadres (o Conselheiro era padrinho da única filha de François), todavia esta relação de compadrio entre os dois não impedia que o Conselheiro dissesse que "eles se davam muito bem se comendo". O Conselheiro contava que quando ele chegara do Maranhão, François o ajudara muito na parte espiritual, dando a ele a sua experiência sobre a "vida espiritual" da cidade. Isto havia resultado em que eles se ocupassem freqüentemente "na parte do culto". François confirmava essa prestação de favores recíprocos, mas contava que naquela ocasião, o Conselheiro andava "meio invocado p'rô lado dele" pois nunca mais havia ido à sua casa. François desconfiava que era pelo fato de que ele, François, além de ser vizinho, andava sempre acompanhado do Tesoureiro, a quem classificava como sendo seu "amigo de badalação". Com essa expressão, François queria explicar que além de passearem e fazerem farras juntos, um tinha "obrigação de aturar a cachaça do outro". O Tesoureiro reafirmava a amizade, que segundo ele, os dois já haviam perdido a conta dos favores que se haviam prestado. E o Tesoureiro acrescentava: "atê a casa em que ele mora, quem arranjou p'rá ser aqui perto da Federação fui eu".

Mãe Dadinha, a Vice-Presidente do Conselho do Ritual, contava que conhecia o Conselheiro do "princípio da Federação"; dizia que gostava muito do Conselheiro, a quem considerava "um irmão" muito bom para ela. Informava que eles já se haviam / trocado muitos favores no culto. Relatava que, certa vez, o Conselheiro "manifestado" com Senhor Averequete, havia dançado num dos "toques" de sua casa. Por sua vez, ela também havia comparecido, mas não dançara no "toque" de abertura do barracão do Conselheiro. Este dizia que "mãe" Dadinha ocupava-o / muito no jogo de búzio, mas classificava a amizade deles como sendo amizade "na parte do culto". Entretanto, sabíamos que Dadinha já almoçara uma vez com o Conselheiro no dia do aniversário dele. Quanto ao Tesoureiro, Dadinha contava que eles se haviam conhecido pela Federação"; o Tesoureiro confirmava a informação, mas ressaltava que já conhecia o renome de Dadinha como "mãe-de-santo", antes mesmo da Federação existir. Dadinha dizia que nunca havia ido à casa do Tesoureiro, nem nunca havia tomado parte no Tambor das Flores. Isto não era desmentido pelo Tesoureiro, que explicava que ele estava cansado de visitá-la, e que ultimamente não frequentava mais sua casa por causa de intrigas. O Tesoureiro explicava porém, que embora a briga tivesse sido com Lulu (filha consanguínea de Dadinha), isto fora motivo para o rompimento entre os dois. Mas ambos diziam que, antes da briga, o Tesoureiro havia prestado favores pessoais a Dadinha, de modo que chegara a existir contactos informais entre eles. Naquele momento, no entanto, o Tesoureiro e a Vice-Presidente do Conselho mantinham apenas relações formais em função dos cargos que eles ocupavam dentro da Federação.

Do depoimento dos Conselheiros, podíamos então fazer as primeiras considerações sobre a disputa. Pelo Quadro XI, observamos que, de um total de doze pessoas, o Conselheiro não tem relações estremitadas com nenhum dos demais Conselheiros, enquanto que o Tesoureiro estava de relações cortadas com três deles - o que, aparentemente colocava o Tesoureiro numa posição desvantajosa. Mas quando se tratava de multiplicidade, do total das doze pessoas, o Tesoureiro mantinha relações múltiplas com quatro delas, enquanto que o Conselheiro não possuía com nenhuma das pessoas mais do que duas ligações. Comparando-se a posição dos dois disputantes, tínhamos o Tesoureiro man -

tendo aproximação e relações de intimidade com as pessoas mais importantes em termos de distinção de poder da Federação (Presidente da Instituição e Presidente do Conselho do Ritual); enquanto o Conselheiro mantinha relações mínimas e formais com seus iguais e superiores. Em mais da metade dos casos (10 pessoas), as trocas entre elas e o Conselheiro eram todas elas de ordem formal, uma vez que o Conselheiro tem apenas prestado / serviços profissionais às mesmas. O Conselheiro sempre comparece às "festas grandes" das "casas" dos demais Conselheiros, e embora no seu depoimento dê a entender que ele se sente prestigiado pelos seus companheiros, afirme que é sempre bem recebido, e que sempre lhe oferecem um lugar de honra, observamos que apenas uma vez ele "incorporou" na casa de alguém. Nas outras ocasiões, embora tendo lugar de destaque, ele assistia / aos "toques" como mero espectador leigo na assistência. Tudo isso vinha demonstrar que o Conselheiro, ou se considerava, ou era tido apenas como um visitante que, uma vez não tendo intimidade nas casas, não podia se colocar à vontade para se "incorporar" - fosse porque não lhe dessem a oportunidade, ou porque ele mesmo não soubesse o suficiente sobre as pessoas da casa e, conseqüentemente, desconhecesse a reação das mesmas diante de um estranho (no caso, ele próprio).

Ainda que entre o Conselheiro e os demais membros da cúpula existisse a prestação de serviços e favores recíprocos, observava-se também a pouca importância daquela reciprocidade. Em primeiro lugar, pelo fato do conteúdo da referida reciprocidade ser sempre de ordem favores religiosos - que, como vimos, eram serviços que na maioria das vezes não implicavam e não / continham em si relações de intimidade; e também porque a maioria daqueles serviços não haviam sido bi-direcionais. Não sendo bi-direcionais, isto vinha significar que o Conselheiro se sentia auto-suficiente. Não recorrer à "especialização" de nenhum companheiro também podia ser prova de não reconhecimento à capacidade e habilidade individual de uma pessoa; de modo / que, essas duas percepções juntas, terminavam por se transformar numa espécie de barreira entre o Conselheiro e os demais membros da cúpula. Essa barreira aumentava na medida em que diminuía as oportunidades de interação entre ele e seus companheiros. Em se tratando de "especialização profissional", naquela situação em que cada um pedia auxílio ao outro, as pessoas que o Conselheiro deveria tratar como seus iguais, na realidade eram tratadas por ele como sendo "inferiores" e "incapa

zes", uma vez que, não solicitando nada aos outros (seus iguais), o Conselheiro demonstrava falta de confiança na capacidade profissional dos demais "pais" e "mães-de-santo". A barreira da qual estamos falando era visível na forma pela qual os demais Conselheiros (Dulcinéia, Luz, Belmiro, Natália e François) se referiam a ele, quando falavam que tinham sempre uma atitude de indiferença em relação à sua pessoa - muito embora o Conselheiro por vezes se referisse a alguns deles de maneira exatamente oposta. O Conselheiro, por exemplo, falava de forma muito entusiasmada sobre sua amizade com a Presidente, dona Natália. Mas a reciprocidade não era verdadeira, de modo que, enquanto o Conselheiro se julgava "grande amigo da Presidente", a Presidente se dizia também "grande amiga" de seu adversário. Desse modo, julgando-se "grande amigo", o Conselheiro não percebia que a "amizade" era, na realidade, um jogo da Presidente: esta, usando sua filha Rita, carregava para si a amizade do Conselheiro ao mesmo em tempo que, ainda através da filha, manipulava o Conselheiro a seu favor.

No caso do Tesoureiro, a situação se mostrava diferente. Em primeiro lugar, as trocas entre ele e os demais membros da cúpula eram, na maioria das vezes de conteúdo informal e de sentido bi-direcional, indicando a proximidade entre eles. Diferentemente do Conselheiro, e à exceção das três pessoas com as quais estava estremecido, seis pessoas (Dulcinéia, Luz, Nonô, Belmiro, Natália e François) demonstravam apreço pela pessoa do Tesoureiro, e em todos esses casos o apreço era reforçado por um sentimento afetivo mais intenso, do tipo fraternal ou paternal. Esse sentimento de amizade, demonstrado e trocado mutuamente, denotava a existência de laços de amizade que os mantinha muito próximos. Quer dizer, emocionalmente considerado, e comparativamente analisado, o Tesoureiro era mais fortemente ligado àqueles seis Conselheiros do que o próprio Conselheiro.

Em relação a Dulcinéia, Luz, Brígida e Natália, a ligação do Tesoureiro era mínima, tanto quanto o era com o Conselheiro. Mas, embora o número fosse reduzido, ele possuía um conteúdo bastante expressivo. Senão vejamos o que aquelas ligações representavam, ou que sentido possuíam para aqueles Conselheiros.

Dissemos anteriormente que cada Conselheiro tem assento no Conselho em função de uma "especialização". Sucede que algumas "especializações" são mais procuradas e valorizadas do que outras. Dulcinéia, por exemplo, é "especialista" em

ocultismo. Esta não é uma "especialização" das mais populares e valorizadas no Conselho, de modo que dificilmente ela é solicitada para auxiliar alguém. Assim sendo, ela fica em projeção menor do que outros "especialistas" mais requisitados, como por exemplo os "mestres de cura" (que é o caso de Alcides). Mesmo intitulado-se umbandista, quase ninguém a procura, e pelo seu diário semanal observa-se que da sua clientela não consta ninguém da cúpula da Federação - a não ser o Tesoureiro, que nela deposita grande confiança profissional. O mesmo sucede com Brígida. Esta, se tem uma "especialização" muito solicitada (cura), sofre concorrência de todos os demais Conselheiros porque, como mostramos anteriormente, todo "pai-de-santo" é um "curador". É bem verdade que Brígida ajudou o Conselheiro a "assentar o barracão" (+) dele. Acontece que isso lhe daria prestígio se ela e o Conselheiro, não fossem ambos profissionais com a mesma "especialização". E como isto sucedia, quando Brígida permitiu que o Conselheiro lhe "ensinasse algumas / coisas dos trabalhos de cura", criou uma relação de dominância de Alcides para com ela. Por outro lado ainda no jogo da competição isto era desvantajoso para ela porque, entre dois "especialistas" no mesmo assunto, é lógico evidentemente que o mais competente, o superior, era aquele que ensinava. E como Brígida oscilava muito na escolha de qual de seus "guias" seria sua "marca registrada" ela era uma espécie de profissional indefinida. Para ela, a consequência era que, em relação aos demais Conselheiros, seu prestígio era menor; e no conjunto do Conselho, observamos que ela era das mais esquecidas e menos prestigiada pelos seus companheiros, a ponto de ninguém procurá-la, e ela reclamar a ausência das pessoas. Mas fazia justiça ao Tesoureiro, que era o único que a visitava e não se esquecia de seu aniversário. É o mais importante: ele confiava nos seus "trabalhos", a ponto de levar sua família para se tratar com ela. Em outras palavras: o Tesoureiro era um dos poucos que parecia confiar profissionalmente em Brígida, tanto que, como Representante da Confederação, indicara seu nome para compor um órgão de cúpula de tão grande responsabilidade doutrinária como era o Superior Conselho do Ritual. O mesmo fizera / com Dulcinéia, quando esta chegara da Paraíba, de modo que era profissionalmente desvantajoso que Dulcinéia e Brígida deixassem de apoiar o Tesoureiro para apoiarem o Conselheiro: este, além de não prestigiá-las, era concorrente de ambas. Luz da maneira nenhuma poderia apoiar Alcides. Luz era conhecido co-

mo exímio "especialista" em "jogar puxuri" (28). Alcides era exímio jogador de búzios. Desse modo, os dois eram concorrentes que de modo algum poderiam ser aliados, mesmo porque Luz não gostava de proximidades com Alcides porque, conforme ele declarava, Alcides "pedia que nem filho de pipira". Portanto, Luz apreciava mais o Tesoureiro a quem considerava "filho" porque o Tesoureiro o respeitava muito e, apesar de toda liberdade, não pedia absolutamente nada para seu "pai". Pelo contrário; sempre lhe fora muito leal e lhe prestara inúmeros favores / quando Luz era Presidente da Federação. Deste modo, por agradecimento ao Tesoureiro e concorrência com o Conselheiro, o ex Presidente apoiava o Tesoureiro. A atual Presidente, dona Natalina, estava ligada ao Tesoureiro por idêntica lealdade. Todavia, além desse motivo ela devia muito ao Tesoureiro, pois era muito ocupada com seus assuntos particulares e o exercício de sua função de Presidente dependia em grande parte da ajuda que o Tesoureiro lhe desse. Para Alcides ela não devia nada, em termos de favores pessoais. Os favores no culto e a grande amizade que Alcides propalava ter com a Presidente na verdade existiam, mas em relação à filha da Presidente. Assim, naquela conjuntura parecia que quem mais tirava proveito daqueles laços de amizade era a Presidente que, (repetindo o dito anteriormente) tendo uma posição de hierarquia dominante, talvez usasse a filha como estratégia de sua política de manter boas relações com toda a cúpula da Instituição. Alcides e Nonô eram os dois Conselheiros que, aparentemente, possuíam maior intimidade com o Conselheiro François. Uma prova disso é que Alcides era padrinho da única filha de François. Mas mesmo assim, François não se sentia comprometido com Alcides porque, além de não lhe dever favores pessoais, tinha queixas do compadre, que não se lembrava da afilhada e parecia não respeitar / as relações de parentesco e amizade que deveriam existir entre os dois (segundo François, o Conselheiro Alcides andava "de ponta" com ele). Nonô devia favores ao Conselheiro e ao Tesoureiro, mas como isso ocorrera apenas uma vez e Nonô já havia também prestado favores ao Conselheiro, ele, Nonô considerava isto como uma espécie de pagamento. Em contraposição, o Tesoureiro lhe prestava, desde que se conheciam, serviços que - embora fossem menos importantes que os favores feitos pelo Conse

(28) *Acrodictidium puchury major* (Hees e Hart) Mez.) - Planta aromática da Amazônia cujo formato das sementes se assemelha ao de um búzio africano. Por esta razão, na Amazônia, como os búzios são caros e difíceis, o processo divinatório é feito com a substituição do búzio pelo puxuri.

lheiro - repetiam-se mui frequentemente, evidenciando assim a maior eficiência do Tesoureiro. Este, esforçava-se mais em relação a Belmiro e François - sobretudo em relação a este último, a quem, pelo fato de serem vizinhos, a prestação de serviços era por demais intensa. O Tesoureiro, por exemplo era / quem preparava todos os dias o "banho do pai" (como ele se expressava), ou seja, todos os dias, ele mesmo providenciava e deixava a postos no banheiro a água quente na lata, o sabonete, a toalha e roupa de François, funcionando como "moço de companhia". Também quando François não cozinhava, não ficava com fome pois mandava "buscar uma comidinha na casa do Tesoureiro".

Belmiro, além de não se considerar devendo nenhum favor particular ao Conselheiro, sentia-se mais íntimo do Tesoureiro, com quem já havia morado e que considerava "amigo para todas as horas". Quer dizer, os laços de ligação eram mais / fortes entre Nonô, Belmiro e François e o Tesoureiro e isto se refletia quando eles afirmavam ser da "mesma patota".

Portanto, o Tesoureiro era o elemento que possuía laços mais íntimos e maior proximidade com a maioria dos Conselheiros. Por conseguinte, ele era definido como "amigo" muito mais do que o Conselheiro, mas quer nos parecer que a principal causa que fazia o Tesoureiro ser aceito na intimidade da casa dos "pais-de-santo" Conselheiros, era ainda o fato de que, não sendo ele um "pai-de-santo", não havia o perigo da hipótese de que ele viesse a conhecer o segredo de suas "casas". O grau de intimidade do Tesoureiro com os demais Conselheiros parecia então ter sido a principal razão que fizera o Conselheiro não ter conseguido aliciar o apoio dos demais líderes. Todavia, a explicação não era satisfatória para esclarecer por que Julica e Edith se tinham declarado neutras, nem o porquê da manifestação de Dadinha, que todos sabiam ser "de ponta" com o Tesoureiro e amiga do Conselheiro. Nossa opinião é a de que eles se mantiveram neutros, não porque temessem se indispor / com um dos disputantes, mas porque sabiam de antemão que, se / votassem contra o Tesoureiro, eles estariam colocando em choque a continuidade de suas relações com outras pessoas cujas ligações, ou lhes eram vantajosas, ou que, por serem muito íntimas, eles prezavam muito (29). Mãe Julica, por exemplo, era

(29) Essas colocações saíram da análise da rede de relações de cada Conselheiro de per si. Deixamos de analisar aqui, as ligações das Conselheiras Regina e Lourdes porque as mesmas não se encontravam na reunião quando dessas ocorrências.

amiga da Presidente, que era quem a socorria em casos de doença e lhe prestava uma série de outros favores de ordem pessoal. Quer dizer que, sendo a Presidente muito amiga do Tesoureiro, a ponto de considerá-lo um "filho", votar-se contra o Tesoureiro era o mesmo que se indispor com a Presidente e, por conseguinte, deixar de receber os benefícios daquela amizade. O mesmo sucedia entre a Vice-Presidente do Conselho do Ritual, a Conselheira Dadinha e o Presidente do Conselho, o "pai" Belmiro. Votar contra o Tesoureiro representaria para Dadinha uma quebra da aliança com Belmiro. Edith era "amicíssima" de François; entre os dois havia existido uma ligação afetiva no passado, que as "nhigrinhagens" ainda comentavam como existentes. Se continuava ou não, isto era uma questão de somenos importância, pois o relevante era o fato de que, se Edith votasse contra o Tesoureiro, na pior das hipóteses ela corria o risco de discutir / com seu amigo, que juntamente com Belmiro e Nonô, consideravam-se "irmãos e tudo" para o Tesoureiro.

Deste modo, essas colocações significavam que o Tesoureiro, apesar de estremecido com três Conselheiros, levava vantagens na disputa porque mantinha ótimas relações de amizade com as pessoas - chave da Federação. (Consideramos "pessoas-chave" aquelas pessoas de maior poder na Instituição). Tal poder, por sua vez, era decorrência de uma posição estrutural ocupada na Federação (cargos), associada a um poder místico (maior ou menor valor de uma "especialização" e controle de um "santo") e também pelo fato de que as "pessoas-chave" eram aquelas que mantinham maior número de ligações múltiplas (por consequência, mais sólidas) com os demais Conselheiros. Podíamos assim intuir que, numa situação de disputa como a que estamos considerando, quanto maior o número de ligações múltiplas que um disputante tivesse com as pessoas importantes do contexto, tanto maior seria o apoio que ele receberia no mesmo. Com isso queremos dizer que o Tesoureiro foi mais influente do que o Conselheiro, em razão dos investimentos sociais que ele fizera nos Conselheiros de maior peso no consenso da Federação e, possivelmente, da Irmandade. O maior ou menor peso das pessoas que faziam parte da rede do Tesoureiro, era aferido através da observação da soma dos valores de um cargo ocupado, do prestígio de uma "especialização", e do significado místico do próprio "santo" ("guia do médium").

Verifica-se que o Tesoureiro tende a possuir relações múltiplas, enquanto que o Conselheiro tende a possuir relações mínimas com a cúpula da Federação. Assim, à medida em

que se faz a representação gráfica das relações de um e outro, (Gráfico VIII) observa-se que as relações do Tesoureiro são / mais intensas justamente com os Conselheiros mais "fortes". O Tesoureiro, por exemplo, relaciona-se mais intimamente e é definido como 'amigo' justamente por aquelas pessoas que são melhor relacionadas com as demais (como por exemplo, os Conselheiros François, Natália, Belmiro), o que não sucede com o Conselheiro, apesar de ele se considerar como "amicíssimo" daquelas pessoas. Aliás, direta ou indiretamente, o Tesoureiro se relacionava mais com os Conselheiros mais expressivos, e as duas líderes, com as quais ele não tinha possibilidade de contacto, eram justamente as menos expressivas - uma vez que eram as mais ausentes da vida da Federação. Por sua vez, o apoio que o Tesoureiro obtinha, era uma decorrência da natureza dos laços de interação entre ele e os demais "pais-de-santo". Por exemplo: ele tinha relações informais com os "Conselheiros chave", e assim sendo, tinha liberdade para alcançar algum favor de Dadinha, através de um pedido feito a ela por intermédio de Belmiro, porque ele e Belmiro eram amigos íntimos que não se negavam favores. Quer dizer, a grande mobilidade que o Tesoureiro tinha sobre sua rede era em função da intimidade / com seus "pares". Este fato vinha comprovar que, para o caso da Federação a base do poder de uma pessoa era decorrência de seus laços de amizade.

Sucedem que este argumento ainda não explica o porquê de o Tesoureiro ter sido apoiado unanimemente pela cúpula da Federação. Em nossa opinião, a influência do Tesoureiro vinha das bases em que ele procurava se legitimar na Federação.

Vimos que ele fazia questão de enfatizar que era apenas o Tesoureiro, que falava apenas a linguagem dos Estatutos / que procurava cumprir na medida em que demonstrava sua competência, sua eficiência, sua responsabilidade. Isto tinha que, no final, ser reconhecido, mesmo compulsoriamente, como o fizeram a Vice-Presidente do Conselho, ou os Presidentes da Federação, que afirmavam: "Ele nunca nos desrespeitou" ou "passou por cima de nossa autoridade". O que o Tesoureiro confirmava: "nada se faz aqui dentro, sem que eu comunique àquelas pessoas a quem estou subordinado". Mesmo assim o Conselheiro atacou o Tesoureiro, chamando-o de "ditador", querendo dizer que este quebrava uma das normas estatutárias que ele mesmo tanto defendia. Mas, quando o Tesoureiro contra-argumentou, deixou comprovado o contrário, isto é, que ele "não passava por cima da autoridade de ninguém", de modo que, mesmo sendo ele um "dita-

RELAÇÕES MÍNIMAS E MÚLTIPLAS EXISTENTES
ENTRE OS DIRIGENTES DA FEDERAÇÃO

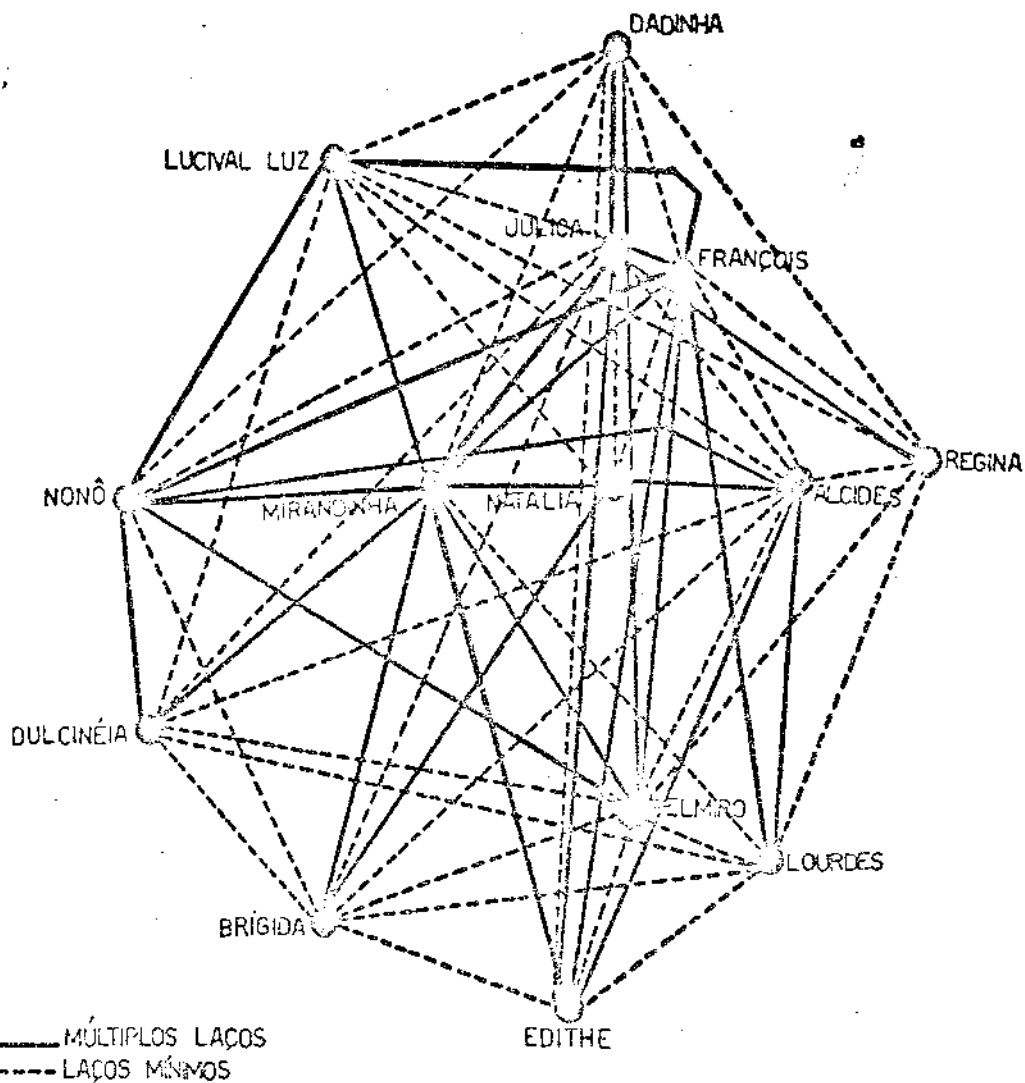


GRÁFICO VIII

dor", o "irregular", com sua posição oficiosa reforçava a legalidade estatutária e o retorno à lei. Isto porque, se ele era mesmo um "ditador", seu desempenho nunca fora assim percebido por nenhum Presidente, ou foi denunciado por algum de seus superiores hierárquicos por "desrespeito à hierarquia". Quer dizer que, no final, a acusação se transformava em um ponto favorável ao Tesoureiro e num ponto negativo para o Conselheiro. Este, acusado de "relapso", não se pôde defender de tal acusação. Então, ao nível da cúpula da Instituição, parecia que a disputa estava servindo para valorizar ainda mais o papel do Tesoureiro, que tendo comprovado ser leal e honesto, mostrava-se imprescindível, porque se ele continuava como vinha sendo até o momento, isto significava a manutenção de um status quo da Federação que era vantajosa para os interesses pessoais dos "pais-de-santo" que a cumpunham.

Como resultado desse jogo de interesses - que tinha, de um lado um burocrata que precisava do emprego, e de outro, vários "pais-de-santo" que precisavam de notoriedade -, tínhamos como resultado uma estratégia muito bem manipulada, onde um burocrata, satisfazendo às expectativas de um grupo, mostrava que seu sucesso dependia muito mais dos outros do que dele mesmo.

Todavia, no que se explica que a competição é unida na Federação graças à estratégia de um burocrata, fica bastante claro, através da análise da disputa entre ele e o "pai-de-santo", que a disputa dentro da cúpula da Federação reforçou ainda mais a predominância do Burocrata que cada vez se tornava um "patrão" dentro da Instituição. E de nossas observações / constatamos também o fato de que, por melhor que fosse sua estratégia política, a sua posição de "patrão" ou "gerente" resultava em atritos, como por exemplo, a discussão havida entre ele e o Presidente do Conselho do Ritual ("pai-de-santo") durante os testes de seleção da Federação.

Considerando-se que o acúmulo de discussões pode conduzir ao conflito, pergunta-se por que a Federação não se desintegrou até então ?

Tentando equacionar uma resposta, encaminho a parte seguinte, onde mostro um ritual - O Tambor das Flores - como uma forma de, ao nível místico, acomodar as posições existentes e resolver as tensões estruturais da Instituição.

CAPÍTULO IV

"TAMBOR DAS FLORES" - RITUAL DE MEDIAÇÃO

No capítulo anterior ficou implícito que a Federação Umbandista do Pará era uma instituição fraca, cuja organização viva sô era concreta graças ao seu Tesoureiro. Mas vimos que o Tesoureiro representava um poder burocrático, intransigente quanto ao cumprimento de um regulamento estatutário. Por sua vez, esse poder era conflitante com um outro - o religioso - igualmente legitimado na Federação, através da figura do Presidente do Superior Conselho do Ritual daquela Instituição. O choque de poderes era nítidamente visível nas divergências / havidas entre Mirandinha e "Pai" Belmiro por ocasião do "vestibular" dos candidatos a "pai-de-santo". Enquanto para a Presidente - "reprovado era reprovado", para o Tesoureiro pouco importava a maior ou menor competência "no santo" que um médium apresentasse; o importante para ela, era se evitar que a Federação fosse vista como instituição "desmoralizada". Mas, se pensamos que a Federação existia em função da "ditadura" do Tesoureiro, temos que, a "desmoralização" da Federação, significava a "desmoralização" do próprio Tesoureiro. E, como seu poder repousava na burocracia, daí seu interesse em defender sempre, e fazer valer sempre o poder da burocracia sobre o poder dos "pais-de-santo". Isto ele conseguia, pois, durante toda a análise que fizemos da Federação, assistimos a opinião do burocrata sobrepujar a opinião do "pai-de-santo"; o que significava preponderância de uma "ordem burocrática" sobre uma "ordem no santo" (1). Portanto, do conflito dos códigos falados por

(1) Yvonne Velho, em seu estudo sobre o surgimento, crise e extinção de um terreiro, mostra que existiam duas formas de ordenar internamente o mesmo: a "ordem no santo" (ênfase e controle num/pelo aspecto "mágico"), e a "ordem burocrática" (ênfase e controle num/pelo "estatuto", i.e., regras racionalmente organizadas). A primeira era definida pelo "pai-de-santo" que falava um código: - o "código do santo". A segunda defendida pelo "presidente" / do terreiro, que falava o "código burocrático". Ela demonstra que, do conflito entre os dois códigos, se originou uma crise interna que teve como consequência a desagregação e o fim do terreiro.

Mirandinha e "pai" Belmiro, era de se esperar uma crise; mas isto nunca havia acontecido nos dez anos de existência da Federação. Pergunta-se: por que? A razão quer nos parecer / que vinha, como vem, do fato de que, Mirandinha (o "ditador" da Federação), era na verdade um burocrata, mas era, ao mesmo tempo um umbandista (médium). Por esta razão, ele falava simultaneamente os dois códigos: - o "burocrático" e o do "santo" -; códigos esses, que ele utilizava situacionalmente; numa espécie de estratégia mediadora.

Diante dessa proposição, o presente capítulo tratará da estratégia do burocrata. Tomo uma situação social - o "Tambor das Flores" - e, através dela, tento mostrar a mediação que o Tesoureiro faz; ou seja: - falando os dois códigos em ocasiões oportunas, ele legitima ambos, e assim fazendo, consegue acomodar situações e interesses conflitantes.

Para efeito de análise, a situação social foi dividida em duas partes: uma primeira parte, que eu chamei de "organização da festa", onde eu tento mostrar a preponderância / do burocrata. Segue-se uma segunda parte, com a descrição da festa propriamente dita, onde eu tento ressaltar a preponderância dos "pais" e "filhos-de-santo". Finalmente, procuro entender qual o significado que esse jogo de inversão de status tem para as pessoas em questão, seja ele ao nível micro (e aqui eu considero a Federação como tal), seja em relação ao nível macro, isto é, a sociedade envolvente, no caso, Belém.

ORGANIZAÇÃO DA FESTA

O Tambor das Flores, representa uma festa de caráter público levada a efeito todos os anos na sede da Federação, nos dias que oscilam de 25 a 28 de maio de cada ano. Ela é, como se viu, uma das "promoções" do Tesoureiro, e por não constar do calendário litúrgico oficial da Federação, o Tesoureiro tem que obter, anualmente, autorização especial da Diretoria Executiva e do Conselho do Ritual, para poder realizar o Tambor. Na sua exposição de motivos, ele argumenta que sua festa traz vantagens para a Federação uma vez que todos os anos, são feitos reparos na sede social da Federação, graças aos seus "juizes". Quer dizer, a Federação lucra, porque se

Beneficia, sem precisar lançar mão de seu dinheiro em caixa. É óbvio que, com essa argumentação, o Tesoureiro sempre consegue a autorização pretendida, e assim, de posse da mesma, ele parte para a montagem da festa. Igualmente é óbvio que, o sucesso do Tambor significa como vimos, uma prova de sua eficiência. Sucede, porém, que nem ele nem a Federação possuem dinheiro para investir numa promoção dessa ordem. Assim sendo, o sucesso da promoção depende da receptividade que uma série de pessoas tenham para as seguintes "cartas-convites":

"Ilmo. Snr.

Temos o imenso prazer de comunicar a Vv. Ss., que foi escolhido para(2) e contamos com vossa cooperação para este Tambor, a realizar-se nos dias.... e de maio de 19...., à Travessa Itororô nº 697, bairro da Pedreira, no TERREIRO DE RITUAL DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA, em benefício da mesma".

No final da "carta-convite", pede-se que cada pessoa envie sua colaboração até um determinado dia x do mes de maio.

Embora não haja quotas estipuladas para as "cooperações" em dinheiro, existe uma contribuição de praxe, como por exemplo: de cada um dos "mordomos" (3) espera-se uma contribuição mínima de Cr\$ 50,00. Os "juizes do barracão" se comprometem a mandar pintar e enfeitar o salão da festa ("barracão"). Os "juizes da capela" se encarregam da limpeza e ornamentação / da "capela" (toalhas e flores para o altar etc.). Também a colocação de poltronas dentro da mesma, de vez que nesse dia a "capela" funciona como "camarinha". Os "dirigentes do culto" se responsabilizam apenas pelo ritual (incluindo as "matanças"). Os "patrocinadores" se encarregam da preparação do "buffet" e da recepção aos convidados (4). "Quanto ao "presidente de hon-

(2) O espaço em branco é preenchido com as seguintes categorias: MORDOMO-JUIZ(ES) DO BARRACÃO-JUIZ (ES) DA CAPELA-PATROCINADOR(ES) DA FESTA-PRESIDENTE(S) DE HONRA-DIRIGENTE(S) DO CULTO.

(3) "Mordomo" é cada uma das pessoas que, juntas, perfazem o conjunto(categoria) da DIRETORIA DA FESTA.

(4) Normalmente são duas pessoas(uma das quais o Tesoureiro), que arcam com as despesas da comida e da bebida. Observamos, no entanto, que, enquanto a outra pessoa cooperava com o dinheiro de seu próprio bolso, o dinheiro que o Tesoureiro usava, era aquele recolhido entre "mordomos", ou o resultado de suas "virações" extras(conseguir que amigos dessem uma / galinha, duas dúzias de ovos, fizesse uma bandeja de pastilhas etc.).

ra ", deste espera-se apenas que prestigie a festa, compare - cendo à mesma. Ele poderá dar alguma contribuição, mas esta será inesperada (5).

O número de pessoas é sempre constante: um "presi - dente de honra", trinta a quarenta "diretores", um ou dois / "juizes da capela" e do "barracão", dois "dirigentes do cul - to", e dois "patrocinadores da festa". Percebe-se assim, que o Tambor é organizado para se pagar a si mesmo, e, apesar do Tesoureiro afirmar que "todo o dinheiro que entra, sai em des - pesa", a afirmativa é relativa porque muita coisa ele conse - gue de suas "virações". Assim sendo, somos capazes de supor que, do dinheiro arrecadado ainda lhe sobra uma pequena parce - la, que, somada ao que ele arrecada da mensalidade dos sócios (ainda que seja pouco) se torna uma importância que ele reves - te nas suas outras "promoções". E, assim fazendo, se promove cada vez mais. Desta forma, teríamos o Tesoureiro e não a Instituição, como o elemento que mais lucra das "promoções" da Federação.

Não sendo oficializada, a organização da festa cor - re por conta da manipulação que o Tesoureiro faz em sua rede de relações sociais. E eu me permito aqui, registrar seu diá - rio na semana que antecedeu o penúltimo Tambor (6):

"21 de maio (2a. feira) - Acordei às seis e meia da manhã. Às oito horas fui para a Sede e tive contacto com a Mãe Deusa(7) Ela veio tratar da Pintura do Barracão e combinar quem iria pintar um Xangô e uma Iançã na parede do Barracão.

Vários sócios vieram pagar suas mensalidades. Às 11,30 fechei a Sede, apanhei um transporte e fui ao Bairro da Matinha na casa do Pai Libanio tratar de assunto de proteção para a Sede e seus dirigentes. Falei com o Pai Libanio e daí fui a casa de Pai Norberto (Honô) tratar do mesmo assunto. Tam

(5) Observamos que os "presidentes" eram sempre pessoas que o Tesoureiro, ou queria projetar, ou queria agradecer favo - res recebidos. Em 1973 a "presidente" foi "Mãe Natália" - que naquele tempo era sua candidata à Presidência da Fede - ração. Em 1974 o "presidente" foi o "doutor" que havia conseguido todo o material para a construção da Sede (atra - vés do Rotary Club (ver capítulo anterior).

(6) Refiro-me ao Tambor do ano de 1973 pois no presente ano - (1975) não houve "Tambor das Flores" porque a sede social da Federação estava em obras.

(7) Juíza do Barracão.

bem procurei o Pai de Santo Ramiro, pois eu sempre recorro a vários Pais e Mães de Santo pedindo proteção no meu setor de trabalho e para mim particularmente, pois todos nós devemos / ter proteções. Quando saí da casa do Pai Norberto, este deu-me dinheiro para o meu transporte, como faz todas as vezes. O Pai Ramiro veio pedir ajuda pois até fome tem passado e conversei muito com ele e pedi para ele voltar no dia 2 de junho, que eu irei falar com os Conselheiros para ver o que se faz por ele. Dei para ele uma pequena importância para pagar o transporte dele. Recebi denúncia do Pai Loris. Mandeí chamá-lo e ele veio atender o meu chamado pois eu tive denúncia que ele tinha tocado tambor e a casa dele é Seara e por isso não pode tocar. Ele disse-me que tinha tocado e prometeu não tocar / mais. O mesmo trouxe a cota da Festa. Atendi vários sócios que vieram pagar suas mensalidades e como a moça que trabalha comigo foi ao médico levar a filhinha que está doente eu trabalhei sozinho hoje. Às 5,30 fechei a Sede e fui para a minha / casa assistir Paladino do Oeste e Jeronimo (8) até as 6,30. Falei com o Neco, um rapaz que mora junto de casa. Ele foi / comprar fazenda para fazer as camisas dos tamboreiros para o dia do Tambor das Flores, pois nós damos as camisas dos tamboreiros. Fui procurar o Pai François mas não pude conversar / com o mesmo pois ele estava tomando umas biritas e o mesmo me convidou mas eu não aceitei pois esta semana é impossível devido muitos afazeres. Fiquei assistindo televisão até o final e deitei-me a 1 hora".

"22 de maio (3a. feira) - Falei com Mãe Deuza assunto da pintura do Barracão e outros detalhes do festejo. Depois fui à Sede para resolver vários assuntos referentes a festa. Saí às 10 horas e fui a ENASA falar com o Sr. Lucival Luz assunto referente a Candidatura dele a Presidência da Federação e vários assuntos da Federação. O Sr. Lucival infelizmente não pode / ser meu candidato devido seus afazeres na ENASA que aumentaram. Acertei então com o mesmo de apoiar a Senhora Natalina Maia à Presidência da Federação. Umbandista. Da ENASA fui à Polícia falar com o escrivão de Polícia Teobaldo, para receber os Alvarás de funcionamento das Searas. Fui a Cidade Velha falar com o Sr. Jorge dono de uma fábrica de produtos de Umbanda pois o mesmo queria dar uma ajuda para o Tambor das Flores, o que fez. Apanhei um carro pois eram 12 1/2 e eu estava super cansado. A1

mocei e fui para a Sede pois a moça que trabalha comigo está / doente. A Senhora Celina veio falar comigo e vários sócios eu atendi. Mãe Deuza voltou pela parte da tarde tratar da pintura de Xangô e Iansã na parede da Federação. Estiveram também na Sede meu primo Fernandinho e minha irmã mais nova. Fernandinho queria saber várias coisas sobre a Umbanda para fazer um trabalho do Colégio Nazaré, onde estuda. Estiveram também falando comigo o doutor e a professora que vieram fazer uma / gravação sobre algumas coisas referentes a minha pessoa. Às 6 horas fechei a Sêde e fui para casa. Assisti Jeronimo (nove - la) na televisão e em casa vieram somente como visitas meus vi zinhos, o Pae de Santo François e um amigo meu chamado Luiz. Vie ram também João de Mariana e Nezinho, somente como visitas. Mã rio, é um rapaz que mora em casa comigo, chegou do Quartel às 6 1/2 e foi ao cinema. Ele está servindo no 29 BIS."

"23 de Maio - (4a. feira) - Falei logo cedo com o Sr. Pedro , pintor, o qual deu-me recado que a moça que trabalha comigo / não vem trabalhar porque a filha está doente. Fiquei na sêde a manhã toda atendendo os sócios. Mandei o Neco fazer os ser viços de rua pois não pude sair. Às 11 1/2 fechei a Sêde e to mei banho e fui ao Guamã na casa do Pae Belmiro buscar a nota da obrigação para Exû e Iemanjá. De lá fui a Passagem São Jor ge no Guamã buscar a medida de uma camisa de tamboreiro para fazer para a Festa. Cheguei em casa 1 1/2 da tarde. Somente pude descansar um pouco pois voltei a Sêde. Veio também falar comigo, Mãe de Santo, Laurinda, a mesma tem uma Seãra e foi de nunciada porque estava batendo tambor. Eu expliquei a ela que Seãra não toca tambor, sô Terreiro é que pode tocar. Abordei outro assunto sobre assentamento do Exû e ela respondeu que quem assentou foi o Haroldo do Guamã e agora o Jurandir e isto eu discordei dela pois Mineiro não faz assentamento de Exû, so mente Umbandista e o Povo do Candomblê. Elizabeth é a cobrado ra da Federação e veio prestar contas. Terminamos as 5 horas pois sempre aparecem sócios e eu tenho que parar a prestação para atender os sócios. Dr. Nota o Contador veio buscar o mo vimento mas ainda não estava pronto. As 6 horas fui para casa assistir Jeronimo e Cavalô de Aço (novelas) e depois como esta va muito cansado fui logo dormir".

"24 de Maio (5a. feira) - Às 8 horas Maria da Jurema veio em casa dizer que a moça que trabalha na Sêde não veio. Fui para a Sêde onde o movimento foi pouco mas eu tenho tanto o que fa-

zer na rua e não posso sair. Mandeí o Neco comprar material para a Obrigação do Exū. Atendi três associados. As 12 horas / fui para casa. Saí a 1/2 hora e fui a Pariquis tratar assunto da Federação sôbre atrazo da mensalidade de D. Constancia. Fui procurar a D. Wilma mas ela não estava. De lá fui a casa da / Presidente mas ela estava manifestada com a encantada Jarina. Tratei assunto do Tambor das Flôres. Saí de lá as 2 horas, fui almoçar as 2 1/2 e as 3 fui para a Sêde. Mãe Deuza veio ver o andamento da Pintura do Barracão. Tive uma tarde cansativa. Fui para casa, assistí Televisão até as 24 horas".

"25 de Maio (6a. feira) - Atendi associados pela parte da manhã até as 11 horas. Falei com D. Virginia, Clarice, Fátima, Benedito e Maria Seixas. D. Palmira mandou uma galinha. Fechei a Sêde as 11 horas pois tenho que sair e a moça não veio trabalhar. Deuza esteve na Sêde até as 5 1/2, foi ver se os pintores estavam fazendo tudo direito. Fui para casa as 6 horas. Sr. Baião é um amigo e veio tratar de assunto do Terreiro de Dona Raimunda de Jesus que fica na Cremação".

"26 de Maio (Sábado) - Falei com o Sr. Gregório. Fui ao Telêgrafo comprar 10 galinhas e 50 ovos, pois hoje é véspera do Tambor das Flôres, e levei para a casa de D. Natalina Maia porque é lá que serão feitos os frios para a festa. Vim para a Sêde e encontrei o Pai Julio. Até agora a Juiza da Capela não apareceu; estou em situação ruim mas já autorizei o Pai Belmiro a arrumar a Capela com a Toalha do Ano passado, pois só foi usada uma vez. Até agora também o galo do Exū ainda não chegou. Acho que estão fazendo "Ponto" para tudo dar ao contrário, mas eu acho que Santa Maria não vai deixar eu passar vergonha. Às 5 horas Elizabeth chegou com o galo. Hoje eu não assisti Jeronimo pois tenho que ficar na Sede pois às 24 horas o Pae Belmiro e Áureo / vão fazer matança para Exu. Terminamos a obrigação para Exū às 2 1/2 horas. Vieram também falar comigo o doutor e a Professora".

"27 de Maio (Domingo) - A juiza da Festa não mandou nada pois a mesma teve problema de morte na família e por isso tudo que havia prometido mandar para a Capela não veio. O dia todo eu não parei pois não tenho tempo para nada. Falei com o doutor e a professora, Mãe Juliana, Pae François, Mestre Alcides, Sr. Luci

val Luz e esposa. A noite deu tanta gente que não posso dar os nomes todos pois tinha perto de 400 pessoas. O toque começou / as 9 horas. Durante o toque eu não conseguí entrar no Barracão pois até na sala não se podia andar. O Tambor parou as 2 horas, mas eu fiquei atendendo gente até as 5 horas da manhã".

=*****=

Antes de passar para a descrição da situação social, gostaria de fazer alguns breves comentários sobre o diário aqui transcrito, tendo por base o quadro dos contactos do Tesoureiro.

O primeiro ponto que eu gostaria de chamar atenção no diário do Tesoureiro, é que, as pessoas com quem ele falou podem ser divididas em três grupos: 1) aquelas que procuraram voluntariamente o Tesoureiro, ou que ele as mandou chamar; 2) pessoas que ele procurou ou de quem ele ficou à disposição; e finalmente 3) pessoas que interagiram com o Tesoureiro, porém o fizeram por razões institucionais (sócios pagando mensalidades). Também é importante ressaltar que todos esses contactos apenas fazem sentido quando se leva em conta as características sociais das pessoas bem como o tipo e o significado do relacionamento entre elas e o Tesoureiro. Isto porque, tal significado seria mais uma medida da importância do Tesoureiro, importância / essa que começa a ser inferida do relacionamento Tesoureiro e "pais" / "filhos-de-santo" (É muito sintomático, por exemplo, uma "mãe-de-santo" como Deuza que possui grande terreiro, deixar sua casa e dispor de seu tempo, para ir ela mesma, por várias vezes, falar com o Tesoureiro um assunto que é do interesse deste último. Igualmente Dna. Palmira que dá e manda deixar na sede, um animal pelo qual, ou ela pagou, (e portanto gastou seu dinheiro), ou ela dispôs de bem para servir o Tesoureiro. Dois outros "pais-de-santo" deixam suas atividades e se dirigem à Federação exclusivamente para serem admoestados. Mesmo assim, um deles, ainda leva a cota para a festa do Tesoureiro. Dois / "pais-de-santo" e dois "filhos-de-santo" deixam suas casas e vão visitar o Tesoureiro. Um terceiro "filho-de-santo" (pessoa 16) faz mandados para ele, do mesmo modo como o fazem as pes -

soas 4, 12 e 14. Outras pessoas como o estudante, os "doutores" e a "professora" que aos olhos da Irmandade é "gente de / outra categoria" (Cap. I), essas também são vistas indo procurar o Tesoureiro. E o comerciante (igualmente "gente de outra categoria"), embora não indo fisicamente, ele não deixa de se dirigir ao Tesoureiro, na medida em que voluntariamente dá ajuda para sua promoção (9).

Quanto às demais pessoas do grupo II, verifica-se um relacionamento com sentido inverso, ou seja, agora é o Tesoureiro quem vai procurá-las porque depende da ajuda ("proteção") das mesmas. Também, o sucesso de seu Tambor, depende da cooperação delas, seja por esta mesma "proteção", seja pelas suas / "especializações" - pessoas 24 e 28 que fazem a "matança" - . Mas, excetuando-se a pessoa 23, cuja participação no contexto tem outro significado (10), verifica-se que, embora seja o Tesoureiro quem vá procurá-las, elas, em relação a ele, não deixam de estar numa posição de sub serviência, porque, cooperando com a promoção do Tesoureiro, estão no final, trabalhando para o Tesoureiro: Portanto, no contexto em questão, o Tesoureiro é o centro, é o preponderante, é aquele elemento mais importante, em torno do qual, gravitam importâncias menores. A sua preponderância, no entanto, somente pode ser percebida no seu aspecto subjacente, pois ele a encobre, na medida em que, se colocando numa posição subalterna, trata as pessoas respeitosamente por "pai", "mãe", "dona", "senhor" e deixa bem claro que precisa-se suas "proteções". Mas, a mesma preponderância aflora, quando ele não pode deixar de usar expressões como sejam: "mandei chamar", "vieram falar comigo", "veio prestar contas", "autorizei", "mandei comprar". Em outras situações, onde sua preponderância se manifesta assintomaticamente, o Tesoureiro parece, conscientemente, tentar neutralizá-la. É o caso, por exemplo, do "pai-de-santo" Ramiro, que, vai à Federação para se humilhar a ele, pedindo ajuda, e recebendo o dinheiro de seu transporte. Nesse caso, vemos o Tesoureiro atenuar sua / preponderância ao pedir "proteção" também a Ramiro, ou ainda, quando, se colocando numa posição de subalterno (igualmente a Ramiro), remete o pedido deste último (auxílio) para alguém / que seria superior a ambos (os "Conselheiros").

(9) O comerciante é o mesmo "senhor hebraico" citado pelo Tesoureiro no capítulo anterior.

(10) O significado do contacto mantido com o Escrivão da Polícia. (pessoa 23) é discutido na análise.

QUADRO DOS CONTACTOS DO TESOUREIRO

GRUPO I			GRUPO II			GRUPO III	
PESSOAS	OCUPAÇÃO	ASSUNTO		PESSOAS	OCUPAÇÃO	ASSUNTO	PESSOAS ASSUNTO
1 Mãe Deusa	mãe-de-santo	pintura Barracão	21	pai Ramiro	pai-de-santo	pede "proteção"	SÓCIOS PAGAN DO MENSALI - DADES.
2 pai Loris	pai-de-santo	sofre censura	22	Lucival Luz	func/p.santo	p.apoiio político	
3 pai Ramiro	"	pede auxílio	23	Teobaldo	escrivão	busca Alvarãs	
4 Nece	s/ profissão	faz mandados	24	pai Belmiro	pai-de-santo	busca nota	
5 Seu Jorge	comerciante	dã ajuda	25	D.Constancia	dona Seara	busca dinheiro	
6 Fernandinho	estudante	pede ajuda	26	D. Wilma	"	"	
7 Dr./Profa.	professores	" informações	27	Presidente	"	sobre Tambor	
8 pai François	pai-de-santo	faz visita	28	Áureo	o.de cortar	"matança"	
9 Luiz	fil-de-santo	"		Belmiro	pai-de-santo	"	
10 João de Mariana	"	"					
11 Nezinho	pai-de-santo	"					
12 Pedro	pintor	faz serviço					
13 Laurinda	mãe-de-santo	é admoestada					
14 Elizabeth	cobradora	faz mandados					
15 Dr.Mota	contador	busca movimento					
16 Maria da Jurema	doméstica	faz mandados					
17 Dona Palmira	dona Seara	dã ajuda					
18 Sar. Baião	operário	faz mandados					
19 pai Libanio	pai-de-santo	pede "proteção"					
20 " Noberto	"	"					

Não obstante, existe um outro aspecto dessa preponderância que por certo é o mais conflitante. Refiro-me ao conflito de códigos: - o do santo e o burocrático.

A semana que antecede o "Tambor das Flores", é uma semana de expectativas para uma festa que pressupõe o uso do "código do santo", por parte de pessoas ("pais" e "filhos-de-santo") que falam apenas este código. Sucede que para essas / pessoas (os "sócios"), terem o direito de falar seu próprio código, dentro de seu próprio campo (na "sede"), elas tem que se submeter à aprovação do "código burocrático" (pagamento em / dias) uma vez que a Tesouraria (poder "ditador") diz: "socio sem carteirinha não dança", ou ainda, "santo em médium não associado vai ter que subir" (Capítulo IV). Nesse sentido, o "Tambor das Flores" é semelhança da Federação, se constitui / num paradoxo, na medida em que temos duas linguagens (11) antagonicas para serem igualmente referendadas no mesmo campo de ação social. Portanto, podemos supor o surgimento de um conflito entre a linguagem falada pelo patrão - "ditador" (Tesoureiro) e a linguagem falada pelos subalternos sócios(médiuns).

Todavia, o "Tambor" vem se realizando, e, como dissemos no Capítulo I - de forma ininterrupta desde 1967 -, o que significa que os conflitos são resolvidos de alguma forma num outro nível que não mais o das relações sociais. Assim sendo, vejamos a seguir o que se passa no nível do ritual propriamente dito.

A SITUAÇÃO SOCIAL

O "Tambor das Flores" é semelhança de qualquer "toque" se estende por duas ou tres noites seguidas. A primeira noite é chamada "parte do santo", o que significa que a festa é para homenagear os "encantados" e portanto, ela pertence / mais a eles. Nas noites seguintes, apesar de se continuar homenageando os "encantados", entende-se que a festa pertence mais aos médiuns (os "brincantes"). Por esta razão ela é chamada de "parte dos brincantes". Esta é no entanto, uma separação até certo ponto artificial, pois observa-se que, tanto a primeira, como a segunda noites apresentam idêntica sequência

(11) Estou aqui, usando "linguagem" como todas as formas de se expressar e de se tentar impor essas "ordens" opostas.

ritualística, como veremos a seguir. Talvez a diferença mais marcante entre as duas, é o fato de que, à primeira noite é que comparecem os convidados de honra (professores, médicos, advogados) do Tesoureiro. E, comparando-se as duas, diríamos que, vistas como encontro social, a primeira noite ("parte / do santo") seria mais requintada do que a segunda ("parte dos brincantes").

Feitas essas considerações, passemos agora à descrição da festa (12).

A "parte do santo" teve início à meia-noite do dia 27, e consistiu no "corte para exu" (+), ritual feito por "pai" Belmiro (Dirigente), auxiliado pelo "ogan de cortar" da Federação. Às 21:00 hrs. do dia 27, a festa começou: - Houve inicialmente um discurso proferido pelo ex-presidente Lucival Luz, que saudou a Vice-Presidente em exercício, e os demais convidados e pessoas presentes (foto 1). A seguir, a Vice-Presidente ("mãe" Natália) tomou a palavra, agradeceu os elogios recebidos e passou a falar sobre as eleições que se aproximavam, bem como de suas metas caso fosse eleita. Encerrou seu discurso pedindo as "bençãos e proteção de Oxalã" para todos os presentes, e deu por aberta a "sessão". Ouviu-se uma salva de palmas. Foguetes. Os tambores iniciaram o "toque".

Vindos do outro extremo, ingressaram no salão os "mêdiuns": - o Presidente do Conselho e Primeiro Dirigente ("pai" Belmiro), a Segunda Dirigente e Conselheira ("mãe" Juliana). Em fila indiana, eles vinham seguidos por "pai" François (13) e demais "filhas-de-santo" (foto 2). A fila indiana das "filhas" era arrumada segundo o cargo que ocupavam: começava pela "mãe pequena" do terreiro de Belmiro e terminava com a "iaô" mais nova do terreiro de François. A "gira" teve início. O salão já estava lotado. Algumas pessoas tinham o privilégio de desfrutar bons lugares (fotos 3 e 4); enquanto outras disputavam um lugar, mesmo que fosse de pé. Pelo lado de fora do barracão, o povo se comprimia (fotos 7 e 8). Do lado de dentro do barracão, os médiuns terminavam de dar sete

(12) Desejo nesta parte novamente agradecer a Napoleão que alô: de me auxiliar em observar, gravar e fotografar os acontecimentos, ainda se chamou atenção para detalhes importantes, que teriam passado despercebidos para mim, não fosse sua boa vontade em me ajudar.

(13) Aquelas alturas, candidato a Vice-Presidente da Federação.

voltas no salão. "Pai" Belmiro "puxou" um "dobrado" para Embarabô, "doutrina" que foi repetida também sete vezes. Na oitava doutrina, que já foi "corrida", os Dirigentes e "pai" François se ajoelharão e iniciaram uma pequena cerimônia de retirada dos ofertórios (um copo d'água e uma vela branca) que até então estavam no meio do salão, depositados em cima de uma "toalha" bordada, juntamente com uma porção de "guias". Logo a seguir, os "filhos" de Belmiro e Juliana foram se ajoelhando, e um por um, iam recebendo suas "guias" das mãos de seus respectivos "pais". Ao se levantarem, tomaram respeitosamente, a benção dos "pais" presentes. Terminando a entrega das "guias" de seus "filhos", Belmiro passou a colocar as "guias" ao pescoço dos demais "pais" e "mães"-de-santo" presentes (incluindo François). E todos tiveram para com ele idêntico cumprimento respeitoso.

Ao fim desta pequena cerimônia, todos se levantaram e passaram a dançar em círculo (fotos 9 e 10) "Pai" Belmiro iniciou a "chamada dos senhores", "puxando" duas "doutrinas" "socadas" e duas "corridas" para Ogum. O Rítmo agora era agitado, quando uma das médiuns que estava na "gira" "incorporou". Rapidamente a cobriram com uma "espada" de veludo vermelho, ao mesmo tempo em que todos cantavam em coro:

Ogum vai revirar !

Os médiuns reconhecendo que Ogum Beira-Mar estava na "guma", começaram a cumprimentar aquele "branco" tomando-lhe a benção. Entretanto percebi que os tres Dirigentes não foram "salvã-lo", e sim Ogum é que foi cumprimentar Belmiro, Juliana e François. Depois ele cantou:

Ogum não devia beber

Ogum não devia fumar

Fumaça é uma nuvem que passa no ar
e a cerveja é a espuma do mar...

Todos respondiam em coro.

Depois de cantar e dançar por uns vinte minutos, Ogum Beira-Mar retirou-se para a Capela. Outros "pais-de-santo" ainda chegavam aquela hora para tomar parte na cerimônia. "Pai" Belmiro, que até então estivera na direção do ritual, co



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4

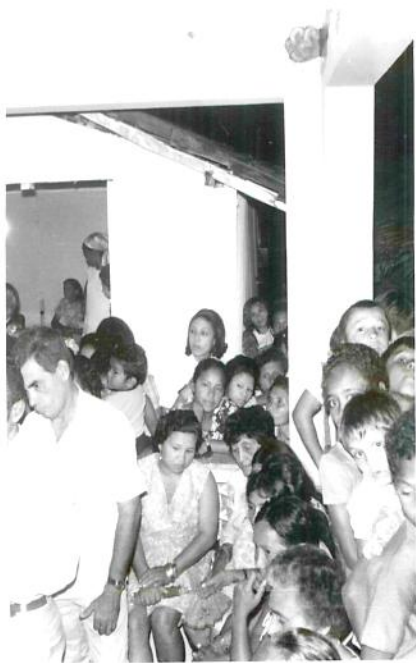


Foto 5



Foto 6



Foto 7



Foto 8

locou-se na retaguarda "Mãe" Juliana tomou a frente dos "trabalhos" e começou a "cantar" para Abaluaiê, salvando aquele / "senhor" com um "corrido". As posições dos médiuns estavam a gora invertidas, bem como a dança perdia seu sentido circular, pois "mãe" Juliana dançava indo de frente para os tambores, e voltando de costas para estes (fotos 11 e 12). Os demais médiuns (incluindo os "pais") seguiam-na dançando em fileira / cerrada, num ir-e-vir que não chegava até os tambores, de modo que o salão parecia estar dividido em áreas privativas imaginárias. Cada uma daquelas pessoas parecia ser ciente do seu lugar pois não ultrapassam os limites de sua importância (Gráfico IX).

Encerrando as "dotas" para Abaluaiê, "mãe" Juliana fez a saudação devida, no que foi acompanhada pelos médiuns e alguns assistentes, possivelmente "filhos" daquele "senhor" - (foto 13). A seguir, afastou-se, dando lugar para François, que, ao tomar a direção dos "trabalhos", "puxou" uma "valsa" para Xangô (foto 14). François passou a ocupar a área de destaque, e alguns médiuns que chegavam, só entravam na "gira" de pois que Ihe tomavam a benção.

Quando François terminou de "salvar" Xangô, afastou-se para que o Primeiro Dirigente ("pai" Belmiro) reassumisse a direção do "toque".

Belmiro, tocando o "adjã" cantou:

Nas matas tem } bis
Que todo mundo adora }

Pedras de ô ô ô ouro } bis
Aonde Xangô mora }

Os médiuns em coro e bastante entusiasmados, respondiam aquela "marcha", quando, de repente a voz do "pai" ficou um pouco embargada. É que ele começava a sentir as "aproximações" do "guia". Logicamente, o "guia" deveria ser Xangô; mas não era, "Pai" Belmiro sentia as "aproximações" de um de seus "guias" particulares: - Iôia Zepinho - que "chegou" rapidamente pois logo começou a se despedir e a despedir a "falange" de Xangô. Fez-se um dois minutos de silêncio. Após esse rápido intervalo, Belmiro cantou novamente. Só que não era mais Belmiro / Iôia Zepinho, e o também Belmiro ainda não estava "puro". É que o "dobrado" cantado, muito embora fosse um "ôô



Foto 9



Foto 10



Foto 11



Foto 12



Foto 13



Foto 14

ta" cantada para qualquer orixã, era sinal que Dona Mariana já estava chegando na "guma" (fotos 15, 16, 17). Novamente Belmiro foi "cambonado" pelas suas "filhas", e Dona Mariana finalmente foi aprumada (foto 18) e conduzida à Capela por um dos "filhos" da casa do Presidente. Na Capela, Belmiro/Dona Mariana ficou recebendo as homenagens dos assistentes que iam ajoelhar-se a seus pés pedindo-lhe as suas bênçãos divinas.

Depois da "incorporação" do Presidente Belmiro houve uma pausa no "toque". Chamou-se a Diretoria da Festa para "ir à mesa". Como fazíamos parte da mesma, saímos rompendo o aglomerado da porta do barracão, cozinha e corredor da sede social. No percurso encontrávamos um grande número de "pais" e "mães - de-santo" que normalmente não iam à sede por qualquer motivo: ou porque fossem muito ocupados, ou porque moravam fora da cidade. Ou ainda por acharem que não tinham nada a fazer na sede.

Na sala da frente havia um clima de amabilidade entre as pessoas. "Mãe" Natália (Vice-Presidente da Federação e Presidente de Honra do Tambor), servia de anfitriã. Aproveitamos para tirar uma fotografia da "mesa da Diretoria" (foto 19 (14)).

Quando regressamos ao barracão, Belmiro/Dona Mariana tinha retornado ao salão e continuava sendo cumprimentada pelos presentes: - outros "pais" e "doutores" presentes - (fotos 20, 21).

Subitamente, uma das médiuns das que estavam na "gira" se "incorporou". Todavia, não cantou, não foi "cambonada" (portanto não recebeu "espada"), de modo que era difícil se saber que entidade era aquela. A médium/entidade então cruzou as "guias" no peito e se pos a dançar (fotos 22, 23) sob as vistas indiferentes dos demais médiuns que passavam (foto 24). Notei que ela não foi "salvada" por ninguém, e pelo contrário, ela mesma começou a cumprimentar os médiuns graduados presentes (foto 25). Como Dona Mariana/Belmiro ainda estivesse presente na "guma" houve um transtorno no ambiente pois as duas entidades, em seus volteios por vezes quase se davam de encontro naquele espaço pequeno. Também a entidade avançava até aos tambores como que, invadindo a área em que Dona Mariana estivera dançando e recebendo suas homenagens até então. Quando

(14) Esta fotografia foi a causa final do desentendimento entre o "pai-de-santo" Alcides e o Tesoureiro Mirandinha citado no capítulo anterior.



Foto 15 —



Foto 16 —



Foto 17



Foto 18

isto começou a acontecer, François imediatamente saiu do lugar em que estava, segurou a médium/entidade (15) e a conduziu à Capela onde fez a entidade "subir". Napoleão foi até a Capela e perguntou a François o que havia acontecido. E ele prontamente respondeu: "não foi nada doutor, foi caboclo que chegou fora de hora..."

Retirado o importuno "caboclo" e Dona Mariana ficando sã, ela pode finalmente cantar seu "dobrado" peculiar:

Quando Deus andou no mundo
Não disse nada a ninguém

{ bis

Casa de mina é segrêdo
Segrêdo de tem-te-ren

{ bis

Quem Deus promete não falha
Não deve nada a ninguém

Logo a seguir cantou a "marcha" que identificava sua ascendência nobre"

Eu vim da mina Badê
Eu vim da mina salvar
Meu pai é Rei mineiro
Eu estou na mina do Parã

Oiã, Oiã
Estou no Parã irã
Meu pai é Rei da mina
Estou no Parã irã

Ô irã
Pen pen

{ bis

Quando Belmiro/Dona Mariana terminou sua apresentação já eram quase 23:00 hrs. François tomou a direção do "toque" e iniciou a "virada para os caboclos":

É todo dia
É toda hora
Quando eles chegam
Deus caboclos
É hora é hora

(15) a médium em questão era uma de suas "filhas de santo".



Foto 19



Foto 20



Foto 21



Foto 22



Foto 23



Foto 24



Foto 25

Ao forte som dos atabaques, alguns médiuns sentiam "a aproximações", porém não se "incorporavam". O tambor parecia / chegar no seu climax, pois os "abataseiros" vibravam e cantavam agora junto com o cōro dos médiuns, bem como batiam os atabaques com mais vigor. Os médiuns se entregavam à vibração da música, pois pareciam deixar seus corpos ao sabor do ritmo, das "doutrinas" "corridas" que se sucediam. Foi quando François, que dirigia o "toque" se "incorporou". Segurou suas "guias" ao peito, depois tirou-as e jogou-as para o lado. Uma de suas "filhas" que estava próxima, tomou as "guias" das mãos de seu "pai" (foto 26). François agora livre, bradou (fotos 27 e 28):

Mã - ê ! ê ! ê ! ê !

Hã ! Hã ! Hã!

Sou eu,

Boiadeiro

Caboclo...

Para baíar...

Seu Boiadeiro chegara. "Salvou" a "bela assistência" e apresentou suas credenciais cantando sua "marcha"

Eu dou boa-noite p'rã quem ã de boa-noite

Eu dou bom-dia p'rã quem ã de bom-dia

Eu venho, eu venho lã da Aruanda

E boa-noite p'rã quem vem lã da Hungria

O cōro (agora de médiuns e assistentes) respondia:

Lã na Hungria

Lã na Hungria

Seu Boiadeiro na Hungria

È Morã

} bis

Iniciaram-se os cumprimentos a François/Seu Boiadeiro, quer pelos médiuns de maior status ali presentes, quer pelas entidades como Ogum Beira-Mar (fotos 29, 30, 31)

Ao final desses primeiros cumprimentos ele anunciou:

Eu vou ali

E volto já

Lã na Jurema

Tomar Juremã



Foto 26



Foto 27—



Foto 28 —

Fez-se uma ala, e ele saiu cantando e "baiando" para o corpo da sede. Escutava-se seus gritos ao longe. "Mãe" Juliana passou a dirigir o "toque". Belmiro/Dona Mariana que por muito tempo estivera ausente, voltava agora ao salão para se despedir.

Tão logo Belmiro/Dona Mariana se despediu, um jovem chefe de seara que se trajava todo de setim azul se "incorporou". O interessante foi que ele não esperou ser "cambonado" por ninguém, pois ele mesmo se cobriu com uma "espada" (16) que carregava no braço desde o início do "toque" (fotos 32,33,34), identificando-se a seguir:

Lêgua na terra
Turco é,
Meu pai é turco
Turco é

O cõro ainda chegou a responder:

Seu pai é turco
Turco é !

O jovem/Seu Lêgua ainda chegou a dançar um pouco e a "puxar" sua segunda "doutrina". Mas, quando ele cantou, dois Conselheiros que estavam nos lugares de honra dos assistentes, imediatamente comentaram em voz alta: "essa não ! cantando prá Seu Lêgua a essa hora ?" Alguns médiuns da "gira" que estavam ali por perto diante do comentário ouvido (de pessoas entendidas) vacilaram em responder. Desse modo, Seu Lêgua não teve o privilégio de um cõro forte, mesmo porque "pai" Belmiro (a essas alturas "puro") anunciava o retorno de François/Seu Boiadeiro. Este entrou, também "salvado" por médiuns de maior status ali presentes. Foi recebido à porta por "mãe" Juliana (foto 35) e tinha as honras feitas por "pai" Belmiro que conduzia ao som do "adjã" (foto 36) Seu Boiadeiro entrou desfilando / sua roupa característica (foto 37 e 38), e foi ovacionado. Lá fora escutava-se foguetes em sua homenagem. O povo se comprimia para vê-lo.

Apõs ser triunfalmente homenageado, ele dançou e fi-

(16) Na sua "espada" haviam três letras pintadas: S.R.I. Napoleão indagou ao "ogan de cortar" da Federação sobre o significado daquelas letras, ao que o "ogan" respondeu: "ih doutor, nem pergunte porque nem ele sabe".



Foto 29



Foto 30



Foto 31



Foto 32



Foto 33



Foto 34

cou na "guma" e na sede, passeando e dançando até 1:30 da segunda-feira. Com ele ficou também Ogum Beira-Mar. Mas depois da "baixada" dele nenhum outro médium se "incorporou" a não ser "pai" Belmiro que "recebeu" Seu Pequenino (17).

Às 2:00 horas a "parte do santo" foi encerrada. A maior parte das pessoas deixou a sede aquela hora, muitas porém, ainda ficaram conversando, tomando cerveja, ou bebendo café. Maria da Jurema e algumas outras mulheres que a ajudavam, procuravam dar uma pequena limpeza na cozinha, naquelas alturas, extremamente suja com papéis de doces pelo chão, pilhas de pratos, copos e talheres sujos.

As "filhas-de-santo" que já estavam "puras" procuravam aquela hora, água para tomarem banho ou lavarem os pés. Alguém dizia para elas: "vão lá na casa do Miranda, ele deve ter mandado aparar água na tina" (18). Outros médiuns assistentes dos que haviam sido pegados de surpresa pelos "caboclos", calçavam-se com os pés mesmo sujos, se despediam apressados, e saíam quase correndo com medo de perderem a hora dos últimos coletivos.

Miranda, ativo, ia e vinha do corpo social da sede até o barracão e vice-versa, falando com um e com outro, os mais diversos assuntos: não abrir mais cervejas, onde guardar o que havia sobrado, quem iria dormir aonde. "Mãe" Juliana e "filhas" achavam melhor irem e voltar no dia seguinte. "Pai" Belmiro mandou atar sua rede num dos comodoss atrás do barracão. De suas "filhas" algumas ficaram dormindo na sede social, outras preferiram ir e voltar também no dia seguinte. Vários médiuns ainda "incorporados" (entre eles "pai" François) andavam pela sede perturbando as pessoas, sobretudo Miranda.

(17) Devido eu vir assistindo o Tambor das Flores desde 1967, fiquei surpresa com a ausência dos "caboclos" após a meia-noite. Mas logo depois apurei que a "incorporação" de François já era esperada, e que havia inclusive, uma expectativa em torno de como seria naquele ano, "a roupa do santo de François". E, uma vez que já se sabia que François tomaria conta do tambor, concluí que realmente/ era muito difícil haver chances para os demais médiuns / se exibirem. A própria Dirigente "Mãe" Juliana pareceu ter esperado a segunda noite para fazer sua apresentação.

(18) Nos dias de "toque" na Federação, a casa do Tesoureiro / Miranda se transforma num prolongamento da mesma, pois é lá que são feitos os "amolás", o "afurá" etc. Praticamente ele é posto fora de sua própria casa, uma vez que fica na sede enquanto "Mãe" Juliana, as "mães-pequenas" e "filhas" tomam conta de sua casa, cuidando dos preparativos do "toque".



Foto 35



Foto 36



Foto 37



Foto 38

No dia seguinte quando lá voltei pela manhã, Miranda me dizia que estava "morto de cansado" porque tinha ficado "aturando gente e "encantado" até as cinco.

Na segunda-feira seguinte, às 19:00 hrs., os Dirigentes e seus "filhos" (19) ingressaram novamente no salão do "barracão" para darem início à segunda parte do tambor, ou seja: - a "parte dos brincantes". Cantando para Oxalá, fizeram inicialmente uma cerimônia chamada "bebida do afurã", cerimônia essa que também compreende a "comida do amalã" (20). No centro do barracão estava estendida uma grande toalha branca, em cima da qual estavam colocados pratos de sobremesa dispostos na forma em que se usa nas mesas de jantar. Numa das cabeceiras da mesa, sentou-se "mãe" Juliana e Áureo. Eles sentaram perto de dois grandes alguidares com "amalãs" e um pote cheio de "afurã", e acenderam uma grossa vela branca. Enquanto faziam esses preparativos, "pai" Belmiro dava sete voltas à mesa, seguido de suas "filhas". "Mãe" Juliana começou a servir e a arrumar a primeira "bancada"; ia tirando pequenas porções de comida dos alguidares e colocando nos pratinhos. Quando terminou, "pai" Belmiro fez um sinal e imediatamente várias "filhas" saíram da "gira", se ajoelhando, e, em silêncio se puseram a comer (foto 39). Ao terminarem, limpavam as mãos num pano branco que a "mãe" lhes dava, e a seguir se dirigiam a Áureo. Este com uma concha, retirava a bebida do pote, colocava na cuia, e entregava-a aos médiuns, que, ainda de joelhos, e segurando a cuia com as duas mãos ingeriam a bebida de uma só vez (foto 40). Conforme o grupo de médiuns ia terminando, tomavam a bênção de Áureo, de "mãe" Juliana e por fim de "pai" Belmiro. São então que voltavam para a "gira", e outro grupo sucedia a

(19) Ingressou também: Áureo ("ogan de cortar" da Federação), e que pertence à "patota" do Tesoureiro. Áureo é sargento da Aeronáutica, e embora não sendo filiado a nenhuma casa de culto, participa de cerimônia por ser "filho" de Yemanjá (entidade a quem o "afurã" era ofertado).

(20) "Afurã" e "amalã" são respectivamente, "bebida" e "comida de santo". O primeiro consta de uma fermentação de farinha de arroz, côco, açúcar, erva-doce e gengibre. O "amalã" é feito da carne que sobrou do animal sacrificado na "matança". A carne é desfiada, e é temperada com quiabos crus e cozidos, quase sem sal. Como "amalã" também se usa fazer um camarão seco com quiabos cozidos ou farofa de dendê. Também se usa fazer uma massa ou pasta de maizena, escaldada ao fogo, que não leva nem sal e nem açúcar, e que depois de pronta pode ser cortada em fatias. O "afurã" é tomado em cuiapitinga (no caso uma grande cabaça / preta). O "amalã" é comido com as mãos, estando os médiuns de joelhos, e com a cabeça quase encostada nos pratos. Ambos são servidos no chão, sendo que o "afurã" deve sempre ser servido / por um "filho" da entidade a quem ele é ofertado.

quele anterior.

A participação nessas "bancadas" se faz hierarquicamente: das primeiras mesas participam os "filhos-de-santo" iniciantes, os "abatazeiros" e os médiuns presentes que não estão na "gira". Das últimas mesas tomam parte o Dirigente que não serve (no caso "pai" Belmiro), a "mãe-pequena" de sua casa, o "ogan de cortar" e finalmente o outro Dirigente que serve a mesa (no caso, "mãe" Juliana) (21).

Terminadas todas as "bancadas", "pai" Belmiro "agradeceu" com um "socado":

Graças a Deus
 Ora meu Deus
 Louvado seja Deus
 Ora meu Deus

"Mãe" Juliana levantou-se, e junto com o "ogan de cortar" e mais a "mãe-pequena" da casa de Belmiro, começaram a "suspender a bancada" (+) levando os vasilhames sagrados e mais o que sobrara da cerimônia para a Capela (fotos 41 e 42). Depois, ela, suas "filhas" e Aureo, saíram do recinto. Belmiro que ficara com suas "filhas" prosseguiu a cerimônia cantando sete "dotas" para Oxum, sete para Oxumarê e mais sete para Oiã.

Agora já eram quase 21:00 hrs. O barracão já estava novamente lotado, e mais pessoas ainda afluíam ao local. Outros "pais-de-santo" chegavam para tomar parte na cerimônia: - alguns mais timidamente que outros. De repente, entrou um deles, cuja figura se impôs no ambiente: - era "pai" Jair do Gua-pindaia, assim conhecido por "carregar o caboclo" do mesmo nome. Ele já entrou todo paramentado e passou diretamente à Capela. Lá ele "bateu cabeça" nos altares, fez o sinal da cruz, e depois voltou colocando-se ao lado de Belmiro. Imediatamente, os "filhos" que estavam na "gira" e mais os médiuns presentes começaram a se deslocar de seus lugares e a ir tomar-lhe a bênção. Belmiro, que até então estivera comandando o

(21) O Tesoureiro não participa de nenhuma "bancada", mas cumpre a função de mungá do ritual, comendo seu "amalã", sentado sozinho na Capela, onde os Dirigentes mandam algum "filho-de-santo" servi-lo.

ritual, tão logo terminou a "doutrina" que cantava, voltou - se para Jair e lhe disse em voz bem alta: - "Tã na mesa, pode servir-se !" E feito isso, retirou-se, entregando a direção do ritual a Jair que "puxou" uma "valsa", "cantada em língua" (+)

Ogum fã
I - nê fã
Ogum nikã ê - fã
Ogum fã
I - nê fã
Ogum nikã ê - fã

Jair "salvava" Xangô quando François chegou. Foi até a Capela fazendo a mesma coisa que Jair fizera. François entrou no salão e Jair que parecia esperar alguém para substituí-lo, entregou o "toque" nas mãos de François e se retirou. Juliana retornava com suas "filhas" que tinham saído para trocar de "marcação". As "filhas" de Belmiro saíram para fazer o mesmo. Outros médiuns chegavam para tomar parte no "toque":- uma senhora que me era desconhecida, um rapaz, e mais tres "filhos" de "pai" François. Soube que a senhora não era paraense, era uma médium paulista, que havendo "caído" na Federação, se associava à mesma. Quanto ao rapaz, aquela festa marcava seu retorno público pois todo mundo sabia que até então ele estivera "parado" e suspenso dos toques da Federação por causa de irregularidades ocorridas em sua Seara.

Por volta das 22:00 hrs. a "guma" era apinhada de médiuns: lá estavam os dirigentes, os seus "filhos", outros "pais de-santo", "chefes" de searas, de tendas, donos de cabanas e de mais médiuns no momento não filiados a qualquer casa de culto - (foto 43). A direção do "toque" havia voltado para as mãos de Jair, quando "mãe" Juliana ficou "manifestada". Aparentemente, sua "incorporação" não dava para ser notada (foto 44), mesmo porque a entidade não cantou. Todavia, pela forma com que ela trançou a sua "toalha" nos quadris (foto 45) e "baiou" (foto 46) as pessoas familiares ao culto, sabiam que Barão de Gorê havia "chegado". "Pai" Jair "salvou" aquele "branco":

Chegou ele do mar e terra { bis.
P'rã dar gosto no salão

E os médiuns saudavam em cõro:

A - gô Barão
A - gô Barão



Foto 39



Foto 40



Foto 41



Foto 42



Foto 43



Foto 44



Foto 45



Foto 46

Terminada a saudação, "pai" Jair voltou-se para o Barão e lhe disse: - "pode cantar !", Juliana/Barão Gorê puxou uma dota "convida" e "baiou" na "área privativa". Sua "baia" tinha porém um estilo próprio que na verdade era a variante pessoal de Juliana sobre o passo básico do Batuque anteriormente / descrito (capítulo III). O deslocamento simples em linha reta; nela, era substituído por um zig-zag. Seu passo básico era / mais miúdo, pois o espaço percorrido no arrastar de cada pé era bem menor que no passo padrão (22). Assim sendo, o detalhe / mais pessoal de Juliana era o de que, seus pés ao se juntarem, como que, retocavam a sua posição, dando um outro passinho menor, na seguinte ordem: a) a perna direita se deslocava (com o pé sempre paralelo ao que ficava parado) lateralmente e para di-
ante; b) logo que a direita se dispunha a sustentar o corpo, a perna esquerda juntava-se a ela; c) imediatamente, a perna direita fazia um ligeiro e bem curto passo para a frente; d) agora era a perna esquerda que se deslocava para a esquerda, lateralmente. E assim por diante, formando um zig-zag, onde os ângulos eram preenchidos pelo "retocar do passo". Também um outro detalhe pessoal de Juliana era o fato dela colocar uma de suas mãos no ventre e com a outra segurar a saia de sua "marcação" (foto 46).

Depois de dançar durante uma meia-hora, o Barão quis subir, e em seu lugar, disse que iria chamar Seu Indaê (23). Cantou seu "corrido":

<u>Barão Gorê</u>	- Chama <u>Indaê</u>	} - 4 vezes
Médiuns em cõro	- Marques de Pombal !	
Todos juntos	- Ai quem mandou	} bis
	Foi <u>Marques de Pombal!</u>	

Barão de Gorê "subiu", Marques de Pombal imediatamente "desceu", sem que se percebesse em "mãe" Juliana nenhum sin-

(22) De um modo geral, os médiuns podem fazer variantes sobre o passo básico, isto é, se deslocar em zig-zag, em lugar de linha reta. Cada mudança de perna corresponde então a uma linha dirigida, ora para a esquerda, ora para a direita. Nos ângulos formados por essas linhas, é que os pés se unem. Convém observar que os pés ainda no geral, se arrastados, se separam um do outro, mas sempre conservando-se (mesmo ao deslocar-se), paralelo ao pé que está parado sustentando o corpo.

(23) Seu Indaê é o nome com que o "encantado" Marques de Pombal se apresenta quando "desce". Pela referência histórica que os médiuns dão a esse "encantado" suspeitamos que ele seja associado ao Governador da Capitania do Grão-Pará e Maranhão-Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1º Ministro do despota esclarecido português Dom José I.

toma de nova "posse". Mas os não familiarizados ao culto sabiam que ele agora estava ali presente, porque "pai" Jair agora / homenageava o "encantado" cantando seu "socado":

Rema, rema camboeiro
Meu camboeiro real

{ bis

Olha rema p'rã Castelo Branco (24)
Para o Duque Marques de Pombal

{ todos

E a seguir:

Senhora mãe do terreiro
Chegou agora da Bahia
Duque Marques do Pombal
Filho da Virgem Maria

Assim que Juliana/Seu Indaê terminou de ser "salvado", "pai" Jair fez a "virada" e gritou:

Toia Lē
Toia Lē
Toia Lē
Toia Lē - ē - ē - ē
Beija-Flor já chegou !

ao que o cōro dos médiuns igualmente respondia gritando:

Toia Lē.!

Como na noite anterior, a "virada" marcava uma efervescência na "guma". Naquela efervescência, "pai" Jair se "incorporou" com o seu "caboclo" - Caboclo Guapindaia. Bruscamente o "caboclo" retirava as "guias" do pescoço de seu "aparelho" (foto 47) ao mesmo tempo que se anunciava:

Caboclo não forma
Eu vim formar

{ bis

Ai - ē Beija-Flor
Venho nas ondas do mar

{ todos

(24) Francisco Caldeira Castelo Branco, fundador da cidade de Belém que embora não faça parte da cosmologia do Batuque, é cantado nos rituais.

Percebi que também os movimentos de Jair eram diferentes. Seus giros não eram feitos na ponta ou meia-ponta dos pés, porém nos calcanhares com a seguinte sequência: a perna esquerda passava para trás da direita, enquanto que o pé direito já / começava a fazer um giro (sobre a ponta ou calcanhar) em torno do eixo da perna correspondente. Tão logo a perna esquerda tocava o chão, o pé esquerdo começava a girar também, até que o corpo estivesse voltado completamente em direção da linha a ser seguida. Era então, uma volta completa. Seus rodopios correspondiam a uma divisão de batidas em um dos tambores, batidas essas que eram muito rápidas e que por sua vez, apareciam esporadicamente, por entre o compasso normal da dança. Naqueles ritmos agitados, a dança e os passos de Jair davam a impressão de que ele deslizava sobre o chão. Seus rodopios eram sempre feitos em cima dos calcanhares. Penso que girava o corpo rapidamente num só calcanhar para cumprir o movimento de união das pernas do passo básico do Batuque. Havia também um movimento equivalente (só que para trás), em que ele quase cruzava uma perna atrás da outra. Este, parecia ser também um movimento básico, de retorno ao caminho percorrido. Era um simples pivô, pontilhando aqui e ali, o seguinte caminho: uma perna ficava de eixo, e seu pé girava 180° sobre o calcanhar, enquanto a outra / perna fazia o mesmo movimento, separada da outra, até que a segunda perna ficava diante da primeira e ainda longe dela.

De modo geral, a "virada dos caboclos" marcava agora, uma alteração total no "toque". Começava a não existir mais, nenhuma disposição rígida dos "pais-de-santo" no que eu via como "áreas privativas". Também não havia sequência rígida entre os dirigentes do "toque". "Pai" Belmiro se "incorporava" com Seu Pequenino (foto 48) e sua "posse" era tão imperceptível que aparentemente nada acontecia. Agora que os dirigentes já estavam quase todos "manifestados" (foto 49) cada vez que um "santo" queria dirigir o "toque", o fazia sem cerimônia. Mais médiuns continuavam entrando na "gira". Marques de Pomba/Juliana brincava com o triângulo. A assistência mais relaxada, conversava, enquanto os "santos" jogavam pilhórias para pessoas da platéia. François se "incorporou" com Seu Lôgua. Dançou um pouco e saiu da "guma". Passada uma meia-hora voltou já vestido com sua roupa (foto 50) e se exibia para a assistência cantando:

Tinin, tinim, tinim
 Sua lá
 Cadê Belém do Pará

Tinim, tinim, tinim
 Sualã
 Cadê Belém do Pará

Dançando, François/Seu Lêgua também mostrava traços peculiares: sua mão esquerda era sempre espalmada à altura do estômago, a direita era erguida, os braços assim nessa posição, davam idéia de que ele dançava com um par imaginário. Também ele dava muitos rodopios ainda que menos efusivos que Jair/Guapindaia. Seu corpo inteiro era rijo, porém não dava idéia de tensão. Todavia, em nenhum momento ele parecia relaxar o tronco, de modo que, ao deslocar uma perna, todo aquele lado de / seu corpo acompanhava a mesma, como se tivesse a coluna como eixo.

* * *

Eu agora me retirava do salão pois haviam me chamado à cozinha. Lá fiquei conversando com François/Seu Lêgua e Jair/Guapindaia, que haviam deixado o "toque" sob a direção de Belmiro/Seu Pequeninino. Na cozinha, o Tesoureiro alertava / os "santos": - "vão brincar, aproveitem porque nós vamos encerrar à 1 1/2 !" Os "santos" não lhe prestavam a menor atenção, e davam leves tapas no corpo de "Mirandinha", ou tentavam segurar seu queixo, com a nítida intenção de irritá-lo. Depois, como se nada tivessem ouvido faziam poses, e pediam que eu / lhes tirasse uma foto.

Assim estávamos na cozinha, quando repentinamente / Belmiro/Seu Pequeninino entrou na mesma, falando: "voce já foram ver ? tem uma mulher de robe lá dentro", enquanto apontava para a "guma". Saí em direção ao salão e lá encontrei "incorporada" a médium paulista que "caíra" na Federação (foto 51). Na verdade, ela destoava no conjunto dos médiuns. Em primeiro lugar, pela roupa que usava: ela não usava "marcação", vestia uma blusa de seda e de mangas compridas, que lhe ficava muito frouxa. Todo o excesso de pano da blusa era então colocado / preso para dentro de uma saia muito comprida, feita em filô de algodão, e que por não ter anáguas embaixo, ficava-lhe escorrida no corpo. Ela também não tinha "guias" no pescoço, e em lugar dessas, usava um longo colar de pérolas e brincos também / de pérolas no feitio de duas grandes lágrimas. A médium esta



Foto 47



Foto 48—



Foto 49



Foto-50

va "incorporada", mas quando começou a dançar e a cantar, identificando seu "guia", o fez de forma desastrosa. Isto porque ela demonstrou não saber pelo menos o passo básico do Batuque, e assim dançando, terminava por atravancar a "gira", impedindo os demais médiuns de fazerem suas evoluções, o que visivelmente os irritava.

Os "encantados" e outros médiuns que até aquele momento tinham estado na cozinha voltavam até o salão. Notei que havia no ar, um tom de ironia em relação aquela médium. Assim é que Jair/Guapindaia com uma fisionomia igualmente ironica, dirigiu-se a ela ordenando-lhe em voz bem alta:

- "Cante !"

Voltando-se para as médiuns que cantavam, as faz calar:

- "Meninas, deixem a branca cantar !"

Evidentemente, quando Jair/Guapindaia enfatizava a palavra "branca" ele o fazia por deboche, pois nenhum médium / dos ali presentes, acreditava estar diante de uma "branca" ou "senhora", pois há muito já se havia feito a "virada dos caboclos".

A médium, estava patente, não conhecia aquele ritual, pois mesmo assim cantou ainda que com uma voz baixa e quase inaudível:

Venha ver seu mundo
 Venha ver seu mundo
 Santa Bárbara venha
 Venha ver seu mundo

A "doutrina" estava incompleta e fora do tom, mas os "abatizeiros" corrigindo o mesmo, ainda conseguiram acompanhá-la. Quanto aos médiuns, estes ficaram excitantes por terem que "salvar" uma "branca" aquela hora da noite, de modo que, se identificar, foi a pior coisa que a médium poderia ter feito. A situação ficou porém mais crítica quando a "branca" decidiu "bair", e sem saber os passos do Batuque, e sem poder entrar no ritmo, resolveu remexer os quadris, como se o som que ouvisse fosse o ritmo de uma rumba.

François/Seu Léguas, que agora havia voltado ao salão resolveu também ridicularizar a situação, e dizia em voz bem alta para as suas "filhas": "Meninas, falem com Santa Bárbara!" ao mesmo tempo em que perguntava em voz mais baixa: "Quem é ?" Al

guns médiuns rindo disfarçadamente respondiam: "é Barbassuera!"

De repente, como que aborrecido e decidido a acabar com aquela cena, François/Seu Léguas gritou um "ponto"; que aparentemente era para "despachar" a entidade:

Cabaceira chia
É uma flor que tanto cheira
No centro da mata
Maria Barbassuera

Então fez-se um "toque" "corrido" que apagou totalmente a voz e a figura da "branca" Barbassuera. Aparentemente também de forma proposital, Jair/Guapindaia entrou no salão gritando:

Maria tava rezando
Aos pés da santa cruz
Eu vou buscar Madalena
Para o Senhor Bom Jesus

Apagada por tantos gritos, Barbassuera não teve outra alternativa senão a de "subir" para as suas "encantarias" de onde vieram (ficaram no salão: François/Seu Léguas, Jair/Guapindaia, Belmiro/Seu Pequenino e Juliana/Barão Gorê (novamente).

A essas alturas, cada "brincante" dançava como queria e a "gira" nada mais tinha de circular. As médiuns paravam, se abanavam entre si. Outras entravam e saíam. Agora todos os "pontos" puxados eram "corridos". Com a repetição dos "corridos" as médiuns se "incorporavam" umas atrás das outras (foto 52). Poucas médiuns ainda chegaram a ser "cambonadas" pois com a "incorporação" de quase todas elas, algumas tiravam, elas mesmas os grampos de sua cabeça e jogavam o cabelo para trás (foto 53). Era o sinal de que seu "caboclo" havia "chegado". Muitas entidades "baixavam", dançavam e desapareciam em seguida / sem ao menos se identificarem. De quando em quando fervia um borborinho na assistência: - eram pessoas que não conseguindo / mais seu auto-controle caíam em transe. Outras, ficavam apenas "alunbradas" e saíam às pressas do recinto. "Pais-de-santo" se misturavam aos seus "filhos" e ninguém mais respeitava as "áreas privativas" de ninguém (foto 54). Naquela bagunça, uma voz que eu não sabia identificar de quem, falava um pouco alto: "bora acabar com essa anarquia aí!". O que de nada adiantava. Várias entidades "na cabeça" de médiuns graduados davam gargalhadas e faziam gestos obscenos com as mãos, sem se importarem com a "belíssima assistência" que estava ali presente.



Foto 51



Foto 52



Foto 53



Foto 54 -

Os "caboclos" de médiuns e/ou sem expressão até aquela altura, davam ordens aos "abatazeiros":

Rufar tambor { bis
Eu quero baiã

Eu vim d'outro mundo
Do sertão do Ceará

Ou, pareciam exigir suas prerrogativas:

Correinha, barro forte { bis
Fortaleza, Ceará

passarinho, rouxinol
pombo rôxo
abre olê
Eu também sou um caboclo
Da ilha de Maracassumê

Fui novamente chamada ao corpo da sede. Os "santos" me pediam que lhes tirasse a fotografia. Não pude observar / mais o conjunto do ritual, pois os "santos" me faziam trabalhar como fotógrafa. Consegui escapar e fui conversar com o Tesoureiro que estava na sala da frente da sede, longe de todo aquele barulho. Lá fiquei até o encerramento do "toque", único momento em que o ritual novamente se ordenou. "Pai" Belmiro agora "puro" cantava "dotas" de agradecimento. Eram 2:10 hrs., quando o Tambor das Flores foi encerrado.

ANÁLISE

Parece bastante claro que o Tambor das Flores existe como uma "ordem do santo" que em certo momento, fica contida / numa "ordem burocrática", dado que é uma promoção da "ditadura" burocrática da Federação. Por esta razão, percebe-se que toda a sua sequência, a começar da organização da festa, é marcada por momentos de conflito que se alternam com momentos de acomodação, conforme veremos no decorrer da análise. Ao nível interno da Federação, os conflitos surgem quando os status de: - "pais-de-santo" x "pais-de-santo"; "filhos-de-santo" x "filhos-de-santo"; "filhos-de-santo" x "pais-de-santo"; médiums x burocrata - se acham em confronto. Por outro lado, o conflito somente é alcançado se os status são analisados em relação à expressão social que o Tambor das Flores possui. Para tanto, teremos que recapitular o fato de que, na Federação, existem as "festas magnas" instituídas pelos Estatutos, da qual, o Tambor das Flores não faz parte. Não obstante, apesar de oficiosa, ela é a festa mais concorrida dentre todas as festas da Federação, não somente porque é seu maior encontro social - ("a que puxa mais gente"), como também é importante em termos de expressão social de seus promotores. Enquanto as "festas magnas" dificilmente são realizadas, e, se ocorrem, seus organizadores se restringem apenas ao quadro dos associados da Federação, o Tambor das Flores é organizado, tanto por seus associados, quanto por pessoas alheias à Federação e à própria Irmandade. Por sua vez, essa última categoria de pessoas, pertence à diferentes camadas sociais da sociedade envolvente. Da Diretoria do Tambor que estamos analisando, fizeram parte: dois médicos, (um deles sendo membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará); uma cabelereira do "high-society" belemense; um militar; um advogado; um delegado de Polícia; para não falarmos de nós mesmos - o "doutor" e a "professora" - acompanhados do "pessoal da Universidade" (25) Sentados em lugares de honra, nós temos os elementos alheios à Irmandade, juntamente com o povo ali presente, compunhamos uma assistência espacialmente comum, mas socialmente oposta. No momento em que nos /

(25) Todos os anos a disciplina de Etnologia e Etnografia do Brasil programa como atividade extra-classe do Curso, a observação de um ritual de possessão (no caso o Tambor das Flores). Como a atividade é formalizada, utilizamos ônibus da Universidade, além de levarmos conosco outros alunos e professores da Universidade e esporadicamente, algum visitante.

sentávamos em lugares de honra, passávamos a nos destacar da platéia não apenas pelos lugares que ocupávamos, em si mesmos, mas também porque, tanto transmitíamos informações sociais corporizadas (nossa expressão corporal), quanto exibíamos "símbolos de prestígio" (anéis de grau, roupas e atavios) que falavam de nossa posição social (Goffman, 1970:58). Quer dizer, nós éramos a "gente de outra categoria" tão valorizada pelo / consenso da Irmandade (Cap. I). Naquela circunstancia, mesmo sendo desconhecidos, os observadores (médiums) podiam obter através de nossa conduta e aparência, indicações que lhes permitiam utilizar experiências anteriores que talvez tivessem tido com indivíduos aproximadamente parecidos com aqueles que naquele momento estavam diante deles. Poderiam também supor, baseados em experiências passadas, que indivíduos de determinados / tipos, provavelmente são seriam encontrados em um dado cenário social (Goffman, 1975:11), que não fosse o cenário daquela "sede" localizada numa rua lamacenta de um bairro periférico. Mas nós estávamos todos os anos presentes àquela festa, e sabia-se de antemão que o Tambor das Flores era, como ainda é, uma ocasião em que interagem no mesmo cenário: - a "gente de outra categoria" com os estigmatizados "mineiros" (Cap. I) -. Daí segue-se que, é muito relevante para os "pais" e "filhos-de-santo" organizarem uma festa conjunta com a "gente boa", e ter seu nome impresso junto ao nome dos "doutores" e demais "gente-boá" constantes das cartas-convite. A circunstancia não somente lhes dá prestígio, como reconsidera uma identidade estigmatizada, na medida em que, a junção: "doutores" e "mineiros"-expressa, de forma subjacente a linguagem metafórica do provérbio: "dize-me com quem andas e eu te direi quem és". Do mesmo modo que a referida junção invalida em parte a pecha do "cria fama e deita-te na cama" que os "mineiros" carregam, pela sua condição de serem "mineiros". Nesses termos, o "ser convidado" para participar da Diretoria do Tambor das Flores, é significativo porque, redefine uma identidade social. Também, o "ser convidado" é relevante porque fala ao consenso, sobre a "carreira" e a "estabilidade profissional" dos médiums (principalmente os "pais-de-santo"). Em primeiro lugar, expressa sua competência espiritual (Dirigentes do Culto). Em segundo lugar, é uma medida de sua competência material. Ser, por exemplo, um Juiz do Barracão ou Juiz da Capela, significa que o indivíduo tem condições de gastar e, se gasta é porque tem clientes, e se tem clientes é porque ele é um profissional bem com-

petente. Em contraposição, o fato de existir o grupo dos "não convidados", isto marca aqueles que "não podem" mesmo podendo. Assim sendo, é fácil compreender-se a atitude de um "pai-de-santo" como "pai" Loris que, sai de sua casa para, simultaneamente escutar as repreensões do "ditador", e ao mesmo tempo levar uma "cota" para a festa daquele que o humilha na sua condição de governado.

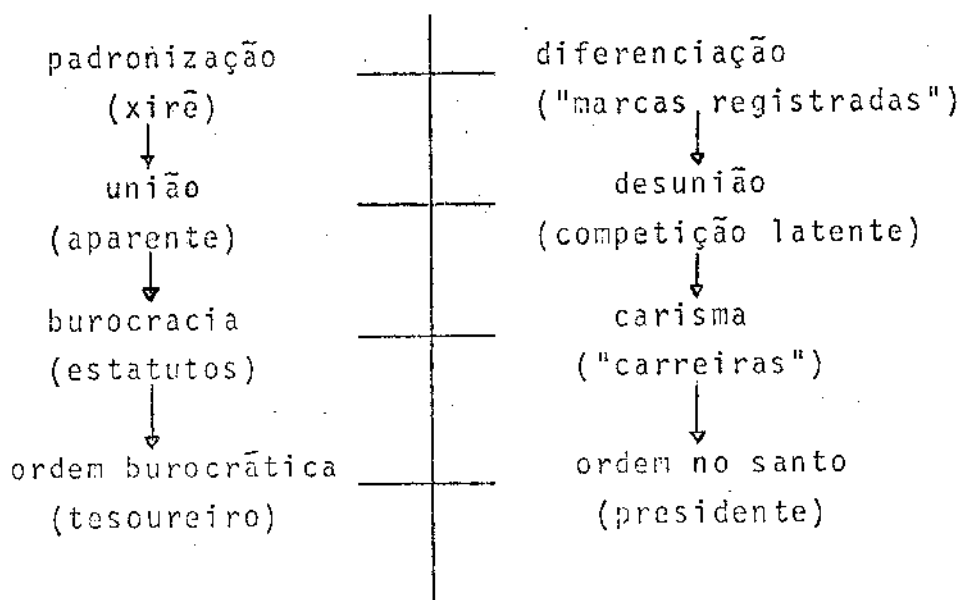
Quanto ao Tesoureiro patrocinador da festa, este parece aproveitar da expressão social do Tambor. Observa-se por exemplo que a cada ano ele vem aumentando o número de seus "mordomos", bem como criando novas modalidades de "juizes" (26) o que significa a inclusão de novos nomes dentro dos nomes expoentes do Batuque. A criação do cargo - Juiz do Barracão - entregue para "mãe" Deuza é um ótimo exemplo. Deuza, é uma "mãe-de-santo" que, dentro de Belém é tão famosa quanto qualquer outro "pai-de-santo" de renome da Federação. Seu terreiro é considerado como um "terreiro grande" e sua fama não é menor porque nenhum médium "recebe" Seu Rompe Hato quanto Deuza o faz. Isto significa que Deuza tem sua "marca registrada" que lhe vem de uma "especialização" em tratar com aquele temível "caboclo". Acontece que ela nunca fez parte do Conselho do Ritual da Federação, como nunca ocupou cargos de cúpula nos Órgãos da sua Instituição. Sabe-se que isso ocorre pelo fato de que "mãe" Deuza é "de mal" com "mãe" Edith que, como vimos, é uma das Conselheiras da Federação. Todavia, o fato não deixa de criar uma condição de destaque para uma e anonimato para outra consequentemente, um conflito de status, que por definição do sistema do Batuque, são status igualitários. O conflito é no entanto evitado, na medida em que o Tesoureiro, criando para Deuza um cargo tão importante, acomoda uma situação, ao mesmo tempo em que tira / proveito da mesma. Também a rotatividade que ele faz com seus "juizes" parece ser a mesma estratégia. Ele diz: "os meus juizes eu tenho por hábito de escolher as pessoas de minha amizade. Quando um dos juizes chega comigo e diz que não pode tomar parte, no outro ano esse juiz é cortado..." (Cap. III). O Tesoureiro diz que "corta" o juiz porque ele precisa de ajuda (dinheiro) o que não deixa de ser verdade; mas também é certo que o "cortar" de alguns, significa dar oportunidade para outros, sejam esses "pais" ou "filhos-de-santo".

Devemos considerar, no entanto, que a criação e a rotatividade de cargos, se por um lado, alivia, por outro, mantém

(26) "Juiz do Barracão" cargo que não havia existido até então.

o conflito latente, se levarmos em conta o número de associados que poderiam entrar no rol dos "convidados", mas que, por qualquer motivo nunca o foram. Também é relevante, o fato de que, mesmo os "convidados" sendo prestigiados, eles - enquanto participantes da festa - tem que se submeterem ao "xirê" (+) da Federação (27). Acontece que tal padronização por negar o caráter pessoal das "marcas registradas" dos médiuns, ainda conflita / com as bases em que se fazem cada uma daquelas "carreiras".

Uma outra posição conflitante sai das relações Tesoureiro e médiuns por ocasião da organização da festa. Mostramos que o Tesoureiro colhia as resultantes de seus investimentos sociais, ao conseguir as ajudas materiais (cotas) e, ajudas espirituais ("proteções") de seus "pares", e isto ele exibia como / sendo prova de sua eficiência ("festa que puxa mais gente"). Essa eficiência, se por um lado lhe dava mais prestígio, por outro lado aumentava mais ainda a tensão que vinha da sua posição de "patrão", o que significa dizer que durante a organização do Tambor, os médiuns, qualquer que fosse o seu status (caso do / Presidente), ao lado de subordinados, eram no final meros espectadores à espera de um espetáculo. Desse modo, continuávamos / tendo o conflito das duas "ordens" ou dos dois poderes - o "oficial" e "oficioso" - que se opunham nos seguintes termos:



(27) Existe uma norma que regulamenta a sequência da "chamada" dos "santos", nos rituais da Federação, e que foi deixada por Manoel Colação antes deste viajar para o Rio de Janeiro onde faleceu. Mas o único ritual coletivo da Federação que obedece esse regulamento, consequentemente, sua padronização, é o Tambor das Flores, que nesse sentido, passa a ser uma festa oficial, apesar de ser oficioso.

O ritual será o momento de acomodação desses conflitos. Aqui o Tesoureiro aparece como uma figura anônima, e é muito sintomático o fato de seu nome ficar desaparecido no registro etnográfico, do "toque". Ele cede lugar a outros atores como: "mãe" Natália, os Dirigentes, "pais-de-santo", "filhos-de-santo" e médiuns em geral, o que significa a inversão dos poderes e conseqüentemente, a inversão do status do Presidente que passa a uma posição preponderante enquanto o Tesoureiro passa a ser subordinado. O Presidente finalmente é reconhecido como elemento importante: - como Dirigente ele tem oportunidade de demonstrar sua competência ao dirigir um ritual coletivo que exige domínio de uma rica e variada cosmologia ao lado de uma perfeita "performance" para manipular um numeroso grupo de médiuns. Por essa sua competência ele é acatado pelos médiuns presentes, (inclusive demais "pais") que respeitosamente lhe pedem a benção:

Obviamente que, com o destaque do Presidente e o anonimato do burocrata, resolve-se a tensão que vinha do choque / dos poderes mas, por outro lado, o destaque do status do Presidente passa a entrar em conflito com o status da segunda Dirigente bem como de outros notórios "pais-de-santo" que comparecem ao "toque". O fato no entanto, é facilmente resolvido com a direção do "toque" que naturalmente se alterna entre os Dirigentes. Também através do comportamento do próprio Presidente que em determinado momento se dirige a um "pai" recém-chegado e diz: "Tã na mesa, pode servir-se". Uma vez a direção alternada e concedida a quem de direito, isto permite a cada notório "pai-de-santo" ali presente, redefinir sua notoriedade através da exibição de suas "especializações" e "marcas registradas". Assim, por exemplo "mãe" Juliana é conhecida como uma "expert" na "mina maranhense", e desse modo, tão logo na sequência do "xirê", cantou-se para Abaluaiê a direção do "toque" foi entregue a ela que "salvou" aquele "branco" cantando para Akossi (Abaluaiê no Maranhão).

Uma vez redefinidos os graduados, eles, agora juntos, reafirmam seus status. Eles possuem suas "áreas privativas" onde são eles, os graduados é que dançam, mas onde eles fazem algumas concessões que não deixam de ser uma estratégia de acomodação para o conflito de status de "pais" x "filhos". Compreende-se a concessão feita a Odete/Ogum Beira-Mar porque Odete já é uma "médium" de força e de quem se sabe que "carrega" um "se -

nhor". Também ela comprovou conhecimento do ritual na medida em que "recebeu" seu "senhor" antes das 23:00 hrs. Os "pais" presentes naquela ocasião, reconheceram o status de Odete ; quer dizer, prestigiando sua "incorporação" elevaram a posição de Odete em relação à posição de outros médiuns que imediatamente foram "salvã-la". Todavia mantiveram as fronteiras de seu status de "pais" na medida em que eles é que foram cumprimentados pela médium "manifestada".

Por outro lado, não é para todos os médiuns que são feitas tais concessões. O "caboclo que chegou fora de hora", e o Seu Lêgua que "chegou aquela hora" foram excluídos porque na cosmologia do Batuque é inadmissível "caboclo" "baixar" antes da "virada", e "branco" "baixar" quando os "caboclos" já estão sendo "chamados". Quer dizer, o "toque" é uma seleção a nual dos médiuns capazes, onde os examinadores ("pais-de-santo") que reprovam os incapazes, reafirmam ao consenso, sua competência doutrinária ritualística.

Dirigir e ser dirigido, conceder e ser concedido, excluir e ser excluído, são portanto atitudes que até o momento da "virada" falam sobre o status dos médiuns. Daí porque eu defini o Tambor das Flores como uma festa que até as 23:00 hrs. é um congresso para Phd. (François), Ma. (Juliana e Jair), Pg. (Odete) ou parasmédiuns de "Notório Saber" (Belmiro), mas onde "aluno regular" não tem vez.

A oportunidade dos "regulares" chega com o desenrolar do "toque". O ritual começa com uma excessiva hierarquização (entrada na "guma" e "bancada do afurã"), atinge um clímax às 23:00 hrs. para depois da 1/2 noite terminar, como alguém gritava, numa "anarquia", que, diga-se de passagem é uma "anarquia" funcional, que opera no sentido de bem resolver os conflitos de status, e assim, garantir a própria continuidade de um sistema igualitário e pessoal como é o Batuque. A "anarquia" nada mais é senão do que o sistema prevendo lugar para todos. Com a expressão "lugar para todos" quero significar / destaque e prestígio para os até então sem oportunidade, mesmo que o prestígio chegue somente após a definição dos "graduados". Mas os "regulares" aceitam a situação, porque eles fazem parte do consenso que validou Dona Mariana como uma "senhora" "na cabeça" de Belmiro, ou Carão Corã como um "branco" na cabeça de Juliana. Também porque acreditam que Toia Zezinho a pesar de ser um jovem caboclo, ele faz parte de uma "família / real" (Anexo 1-9) e que portanto tem o direito de "baixar" quan

do seus pais, os "brancos" são "chamados". E que, o fato de seus "caboclos" "baixarem" após os "senhores" - isto é assim mesmo, porque é o "preceito daqueles santos".

O sistema também é funcional porque permite médiuns de status alto, receberem "guias" de status mais baixo. E assim os Phd., os Ha., e os "Notório Saber" igualmente recebem "caboclos" que participam da "anarquia", e assim, todos os médiuns se tornam iguais. Mesmo os "brancos" (Juliana/Barão de Goré) dançam junto com os "caboclos". Não há superiores nem inferiores. O que existe é um congraçamento de status igualitários. "Pais" e "filhos-de-santo" por um momento, podem finalmente serem vistos como um grupo que não mais compete entre si, e que é unido a ponto de excluir membros que não lhe pertença (médium paulista).

Portanto, o que ocorre por ocasião do ritual do Tambor das Flores é uma inversão da ordem social vivida pelos médiuns, quer em relação a "ditadura" da Federação, quer em relação à sociedade envolvente. Nos dias do Tambor das Flores os médiuns anônimos do fichário da Federação tem finalmente oportunidade de se fazerem conhecer publicamente, e a cada ano, mostrar ao consenso, que eles também possuem competência, quando, após a "virada" se tornam tão notórios quanto os mais famosos "pais-de-santo".

Em transe, todos os médiuns - "graduados" e "regulares" - são "santos" voluntariosos e superiores, que podem discordar, desrespeitar e irritar o "ditador", sem que este nada possa fazer (28). E, quando um "doutor" se ajoelha diante de um Belmiro/Dona Mariana para pedir-lhe a benção (que poderá ou não ser concedida), a platéia assiste a "gente de outra categoria" ser rebaixada à uma posição de inferioridade em relação aos "mineiros". A "gente boa" sentada nos lugares de honra é agredida pelos desregramentos dos "santos": - gesticula-se obscenidades abertamente, bebe-se muito, mas os "santos" tem esse direito porque o que bebem "é jurema e não cachaça", é "espuma do mar" e não cerveja. O ar torna-se viciado, porém não é fumo, é "fumaça que passa no ar".

A "bela assistência" é obrigada a assistir e suportar os excessos dos "santos", e as "doutrinas" cantadas em cõ-

(28) Nem todos os "encantados" sobem para suas "encantarias" - quando finda o "toque". Eles ficam "em terra" esperando a "varrição" (+) do Tambor que é sempre feito na casa do Tesoureiro; e, durante toda a noite não deixam o Tesoureiro descansar, pois ficam exigindo cigarros, cervejas etc., fazendo algazarra (cantando e dançando) e insultando o moço com palavrões.

ro (muitas vezes pela própria assistência), dão aos médiuns/santos a certeza da aprovação coletiva da não censura de sua parte ("dotas" cantadas para Odete/Ogum e François/Boiadeiro). Estigmatizados se transformam em nobres, e dão ordens que a "corte"-médiuns e assistência cantando em cântico - acata e cumpre (as honras para o Marques de Pomal).

Bastide via na Umbanda, uma luta racial que segundo ele, passava do plano social para o plano místico (1971:459). Concluiu que nos rituais do Batuque, do mesmo modo que nos da Umbanda, existe na verdade uma luta, ou se preferimos, uma forma de protesto que, evidentemente, não é mais racial, mas que nem por isso deixa de ser uma subversão da ordem social estabelecida. Eu vejo a "anarquia" da "virada" como uma expressão de "desordem" que neste sentido teria a conotação de oposição ao "estabelecido". Há de se evidenciar, no entanto, que o ritual só é permitido se prolongar até às 2:00 hrs., horário fixado pela Polícia, e no que o Tesoureiro é vigilante. Isto significa dizer que a "desordem" da "virada" é contida na "ordem estabelecida", do mesmo modo que o "código do santo" é contido no "código burocrático". Por conseguinte, a "virada" é apenas um momento, uma passagem em que deixam de existir distinções de status, de classe e de hierarquia, e nesse sentido eu a vejo não apenas como uma simples expressão de protesto, porém como a manifestação de uma "communitas" (Turner, 1974:118). E, uma vez que o Tambor das Flores é um "toque" anual, eu preferiria defini-lo como um "rito de calendário" (Van Gennep, 1960:168) (29)

Podíamos finalmente argumentar, que a "ditadura" do Tesoureiro é funcional, porque, graças a ela é que as tensões / estruturais da Federação são resolvidas. Como também poderíamos explicar que a concorrência do Tambor das Flores vem do fato de que, ao lado dele ser o momento em que os conflitos são resolvidos, e que a ordem social é invertida, ele é também o momento em que os "anormais" e desviantes "mineiros" são legitimados. A dedução parece direta diante do Gráfico XI que fala sobre a organização do Tambor. Este, conforme mostramos, era realizado através da manipulação da rede de relações sociais do Tesoureiro de onde ele conseguia entre outras coisas, as "cotas", que lhe chegavam, ou de leigos (comerciantes), ou de "juizes" e

(29) Apesar de todos os "toques" terem este padrão, considero o Tambor das Flores como "rito de calendário" porque ele é o único ritual coletivo que só se realiza uma vez por ano.

"mordomos" na grande maioria "pais" e "mães-de-santo". Por outro lado mostramos que a rede de cada culto era em grande parte formada por clientes leigos (Cap. II), e onde estava incluída muita "gente boa" como dissera o "pai-de-santo" Euclides - (Cap. I), ou muita "gente grande" como se referia o Tesoureiro (Cap. III). As "gente boa" e "gente grande" referidas eram como vimos: estudantes, comerciantes, funcionários, políticos, etc., os mesmos "normais" que estigmatizavam os "mineiros" O que significa dizer que o Tambor das Flores ritualiza a legitimidade do poder religioso de pessoas consideradas "anormais".

Penso, no entanto, que o ponto mais importante da "ditadura" da Federação vem do fato de que, é através de sua política de acomodação, que a Federação vem se mantendo unida há dez anos. Ou, em outras palavras, poderemos dizer que a Federação continua existindo em grande parte, graças a estratégia política do seu "ditador" (Tesoureiro) que manipula seu "eleitorado" (cúpula e sócios da Federação) sabendo tirar proveito de sua posição mediadora. O Tesoureiro realmente é um mediador entre os sócios e a cúpula da Instituição ou entre a própria Instituição e a Polícia. Isto fica bem claro quando ele, se referindo aos problemas da Federação diz "quando eu vejo que eu posso resolver eu resolvo... nem a Presidente pode dizer que não... quando o sócio tiver direito". Ou quando justificando sua negação à proposta da construção de um Centro Habitacional Umbandista dizia que negara porque era consciente de que ia ter "que se virar na Polícia p'rã soltar macumbeiro". Mas, uma vez que aceitamos o Tesoureiro como um mediador, pergunta-se qual a razão dele ser aceito como um mediador. Acredito que a resposta seja porque a "ditadura" do Tesoureiro está nos limites das duas ordens: - a do "santo", e a "burocrática" bastante que se analise seu depoimento:

"a minha mediunidade é de intuitiva, e eu não digo que eu recebo santo todo dia, nem toda hora, mas uma vez, duas; talvez umas tres no ano eu recebo... mas feitura não tenho, não quero e acho que morro e não faço..."

"Quanto eu fiscalizar terreiros e searas, e eu conversar e discutir, eu acho que o tempo que eu vivo dentro da macumba, eu tenho cabeça é p'rã aprender... eu leio um bocado de livros da Umbanda. Se os pais-de-santo não procuram se evoluir eu faço que não me evoluo e vou aprendendo, conversando com um, conversando com outro e acho que o que eu sei eu posso botar um terreiro".

Observa-se assim, que o Tesoureiro não quer ser, e nem é um "pai-de-santo", mas ele é um "médium intuitivo" e que por essa razão acredita que deve reconhecer o status e o poder dos "pais-de-santo", haja visto as "proteções" que ele pede aos mesmos. Ele não é um médium que se "desenvolve" almejando uma carreira, mas, ele é um auto-didata e que por assim ser conhece e fala a linguagem especializada da crença. Por outro lado, mesmo sendo ele um médium, ele se recusa a ter filiação religiosa a qualquer casa de culto, e isso o livra das acusações de aliança com qualquer que seja o "pai-de-santo". Em outras palavras: o Tesoureiro é um estranho somente num contexto limitado; ele é um elemento "de fora" em relação à competição/existente entre os "pais-de-santo" da Federação. Todavia, ser uma pessoa estruturalmente "de fora", não significa que ele se ja um estranho à Federação (Frankenberg, 1969:98).

Penso também que a aceitação do Tesoureiro na Federação, vem de sua identificação com os "pais-de-santo". O Tesoureiro, como vimos, contava que nascera de "gente boa" que abandonara a família "motivado a vida que levava", que havia se "aborrecido com a Igreja Católica" e que entrava para a macumba em 1958. Isto significa que sua vida bem como a de todos os "pais-de-santo" ao lado de ter mesmo caráter geral do carisma (Weber, 1971:283-87) representa uma opção pelo estigma / de "ser macumbeiro". E esta opção dá a ambos - Tesoureiro e "pais-de-santo" - as mesmas experiências de socialização em termos de uma carreira moral (Goffman, 1970:45). Também ambos sabem o que significa viver por vezes, a experiência do desvio do normal, isto é, desempenhar simultaneamente ambos os papéis - de normal e de estigmatizado - (Idem:154-7), conforme as circunstâncias (29). Por conseguinte, a existência de todos esses fatores, tem até então impossibilitado o conflito de cōdi-

(29) Trata-se aqui sobretudo dos encontros com a família ou / pessoas não consideradas por eles como sendo seus "pares". Miranda, por exemplo, costumava festejar seu aniversário em tres horários que ele explica: "até 6:30 hrs. eu recebo meus amigos "doutores", até umas 21:00 hrs. o pessoal da Federação que eu respeito: mãe Natália, seu Lucival / Luz, agora, daí em diante já se sabe, todo mundo se retira porque a barra vai pesar!". François tem o mesmo procedimento. Seu aniversário, ele só começa a festejar após determinado horário. Logo cedo da noite ele diz que não bebe porque espera a visita de seu (s) irmão(ões) e sobrinho (s) que, segundo ele, não suporta (m) vê-lo / "metido com o pessoal da macumba". Então, só após seus familiares se retirarem, é que começam a chegar seus amigos da macumba.

gos, caso o Tesoureiro também fosse um "pai-de-santo" (Velho Y., 1973).

É bem verdade que no caso da Federação Umbandista do Pará, sua persistência se deve, em primeira instância às pressões policiais, como mostramos no Capítulo anterior. Todavia, embora sua existência seja de certa forma decretada, seu desempenho durante dez anos, supera de longe a expectativas, por exemplo, dos Leacocks. E, como vimos, seu desempenho se deve à posição estrutural do Tesoureiro, pois este, embora sendo profundo conhecedor do "código do santo", ele não é um "pai-de-santo", e portanto, não participa nas "guerras de orixás" (Velho Y., 1972:77-82). Como mediador entre a "ordem burocrática" da Federação e a "ordem do santo" dos "pais-de-santo", ele consegue manter uma certa coesão num campo de relações sociais notório pelo nível de competição entre seus componentes. É na situação social do Tambor das Flores que se vê claramente sua atuação, uma vez que naquela festa estão presentes, num ato coletivo: — "pais-de-santo", clientes, "filhos-de-santo", ou seja, status sociais diversos. Considere-se ainda o fato de que o Tesoureiro ao promover o Tambor das Flores na Federação, faz da sua sede, um meta-terreiro, onde todos os médiuns podem comparecer sem se comprometerem uns com os outros. Isto seria impossível, caso a festa fosse promovida por qualquer um dos "pais-de-santo" da Federação o qual automaticamente, procuraria imprimir sua política sobre os demais médiuns.

Finalmente, poderíamos prever, com bases em informações e pesquisas em andamento (30), que, nenhuma Federação progredirá como única num Estado, caso não possua no seu "staff" um indivíduo com características estruturais semelhantes ao do Tesoureiro.

(30) Em Campinas existe apenas uma Federação, fundada por uma "mãe-de-santo", e que conseguiu filiar apenas tres terreiros. Embora não conheçamos o funcionamento interno de certas Federações como as cariocas e mineiras, temos informações de que as mesmas possuem no seu "staff" indivíduos que não possuem status religioso de "pai-de-santo". Infelizmente ainda não contamos com trabalhos conclusivos para podermos estabelecer comparações mais sérias.

CONCLUSÕES

Neste trabalho procurei analisar a continuidade da Federação Umbandista do Parã, que para mim, existia como uma associação religiosa paradoxal. Comecei por descrever sua posição perante a "Irmandade" e a sociedade inclusiva; e a seguir apontei as contingências em que ela fora criada. Ressaltei que a primeira contradição da Federação, estava nela ser dirigida por um grupo de pessoas que há dez anos se mantinha no poder daquela associação.

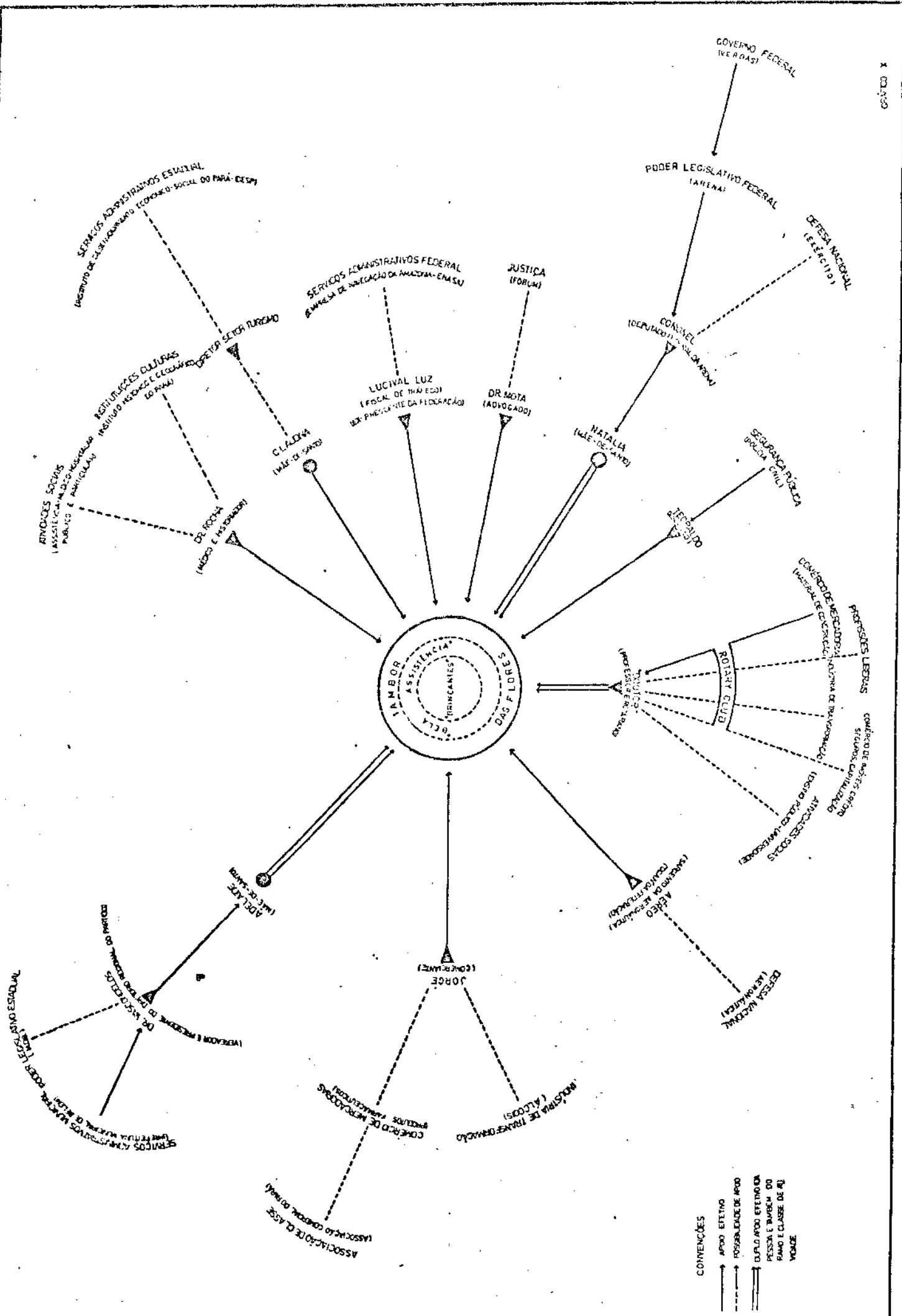
Mostrei que, teoricamente, a existência da Federação Umbandista do Parã era um paradoxo, se fosse levado em conta: o caráter igualitário do status de "pai-de-santo"; o grau de competição inerente aquela carreira, e principalmente, o fato de que, sendo a Federação uma organização religiosa, seus dirigentes, ainda que religiosos, ("pais-de-santo") vinham sendo liderados por um burocrata, durante os dez anos de sua existência.

Finalmente, cheguei a análise de uma situação social - o Tambor das Flores - que defini como um ritual de mediação por achar que ele existia como forma de resolver os conflitos/estruturais da organização.

Não obstante, acredito que o significado da situação social não se esgota ao nível interno da Federação. Desse modo, procurarei nestas conclusões discutir o Tambor das Flores e a Federação respectivamente, como um ritual e uma casa de culto, que reproduzem em um nível macro todas as relações existentes entre os terreiros e a sociedade envolvente. Nesse ponto eu sigo de perto Herkovits (1955) que enfatizou o fato de que a vida de um terreiro somente é entendida na medida em que o pesquisador entende as relações internas e externas do mesmo. As considerações serão feitas em torno da rede de pessoas que realizam a festa (Gráfico X), e esta, será usada descritivamente.

Através do gráfico (1), percebe-se que o ritual se

(1) O gráfico foi construído em função do diário do Tesoureiro, e também seus contactos citados no Capítulo III (notas de rodapé 10 e 11).



concretisa em função de tres elementos: - os brincantes, ou os sujeitos que constroem o espetáculo do ritual, a bela assistên-
cia ou a platêia que assiste e aplaude o espetáculo; e a dire-
toria, que são os produtores do espetáculo cada um deles tendo uma participação diferente na festa. Ao lado dos brincantes / que atuam ativamente no ritual, temos a diretoria que pode de-
ixar de comparecer à festa, e, se presente pode se manter como expectadores passivos diluindo-se entre a bela assistência. A dicotomia ativos e passivos não significa, no entanto, partici-
pação e não participação no ritual. O dr. Rocha, Lucival Luz, dr. Mota, Teobaldo, Aureo e o "Doutor", embora passivos entre a bela assistência, participam efetivamente no ritual, pois na condição de mordomos eles funcionam como ogans do terreiro. Ou-
tros, como Jorge, mesmo não comparecendo, tiveram a mesma fun-
ção. Terceiros, são passivos e ativos ao mesmo tempo, como Aureo, ogan de cortar da Federação cujo momento de participa-
ção foi apontado no capítulo anterior. Alguns ogans, (como o dr. Rocha, Lucival, dr. Mota, o "Doutor", Aureo e Jorge), ao lado de terem um status social mais elevado do que o status de "pai-de-santo", são indivíduos de recursos, a quem são dadas posições honoríficas em virtude de sua influência na cidade, de tal modo que aqueles indivíduos são "confirmados" como parti-
cipantes nos interesses do grupo, (Herskovits, 1958:242). Filiados ou não, é através da influência daquelas pessoas que os terreiros recebem custeios de terceiros (Rotary Club por exem-
plo). Também, é através do "apadrinhamento" dos ogans que o terreiro recebe uma "cobertura" contra a Polícia (função do es-
crivão Teobaldo). No caso do ogan ser uma pessoa de recursos, ele faz financiamentos pessoais ao terreiro (caso de Jorge), além de permitir que o terreiro sinta que, através das suas "in-
fluências" e "prestígio" o grupo poderá contar com a possibili-
dade de apoio e ajuda da parte de pessoas que pertencem a ou-
tros grupos e subgrupos ocupacionais, e/ou diversos ramos e classes de atividades (2). A rede mostra claramente as liga-
ções potenciais e efetivas que existem entre um terreiro e Au-
tarquias, Órgãos de Segurança Pública, Instituições Culturais, Clubes de Serviço, Associação de Classes da Comunidade, etc. Por outro lado, comprova como um dado real, a troca de recur-

(2) A definição de ramos, classe de atividade, posição de ocu-
pação bem como a conceituação das condições de atividades constantes do gráfico, foram retirados do VIII Recenseamen-
to Geral da Fundação IBGE, Departamento de Cursos do Minis-
tério de Planejamento.

ços e serviços entre pessoas ("doutores" e "macumbeiros"); grupos ("mineiros" e "rotarianos") e organizações (Federação e Polícia), que, são visualizados como socialmente opostos, estão espacialmente segregados na cidade (Capítulo I), e são definidos como sem contactos entre si. Os contactos existem, na maioria dos casos são contactos diretos e/ou íntimos, e a obtenção de recursos e serviços (mesmo de órgãos públicos) via de regra, segue tais relações pessoais, como no caso de "mãe" Adelaide, mordoma do terreiro, que falou com o dr. Vasconcelos, que pediu ao Prefeito, para "ajeitar" a rua do terreiro. Também o promotor da festa usa seus contactos sociais quando, através do Escrivão Teobaldo, consegue policiamento gratuito para o terreiro, sem que seu pedido siga nenhum dos tramites legais, necessários a um processo que circulará dentro de um órgão de Segurança Pública.

A evidência desses contactos me faz retomar colocações anteriores. Por exemplo, a evitação que a "gente de outra categoria" tinha para com os "macumbeiros", para mim, passa a ser apenas uma definição ideal que defasa com o que ocorre ao nível da ação social. Embora estigmatizados e evitados, nenhum terreiro é uma unidade e/ou segregada em termos de classe, cor ou ocupação. Pelo contrário, cada um deles representa o núcleo de uma trama de relações sociais que cruza separações de cor, herança étnica, status econômico e social, e que se ramifica através das fronteiras geográficas da Cidade, do Estado e até mesmo do País. Desse modo, eu diria, que os limites de cada terreiro terminam onde cada dirigente percebe que termina o seu campo de apoio político de tal forma que teríamos limites restritos ou abertos conforme o lucro / dos investimentos sociais que cada "pai-de-santo" faz e retira dos contextos intra, inter e extra terreiro.

Falar em apoio, lealdade e compromisso num contexto inter, ou mesmo intra terreiro, parece ser contraditório com a ênfase sobre competição e conflito que foi dada neste trabalho. Posso dizer que a ênfase foi apenas uma decorrência da hipótese de trabalho, pois eu reconheço na Introdução, que a camaradagem e a amizade entre os médiuns, caminham pari-passu com a rivalidade e mal querência. E, no decorrer do próprio trabalho, quando descrevi o dia-a-dia de uma casa de culto, registrei o diário de um "pai-de-santo" e analisei a rede de relações sociais dos líderes da Federação, parece ter ficado bem claro os vínculos de amizade, de compadrio, as trocas de

favores recíprocas, os vínculos de solidariedade e mesmo urbanidade que existe dentre cada casa de culto, dentre os "pais-de-santo", e de cada de culto para com todas as pessoas que a procuram. As interações se evidenciaram como pessoais, íntimas, não superficiais, não transitórias além de se mostrarem / intensivas e diárias mesmo se estava em jogo o critério espacial (distância entre bairros), ou como dissemos anteriormente diferenças de renda, status social, ocupação e interesse das pessoas e grupos em interação. Esse tipo de relacionamento íntimo e duradouro entre os indivíduos, e que transcende a um círculo de parentesco, me parece significativo se ocorre numa cidade como Belém, definida como um Centro Macrorregional (3), em que já se supõe a existência do "caráter anônimo da vida urbana". Evidentemente, eu não estou aqui, querendo negar esta feição de Belém; simplesmente estou tentando mostrar a existência de uma rede de troca de serviços, conseqüentemente de solidariedade, que permeia e fica subjacente à impessoalidade e o anonimato urbanos. Também não quero reduzir essas trocas em termos de "solidariedade" e "urbanidade" gratuitos, pois, evidentemente, existem interesses em jogo. Por exemplo, quando / políticos como o dr. Vasconcelos ou o Deputado Federal atendem pedidos dos "macumbeiros" e dão "ajudas" aos terreiros, é óbvio que eles procuram fazer dos mesmos suas plataformas políticas ou terem "pais-de-santo" como seus cabos eleitorais (Brown, 1971:6-7). Igualmente são óbvios os interesses de um dr. Rocha ou do "Doutor", que enquanto historiadores e/ou professores e pesquisadores, tem um interesse em coletar dados para suas pesquisas. Também é claro a "ajuda de Jorge, que sendo comerciante, tem um grande interesse pelos terreiros, talvez um dos maiores consumidores de sua produção (álcool para / as "descargas"). Todavia, a explicação ao nível da satisfação

(3) Conforme a "divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas" - Relatório do IBGE. No trabalho, foram atribuídos pontos aos diversos tipos de relacionamento que as cidades tem entre si: trocas de mercadorias, de serviços e população. Com esses pontos, o IBGE descobriu a importância e até onde ia a influência de cada cidade e organizou uma / classificação hierárquica basicamente dividida em dois níveis: Nível 1 (metrópoles) e Nível 2 (centros regionais). Belém foi incluída no Nível 1 d (Centro Macrorregional). Observa o relatório que no "nordeste e no norte, principalmente equipamentos para o bem-estar público estão concentrados em algumas poucas e grandes cidades que atuam sobre vastas áreas". Como resultado, diz o IBGE: "pode-se considerar o espaço nacional dividido em duas áreas absolutamente distintas do ponto de vista da organização urbana: de um lado o centro-sul... de outro lado a Amazônia e o nordeste, denominados pelas metrópoles de Recife, Salvador, Fortaleza e Belém".

dos interesses manifestos, não esclarece porque os comerciantes, militares e profissionais liberais, procuram os "passes" e as "descargas" das casas-de-culto. Ou porque os referidos políticos, nem como toda a sua família procuram os terreiros para se "tratarem" ou pedirem a "proteção" dos "santos".

A participação ambigua e crescente de uma chamada "classe-média" nos terreiros de Belém, foi notada pelos Leacock (1972, 93-124). Eles registram que encontraram um número de indivíduos originários de uma classe média e que aceitavam muitas das idéias básicas do Batuque. Citam como exemplo, dois casos: o primeiro, de um pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas; e o segundo, de um médico com título acadêmico (MA), ambos, frequentadores de um certo terreiro por estarem plenamente convencidos da existência dos "encantados". De minha vivência nos terreiros, eu também seria capaz de elaborar longas listas das "gentes de outra categoria" que não eram apenas ogans, como médiuns trabalhadores dos terreiros. Muitas pessoas eram oriundas das "tradicionais famílias da terra", ou eram "estabelecidas" há longos anos na cidade e todas, simultaneamente, partilhavam mais de uma experiência religiosa como fossem o Batuque e Catolicismo, Batuque e Kardecismo, arriscando-se portanto a serem estigmatizados como "macumbeiros".

Sobre a afiliação religiosa Fry & Howe (1975, 83 - 4) falam que ela "implica não apenas uma aderência a um sistema de crenças, mas também num comprometimento com o grupo que sustenta estas crenças. Não é apenas um comprometimento intelectual, mas também social". E mais adiante dizem: "o fato de tornar-se membro de um grupo de culto religioso... envolve portanto certas perdas em termos de outras oportunidades, porém, oferece / certos benefícios na forma de relação de intercambio social com outros membros".

Considerando-se a existência de um grupo de "gente baixa" ("macumbeiros") e a adesão crescente da "gente de outra categoria" à crença da "gente baixa" (Batuque), temos, nos termos de Fry e Howe, um comprometimento crescente dos segundos para com os primeiros. Pergunta-se como explicar o comprometimento? Eu não seria capaz de formular uma resposta categórica, mas eu penso que seria possível se pensar a dinâmica do processo em termos do "ataque místico" (Lewis, 1971:100-26), que os "macumbeiros" fazem à "gente da outra categoria". Mostramos no início, que todo "pai-de-santo" ("macumbeiro"), era um desempregado. Isto significa dizer que os "pais-de-santo" são pessoas /

que não sendo economicamente ativas, são excluídas de participação em qualquer que seja a esfera do poder político. Portanto, o único poder de que eles dispunham, seria um poder místico, que por ser exclusivo de sua competência (Capítulo II), era um recurso nas suas mãos, para atrair os "clientes". Estes, embora sendo pessoas que implicitamente se viam como "normais", e embora detendo o poder político, tinham que recorrer aos "pais-de-santo", na medida em que se sentiam vítimas e ameaçadas pelas desconhecidas "forças do mal", que eles, ou não sabiam, ou não dispunham de sanções legais para controlá-las. Também mostramos que, a própria pessoa do "pai-de-santo" era um "perigo" que ameaçava os "normais". Em transe, cada "pai-de-santo" podia / ser a própria "força do mal". Quando "puro" os "pais-de-santo" eram indivíduos considerados "anormais" porque, abdicando de valores terrenos em função de sua "missão divina", não levavam a cabo as normas de condutas e expectativas de comportamento que a sociedade esperava delas. Mas, abstraindo-se este último nível, e pensando-se apenas na relação "pai-de-santo" (profissional) e "gente de categoria" (clientes), creio que no trabalho / ficou claro que essa relação envolvia uma manipulação: os "normais" davam recursos e sustentavam os "anormais", que em troca lhes davam sua "proteção". Em contraposição, a relação envolvia também um comprometimento dos "pais-de-santo" para com os clientes. A presença da "gente de outra categoria" nos terreiros provocava um comedimento no comportamento (muitas vezes desregrado) dos "santos". Mostramos por exemplo, como, nos terreiros se censurava os excessos de um comportamento de "santos" andróginos, na medida em que certos "santos" eram acusados de serem "santos de pegação". A dupla moralidade de certas categorias de "encantados" como fossem os "caboclos" e "exus", não deixava de ser uma forma de respeito aos valores impostos pela sociedade e que eram negados pelos próprios "encantados". Todavia, eu tenho que admitir que no contexto de cada terreiro, as regras são ditadas pelos "santos", que como vimos, podem "agredir" a "gente boa". Veja-se, por exemplo, as ocorrências durante o Tambor das Flores. E, se os "santos" tem existência real a partir de seus "aparelhos" podemos esperar que os "macumbeiros" desrespeitem e rompam com os valores da "gente boa", mantendo-se, enquanto "mêdiuns de incorporação" livres de qualquer controle coercitivo. Isto me sugere que, apesar da evitação / ser apenas uma definição ideal, e o "intercambio das relações sociais" (Fry & Howe) ser intenso, a "gente boa" e os "macumbeiros", são realmente campos sociais opostos e que se ameaçam re-

ciprocamente: a "gente boa" porque "tortura" os "macumbeiros", e estes porque podem manipular as "forças do mal" contra aqueles. Portanto, tendo por base o estudo de caso de Belém, eu veria o crescente comprometimento da "gente boa" com o Batuque como uma forma de trégua que os "poderosos" politicamente fazendo, mantêm com o "perigo" que advém do "poder dos fracos" - (Turner, 1974:133). Quanto à aceitação da "gente boa" pelos "macumbeiros", eu a vejo como parte de sua estratégia de sobrevivência. Mas estas colocações finais são apenas reflexões sobre dados empíricos que talvez possam ser a base de um trabalho mais profundo, no caso de serem melhor elaborados.

B I B L I O G R A F I A

- BASTIDE, Roger. - As Religiões Africanas no Brasil, São Paulo, Pioneira Ed., 1971.
- BECKER, Howard S. - Outsiders - Studies in the Sociology of Deviance. New York, The Free Press, 1963.
- BROWN, Diana - "Umbanda: Patron - Client Relations in an Urban Religions Movement". In: AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION, New York. Papers... (1971 meeting), New York, 1971. mimeo.
- CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de - Kardecismo e Umbanda, São Paulo, Pioneira Ed., 1961.
- CARNEIRO, Edison - Os Cultos de Origem Africana no Brasil em Decimália, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1959.
- EPSTEIN, A. I. - Gossip, Norms and Social Network. In: Social Networks in Urban Situations: Analyses of Personal Relationships in Central African Towns. Manchester University Press, London. 1969.
- FIGUEIREDO, Napoleão - Os Caminhos de Exu. In: 7 Brasileiros e Seu Universo, Brasília, Departamento de Assuntos Culturais, Ministério da Educação e Cultura, 1972.
- FIGUEIREDO, Napoleão e VERGOLINO E SILVA, Anaíza - Alguns elementos novos para o estudo dos batuques de Belém. In: SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZONICA, Belém, 1966. Atas... Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisa, 1966, v 2: antropologia, p. 101-22.
- FRANKENBERG, Ronald - Communities in Britain - Social Life in and Country, Great Britain, Richard Clay (The Chaucer Press) Ltd., Penguin Books, 1965.
- FRY, Peter - Male Homosexuality and Spirit Possession in Brazil. In: AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION, México. Papers ... (1974 meeting) México, 1974. mimeo.
- FRY, Peter H. and HOWE, Gary N. - "Duas Respostas à Aflição: Umbanda e Pentecostalismo"... Debate e Crítica. Julho 1975.
- GIAMBELLI, Miguel - A Degenerante Religião da Umbanda, Belém, CERIS, 1975.
- GLUCKMAN, Max - Gossip and Scandal. Current Anthropology, 4(3): 307-16. June 1963.
Analisis of a Social Situation in Modern Zululand. Rhodes - Livingstone Paper nº 28. Reprinted from Bantu Studies(1940) and Africa Studies (1942).

- GLUCKMAN, Max and DEVONS, Ely - Closed Systems and Open Mind: the Limits of Naivety in Social Anthropology. London, 1964.
- GOFFMAN, Erving - Estigma. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1970. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petropolis. Ed. Vozes, 1975.
- HERSKOVITS, Melville J. "Some Economics Aspects of the Afro-Bahian Candomblé". In: Miscellanea ? Rivet, Octogenário Dicata, vol. 11. Universidad Nacional Autonoma de México, 1958. -"The Social Organization of the Candomblé", Annals, XXXI International Americanist Congress, São Paulo. 1955.
- LANDES, Ruth - A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1967.
- LEACOCK, Seth and Ruth - Spirits of the Deep: a Study of an Afro-Brasílian Cult. New York, The American Museum of Natural History, 1972.
- LEWIS, I. M. - Ecstatic Religion, Harmondsworth: Penguin Books, 1971.
- MATTA, Roberto A. da - Ensaio de Antropologia Estrutural, Petrópolis, Ed. Vozes, 1973.
- MAUSS, Marcel - Sociologie et Anthropologie. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- MONTEIRO, Walcyr - Visagens, Assombrações e Culto das Almas em Belém. Belém, 1972. mimeo.
- PAINE, Robert - What is gossip about ? an alternative hypothesis. Man, 2 (2): 278-85, 1967.
- RAMOS, Arthur - Introdução a Antropologia Brasileira, 2 vols. Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, Rio, 1951.
- RIBEIRO, Renê - Análisis socio-psicológico de la posesion en los cultos afro-brasileiros - Acta Neuropsiquiat. 5:249-69, 1959.
- ROCQUE, Carlos - Grande Enciclopédia da Amazônia. 6 vols. Amazonia Editora Limitada, Belém, 1968.
- SAUSSURE, Ferdinand de - Curso de Linguística Geral. São Paulo, Ed. Cultrix, 1969.
- SHALINS, Marshall D. - On the Sociology of Primitive Exchange ASA - Monogr. - 1, 1968.
- SILVA, Hélio - 1964 - Golpe ou Contragolpe ? Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1975.
- TURNER, Victor M. - O Processo Ritual - estrutura e anti-estrutura, Petrópolis, Ed. Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold - The Rites of Passage, Chicago: Phoenix Books. The University of Chicago Press, 1960.

- VAN VELSEN, J. - "The Extended - case Method and Situational / Analysis". In: The Craft of Social Anthropology, Tavistock Publications, London, 1969.
- VELHO, Yvonne Maggie Alves - Guerra de Orixã: um estudo de ritual e conflito. Rio de Janeiro, Universidade Federal, 1973 (Dissertação de Mestrado).
- WEBER, Max - Ensaio de Sociologia, Rio de Janeiro, 2a.edição, Zahar Ed., 1971.
- WILSON, Peter J. - Filcher and good names: an enquiry into Anthropology and gossip. MAN, 9 (1): 93-102, 1974.
- WORSLEY, Peter - The Trumpet Shall Sound - a study of "Cargo" Cults in Melanesia- London, Mac Gibbon and Kee, 1963.

G L O S S Á R I O

- ABATÃS - Nome que no Batuque se dá aos tambores cerimoniais
- ABATAZEIRO - Pessoa que toca os abatãs
- ABERTURA - Início de qualquer cerimonia ritualística
- AFIRMAÇÃO DE ANJO-DE-GUARDA - Primeiro grau de um processo de iniciação do médium (vide também "confirmação de anjo de guarda ou assentamento de anjo de guarda").
- AFURÃ - Bebida sagrada
- AMACI - Líquido preparado com a infusão de ervas sagradas, usado durante o processo de iniciação, para se lavar a cabeça dos médiuns.
- AMALÃ - Comida sagrada
- APARELHO - Pessoa que entra em transe (vide "cavalo" e médium). Fem. "aparelha".
- ARRIAR - Manifestação de um espírito numa pessoa. Ex. "Jarina/ arriou em João na festa de ontem".
- ARRIADA DE OBRIGAÇÃO - Ofertório de bebidas, comidas, flores, animais, velas, bombons etc. feitas para os espíritos, e que varia conforme a categoria dos mesmos.
- ASSENTAR O BARRACÃO - Cerimonia em que se transforma um local profano em sagrado.
- ASSENTAR O SANTO - Diz-se das etapas finais da iniciação do médium.
- ASSENTAMENTO DO ANJO-DE-GUARDA - Vide "afirmação do anjo - de-guarda".
- ATUAR - Diz-se da manifestação de um espírito numa pessoa. Termo utilizado mais pelas pessoas de fora do Batuque.
- ATUADO - Médium em transe (Sin.: "incorporado", "manifestado").
- BAIA - Dança que pode ser tanto do espírito quanto do médium.
- BANTU - Modalidade de culto que se assemelha ao candomblé.

- BANTU-AMERÍNDIO - Modalidade de culto em que se verifica uma mistura de candoblê e pajelança.
- BARRACÃO - Local sagrado onde são feitas as cerimônias do Batu - que.
- BATER - Fazer uma festa para determinada entidade. Festejar . Também significa o ato de tocar os "abatãs".
- BATUQUE- Em Belém, religião que não é de Estado. Também nome de uma cerimônia pública.
- BATUQUES- Nome com que em Belém são identificadas as casas de culto que professam o Batuque.
- BELA ASSISTÊNCIA - Pessoas que assistem uma cerimônia pública do Batuque.
- BRINCANTE - Mêdium que toma parte ativa numa cerimônia pública do Batuque.
- BORIS - Diz-se de cada um dos graus da iniciação de um mêdium.
- CABANA - Casa de culto que pratica o Batuque sem o uso de instrumentos musicais (vide "tendas", "searas" e "centros").
- CABOCLOS - Espíritos de índios, ou espíritos de status social / baixo.
- CAIR NO SANTO - Entrar em transe.
- CAMARINHA - Compartimento existente nas casas de culto onde os mêdiuns que estão sendo iniciados, ficam reclusos durante o período de sua iniciação.
- CAMBONO - Pessoa auxiliar de um mêdium em transe.
- CAPELA - Compartimento existente nas casas de culto, onde ficam localizados altares com imagens católicas e fetiches / das entidades do Batuque.
- CARREGAR SANTO - Diz-se a respeito da faculdade que uma pessoa possui, de entrar em transe. Ex.: "ela carrega santo". A expressão também é usada para identificações pessoais, ex.: ela carrega Fina Joia.
- CARUANA - Espírito indígena malfasejo e genioso.

- CATULAR (o santo) - Flagelação feita no médium durante sua iniciação.
- CAVALO - Vide "aparelho".
- CENTRO - Vide "cabana"
- CHAMADA - Cerimonia do ritual de Cura. Também o ato de se cantar durante as festas públicas, invocando-se os espíritos.
- CONFIRMAÇÃO DO ANJO-DE-GUARDA - Vide "afirmação do anjo-de-guarda".
- CORDA - Conjunto de médiuns que durante o ritual público, fazem uma concentração.
- CORRIDO - Dança acelerada de coreografia quase sempre circular.
- CORDA (ou C'ROA) - Termo que diz respeito à cabeça de um médium enquanto parte sagrada do corpo.
- CUIETÉ - Cuia preta pequena que serve como recipiente para os ofertórios dos espíritos da mata.
- CURA - Cerimonia ritualística na qual um espírito é chamado para dar consultas aos clientes. Também é um tipo de culto, e nesse caso tem como sinônimo e subentende o culto Jurema.
- DAR PASSAGEM - Deixar o espírito tomar conta do corpo.
- DEMANDA - Luta.
- DESENVOLVER - Processo de aprendizado que visa aumentar a capacidade mediúnica de um médium, e que implica no conhecimento gradativo da crença.
- DOBRADO - Dança de ritmo lento, onde, na coreografia, os indivíduos se mantêm um pouco agachados.
- DOCTRINA - Cantico destinado a atrair ou reverenciar os espíritos. A mesma coisa que "dota".
- DOCTRINA ORIGINAL - Cantico secreto de um espírito conhecido apenas pelo médium que recebe aquele espírito.
- ENCANTADOS - Seres sobrenaturais do Batuque. Sin.: "guia", "santo", "invisível".

- ENCANTARIAS - Certos locais do céu e da terra onde habitam os "encantados".
- ESPADA - Pano geralmente colorido com que se envolve o corpo dos médiuns quando incorporados com "caboclos".
- FAMÍLIA- Conjunto de espíritos com a mesma ascendência.
- FEITURA- Processo de iniciação do médium.
- FEITO - Diz-se do médium que possui todos os graus de iniciação.
- GIRA - Dança inicial de uma festa pública, feita pelos médiuns todos juntos e em círculo. O termo também é usado como sinônimo de "sessão".
- GUIA-CHEFE - Principal entidade de um médium, a quem ele deve mais deveres e a quem ele recorre mais frequentemente.
- GUMA - Espaço do barracão onde são realizados os rituais públicos do Batuque. Sin.: "salão".
- INCORPORADO - Vide "atuado".
- JUREMA - Nome de entidade, tipo de culto e de bebida feita com as folhas da árvore do mesmo nome.
- LAVAGEM DE CABEÇA - Cerimônia em que se lava a cabeça de um médium com amacis para se fazer a afirmação de anjo-de-guarda do mesmo.
- LEGIBÃ - Exu. Também chamado Legbã.
- LINHA DE CURA - Conjunto de espíritos associados à fauna e flora amazônicas. Sin.: "linha de pena e maracã".
- LINHA DA MATA - Conjunto de espíritos de índios.
- LINHA VIRADA - Linha do Mal. Sin.: "linha de esquerda".
- MACUMBEIRO - Termo com que as pessoas de fora se referem aos praticantes do Batuque. Termo também usado pelas pessoas do Batuque em situações de gozação.
- MALINAR - Fazer pequenas maldades e perversidades sob forma de brincadeira.

- MANA ZACAL - Estado evolutivo de um espírito e feminino que se situa entre "caboclas" e "senhoras".
- MANIFESTADO - Vide "atuado".
- MARCAÇÕES - Roupas litúrgicas.
- MARCHA - Peça musical em compasso binário acompanhada de coreografia que consiste num andar ritmado.
- MÉDIUM DE INCORPORAÇÃO - Diz-se daquele médium que tem a faculdade de entrar em transe.
- MÉDIUM DE FORÇA - Diz-se geralmente de um "filho-de-santo" que já tem um status mais elevado como decorrência de sua capacidade de fazer outros médiuns entrarem em transe.
- MESA BRANCA - Ritual especialmente feito para a manifestação dos espíritos "doutrinadores".
- MESTRES - Espíritos geralmente de animais que se manifestam no ritual de cura. O termo é também empregado para os "pais de-santo" especializados na cura.
- MINA - Qualquer modalidade de culto praticada ao som de tambores e outros instrumentos musicais.
- MINEIRO - Pessoa praticante da "Mina".
- MISSÃO - Predestinação. Dever de ordem divina.
- MISTIFICAÇÃO - Falso estado de transe, do qual existem dois tipos: a consciente, quando o embuste parte do médium s/n.: "santo de pegação"; e a inconsciente, quando o fingimento parte do "encantado".
- NAÇÃO - Agrupamento de espíritos ligados por um critério qualquer.
- NAGÔ - Tipo de culto que se assemelha ao candomblé.
- NHIGRINHAGEM - Fofoca, mexerico.
- OBRIGAÇÃO - Compromisso do médium para com os espíritos.
- PASSAGEM - Ritual de cura. Também significa uma ruela ou varadouro muito encontrada nos subúrbios.
- PASSE - Prece para afastar doenças e invejas, que é feita colo-

cando-se as mãos sobre a cabeça do cliente.

- PASSEADOR - "Guia" que se manifesta raramente no médium.
- PAU-DE-ARARA - Sessão de cura na qual o "pai-de-santo" dispende muita energia por lutar com espíritos maléficos.
- PIRA - Sarna, coceira. Geralmente é um tipo de castigo que os espíritos aplicam nas pessoas, que sendo médiuns não querem "se desenvolver".
- PORCARIA - Feitiço, mandinga, malefício. Sin.: "puçanga".
- POVO DO FUNDO - Espíritos que habitam as "encantarias" dos rios e lagos.
- PRECEITO DE BOCA - Restrição alimentar que se impõe ao médium e que varia de acordo com os "guias" do mesmo.
- PRECEITO DO SANTO - Segredo do espírito confiado apenas aos / seus "filhos" e ao "pai-de-santo".
- PURO - Diz-se do médium não em transe.
- PUXADA - Chamada de uma linha, falange ou nação de espírito.
- QUEBRANTO - Resultado do mau-olhado de uma pessoa sobre a outra, especialmente sobre crianças.
- QUIMBANDA - Magia negra, culto do mal.
- RASPAGEM - A última etapa do processo de iniciação do médium.
- RECEBER - Incorporar-se com um espírito.
- SALÃO - Vide "guma".
- SALVAR - Fazer saudações às entidades. Também fazer saudações a "pais" e "mães-de-santo" quando estes chegam numa casa, para tomar parte na festa pública da mesma.
- SANTO - Entidade católica. Vide também "encantado"
- SANTO DE PEGAÇÃO - Possessão falsa.
- SEARA - Vide "cabana"
- SESSÕES - Termo genérico para denominar os rituais de "cura".

- SOCADO - Dança de ritmo um pouco acelerado, mas que estanca de espaço em espaço.
- SOMBREAR - Semi-estado de "incorporação". Sin.: "alumbrado".
- TAMBOR - Festa pública. Também instrumento musical.
- TAMBOR DE ALEGRIA - Ritual feito sete dias após a morte de um médium.
- TAMBOR DE CHORO - Ritual realizado por ocasião da morte e enterramento de um médium.
- TAMBOR DE MISERICÓRDIA - Ritual realizado para pedir o perdão dos "guias" para seus "filhos" que sofrem seus castigos sem cessar.
- TAMBOR DE PEIA - Ritual realizado no sábado de Aleluia, para castigar os médiuns pelas faltas cometidas durante o ano. Sin.: "abieiê".
- TAMBOR DE SALA - Diz-se do terreiro que funciona na sala de visita de uma residência.
- TENDA - Vide "cabana".
- TOALHA - Pano, geralmente branco e bordado que é usado para envolver o corpo dos médiuns quando "incorporados" com um "senhor" ou "branco".
- TOQUE - Festa pública.
- TRABALHOS - Termo genérico aplicado a qualquer modalidade de ritual.
- URTIGADAS - Vaias públicas com que os populares ridicularizam/as "bichas" de seu bairro.
- VACILAR NO SANTO - Erro doutrinário - ritualístico cometido / por um "pai-de-santo". A expressão também é usada como referência ao comportamento desregrado de um "pai-de-santo".
- VALSA - Dança em compasso de 3 por 4, mas em cuja coreografia/as pessoas se mantêm isoladas.
- VARANDA - Dependência de uma residência, onde são realizadas / as sessões de "cura".

VARRIÇÃO - Nome do encontro social realizado numa casa de culto no dia seguinte de um "toque".

VIBRAÇÃO - Concentração mental que tanto pode ser para se obter o bem (nesse caso acompanha o "passé"), quanto para se desejar o mal a alguém.

VIRADA - Nome com que se designa os rituais públicos após as 23:00 horas.

VULTO - Imagem de um santo católico ou de qualquer "encantado".

A N E X O S

ANEXO I

Rei da Turquia = várias esposas.

FILHOS

Flecheiro (1)

Laurencino (1)

Mariano (1)

Caboquinho (1)

Guapindaia

Guerreiro

Guido Jatorana (Jatinorana ou Jaturana)

João Fama = ?

Nilo Fama

Joaquinzinho (2)

Mensageiro de Roma (Amim) (3)

Miriam

Pindã

Pindaiê (Tata)

Rondadô

Sentinela (4)

Tabajara (5)

Tapinarê = ?

Ita (6)

Ubirajara (7)

Ubiratan (8)

Zizuê = ?

Caboclo Nobre (filho de Pedro Anção)

Goiabeiro (Mosê do Sangue), Príncipe d'Itália

Seu Risca

Seu Lera

João da Mata

Anaíza

Seu Jurema

Tapindarê

FILHAS

Flecheira
 Laurenciana
 Mariana (9)
 Ana Joaquina = ?
 Siriaki
 Ciganina (10)
 Menina Doleira
 Princesa Dora
 Princesa Flora
 Jaguarema (11)
 Juracema
 Noxinina (Bela Cigana)
 Jarina *Anaíza*

IRMÃO

(irmão ?) = ?
 Jandira (12)

IRMÃ

Floripe = ?
 Flor do Céu
 Flor do Ouro
 Flor das Nuvens
 Flor do Mar
 Flor do Vinho

Anaíza

-
- (1) Gêmeos.
 - (2) Filho de Lêgua.
 - (3) Vem na Umbanda e na Cura.
 - (4) Falange e Parentesco com a Bahia.
 - (5) Linha Superior de Oxalã.
 - (6) Filha adotiva.
 - (7) Vem na Mina com o nome de Rei da Turquia.
 - (8) Linha Superior de Oxalã
 - (9) Pode vir na Mina com o nome de Maria de Mariã.
 (nome legítimo). Vem na Cura com o nome de -
Arara Cantadeira.
 - (10) Família dos Ciganos.
 - (11) Vem na linha da Mata e da Cura. Nesta, com o
 mesmo nome.
 - (12) É da linha de Jurema.

FAMÍLIA DE DOM JOÃO SUEIRA

Dom João Sueira = Fina Jõia

Menino Agudui
 Conceição Sueira
 João de Ouro
 Joãozinho Sueira
 Leovêrgildo Sueira
 Basílio Bom (1)

FAMÍLIA DE REI SEBASTIÃO

Rei Sebastião (Xapanam) = ?

Sebastino
 Jarina (2)

(1) Filho adotivo

(2) Dizem que Jarina é Ana Cristina. Ela também po
 de cantar fingindo ser Zê Raimundo ou Seu José
 Raimundo. Alguns a colocam como "turca" (ver
 família anterior).

Anaíza

FAMÍLIA DE DOM PEDRO ANGAÇO

DOM PEDRO ANGAÇO = Rainha Rosa

Esmeralda Edite

Moça da Guia

Angacino

Bombeiro

Floriano

Pedro Estrelo

Lêgua Bogi (Boã) da Trindade = ?

Anaíza

Codoensa Boã da Trindade

Folha Seca

Joãozinho Boã da Trindade

Joaquinzinho Boã da Trindade

José Raimundo Boã da Trindade (1)

Manoelzinho Boã da Trindade

Miguelzinho Boã da Trindade

Esmeraldino Bogi da Trindade

Anaíza Antonio de Lêgua

Coli Maneiro

José Lêgua Bogi Boã

Ben Boçu da Cana Verde = ?

Anaíza

Boçu Memêia

Boçu Temeiã

Banderegir (Vanderegir)

Seu Maranhão (2)

Anaíza

(1) Filho adotivo, também chamado José Raimundo Bogi Boã

(2) Na cura também é chamado de Mestre Maranhão.

FAMÍLIA DE JAPETEQUARA (OU TRIBO)

? = ?

Japetequara (1) = ?

Dona Rosalina (2)

Cabocla Tartaruga do Amazonas

Caboclo Pemba

Curupira (Surrupira) (3)

Curupira Ariara

Curupira Chica Baiana

Curupira Piriri

Guerreiro

Itabaquara

Itaquara

Itaquari

Jacitaria

Japindaguara

Anaíza

Caboclo Rei dos Surrupiras

(1) Rei dos Índios

Anaíza

(2) Os filhos de Japetequara são conhecidos com o nome genérico de Falange de Japetequara.

(3) Alguns Curupiras (Surrupira) têm nome: Seu Carneirinho de Mazagão, Seu Cachorrinho.

FALANGE DOS BOTOS (1)

Boto Araçu (Araçã)

Boto Branco

Boto Castanho

Boto Preto

Boto Tucuxi

Boto Vermelho

Dona Dada = ?

Belo Encanto

Dur encanto

Dona Ina

João de Lima

Parazito

Boto Malhado

Mestre Buiçu

Mestre Jaboti

Mestre Papagaio

? = ?

Mestre Jacarezinho

Mestre Jacareaçu

Mestre Jacarandir

? = ?

Mestre Marinheiro de Norato (2)

Seu Marinheiro Fernando

Marinheiro Júlio Galego

Anaíza

Ricardinho Rei do Mar

? = ?

Mestre Puraquẽ

Mestre Jandiã

Cobra Grande

Cobra Coral

Príncipe Rio Negro

João de Una

Tango do Pará

Dom Carlos (3)

? = ?

Caboclo Marajoara

Mestre Marajõ

Antonio Luiz França (4)
 Tõia Dom Carlos (5)
 Mestre Pernas Bambas
 Mestre Maranhão
 Dona Estrela
 Dona Praieira (2) = ?

Seu Taculumi

? = ?

Caboclo Tupi (2)
 Caboclo Tupã (2)
 Caboclo Tupiaçu (2)
 Caboclo Peri-Açu (2)

Anaíza

Seu Gurupi (6)
 Caboclo Sete Cidades

? = ?

Caboclo Urubatã de Jesus
 Caboclo Ubirajara
 Caboclo Ubiraci
 Caboclo Urubaquara

Mestre Bina
 Mestre Pedro
 Mestre Uriguaçu
 Dom Jesuê
 Mestre Tuí

-
- (1) As entidades aqui enumeradas juntamente com a Falange dos Botos são conhecidas com o nome genérico de "Linha da Cura".
- (2) Também vem na Mina
- (3) Caboclo
- (4) Filho de D. Luiz de França
- (5) Criança
- (6) Vem na Mina, na Linha da Mata, apresentando-se como Mestre.

FAMÍLIA DE DOM JOSÉ

DOM JOSÉ (Rei Floriano) = ?

Zezinho (1)

FAMÍLIA DE RAINHA EOWĀ

Rainha Eowā = ?

Anaíza Tōia Naveōrina (2)
 Senhora Naveōrina
 Dina (3)
 Bela Aurora (Princesa Bela Aurora) (3)
 A Bē (3) (4)

FAMÍLIA

Príncipe de Espanha = . ? (Esposa desconhecida)

Seu Pequenino

(1) Ou Tōia Zezinho

(2) Espécie de transfiguração da Senhora Eowā (Nanā) para a falange de Yansā, isto é, "Mana zaca!" (+) para aquela tipologia de espírito.

(3) Passagens de Tōia Naveōrina (menina)

(4) Confunde-se com Nossa Senhora de Nazarē.

FAMÍLIA DO BARÃO DE GORÉ

Barão de Goré = ?

Seu Gorezinho

Baruanhinha *Anaíza*

(também apurei o termo de tratamento "seu")

FAMÍLIA DE JOÃO DA MATA (Rei da Bandeira) (1)

João da Mata = ?

Dorina

Tambacê

Princesa Dorimar

João de Ronda

Anaíza

(1) Ver notas na Linha de Oxossi.

LINHA DOS EXUS (1)

Birinan		Pomba Gira Maria Padilha	
Exu-Caveiro		Pomba Gira das Almas	
Exu-Mirim		Exu Pagão (4)	
Inambê		Exu Brasa	
Pomba Gira		Exu Toquinho	
Sete Encruzilhadas		Exu Vira Mundo	
Tiriri		Exu Tronqueira	
Tranca Rua (2)		Exu Pemba	
Exu Caveira (3)		Exu dos Cemitérios	
Exu Mangueira		Exu Lalu	
Exu Marabô		Exu Caminaloã	<i>Anaíza</i>
Exu da Meia Noite		Exu Tatã-Caveira	
Exu Veludo		Exu da Lama	
Exu Zê Pilintra	<i>Anaíza</i>	Exu das Sete Capas	
Exu dos Ventos		Exu Porteira	
Exu da Pedra Preta		Exu Quebra Barreira	
Exu Pimenta		Exu Julico	
Exu Malê		Exu Perneta	
Exu Molambo		Pomba Gira da Praia	
Exu da Capa Preta		Pomba Gira Malandra	
Exu das Almas		Pomba Gira da Encruzilhada	
Pomba Gira Cigana		Exu Cuera	
Pomba Gira Maria Molambo		Seu Lêgua	

-
- (1) Os Exus mais perigosos são os chamados "pagãos", ou seja, aqueles que não são "batizados". Um Exu batizado significa um "Exu domado".
- (2) Tranca Rua, como é chamado na Linha Virada, na Linha Branca "baixa" com o nome de Caboclo Curibamba.
- (3) Os Exus que se seguem foram levantados por Figueiredo(1974).
- (4) Segundo o mesmo autor (Figueiredo, 1974) "baixam" com pouca frequência.

LINHA DA JUREMA (1)

Seu Jurema	Cabocla Jurema
Jurema Velha (2)(Dona Jurema)	José Tupinambã
Jureminha	Sete Flechas
Miraci(Miraci da Jurema ou Seu Jurema)	Caboclo Tabajara
Dom Carlos	Caboclo João da Mata
Cabocla Roxa	Caboclo Pena Branca
Capangueiro da Jurema (3)	Índio Tupã
Flecheiro (Caboclo Flecheiro Gentil de Aruanda)	Caboclo Tupinambã
Juçara	Caboclo Rompe Mato
Juremê	Caboclo Pena Arara Real
Juremeia	Cabocla Iracema
Juruã	Caboclo Rei Penacho (ou Rei Penacho Muriã) <i>Anaíza</i>
Paraguaçu	Caboclo Guerreiro
(Pena Verde)	Maria Antônia
(Rompe Mato)	Seu Caiza (Cauiza)
(Sete Flechas)	? = ?
Arranca Toco	
Tira Teima	Caboclo Pemba
Jandira <i>Anaíza</i>	Caboclo Bravo
Cabocla Estrela	? = ?
Rei de Taculumi	
	Seu Mata Virgem
	Seu Jaguarema

-
- (1) Também chamada Linha da Mata, pois nela "arreia" toda a Fa -
lange de Jurema no dia 07.09 de cada ano, data em que se fes
teja Seu Capangueiro.
- (2) Alguns médiuns desconfiam que Cabocla Jupira seja Dona Jure-
ma.
- (3) Chefe da Linha de Jurema.

LINHA DE OGUM

OGUM

Ogum Beira-Mar = Oxu

Anaíza

(descobri esse "casamento")

Yacira (1) *Anaíza*

Ogum de Ronda

Ogum-iara

Ogum-megê

Ogum Sete Ondas

Rompe Mato (2)

Ogum Naruê

Ogum Oiã

Anaíza

Cavalheiro Jorge

Anaíza OBS:- Todos os Ogum se apresentam com diferentes rou
pagens fluídicas (+).

(1) Também na Linha da Jurema

(2) Ou Ogum Rompe Mata (o)

Anaíza

LINHA DE OXOSSI

Oxossi
 Dora da Mata
 Pena Verde (1)
 Sete Flechas
 Aldeia da Tribo Orumbã (2)
 João da Mata (3)
 Seu Tamandarê
 Seu Pena Branca
 Seu Pena Amarela
 Seu Pena Azul
 Seu Pena Cinzenta
 Cabocla Ita
 Cabocla Iracema
 Cabocla Erundina
 Cabocla Jaciara
 Velha Jurema (4)
 Cabocla Bartira (5)

*Anaíza**Anaíza*

-
- (1) Vem na Cura, na Mina e na Mesa. Nesta recebe o nome de Caboçu de Pena Verde.
- (2) A Tribo ou Nação Orumbã congrega Orumbãs (espíritos de Índios e Caboclos) e outros trabalhadores / que se agrupam nesta espécie de cúpula, agregando guias de todas as linhas e nações.
- (3) João da Mata é uma espécie de pai espiritual de patriarca. Na Linha de Cura não muda de nome. Na Umbanda é Rei da Bandeira ou seu Oliveira, pois seu verdadeiro nome é João da Mata de Oliveira.
- (4) Também "baixa" na "Linha da Jurema"
- (5) Na Mina também pode vir como uma "Senhora", uma "branca":-Princesa da Pedra Fina..

ENCANTADOS SEM FILIAÇÃOSenhoresHomens

Oxalã

Xangô (Badê)

José Tupinambã

Dom Luiz (Rei Luiz ou Rei Luiz do Maranhão)

Anaíza

Rei Toi Adoçu

Akossi-Sapatã (Senhor Atotô, Senhor Xapanã) (1)

Anaíza

Ben Boçu da Cana Verde

Rei de Nagô

Rei Salomão

Rei Taculumi

Urubatan de Jesus

Verequete (Averequete) (2)

Verequetinho (2)

Maria Leonor (2)

Manuel da Luz (2)

Seu Indaê Duque Marques de Pombal

Pombo do Ar

Anaíza

Dom Manuel

Tôia Dossu Cajã Bobeçã

Rei Cigano = Dona Cigana

Ciganinho

Dona Ciganinha

Tôia Cigano

Mulheres

Naná Burocô

Rainha Barbra (Inhaçã)

Iemanjá

Jamaina

Oxum

Princesa Sinhã Bê (Senhora Bê)

*Anaíza**Anaíza*

(1) Akossi, nome que Abaluaiê, Xapanã ou Atotô recebe no Maranhão. Este Espírito dirige a falange de Calunga e dos Cemitérios.

(2) São "Vodunços" (espíritos com elevação, entre caboclo e senhor). Quanto à Maria Leonor esta vem sempre acompanhando Verequete, não se sabendo se ela é sua irmã ou sua assistente. Verequete, por sua vez, tem a capacidade de puxar todas as falanges, quer dizer, pode-se abrir "trabalho" cantando para ele.

POVO DA BAHIA (LINHA DO MAR)

Seu Flexeiro

? = ?

Seu Marinheiro Fernando

Marinheiro Júlio Galego

? = ?

Constantino Chapêu de Couro

Corre campo

Corre Beirada

Anaíza

Seu sentinela

Toda Falange de Cosme e Damião

Seu Rio Negro (1)

Seu Pena Cinzenta

Caboclo Marinheiro

Cabocla Jamaína

Seu Balanço (2)

(1) Caboclo

(2) Sō vem na "mina"

LINHA DE PRETO VELHO

Pai Miguel

Preto Velho - Angola

Vovô Conga

Anaíza

LINHA ASTRAL (1)

Manoel Ubiratã
 Dr. Camilo Salgado
 Manuel Bezerra de Menezes
 Antonio Porto
 Irmã Clara
 Irmã Clarice
 Severa Romana
 Irmão Major Osvaldo
 Dr. Manuel Caetano
 Pedro Correia
 Pai Amaral
 Dr. Crasso Barbosa (2)
 Raimundinha Picanço (2)
 Menino Cícero (2)
 Preta Domingas (2)

Anaíza

(1) - Médicos e Enfermeiras

Anaíza

(2) - Segundo Monteiro (1973) esses espíritos "baixam" em sessões de Umbanda.

ENCANTADOS SEM FILIAÇÃO (CABOCLOS)Homens

Antonio Luiz Corre Beirada (ou Seu Corre Beirada)

Anaĩza

Boiadeiro da Visaura = ?

Caboclo Arueira Boiadeiro

Anaĩza

Caboclo Bravo

Caboclo Luar

Caboclo Olho d'Água

Cidalino

Constantino (Baiano Grande)

Seu Gavião

Jurupari

Marabã

Marinheiro

Mestre Marajõ

Pombo do Ar

Ricardino

Seu Risca

Tubian

Canguruçu (1) *Anaĩza*

Mulheres:

Herondina (2)

Indaiê

Iracema

Maria Mineira da Luz

Preta da Mina

(1) - Vem junto com Iracema

(2) - Vem em três linhas:- Mina, Cura, Quimbanda

Anaĩza

ANEXO IIRITUAL DE UMBANDA

- 01 - Que entende por Umbanda ?
- 02 - Que é Orixã ?
- 03 - Que entende por ARUANDA ?
- 04 - Que é um EGUM ?
- 05 - QUEM são seus Orixãs ?
- 06 - Quem são seus guias-chefe ?
- 07 - Quantas e quais são as linhas em que se divide a Umbanda ?
- 08 - Quais os Orixãs que as dirigem ?
- 09 - De quantas falanges são formadas essas linhas ?
- 10 - Qual a linha em que trabalha, as falanges em que se divide e os chefes dessas falanges ?
- 11 - Quais as cores da irradiação dos Orixãs que chefiam as linhas de Umbanda ?
- 12 - Quem são os pretos velhos ?
- 13 - Em que linhas e falanges baixam os pretos velhos ?
- 14 - Quem são os Caboclos ?
- 15 - Por que os caboclos e os pretos velhos bebem e fumam quando incorporados em seus médiuns ?
- 16 - Qual o material usado nos trabalhos de Umbanda ?
- 17 - Que entende por EXU ?
- 18 - Quantas e quais são as linhas de Quimbanda ?
- 19 - Quem dirige essas linhas ?
- 20 - Que significado têm os pontos riscados ou cantados ?
- 21 - Para que serve o defumador ?
- 22 - Onde você foi desenvolvido ?
- 23 - Quais os preceitos que recebeu ?
- 24 - Que tipo de mediunidade possui ?
- 25 - Qual a diferença entre uma seara e um terreiro umbandista ?

RITUAL JUREMA

- 01 - Qual a origem desse culto ?
- 02 - Quem é o Rei da Jurema ?
- 03 - Quem é a cabocla Jurema ?
- 04 - Quais são as cores da Jurema ?
- 05 - Existe Jurema da esquerda ? Quais são suas cores ?
- 06 - Existe Exu nesse ritual ?
- 07 - Quem é o escravo da Jurema ?
- 08 - Foi feito nessa linha ? Por quem ?
- 09 - Quem são os chefes ?
- 10 - Que nome se dá ao altar da Jurema ?
- 11 - O trabalhador da Jurema usa apenas as guias ?
- 12 - De que é feito o maracã da Jurema ?
- 13 - Que existe dentro desse maracã ?
- 14 - Qual o material usado para abrir os trabalhos ?
- 15 - Principais ervas usadas pelo trabalhador da Jurema.
- 16 - Pode-se usar tambor nesse culto ? Qual a sua forma ?

RITUAL NAGÔ

- 01 - Qual a nação em que trabalha ?
- 02 - É feito no Santo ?
- 03 - O que é ALEDA ?
- 04 - QUE É um XERÊ ?
- 05 - O que é um ACHEORI ?
- 06 - Quem são seus Orixás ?
- 07 - Quem são seus guias-chefe ?
- 08 - Como se chama o lugar onde se prepara o filho de santo ?
- 09 - Que é AMACY ?
- 10 - Que é um EJÊ ou MENGA ?
- 11 - Como se chama o local destinado às danças no terreiro ?
- 12 - Que é AXOGUM ?
- 13 - Quem dá assistência ao médium na camarinha ?
- 14 - Que é OBÊ ?
- 15 - Quantos tambores são usados para o ritual da camarinha, e quais são ?
- 16 - Como se chama o banco onde a IAÔ se senta quando está na camarinha ?
- 17 - Como se chama para o mel e para a água, em Nagô ?
- 18 - Como se chama para azeite de dendê, em Nagô ?
- 19 - Que é um AXEXÊ ?
- 20 - Que é VUMBY ?
- 21 - Cite um toque especial dos atabaques para provocar a chegada dos Orixás.

- 22 - Como se chama a obrigação feita para Exu ?
- 23 - Hã outros instrumentos para o ritual alêm dos tambores ?
Quais são ?
- 24 - A quem são consagrados esses instrumentos ?
- 25 - Que é OTÃ ?
- 26 - Que entende por MAVUMBE ?
- 27 - Possui assentamento ?
- 28 - Que é um ASSENTAMENTO ?
- 29 - Que é OLÕ ?
- 30 - Qual é o nome das ervas com que se prepara o AMACY ?
- 31 - Que é ENTOTÕ-AZABÃ ?
- 32 - Como se chama para Deus, em Nagõ ?
- 33 - Qual a bebida consagrada a Oxalã ?
- 34 - Que significado tem o som dos atabaques ?

TESE DE RITUAL DE UMBANDA

Candidata para tocar Tambor

Nome: M. N. M.

Procedência: Icoaraci

Data: 05 de maio de 1973.

Presente à sessão estavam: o Presidente, a Vice-Presi-
dente, seis Conselheiros, a Secretária do Conselho e o Represen-
tante da Confederação Brasileira. Na sala de exames os Conse-
lheiros se distribuam do seguinte modo:

O exame teve início pelo examinador sentado à esquerda da candidata. Dessa forma, as perguntas finais e o encerramento do exame eram privativos da Vice-Presidente e do Presidente do Conselho.

Deu início ao exame a Conselheira 6:

01 - QUE ENTENDE POR UMBANDA ?

Candidata:- Que seja uma seita.

02 - QUE É ORIXÃ ?

Candidata em silêncio. Interferência da examinadora:- "Não fique nervosa. Diga o que a Senhora entende. Se é pedra, imagem..."

Resp:- Um Orixã é Oxalã.

03 - QUE ENTENDE POR ARUANDA ?

Candidata em silêncio. Interferência de Mãe Edith :- "Tem muita doutrina a esse respeito..."

Resp:- Não sei...

A Conselheira 5:

04 - QUE É EGUM ?

Resp:- Não sei...

05 - QUEM SÃO SEUS ORIXÃS ?

Resp:- Omulu e Yemanjá.

06 - QUEM SÃO SEUS GUIAS-CHEFE ?

Resp:- Pai Joaquim.

O Conselheiro 4:

07 - QUANTAS E QUAIS SÃO AS LINHAS EM QUE SE DIVIDE A UMBANDA ?

Resp:- A Umbanda se divide em 7 linhas e cada linha em 7 falanges.

Interferência do Tesoureiro Mirandinha, que entrara no momento: "-Ela já matou duas: a 7 e a 9".

08 - QUAIS OS ORIXÃS QUE AS DIRIGEM ?

Resp:- 1a. é Oxalã; 2a. é Yemanjá; 3a. é Ogum; 4a. é Oxossi; 5a. é Xangô; 6a. é Oxum ou Ogum. Interferência do Tesoureiro:- "Ogum você já disse".

Candidata: 7a. é Omulu.

O Conselheiro 3: (como a pergunta nº 9 tinha sido respondida anteriormente, ele iniciou pela de número)

10 - QUAL A LINHA EM QUE TRABALHA, AS FALANGES EM QUE SE DIVIDE E OS CHEFES DESSAS FALANGES ?

Resp:- Yemanjá e o chefe é Omulu.

11 - QUAIS AS CORES DA IRRADIAÇÃO DOS ORIXÃS QUE CHEFIAM AS LINHAS DE UMBANDA ?

Resp:- Oxalã é branco e leitoso; Yemanjá é azul e branco; Oxossi é verde; Xangô é vermelho e branco; Ogum é vermelho e branco.

Interferência do Presidente "Pai" Belmiro (com ar surpreso): - "Das mesmas cores ?"

Candidata sacudiu a cabeça afirmando que sim.

A Secretária interrompeu para dizer:-"Falta Oxum e Omulu".

E a candidata:- "É branco e azul escuro".

12 - QUEM SÃO OS PRETOS VELHOS ?

Resp:- São africanos.

A Conselheira 2:

13 - EM QUE LINHAS E FALANGES BAIXAM OS PRETOS VELHOS ? e continuou formulando a pergunta já em termos próprios: "A senhora vai chamar, p'rã quem canta ? Ou a Senhora não canta, atraí por preces..."

Resp:- Atraio por preces. A prece da Fraternidade.

14 - QUEM SÃO OS CABOCLOS ? novamente continuando:"É espírito de morto, encantado, pássaro, cobra..."

Resp:- Encantados.

15 - POR QUE OS CABOCLOS E PRETOS VELHOS BEBEM E FUMAM QUANDO INCORPORADOS EM SEUS MÉDIUNS ? E CONTINUOU: "Esta pergunta é de uma ciência muito elevada... Mas por que eles pedem um "pito" como chamam na língua do Santo ?

Resp:- A candidata permanece em silêncio. Não sabe responder à pergunta.

O Conselheiro 1:

16 - QUAL O MATERIAL USADO NOS TRABALHOS DE UMBANDA ?

Resp:- Tauari, velas... Pai Belmiro interrompeu em tom de aborrecimento:-"Queremos saber quais e não os que ela usa." - (Estava querendo se referir à ajuda que Mãe Edith ainda procurava dar à candidata).

Candidata prosseguindo: Pemas... O Tesoureiro interrompeu: - "não fique nervosa. Eles estão lhe ajudando..."

Candidata novamente em voz que não se ouvia: Marafo... Não mais falou, fez-se silêncio e o exame seguiu.

17 - QUE ENTENDE POR EXU ?

Resp:- Que seja um índio, que na linha virada vem como Exu.

18 - QUANTAS E QUAIS SÃO AS LINHAS DE QUIMBANDA ?

Resp:- São 7 e se dividem em 7 falanges

Interrupção do Tesoureiro:- "Ele quer saber o nome". E mãe Edith : - "As entidades que governam, o chefe..."

Resp:- Linha das Almas, Caveira, Malê, Cachoeira... (silêncio)

A Vice-Presidente do Conselho:

19 - QUEM DIRIGE ESSAS LINHAS ?

E interfere o Tesoureiro:- "Das que você disse". E a Secretária repetiu as que havia tomado nota.

Resp:- Omulu, João Caveira, Exu Rei Maioral

20 - QUE SIGNIFICADO TÊM OS PONTOS CANTADOS E RISCADOS ?

Resp:- Riscado:- firmeza do terreiro

Cantado:- chamada dos guias

21 - PARA QUE SERVE O DEFUMADOR ?

Resp:- Serve para afastar as más entidades e trazer as boas ir radiações.

O Presidente:

22 - ONDE FOI DESENVOLVIDA ?

Resp:- Faz 12 anos com "seu" Lili, depois com Raimundinho de / Icoaraci, mas quem me deu mais umas explicações foi Mãe Célia...

O Tesoureiro começou a narrar a "Odisséia" da candidata que até então não havia tido sorte e terminou contando que a "feitura" da candidata tinha sido uma "barbaridade". A candidata atalhou:... "Foi assim mesmo, ele botou sangue de galinha preta na minha cabeça..."

Houve um verdadeiro pânico entre os presentes. Cada um esboçava uma reação de espanto ao mesmo que exclamavam: - "Santo Deus ! Foi p'rã Exu Pomba Gira ! Meu Deus do Céu !"

Sobre os preceitos que a candidata teria recebido na da mais lhe foi perguntado (pergunta 23), bem como sobre o tipo de sua mediunidade. Então o Presidente do Conselho fez-lhe as seguintes perguntas:

25 - QUAL A DIFERENÇA ENTRE UMA SEARA E UM TERREIRO UMBANDISTA ?

Resp:- A Seara funciona com palmas e o terreiro com toques.

26 - QUAL A SUA RELIGIÃO ?

Resp:- Umbanda.

Ao final o Presidente perguntou-lhe:- "Sabe escrever?" e ela prontamente: "-Sei". Então ele mandou-a assinar o teste e convidou-a a esperar o resultado lá fora.

O Conselho reuniu-se para conferir as respostas e pontos obtidos pela candidata. Surgiu a dúvida: Seria Omulu um Orixá ? Os Conselheiros 2, 4 e 3 achavam que sim. Omulu era "um Orixá muito fino". O Conselheiro 4 achava que, no lado da Umbanda ele era "um maior". A Conselheira 2 não concordava de ser ele tido como Exu na linha de Umbanda. Enquanto discutiam, o Presidente e o Tesoureiro conferiam e acabavam de contar os pontos. Resposta final: 13 pontos negativos por 8 positivos.

Tesoureiro: "-Acho que ela deve se desenvolver mais nas palminhas dela, não é "mãe" Edith ? "E voltando-se para a Secretária: "-Escreva:- Teste realizado no dia 5 de maio de 1973. Sem condições para Terreiro.

O Tesoureiro retirou-se do recinto. Mandou a candidata entrar. Ela entrou e sentou-se no mesmo lugar.

Conselheira 2 - ("Mãe" Edith) - " A senhora não teve boa sorte. Infelizmente não foi considerada com condições para Terreiro de Mina. A Senhora sabe alguma coisinha, mas sem condições para tambor. Não é, Senhor Presidente ? Fale o Senhor, que é o Presidente." (1)

Presidente:- "Infelizmente não tem condições... se aprofunde mais, peça mais orientação..."

Conselheira 2 - "... e com sua boa vontade, cedo você vai poder. A gente deve se encostar onde tenha condições... Do "Seu" Lili a senhora nada trouxe. O outro ainda lhe botou Pomba Gira na cabeça..."

Conselheiro 4 - Pelo que a senhora já tem, falta só um impulso...

A candidata saiu. Houve uma discussão entre o Presidente e Mirandinha,-Tesoureiro e Representante da Confederação. (2) O Presidente tocou a campainha por questão de ordem. Mesmo sem votação, a proposta do Tesoureiro fora a vencedora. Recomeçou um novo exame.

(1) O Presidente ("pai" Belmiro) e a Conselheira 2("mãe"Edith) tinham relações estremitadas, e constantemente estavam "jogando indiretas" um para o outro.

(2) Os motivos da discussão estão referidos no Cap.IV na parte: "A Supremacia do Burocrata".

ANEXO IV

FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO UMBANDISTA DO PARÁ

(Março/Dezembro 1964)

REUNIÃO DAS CASAS DE CULTOS REQUISITADAS

1. Maria de Nazaré Aguiar	(Maria Aguiar)	- prendas domésticas
2. Raimundo Silva	(Raimundo Silva)	- Peixeiro
3. Manoel Colaço Yeras	(Manoel Colaço)	- professor primário
4. Carmelina Amâncio Neto	(Mãe Amelinha)	- prendas domésticas
5. Júlia Gaia Mendes	(Mãe Gaia)	- professora primária
6. Inês Ferreira Conceição	(Mãe Inês)	- prendas domésticas
7. Galdina Ferreira Cristo	(Mãe Galdina)	- prendas domésticas
8. Deusarina dos Santos	(Mãe Deusá)	- prendas domésticas
9. José Ferreira	(Zezinho)	- cozinheiro
10. João Benjamim	(Benjamim)	- não identificado
11. Ida Carmem Costa	(Ida Carmem)	- advogada
12. Háblio Ferreira Brandão	(Háblio)	- funcionário público
13. Neyde Nascimento Costa	(Neyde)	- prendas domésticas
14. Rosa Nunes Vieira	(Mãe Doca)	- prendas domésticas
15. Djanira	(Djanira)	- prendas domésticas
16. Francisca Flock dos Santos	(Francisca Flock)	- prendas domésticas
17. João Batista Cardoso	(João Cardoso)	- funcionário federal

GERAL

JUNTA GOVERNATIVA

1. Rosa Nunes Vieira
2. Maria de Nazaré Aguiar
3. Inês Ferreira da Conceição
4. Raimundo Silva - Presidente de Honra
5. João Batista Cardoso

JUNTA EXECUTIVA

1. João Batista Cardoso
2. Manoel Colaço - Secret. (Prof. Primário)
3. Hélio Monteiro Coelho - Tesoureiro (Func. Estad.)

CRIA

DEPARTAMENTO DE UMBANDA
DE LINHA BRANCA

1. Antonio Joaquim Pereira (Presidente)
2. Carlos Teodoro Feitosa (membro)
3. José Ribeiro Fernandes (membro)

DEPARTAMENTO NINA MAGO
E CULTOS AFRO - BRASILEIROS.

1. Manoel Colaço Yeras (Presidente)
2. Raimundo Silva (membro)
3. João Ramos (membro)

A N E X O V

EVOLUÇÃO	ESTRUTURAÇÃO (Janeiro a agosto/1965)						PRIMEIRA GESTÃO (26 de agosto de 1969)						
	DIRETORIA EXECUTIVA					SUPERIOR CONSELHO DO RITUAL	DIRETORIA EXECUTIVA					SUPERIOR CONSELHO DO RITUAL	
	PRES.	VICE PRES.	SECR. GERAL	1º SE CRET.	2º SE CRET.		TES.	PRES.	VICE PRES.	SECR. GERAL	1º SE CRET.		2º SE CRET.
N O M E S													
João Batista Cardoso	X	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	-	X
Mangel Colaço Veras (falecido)	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	falecido
José Fernandes	-	-	-	+	-	-	X	-	-	-	-	-	dissidente
Carlos Seixas	-	-	-	-	+	-	X	-	-	-	-	-	dissidente
Carlos Aguiar	-	-	-	-	-	++	-	-	-	-	-	-	cassado
Antonio Cruz	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X	X	X	-
João Norberto da Silva	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
Maria de Nazaré Aguiar	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	renúncia
Inez Ferreira da Conceição	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	falecida
Francisca Flok dos Santos	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
Maria Raimunda Sampaio	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
Ma. Conceição Silva Rigueira	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
Raimunda Gomes	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	X
Ayrton Soeiro	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	dissidente

OBS: X participação
 - sem participação
 + dissidente abril/1965
 ++ cassado p/ desfalque

EVOLUÇÃO	SEGUNDA GESTÃO (1969 / 1973)								FIM DA 2ª. GESTÃO (após Cass./Renúncias)								
	DIRETORIA EXECUTIVA						CONS. FIS- CAL	CONS DELI- BERA	SUPER. CONS. RITUAL	DIRETORIA EXECUTIVA					CONS. FIS- CAL	CONS. DELI- BERA	SUPER. CONS- RITUAL
	PRES.	VICE PRES.	SECR. GERAL	1º SE CRET.	2º SE CRET.	TES.				PRES.	VICE PRES.	SECR. GERAL	1º SE CRET.	2º SE CRET.			
N O M E S																	
João Batista Cardoso	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Antonio Cruz	-	-	-	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	X	-	-	
Raimundo N.R. Filho	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
Silvio Von Grapp	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	
Ida Carmem Costa	-	-	-	Renun.	-	Ren.	-	-	Renunc	-	-	-	-	X	-	X	
Agripino D. Carvalho	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Carmelina Neto	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Júlia Gaia Mendes	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-	X	-	X	
Rosilda Amaral	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Neyde Costa	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Denise Melo Alves	-	-	-	-	Ren.	-	-	-	Renunc	-	-	-	-	X	-	X	
Esther Oliveira	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Francinete Bezerra	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Rda. Prudenciana Silva	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Apolonia Leôncio	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Agripino Carvalho	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Astianax Barreiros	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Benedito Monteiro	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Maria Cerdeira	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
Esmeralda M. Almeida	Cass.	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	
José Ferreira	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	X	

OBS: X participação
 - sem participação

EVOLUÇÃO	TERCEIRA GESTÃO (1973 / 1977)						SUPERIOR CONSELHO DO RITUAL
	DIRETORIA EXECUTIVA						
	PRESID.	VICE-PRES.	SECR. GERAL	1º SECRET.	2º SECRET.	TESOUREIRO	
N O M E S							
João Batista Cardoso	-	-	-	-	-	-	X
Antonio Cruz	-	-	-	-	-	X	X
Rdo. Nonato Reis Filho	-	-	-	-	-	-	X
Carmelina Neto	-	-	-	-	-	-	X
Júlia Gaia Mendes	X	-	-	-	-	-	X
Rosilda Amaral	-	-	-	-	-	-	Substituída
Neyde Costa	-	-	-	-	-	-	X
Esther Oliveira	-	-	-	-	-	-	X
Francinete Bezerra	-	-	-	-	-	-	X
Raimunda Prudenciana Silva	-	-	-	-	-	-	X
Apolonia Leôncio	-	-	-	-	-	-	Substituída
Agripino Carvalho	-	-	-	-	-	-	X
Astianax Barreiros	-	-	X	-	-	-	X
Benedito Monteiro	-	-	-	-	-	-	X
Maria Cerdeira	-	-	-	-	-	-	X
José Ferreira	-	-	-	-	-	-	X
Regina	-	-	-	-	-	-	-
Daniel	-	-	-	-	X	-	-

OBS: X participação
 - sem participação

A N E X O V I

ENTREVISTA Nº

DATA : / /

NOME _____
ENDEREÇO _____ BAIRRO _____
DATA DO NASCIMENTO ___/___/___ SEXO _____ COR _____
ESTADO CIVIL _____ ESCOLARIDADE _____

I - SITUAÇÃO DA ENTREVISTA

II - HISTÓRIA DE VIDA

TAPE Nº _____ LADO Nº _____

III - DADOS GERAIS

a) Linha em que trabalha _____

b) Nome da Casa _____

c) Guia (s) Chefe (s) da Casa _____

d) Dia (s) em que trabalha _____

e) Atividades paralelas :

Joga carta ? _____ joga buzio ? _____

joga Taro ? _____ joga puxuri ? _____

Dã passes _____ faz vidências _____

faz responsos _____ lê bola de cristal _____

faz "trabalhos" _____ de que natureza ? _____

f) Quais desses serviços são :

pagos _____

gratuitos _____

g) Principais entidades que recebe : _____

h) Reconhece essa (s) entidade (s) em outra (s) cabeças ?

SIM _____ NÃO _____

Citar casos _____

i) O que considera que faz a diferença entre sua casa e as outras ?

IV) Levantamento da

casa _____ terreiro _____ seara _____ tenda _____

a) Planta Baixa

b) Assentos

C) ETNOGRAFIA DO RITUAL

Ceremonias com tambor : SIM _____ NÃO _____

Ceremonias sem tambor : SIM _____ NÃO _____

a) de festejos (obrigações, abertura, sequencia, encerramento -
diferenças e semelhanças conforme a entidade:

PARA ORIXÃ - Com tambor

PARA ORIXÃ - Sem tambor

PARA CABOCLO - Com tambor

PARA CABOCLO - Sem tambor

PARA PRETO VELHO - Com tambor

PARA PRETO VELHO - Sem tambor

PARA EXU - Com tambor

PARA EXU - Sem tambor

PARA O(S) GUIA(S) DA CASA - Com tambor

PARA O(S) GUIA(S) DA CASA - Sem tambor

b) FUNERÁRIAS -

De CHORO - Com tambor

De CHORO - Sem tambor

DE ALEGRIA - Com tambor

DE ALEGRIA - Sem tambor

DE PEIA - Com tambor

DE PEIA - Sem tambor

DE MISERICÓRDIA - Com tambor

DE MISERICÓRDIA - Sem tambor

C) HOMENAGEM A UM VISITANTE - Com tambor

HOMENAGEM A UM VISITANTE - Sem tambor

D) DE APRESENTAÇÃO (feitura e camarinha) - Com tambor

DE APRESENTAÇÃO

- Sem tambor

E) DE ANIVERSÁRIO DE FEITURA (pai(mãe) ou filho(a)-de-santo)

Com tambor

DE ANIVERSÁRIO DE FEITURA (pai(mãe) ou filho(a)-de-santo)

Sem tambor

D) ESTRUTURA SOCIAL

a) Nº de filho (s) (as) _____

B) Hierarquia, categorias e funções no ritual

C) Direitos e deveres de cada categoria, fora do ritual, dentro da casa

D) Esses direitos se estendem fora de casa

- E) Como é recrutado o médium ?
- F) Como o mesmo se desenvolve ?
- G) Como são feitas as promoções hierárquicas na casa ?
- H) Existe hierarquia dentre as entidades .
- I) A posição do guia corresponde à posição do filho (a) na hierarquia da casa ?

A N E X O VIII

IMAGINE-SE ALVO DE UMA ENQUETE E RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO, SEM PREOCUPAÇÕES DE ORDEM CIENTÍFICA

1. QUE É
ESPIRITISMO _____

UMBANDA _____

BATUQUE _____

 2. QUE TIPO DE PESSOAS VOCÊ IMAGINA FREQUENTAR SESSÕES DE
ESPIRITISMO _____
UMBANDA _____
BATUQUE _____
 3. EM QUE ZONAS DA CIDADE VOCÊ ACHA QUE ESTEJAM LOCALIZADOS
OS CENTROS ESPÍRITAS _____
AS SEARAS DE UMBANDA _____
OS TERREIROS DE BATUQUE _____
 4. AS NOTÍCIAS QUE CIRCULAM EM REPORTAGENS DE JORNAIS LOCAIS SOBRE ESCANDALOS ENVOLVENDO BRIGAS, MACONHA, ALCOOLISMO E PEDERASTIA, DIZEM RESPEITO A QUAL DESSES TIPOS DE CASAS DE CULTO?

 5. NO CASO DE QUE VOCÊ JÁ TENHA EXPERIENCIA ANTERIOR; DIGA QUAL O TIPO DE SESSÃO ASSISTIDA, E O QUE MAIS CHAMOU SUA ATENÇÃO DURANTE A REALIZAÇÃO DA MESMA ?

- Nível de escolaridade _____
PROFISSÃO _____
IDADE _____
BAIRRO EM QUE RESIDE _____

A S S U N T O

F A L E I C O M

DIA DA SEMANA
E MÊS

REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS

DADINHA

FRANÇOIS

JULIANA

NATALIA

DULCINEIA

EDITH

BRIGIDA

ALCIDES

LOURDES

NONÔ

REGINA

LUCIVAL LUZ

MIRANDINHA

EUCLIDES

JOÃO SOUZA

VIDIGAL

PEIXOTO

CLOTILDE